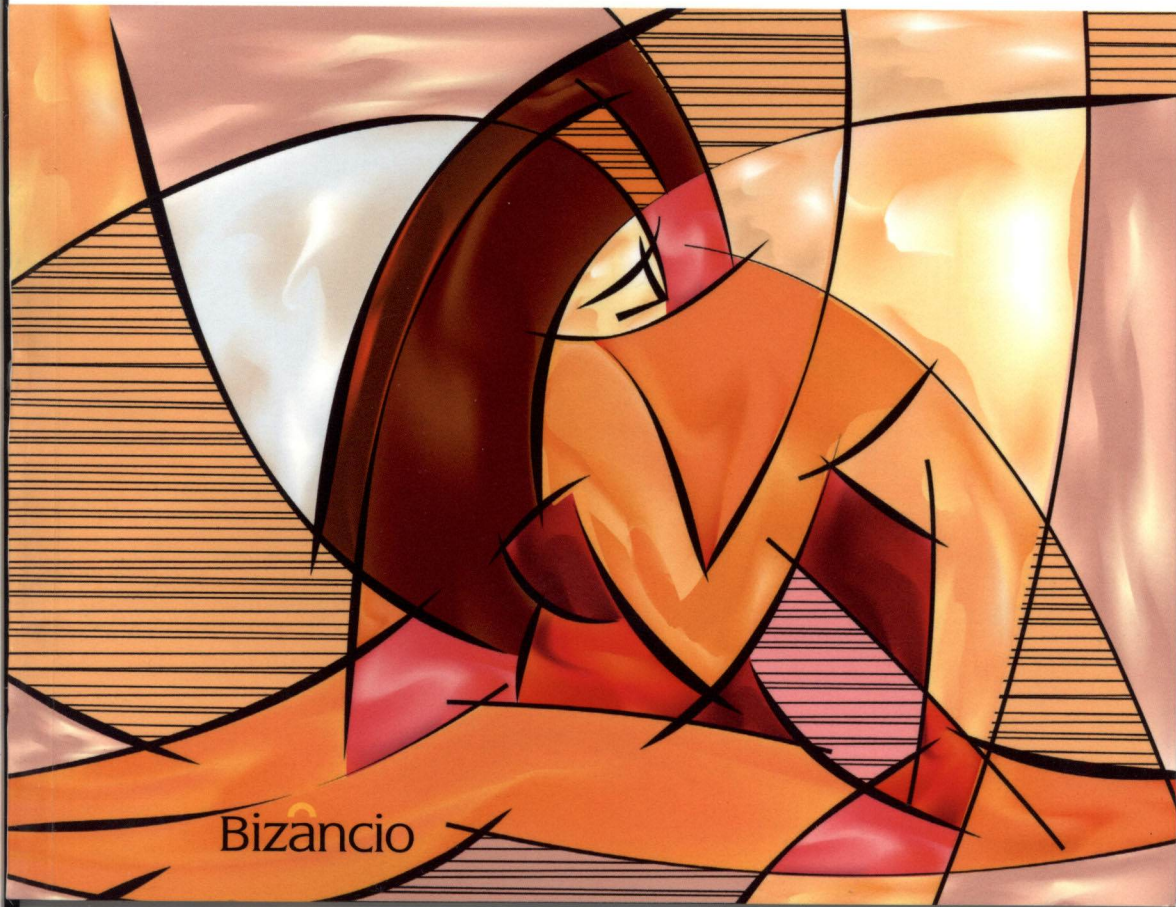


Cristina Pereira Vieira

«EU FAÇO SEXO AMOROSO»

**A Sexualidade dos Jovens
pela Voz dos Próprios**



Bizancio

«EU FAÇO SEXO AMOROSO»

**A Sexualidade dos Jovens
pela Voz dos Próprios**

Cristina Pereira Vieira

«EU FAÇO SEXO AMOROSO»

**A Sexualidade dos Jovens
pela Voz dos Próprios**

**Prefácio de
Gabriela Moita**

UNIVERSIDADE ABERTA
EDITORIAL BIZANCIO
LISBOA, 2012
Serviços de Documentação
Nº 31225

Cristina Pereira Vieira

«EU FAÇO SEXO AMOROSO»

A Sexualidade dos Jovens
pela voz dos Próprios

Título: «*Eu Faço Sexo Amoroso*» — *A Sexualidade dos Jovens pela voz dos Próprios*

© Bizâncio e autora

1.^a edição: Outubro de 2012

Revisão: Sandra Pereira

Capa: Editorial Bizâncio

Composição e paginação: Editorial Bizâncio

Impressão e acabamento: Cafiessa — Soluções Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 349 921/12

ISBN: 978-972-53-0510-2

Todos os direitos para a publicação desta obra em Portugal reservados por Editorial Bizâncio, Lda.

Largo Luís Chaves, 11-11A, 1600-487 Lisboa

Tel.: 21 755 02 28/Fax: 21 752 00 72

E-mail: bizancio@editorial-bizancio.pt

URL: www.editorial-bizancio.pt

Blogue: www.editorial-bizancio.blogspot.pt

Às minhas filhas, Francisca e Matilde
Ao Mário

AGRADECIMENTOS

QUANDO PENSEI nas palavras a colocar neste espaço, ocorreu-me uma espécie de *flash* de imagens de pessoas, sobretudo de amigos e amigas, cuja dedicação, generosidade, carinho e gigantesca paciência foram demonstrando ao longo deste processo. A todas essas pessoas, gostaria de expressar a minha sincera gratidão.

Desde logo, queria agradecer à minha amiga, Professora Doutora Luísa Ferreira da Silva, pela orientação científica, disponibilidade total, acompanhamento minucioso e comentários pertinentes, mas principalmente pelo facto de a sentir como uma das principais responsáveis pelo meu amadurecimento intelectual e pessoal.

De igual modo agradeço ao meu co-orientador, Professor Doutor Duarte Vilar, pela confiança que depositou em mim, pelo apoio científico e pelo particular optimismo demonstrado.

As minhas palavras de agradecimento a todos os jovens que directamente participaram neste trabalho, sem eles a investigação seria inviável — a todos o meu bem-haja.

Agradeço à Universidade Aberta, instituição onde desempenho funções docentes, pelo importante enquadramento de base para a continuação do meu trabalho de investigação. Neste contexto, não queria deixar de referir o meu especial agradecimento ao Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), particularmente à Professora Doutora Manuela Malheiro e à Professora Doutora Ana Paula Beja Horta pelas oportunidades proporcionadas nos diferentes âmbitos/projectos de investigação científica.

Ao Professor Doutor Michel Bozon, as minhas palavras de agradecimento por amavelmente me ter recebido, mesmo sem saber claramente quem eu era. Agradeço-lhe o facto ter lido o meu trabalho, especificamente os dados do trabalho empírico, e me ter proporcionado uma conjunta discussão/reflexão crítica.

Não esqueço a Professora Doutora Gabriela Moita e a Professora Doutora Teresa Joaquim, com quem partilhei algumas reflexões, dúvidas e incertezas. A pertinência das suas apreciações obrigaram-me a repensar alguns argumentos e a manter a permanente reflexão crítica. No fim, algumas das hesitações eram consideradas com tranquilidade.

Gostaria também de agradecer a todos os colegas da UAb — agradeço a cada um o particular sentido crítico revelado ao longo deste processo. E em particular à Dra. Ana Maria Saraiva pela sua preciosa ajuda e dedicação, mas principalmente pelo carinho como tratou todos os meus pedidos «urgentíssimos».

O meu especial agradecimento aos meus queridos amigos Sofia Pinto, Filipe Fonseca e Manuela Moura, que muito contribuíram com as suas críticas, sugestões, paciência e especialmente ao alento continuamente transmitido nos momentos mais difíceis. A sua constante presença em todo este processo foi por mim verdadeiramente sentido. Obrigada a ambos pela dedicação e amizade.

Finalmente, o meu profundo agradecimento à minha família, especialmente aos meus pais e sogros, que carinhosa e compreensivamente me foram dando um incondicional apoio sem o qual teria sido muito difícil manter a tranquilidade e a lucidez para aqui chegar. Destaco neste conjunto de agradecimentos as minhas filhas, Matilde e Francisca, pelo amor e paciência face às minhas muitas ausências, e ao Mário, pela cumplicidade e partilha de mais um projecto de vida em comum.

ÍNDICE

PREFÁCIO	13
NOTA PRÉVIA	17
INTRODUÇÃO	19
I PARTE	
CAPÍTULO 1 — A Sexualidade — entre a natureza e a cultura ..	27
CAPÍTULO 2 — Sexualidade e Juventude	34
CAPÍTULO 3 — A identidade e cultura na modernidade fluida ...	52
CAPÍTULO 4 — A realidade social portuguesa — mudanças na experiência de vida dos jovens e na apresentação pública da sexualidade	71
II PARTE	
CAPÍTULO 5 — A sexualidade dos jovens como objecto de estudo, a definição da estratégia metodológica e a constituição da amostra	93
III PARTE	
CAPÍTULO 6 — Apresentação e discussão dos resultados — Breve caracterização das práticas sexuais dos jovens	105

A PALAVRA DOS JOVENS

CAPÍTULO 7 — «Os pais chegam tarde e aí já está tudo educado...»	111
— A socialização da sexualidade	
CAPÍTULO 8 — «Eu faço sexo amoroso...»	137
— A sexualidade já vivida	
CAPÍTULO 9 — «...O corpo é exactamente a primeira impressão...»	158
— O corpo na lógica da sedução	
CAPÍTULO 10 — «Vadias e heróis ... as raparigas são piores que os rapazes!» — Modelos e lógicas de relacionamento	176
CAPÍTULO 11 — <i>Se for entre Eles, não me importo!</i>	201
— Modelo(s) de orientação sexual	
	223
CONCLUSÕES	238
BIBLIOGRAFIA	
	238
ANEXOS	
	249
1. As características da opção metodológica	
2. A selecção dos participantes — especificidades de cada grupo	252
	259
3. A análise sociográfica da amostra	267
4. A estratégia de análise	271
5. As dificuldades da investigação	272
6. Os questionários n.º 1 e n.º 2	277
NOTAS	

PREFÁCIO

A RESPOSTA AO PEDIDO DE ESCRITA DE UM PREFÁCIO é sempre um momento privilegiado de reflexão sobre o tema que o livro oferece ao leitor. No caso do presente livro, resultado de uma tese de doutoramento, para além da reflexão sobre o tema, é ainda oferecido um mapa do entendimento da vivência da sexualidade por parte dos jovens no contexto cultural e temporal do estudo.

A palavra, em discurso directo, é dada aos jovens. A autora, utilizando grupos de discussão, recolheu discursos de jovens, essencialmente entre os 18 e os 23 anos, sobre as suas atitudes e experiências em relação à sexualidade. É esta a grande novidade do material que aqui é encontrado. Conhecer, mais de perto, um pensamento e experiências a que dificilmente se tem acesso pois, tomando as palavras dos próprios, «falar assim descaradamente, tudo direitinho, (só) com o meu namorado... e com a minha melhor amiga» e explica-se: é que, com os pais, apesar de «eles me meterem à vontade para falar... é muito esquisito», «é uma questão de respeito», com os amigos «diz-se mais o que vem da boca para fora», «uma pessoa expande-se, fica mais à vontade e liberta-se mais».

À sexualidade em geral, e à sexualidade dos adolescentes em particular, dificilmente se tem acesso. Numa revisitação à investigação sobre sexualidade não tem sido possível encontrar estudos que acedam directa e objectivamente, sem contaminação de instrumentos de recolha da informação ou da presença do investigador (ou colaboradores deste), a este objecto de estudo — vicissitudes da própria investigação, naturalmente. O material aqui exposto, discursos dos jovens

sobre as suas experiências sexuais, não será seguramente alheio a esta limitação. Todavia, estamos perante uma informação que faltava em Portugal e que nos aproxima um pouco mais da realidade.

«Eu faço sexo amoroso», expressão que Cristina Vieira, a meu ver brilhantemente, seleccionou para o título, foi a resolução individualmente encontrada, e apoiada pelo grupo, para a discussão sobre a dúvida se o que se faz é sexo ou amor. Perante a pergunta, feita por um elemento do grupo, instala-se a dúvida, reflecte-se sobre os primeiros tempos de uma relação — ah! Nas primeiras relações faço amor, depois... depois, faço sexo. Quer dizer, na relação faço sexo, mas como amo a pessoa com quem faço sexo, logo, «faço sexo amoroso!» e em unísono — é isso, nós fazemos sexo amoroso.

O título é elucidativo do tempo histórico em que os discursos são produzidos: um tempo de coabitação de vários modelos, numa leitura do presente para o passado — não serão assim todos os tempos?

Ainda presente em discussão a dicotomia sexo/amor. O sexo já assumidamente presente — eu faço — mas o amor anda de mão dada — já faço sexo, mas, amoroso — uma resolução a tentar integrar modelos: «sexo amoroso». Esta resolução parte, naturalmente, de uma rapariga, mas curiosamente à voz dela juntam-se as vozes dos rapazes. Então temos a novidade. Dois modelos, agora de educação para os papéis de género, a tentarem fundir-se. E a enunciação a necessitar de ser feita. Cristina Vieira, na análise que faz aos discursos recolhidos, leva-nos ao encontro das continuidades da tradição e das descontinuidades que a modernidade trouxe, utilizando, sempre que possível a análise das diferenças existentes entre os géneros.

Os temas emergentes nas discussões oferecidas expandem-se desde a forma como é obtida a informação sobre sexualidade à forma como ela é experimentada: como é vivido o corpo, a expectativa e a vivência da primeira relação sexual, sexo com amor ou sem amor, o significado da existência de múltiplos parceiros/parceiras. Com tudo isto se cruzam realidades actuais e que, naturalmente, interferem nas práticas e nas atitudes. Disto é exemplo o uso de tecnologias novas que permitem por exemplo o acesso fácil à pornografia, tornando-a um novo instrumento na construção da configuração da sexualidade.

Se é uma pessoa interessada em conhecer a realidade que o circunda ou uma pessoa preocupada em pensar e agir de acordo com a maior aproximação à realidade irá, seguramente, deter-se na leitura destas páginas. Se é educador ou educadora, em contexto formal (escola) ou não formal (casa, rua, os espaços que habita), então este livro faz parte da bibliografia que deve consultar, material indiscutivelmente fundamental para pensar ou repensar a comunicação com os jovens, programar estratégias de intervenção, delinear políticas de educação e saúde.

Gabriela Moita
Psicóloga-Terapeuta Sexual

NOTA PRÉVIA

ESTE É UM LIVRO QUE FALA DE JOVENS e da sua vivência da sexualidade.

A sexualidade é uma dimensão da intimidade o que significa que a sua aprendizagem é um caminho em que se experiencia a solidão. Esta pulsão inescapável que envolve a relação com o outro ao longo de todo o ciclo de vida imprime-lhe a ansiedade do desejo de conquista e de sedução, a angústia da possível rejeição. É um factor de perturbação social face ao qual todas as sociedades se organizam. Enquadram-na ora por rituais de grupo preparatórios do casamento, ou de transição para a vida adulta, ora por regras e normas de controlo do comportamento, ou ainda pela delimitação de espaços sociais destinados à arte erótica, por tabus relativos às alianças possíveis, etc. As sociedades não deixam nenhum fenómeno sem interpretação simbólica que lhe atribua um significado na existência colectiva e sem enquadramento social que defina os contornos do que é normal e do seu oposto, o patológico.

No nosso caso, sociedade portuguesa ocidental da modernidade avançada, o enquadramento é discursivo, de tónica repressiva moralizadora, enraizada na cultura judaico-cristã, dirigida à autoconsciência do indivíduo, à capacidade reflexiva da individualidade. A esse pano de fundo sobrepõe-se a liberalização dos costumes que a individualização veio exigir e que o consumo e a tecnologia expandiram.

Aparentemente, hoje, entre nós, a sexualidade está liberta dos tabus, dos controlos, da repressão e do obscurantismo em que foi engaiolada, pela Igreja, primeiro, pela moral burguesa depois. Hoje, na

escola a sexualidade é matéria de ensino, nos meios de comunicação social é fonte de informação e debate, na arte é objecto moldável e na *web* apresenta todas essas dimensões aliadas às da visibilidade explícita e acessível a todos de algo que antes só se espreitava pela fechadura e só circulava em meios muito restritos.

Ouvir os nossos jovens conversar sobre sexualidade é descobrir essa realidade nas novas dimensões do mundo de hoje. É perceber a presença simultânea e em sobreposição por vezes paradoxal, das atitudes sociais e culturais dos tempos idos, de tempos ainda próximos e do tempo presente já com presenças do futuro.

Os discursos produzidos em debate entre os jovens (jovens que praticamente não se conheciam entre si, e que, em pequenos grupos que reuniram uma única vez, a autora, com mestria, transforma em dialogantes sobre um tema de que habitualmente não se fala, sobretudo com estranhos) não são apenas histórias de experiências particulares. Analisados metodicamente, neles se revela o social como veículo de ideais e de valores, de hábitos e de aprendizagens, de regras e de normas. Neles se percebe a sexualidade como elemento da construção identitária que faz de cada indivíduo um ser social capaz de viver pacificamente com os outros nas sociedades complexas e densas do mundo moderno, autocontrolador das suas próprias pulsões, interiorizando a norma e vivendo a angústia existencial como se fosse «o seu» problema. Ou seja, é toda a problemática da individualização que se apresenta neste interessantíssimo trabalho sobre a entrada na sexualidade na transição de jovem para adulto.

Luísa Ferreira da Silva

INTRODUÇÃO

COM O ADVENTO DA CIÊNCIA MODERNA, a sexualidade tornou-se um campo institucionalizado, isolado do resto da vida social. Foucault¹ analisou a crescente aplicação da ciência aos diferentes domínios sociais, nomeadamente à sexualidade. O saber-poder desenvolve conhecimentos e discursos, fiscalizações e resistências, constituindo um dispositivo que, por uma rede de «mecanismos encadeados, garante a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades diversificadas»². As novas produções do saber, na medicina e na psiquiatria, constroem um discurso de biologização da sexualidade, assente na dualidade normal-desviante³.

No início do século XX, a Psicanálise colocou a sexualidade no centro da Psicologia humana, daí fazendo decorrer os papéis sexuais. A Antropologia vem a relativizar essa perspectiva de universalidade dos papéis sexuais, mostrando que existe uma variabilidade de comportamentos padronizados para cada sexo conforme as sociedades. As obras de Alfred Kinsey (1948 e 1953) e mais tarde as de Masters e Johnson (1957 e 1965) remeteram as questões da normalidade da sexualidade para segundo plano. O trabalho de Kinsey, documentando uma diversidade de comportamentos sexuais, indicou que as formas «perversas» existiam numa perfeita continuidade da vida «normal».

As décadas de 60 e 70 surgiram como períodos de ruptura das certezas da tradição sexual. Os movimentos feministas vêm pôr em causa a violência masculina de subordinação das mulheres e reivin-

¹ As notas encontram-se agrupadas por capítulos a partir da p. 277.

dicar o direito ao prazer. Do contexto sociocultural das décadas de 60 e 70 resulta uma liberalização sexual, com significativas alterações na intimidade e na sexualidade individual e social. As alterações no casal e na família surgem implicadas com a afirmação da juventude como movimento de contestação da sociedade, criticando os valores morais dominantes, os estilos educacionais tradicionais, as relações amorosas e a sexualidade⁴. A sexualidade instala-se no espaço público.

Ao longo da história, as diferentes mensagens que emergem das fronteiras estabelecidas entre as realidades femininas e masculinas reflectem diferentes poderes que a História tem mostrado que são predominantemente androcêntricos⁵. No contexto da *modernidade tardia*⁶, sucedem-se transformações no entendimento subjacente aos princípios unitário e binário. Determinados conceitos que assentavam na convicção de unidade, permanência e continuidade, fazem hoje parte de uma escala mais alargada de entendimentos e possibilidades. Emergem conceitos reorganizados no plural, como: «famílias»; «sexualidades»; «masculinidades»; «feminilidades» que fazem referência ao facto de existirem múltiplas formas de *being gendered* mesmo quando há padrões dominantes⁷. Esta forma de pluralismo e de flexibilidade torna possível aos indivíduos conduzirem a natureza dos relacionamentos em relação à família, à sexualidade e ao género.

Na relação do casal contemporâneo as diferenças e as regras de estruturação não se baseiam rigidamente em especificidades identitárias, o que faz com que a decisiva distinção entre os cônjuges, baseada no género, venha a perder força. O relacionamento entre o casal apoia-se nas posições ocupadas por cada um e na interacção com base em jogos de complementaridade, orientados por princípios de companheirismo e de reciprocidade. Neste contexto, a sexualidade aparece como a linguagem base da relação do casal e é essencial à sua existência⁸. No casal contemporâneo, o papel central da sexualidade passa pela reciprocidade na actividade sexual⁹. A *sexualidade plástica*¹⁰, liberta das necessidades da reprodução, sofre a influência de mecanismos de subjectividade e é moldada como uma característica da personalidade que consequentemente aparece ligada ao *self*¹¹. Em suma, hoje a questão central da sexualidade não passa por saber qual o lugar que ocupa na vida dos indivíduos, mas por saber como deve ser vivida.

A sociedade portuguesa vai acompanhando estes movimentos num contexto de autoritarismo nacional e familiar. É sobretudo a partir da instauração da democracia, em 1974, que as mudanças ganham relevo social. Na década de 80, a sexualidade aparece ainda submetida à conjugalidade¹². Mas rapidamente se intensifica a adopção de novos modelos no casamento e na família, com acentuação da individualização e aproximação dos papéis de género. A liberalização dos comportamentos sexuais ganha reconhecimento social na década de 80 com a institucionalização do planeamento familiar para os jovens e da educação sexual nas escolas.

A juventude portuguesa vive a sexualidade de forma mais liberal do que as gerações anteriores, numa ética a que José Machado Pais¹³ se refere como *experimentalista*. A idade da primeira relação sexual-coital tem vindo a baixar e ocorre fora da instituição casamento¹⁴. A liberalização da sexualidade é concomitante com a entrada de Portugal no mercado de consumo liberal e por essa via os jovens acedem a produtos de socialização «informativizada do sexo». A sexualidade dos jovens portugueses está cada vez mais descentrada das necessidades reprodutivas e do casamento, ou seja, apresenta-se como uma *sexualidade plástica*¹⁵ ou *plasticizada*¹⁶, autonomizada e valorizada por si mesma¹⁷.

Este alargamento do espaço da sexualidade é concomitante com a preocupação com o VIH/sida que a sociedade portuguesa, ainda fortemente marcada por uma visão de cariz puritano, tem dificuldade em encarar abertamente. As conquistas de liberalização dos costumes, atitudes e comportamentos sexuais foram ameaçadas na década de 80 pelo aparecimento da SIDA que recolocou com veemência as oposições bom sexo/mau sexo, normal/patológico e saudável/doente. O VIH/sida instala a sexualidade no domínio da medicina preventiva que assume a orientação dos comportamentos na base do conhecimento científico. Contaminação e contágio, doença e morte, amplificam os medos e preconceitos sobre as sexualidades divergentes da norma¹⁸. É em estreita associação com a medicina que, numa perspectiva de luta contra a epidemia, são criados os organismos específicos de educação para a sexualidade «responsável». A sexualidade é hoje um problema de saúde pública e, como tal, medicalizada ou

sujeita ao controlo disciplinar do conhecimento médico, que Foucault¹⁹ definiu como o bio-poder. Apresentada pela OMS numa definição de sentido positivo, a sexualidade integra os programas de promoção da saúde bio-psico-social — um conceito amplo que remete, segundo a Carta de Otava, para o bem-estar emocional, físico, mental e social²⁰ — mas na prática traduz-se, essencialmente, numa actividade de educação para a prevenção da doença.

Tal como refere Mildred Blaxter²¹, a pesquisa sociológica sobre saúde desenvolveu conhecimento sobre as atitudes face ao saudável, ou, mais propriamente, face aos comportamentos saudáveis definidos pela medicina. Entre outros, salientam-se questões relacionadas com alimentação, exercício físico, o antitabagismo, o combate ao consumo de álcool e a recusa de comportamentos sexuais de risco. De uma forma geral, constata-se uma falta de coincidência, nos actores, entre o conhecimento das normas relativas ao modo de vida saudável, as atitudes consideradas desejáveis e os comportamentos realmente praticados.

Numa perspectiva orientada para a compreensão da acção, um estudo português em que participei²², investigou as racionalidades leigas do saber prático de saúde, ou seja, procuraram-se os significados subjacentes às práticas do quotidiano associadas à promoção da saúde. Em resumo, os resultados mostram que as atitudes face à saúde se situam predominantemente na concepção tradicional saúde-destino e não na concepção moderna de saúde-construção. O *habitus*²³ aparece condicionante da relação com a saúde numa visão holística que a integra nas práticas do dia-a-dia e na qual está presente a marca da estrutura social nomeadamente no que respeita à cultura-ideologia do consumo e seus produtos, bem como aos condicionalismos materiais. Em qualquer das concepções de saúde encontradas, a lógica da acção é subjectiva e adapta as normas da ciência por forma a fazê-las adequarem-se aos hábitos do quotidiano e aos valores culturais, nomeadamente do ponto de vista da convivialidade e do gosto. A noção de risco não é ignorada, mas, nas práticas quotidianas, é como que «esquecida» ou «relativizada», isto é, não convocada.

Tendo em conta todo este contexto, o que de facto procurei perceber com este estudo é como é vivida a entrada na sexualidade na

época que a define no interior do domínio regulador da saúde. Tendo presentes as transformações da sociedade portuguesa nas últimas três décadas, tendo em conta o facto social do risco da sida e consequente medicalização da sexualidade (educação sexual e prevenção) e fazendo uso do conhecimento e da noção que o saber leigo resiste à regulação das práticas do quotidiano pela normatividade da medicina, este estudo define como objectivos a análise da sexualidade dos jovens do ponto de vista da construção identitária que implica a socialização, a informação, a reflexividade da ciência e as escolhas individuais.

Sendo a sexualidade um domínio relevante da construção da identidade individual e social, senti necessidade de perceber como os jovens conciliam as contradições e orientam as suas opções. Assim sendo, desde logo questiono:

— Que opções e que lógicas evidenciam estes jovens?

Enquadrados em quotidianos juvenis onde circulam uma diversidade de mensagens (informativas, moralistas, normativas, hedonista, etc.), interessa-me perceber como assimilam essas mensagens, do ponto de vista da negociação íntima, que fazem entre a informação de tipo científico, a informação de sedução para consumo de produtos sexuais, a informação transmitida no espaço da família e a informação que emerge nos espaços públicos. Essa multiplicidade de conteúdos não só baliza as trajetórias sexuais juvenis como lhes configura os contornos culturais. Assim sendo, pergunto:

— Em que medida são os jovens de hoje distintos dos do passado? Será pelos valores que afirmam? Pelas representações em que assentam? Pelos ideais para que apontam? Pelas práticas que realizam?...

A compreensão que procuro visa situar a evolução do pensamento juvenil sobre sexualidade, pois é esse enquadramento que lhe dá o sentido social de mudança. Mas a pesquisa não se cinge à comparação de práticas, atitudes e opiniões. O que se procura perceber é a construção de identidade sexual no sentido de consciência de auto-construção dos processos da sua afirmação com sentido de autonomia. Interessa-me perceber como se desenvolve a relação dos jovens

com a sua sexualidade, procurando perceber a sexualidade experienciada, através dos percursos de socialização, modelos, orientações e lógicas relacionais/sexuais.

Envolvidos numa variedade de contextos socializadores, os jovens assimilam uma multiplicidade de mensagens, em que persistem entendimentos e influências mais tradicionais ou mais modernos. Sendo a sexualidade um domínio relevante da construção da identidade individual e social, senti necessidade de entender como conciliam as contradições e orientam as suas opções.

Assim, este livro surge organizado em três partes, a primeira de enquadramento nos marcos teórico-conceituais de referência para os factos sociológicos sexualidade e juventude. Recorre à abordagem histórica dessas noções e à sua discussão no âmbito da Sociologia. Modernidade, identidade e reflexividade são os conceitos mobilizados. A segunda parte apresenta uma breve abordagem sobre a construção do objecto de estudo a partir desse conhecimento e inclui a justificação da opção metodológica pela análise qualitativa e pela técnica de grupos de discussão. Na terceira parte este livro dá-se conta, através dos discursos dos jovens, dos dados do trabalho de investigação e mostra-se como se procede à socialização da sexualidade (pela família, amigos, tecnologias de informação e comunicação e escola), como é vivida pelos jovens (onde se incluem as desilusões e os medos da primeira relação sexual), o corpo na lógica da sedução e a complexidade dos argumentos que emergem dos discursos juvenis relativamente aos diferentes modelos de relacionamento e de orientações sexuais — em todas estas partes há uma conclusão de forma a ajudar o leitor a situar-se rapidamente. A terceira parte tem uma conclusão abrangente sobre a reflexão de toda a investigação, mostrando as continuidades e mudanças, pelos discursos dos jovens, das sexualidades juvenis.

I PARTE

CAPÍTULO 1

A Sexualidade: entre a natureza e a cultura

Há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose.

Michel Foucault, *A História da Sexualidade I*

A SEXUALIDADE É UM PRODUTO DA CULTURA HUMANA. Isto significa que, adoptando uma complexidade de configurações, é algo que se constrói no quotidiano. É o resultado de elaborações subjectivas, estruturadas e estruturantes, a partir de um conjunto de valores e de ideologias predominantes, em cada momento da História. Ou seja, surge da interacção das práticas sociais e das imagens culturais que contribuem para moldar e modificar os cenários culturais.

Quando Jeffrey Weeks¹ refere que a sexualidade *é uma invenção da cabeça humana*, tal não significa que não exista ou que possa ser ignorada. A sexualidade existe e inevitavelmente dela faz parte a coordenação da actividade mental com a física, ou fisiológica, ambas apreendidas culturalmente.²

Encarar a sexualidade como construção social implica diferenciar as conceptualizações que lhe estão associadas. Por exemplo, na linguagem comum, o termo «sexo» assume uma diversidade de sentidos e de significados. É aplicado na categorização do género feminino-masculino através da distinção dos órgãos sexuais externos, das potencialidades de reprodução e das características físicas e psicológicas,

ou seja, trata-se sobretudo de um entendimento com base em princípios biológicos. Nesta conceptualização, o sexo aparece como a *identidade biológica* do indivíduo, directamente associado ao facto de se ser «macho» ou «fêmea», o que pressupõe um padrão de expectativas de género³. Contudo, essas explicações biológicas dos padrões de género estão profundamente *incorporadas e representadas* nas mentalidades dos indivíduos.

Associadas à lógica da socialização *do biológico e da biologização do social*, as aparências biológicas, marcadas nos corpos e nos cérebros, associam-se, alterando a relação entre as causas e os efeitos. Situação determinante que faz surgir uma construção social naturalizada, que pensa o género enquanto *habitus sexuais*⁴. Atribuímos à relação género/sexualidade uma dialéctica ancorada na ideia de que, se por um lado, o género estrutura a sexualidade, inscrevendo nas suas acções e nos significados uma lógica de relações distintas (na lógica do autor, organizada segundo o princípio androcêntrico), por outro a sexualidade legitima as relações de género entre homens e mulheres.

A palavra «sexo» pode igualmente estar associada à expressão *fazer sexo* ou *ter sexo*, expressão relativamente recente⁵, que refere o acto sexual enquanto coito⁶. Na generalidade, o sentido que lhe é atribuído consiste num conjunto de categorias orgânicas e (ou) comportamentais relativas à satisfação sexual. Subjacente a esta concepção, está a naturalização das relações heterossexuais (coitais) no sentido da legitimidade da vivência, enquanto componente essencial do sistema normativo — o mesmo será dizer está a *heteronormatividade*⁷. Orientada por *categorias sexuais masculinas*⁸, esta concepção é determinante para a legitimidade da sexualidade com o sexo oposto enquanto «sexo natural» o que exclui as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo — como não pertencendo à «natureza humana»⁹.

O PRINCÍPIO DE «SEXO NATURAL», no sentido em que é usada a terminologia comum de que «agimos naturalmente», resulta do não questionamento do significado ou sentido da acção que assumida em consonância com o meio, acaba por integrar o próprio organismo, surgindo como reacções que parecem automatismos corporais. O que torna o sentido dessa *incorporação* «natural» é o facto de se partir do pressu-

posto de que se trata de algo que não é apreendido, considerada por isso mesmo uma acção inata¹⁰. No entanto, se entendermos que essa «naturalidade» que atribuímos às acções está dependente do conhecimento e da assimilação de regras, dos domínios em que são produzidas e das próprias lógicas de funcionamento, percebemos que os comportamentos se identificam num conjunto de disposições adquiridas, a partir da socialização e que se integram no *habitus*¹¹. Como refere Pierre Bourdieu, este saber *incorporado*, subjacente a esquemas de percepção e inclinações para agir, pensar e sentir de determinadas formas, orienta para uma espécie de princípio não consciente da acção. Ou seja, a *fisionomia social* surge materializada através da forma como o corpo se insere, se move e interage no espaço¹².

Ou no texto de Berger & Luckman, *A Construção Social da Realidade, a sociedade penetra no organismo* e determina os limites e as formas de satisfação dos impulsos sexuais, actuando directamente nas funções orgânicas.¹³

É assim que, não negando os elementos fisiológicos constituintes da sexualidade (com todo o elenco genético, o sistema endócrino, os órgãos genitais internos e externos, o cérebro e a própria figura corporal e a actividade sexual), se tem de situar a sua origem quer no corpo quer na mente, estabelecendo-lhe limites, no indivíduo e na cultura. No pressuposto de que, tratando-se de uma realidade humana, não dependem apenas dos impulsos fisiológicos, mas surgem imbricados em, e normalizados por, modelos reguladores¹⁴.

Nesse sentido, o primeiro passo para perceber a sexualidade enquanto fenómeno social é a sua «desnaturalização». Ou seja, a sexualidade, para ter significado e ser exercida, deve ser pensada como uma construção da humanidade que incorpora diferentes possibilidades e cenários sexuais.¹⁵ O mesmo será dizer que o ser humano não sabe agir exclusivamente através de uma sexualidade por instinto. Precisa de uma aprendizagem social que lhe determina como, quando e com quem pode interagir, o que lhe permite dar sentido aos seus actos. Neste contexto, toda a «liberdade de escolha» surge influenciada por condicionalismos culturais¹⁶. Toda a essência do ser humano, de que a sexualidade não é excepção, é socialmente produzida e regulada, condicionada por uma teia de significados e exercício de

poderes cujas relações assumem, em cada momento histórico e social, configurações próprias¹⁷.

Perspectiva histórica

Durante cerca de dois milénios, o Cristianismo foi a principal referência de interpretação da sexualidade no Ocidente. A regulação da sexualidade era feita a partir da ambivalência proibição/permissão de actos sexuais. Com base no domínio dos desejos e na universalização da obediência à moral cristã, o objectivo supremo centrava-se no alcance da pureza e da virgindade¹⁸.

Durante muito tempo, a ordem da procriação, inscrita na natureza, fez parte dos princípios fundamentais da ordem social. Com o pensamento assente em recomendações teológicas, o propósito da sexualidade, ou seja do sexo, estava justificado pela continuação da espécie. A partir dos séculos XII e XIII, as determinações do Cristianismo eram concebidas com base na restrição do prazer e do desejo, regulando o casamento sob a forma de um compromisso monogâmico e indissolúvel¹⁹. As recomendações teológicas orientavam-se quer pela santidade atribuída ao sacramento, quer pela impureza e desconfiança atribuídas à sexualidade — considerando-a como um pecado por excelência²⁰. Na prática de confissão os cônjuges submetiam-se a um profundo interrogatório cujo objectivo era o de controlar os pecados da carne.²¹ O casamento é o sacramento que, abençoando a reprodução biológica, liberta a sexualidade do pecado²².

O sentido contratual do casamento negociado entre famílias implicava regras sobre a hierarquia dos sexos (de dominação masculina). A ordem dos sexos estava de acordo com os intentos de Deus e da natureza. Com papéis bem demarcados, dentro do casamento e em toda a vida da sociedade, os dois sexos estavam inscritos numa organização social *androcêntrica*. A responsabilidade das decisões, a sobrevivência familiar e a independência estariam ligadas à masculinidade e a dependência, as lides domésticas, a passividade e o cumprimento das ordens estariam ligadas à feminilidade. Ou seja, nesta sociedade existia uma rigorosa segregação de papéis onde a mulher desempe-

nhava sempre funções subservientes²³. Esta ordem social reflectia-se na sexualidade domesticada, com um elenco definido de possíveis posições sexuais em conformidade com os papéis sociais. Durante o acasalamento, as posições do casal, entendidas como naturais, punham a mulher numa atitude passiva, por baixo do marido e, contrariamente, o marido colocava-se por cima da mulher, numa posição superior a partir da qual controlava activamente todo o acto sexual. Todas as outras posições eram entendidas como actos de pecado.²⁴ Na hierarquia dos corpos, a mulher era remetida *socialmente e sexualmente* para uma posição de inferioridade, em que corporizava a reprodução humana — inscrita na ordem natural dos sexos e dos desígnios de Deus. Orientadas por princípios sagrados e absolutos, as relações sexuais entre os cônjuges (práticas e posições sexuais) eram definidas tendo por base o lícito e o ilícito. Às relações sexuais estavam negadas quaisquer práticas que fossem contra a ordem natural, ou seja, que não promovessem a fecundidade²⁵.

Com o casamento a conciliar a ordem natural com a ordem social, o adultério era julgado como crime²⁶. Os tratados do Cristianismo determinavam para homens e mulheres a oposição radical à sexualidade fora do casamento. O adultério era entendido como uma profanação contra a ordem de Deus, a ordem natural e a ordem social. Mas era no caso das mulheres que esta situação era especialmente inaceitável e intolerável. Na rigorosa segregação de papéis sociais, o homem tinha a responsabilidade de vigiar, corrigir e até matar a sua mulher, irmãs, filhas, viúvas e filhas órfãs dos seus irmãos, primos e vassalos²⁷. Ou seja, nesta lógica binária e diferencial, a mulher surge representada sempre numa posição inferior.

O homem devia amar a sua esposa de forma discreta, sem paixão, procurando sempre controlar os seus desejos. O prazer sexual, para além da procriação, seria experienciado através da transgressão — os homens concretizavam-no, frequentemente, com as serviçais, mas havia também as parentes — era moralmente inaceitável para as mulheres que o procuravam²⁸.

A constituição da família era dirigida pela estratégia económica e determinava que a escolha do futuro pretendente nunca fosse tomada sem uma profunda reflexão, podendo mesmo ser pensada

durante anos — com base em negociações encetadas pelos progenitores ou por terceiros. Na selecção do futuro marido eram considerados o dote, o meio social e a profissão, pois seriam estes os factores que poderiam permitir uma promoção social. O casamento, acertado como um contrato comercial entre famílias, tinha como objectivo assegurar a reprodução e a sobrevivência dos grupos sociais²⁹. Neste contrato conjugal os sentimentos de atracção erótico-sexual e a liberdade de escolha do cônjuge de acordo com as inclinações afectivas dos consortes, não só não eram necessários como também não seriam congruentes com os principais objectivos da organização social da Idade Média, em que a família tinha como principais objectivos assegurar a continuidade da espécie, dos bens e do nome.

Sem uma clara separação entre a estrutura familiar e a comunidade, a família estava profundamente enraizada em relacionamentos comunitários o que torna difícil definir os seus limites. A vida medieval decorria principalmente no espaço público e toda a relação familiar como hoje a entendemos (relação entre filhos, pais e cônjuges), não era feita na base de laços emocionais, mas na da contribuição para a prosperidade. A concepção de família medieval remete para um conjunto de pessoas que coabitavam, sem que precisassem de estar ligadas pelo sangue ou pelo casamento³⁰.

Neste contexto, a passagem da infância para a idade adulta fazia-se precocemente e era representada pela capacidade para trabalhar. Frequentemente os filhos saíam muito cedo da casa dos pais. Por volta dos 7 ou 8 anos, muitas crianças iam servir para casa de outras pessoas. Esta situação determinava, por vezes, que nunca mais regressassem para a família de origem. Quando as crianças deixavam de necessitar dos cuidados dos adultos (mãe, ama ou aia) passavam todos a desempenhar as mesmas tarefas. «Os pais fazem com que os filhos mais crescidos contribuam para a vida da casa, prestem serviços. Aos sete anos Santa Catarina é mandada fazer recados; [...]; assim que tem estatura sobe os dois lanços de escada do seu domicílio, carregando até ao sótão os fardos que um velho cavalo ou um burro descarregou à entrada da casa.»³¹. A participação das crianças na vida dos adultos assegurava a transmissão das diferentes actividades e ofícios de geração para geração. A *escola medieval* não tinha como prin-

principal objectivo a educação da infância, mas a instrução dos clérigos³². As mulheres estavam excluídas de qualquer participação nesse processo de aprendizagem escolar. As raparigas entravam precocemente na vida dos adultos e a sua formação tinha como base as lides domésticas³³.

Neste período medieval, embora houvesse jovens, não havia «juventude» como categoria etária com significado de cultura.

Quando pensamos na juventude pronunciada como uma unidade social, constituída por interesses comuns e demarcada com limites em função da categorização da idade, não estamos senão a percebê-la como um objecto de manipulação, construído socialmente. Quando pensamos nos critérios que balizam os limites de juventude, entre as margens da imaturidade (infância) e da maturidade (idade adulta), percebemos que eles dependem menos de marcos cronológicos ou biológicos do que da própria produção social que lhes confere sentido. As categorias nominais atribuídas às diferentes faixas etárias, por exemplo, «infância»; «jovens»; «adolescentes»; «velhos», etc., não estão dissociadas de uma manipulação, mais ou menos latente⁴. É nessa manipulação que se redefinem os poderes inerentes aos diversos momentos do ciclo de vida em que cada um reclama o seu lugar na teia de relações de força. As relações objectivas são determinadas por um conjunto de significados pré-construídos e de relações de poder que dominam o sistema de entendimento das estruturas sociais e das estruturas mentais⁵. Por exemplo, na actual economia de mercado, considera-se que são os trabalhadores mais jovens que devem dinamizar o mundo de negócios — condição não exigida outrora — o que se torna visível nos anúncios de qualquer jornal em que é frequente encontrar como requisito da oferta de emprego, o limite de idade não superior a 35 anos. É nesse sentido, que é possível afirmar que a idade entendida enquanto dado cronológico, aparentemente objectivo e contínuo, se encontra claramente submetida a lógicas e variações sociais descontínuas. O mesmo será dizer que a idade é um dado *biológico socialmente manipulado e manipulável*⁶.

O entendimento sociológico da juventude passa por abolir o mito de uma categoria com condutas homogéneas, centradas em dados indiscutíveis que reflectem representações, ou seja, um conjunto de *doxas dominantes*⁷. José Machado Pais⁸ em *Culturas Juvenis* parte da *doxa dominante de juventude* como problema social referindo algumas situações reconhecidas como específicas dos jovens, destacam-se entre outros: problemas de inserção profissional; problemas de falta de participação; problemas de droga; problemas de delinquência; problemas de escola e problemas com os pais. Na investigação sobre práticas culturais no domínio do lazer, o autor verifica que existe uma diversidade

de situações sociais que torna a aparente unidade da juventude numa clara condição heterogénea, com uma pluralidade e diversidade de situações, ancoradas a normas próprias, resultado das diversas práticas quotidianas. A juventude não é um todo homogéneo e coeso. Ou seja, oriunda das correntes «geracional» e «classista», a Sociologia da juventude tem avançado, combatendo crenças e representações sociais cujo fundamento surge associado a interpretações colectivas. Nesse sentido, a Sociologia da juventude tem vindo a reflectir esta dualidade que: por um lado entende a juventude como um conjunto social, cuja principal qualidade é a de ser estabelecida por indivíduos inscritos numa determinada «fase da vida» (e que por isso mesmo torna evidente aspectos mais uniformes e homogéneos, ou seja, aspectos que remetem para uma «cultura juvenil» específica); por outro lado, entende-a como um conjunto social diversificado, subjacente a um entendimento de cultura juvenil no plural (que pouco têm em comum, quando pertencem, por exemplo, a grupos sociais, ideológicos e profissionais diferentes)⁹.

O conceito de juventude não pode então ser entendido como um facto social imediatamente inteligível, mas tem de ser inscrito numa realidade cultural específica, com os seus valores e costumes simbólicos.¹⁰

Sexualidade e juventude na transição para a modernidade

Com a industrialização e a conseqüente desagregação do espaço familiar de produção e de consumo, reorganiza-se o espaço doméstico. A família fortalece a intimidade privada e investe em laços de sangue, agregando a ideia de parentesco e de coabitação. Os homens ocupam o espaço público e as mulheres, as crianças e os velhos permanecem no espaço privado¹¹.

As novas formas de organização social esboçam os contornos dos novos conceitos: de sexualidade e de juventude.

Com o fim da sociedade tradicional, o casamento deixa de ter apenas um significado institucional e assume um significado subjectivo do casal. Ou seja, deixa de ser um mero contrato comercial, negociado

entre as famílias, e passa a ser da responsabilidade pessoal dos cônjuges. Os tradicionais critérios de selecção pela prudência e riqueza começam a dar lugar a critérios de afecto e de compatibilidade. Esta importante mudança ocorre com a mudança de sentimentos orientada pela ternura, troca de olhares e pelo abandono do controlo da comunidade. No século XVIII, inicia-se um novo processo relacional entre o casal, o namoro, onde o amor surge como um sentimento interpessoal — esperado entre os cônjuges — e a própria razão da escolha do outro. Esta revolução romântica é responsável por novas relações no interior do casal. O romantismo no quotidiano do casal é apreendido pela alteração na frequência das relações sexuais cujos padrões sexuais sazonais se nivelam, surgindo distribuídas durante todo o ano¹².

À invenção do amor conjugal esteve associada a transformação da intimidade. Os actos sexuais abandonam definitivamente o espaço público. A progressiva construção moderna da sexualidade deixa transparecer uma crescente manifestação de pudor e de repressão dos impulsos. Norbert Elias no *Processo Civilizacional* aponta, como exemplo, a repugnância em relação ao costume nupcial de validação do casamento que implicava, na presença de testemunhas, juntar os noivos totalmente despidos no leito nupcial — passando esta prática a ser efectuada com os noivos vestidos. O aumento do pudor torna-se ainda visível com a crescente dificuldade que os adultos mostravam em falar das relações sexuais aos filhos. «Gerando o medo, a sociedade começa, pouco a pouco, a reprimir cada vez mais a componente positiva de prazer em determinadas funções, ou, mais exactamente, a 'privatizá-la' a impeli-la para o 'íntimo' do indivíduo, para a 'clandestinidade', e a destacar no condicionamento os afectos de carga negativa — o desprazer, a repulsa, o embaraço — como os únicos sentimentos usuais em sociedade.»¹³. Em resposta ao pudor e às novas necessidades de privacidade e isolamento, o quarto de dormir passa a ser distinto das restantes divisões da habitação. Na reorganização do espaço, o quarto do casal, pensado como uma espécie de *santuário inviolável*¹⁴, legitima a sexualidade conjugal. Este espaço diferenciado passa a estar reservado à privacidade do casal, não permitindo que a sua intimidade ficasse exposta, nomeadamente, aos filhos — prática comum na Idade Média¹⁵.

Os novos laços parentais e de comunidade foram determinantes para a reorganização do espaço doméstico. Por influência das famílias da elite, as refeições e os dormitórios dos serviçais vão sendo afastados para um espaço à parte dos do parentesco. As transformações da vida quotidiana e as novas configurações da sociabilidade, nomeadamente no espaço privado, passam a assegurar as necessidades de independência e privacidade da família moderna. «Os novos hábitos permitem evitar aquilo que outrora era a mais natural das ocupações, o meio de fazer avançar os negócios, de manter uma posição e de cultivar amizades. Vivia-se então em público, e tudo se fazia oralmente, pela conversação. Doravante separava-se melhor a vida mundana, a vida profissional e a vida privada: a cada uma será consagrado local próprio, o salão o gabinete, o quarto.»¹⁶ As novas configurações da casa moderna aliam isolamento, intimidade, discrição e conforto. A família afasta-se da sociedade numa nova organização doméstica que dá resposta a esta moderna preocupação de defesa contra o exterior¹⁷.

A partir da segunda metade do século XVII, na família aristocrática, e sobretudo na burguesa, emerge um novo sentimento da infância e um novo espírito familiar. A família burguesa começa a abandonar a prática de se separar das crianças após o nascimento. Os filhos tornam-se cada vez mais objecto de atenções e estratégias educativas. A infância prolonga-se e o desenvolvimento da criança passa a ser cuidadosamente regulado, controlado e «privatizado».

«Pode dizer-se antes que a família moderna, como a família dos sentimentos e da educação, nasce em torno destas duas figuras, a mãe e a criança, justamente assimétricas e unidas: não só porque o espaço que as circunscreve é cada vez mais exclusivamente o doméstico-familiar, mas porque se trata exactamente de duas figuras interdependentes.»¹⁸ Daqui emerge um novo sentimento de mulher-mãe, que associa ao sentido biológico o afectivo e o educativo.

A nova atenção e responsabilidade familiar para com as crianças fazia-se sentir na adopção de novos hábitos higiénico-sanitários — determinante para o decréscimo da mortalidade infantil e para a subida das taxas de fecundidade. Em nome da responsabilidade materna, a mulher-mãe passa então a adoptar novas práticas de aleitação e novos projectos educativos. «De facto, é interessante ver como, à medida

que o valor da aleitação ao seio por parte das mães se torna a norma culturalmente dominante, o hábito de dar os filhos à ama era interpretado pelos reformadores e moralistas como forma de indiferença, frieza, vaidade por parte destas mesmas progenitoras.»¹⁹

Este novo lugar da infância na vida familiar foi acompanhado por uma regulação dos nascimentos — cujo principal sentido era a sua limitação. Nesse aspecto, aquela que ficou conhecida como a primeira revolução contraceptiva, vinha alterar o entendimento subjacente à sexualidade, às relações entre os cônjuges e consequentemente à atitude em relação à procriação. A partir da adopção de formas de contracepção «naturais» e especificamente através do coito interrompido, o modelo de reprodução conjugal seria assumido pelo autocontrolo masculino. «A sexualidade conjugal tornar-se-ia um espaço de ascese e cálculo, controlado pelo homem.»²⁰

As novas responsabilidades dos pais assumem um maior nível de exigência relativamente às expectativas dos filhos — com a escola a desempenhar um papel preponderante no auxílio educacional. Durante o século XIX e início do século XX, vários países da Europa investem na educação através da construção de escolas e da implementação de leis relativas ao aumento da escolaridade obrigatória. No período que ficou conhecido como a segunda revolução industrial (com enormes avanços tecnológicos e com produção em grandes quantidades), a proliferação da maquinaria vai ser determinante não só para a criação de mão-de-obra juvenil excedentária, mas também para a criação da necessidade de uma mão-de-obra mais técnica, e mais especializada²¹. A escola universaliza-se e passa a acolher um maior número de jovens durante um maior número de anos, o que foi determinante na emergência da juventude²².

A construção cultural de juventude emerge nesta sociedade urbano-industrial escolarizada do século XIX. O aparecimento do conceito de juventude, pensado como um grupo social particular, surge associado à implementação de respostas institucionais, discursos e ideologias que legitimaram este fenómeno social²³. A perda de poder sobre os jovens, principalmente por parte das famílias oriundas dos estratos mais baixos da sociedade, acontecia, frequentemente, em resultado da perda das unidades de trabalho familiares, ou seja da

perda da função de mestre por parte do pai em relação ao filho. A crescente migração para as zonas de maior proliferação industrial, e o consequente crescimento urbano, foram determinantes para que a juventude passasse a ser encarada como uma fase da vida vulnerável às influências negativas das metrópoles. Multiplicavam-se os discursos sobre a instabilidade de uma população que já não era criança e que ainda não era adulta. O aparecimento de instituições que tinham como fim a criação de respostas específicas foi determinante para a emergência da autonomia do conceito de juventude. Pela primeira vez, surgiam organizações destinadas plenamente aos jovens²⁴.

No entanto, é só na segunda metade do século XX que a juventude, como fase da vida diferenciada, é identificada como uma «cultura»²⁵.

Paralelamente, com o advento da modernidade, a sexualidade aparece associada a um novo mecanismo de controlo. Desde o final do século XVIII que a população passou a ser alvo de estudo organizado através dos censos. A sua quantificação e descrição, através do registo de fertilidade, taxa de nascimentos e a taxa mortalidade infantil, permitiam uma melhor compreensão da tendência populacional. O dispositivo de aliança, que se organizava em função de um conjunto de regras que definiam o permitido e o proibido pelo dispositivo da sexualidade (com base num sistema de casamento, de fixação e de parentesco), passa a funcionar de acordo com técnicas de poder móveis, polimorfos e conjunturais. Nesse sentido, o conhecimento passa a ser poder de controlo²⁶. «O dispositivo de sexualidade tem como razão de ser não reproduzir-se, mas proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar os corpos de forma cada vez mais minuciosa e controlar as populações de maneira cada vez mais global.»²⁷ A crescente aplicação da ciência a diferentes domínios sociais, ou a *biopolítica dos corpos* como se lhe referiu Foucault²⁸, vem fixar e regulamentar procedimentos em matéria de saúde, higiene e composição da população. As teorias médicas passam a substituir as doutrinas teológicas, aparecendo como um saber de referência, nomeadamente no caso concreto da sexualidade.

No século XIX, a sexualidade torna-se um campo de importância estratégica, cuja institucionalização, canalizada por uma diversidade de âmbitos (políticos, sociais, económicos, médicos, demográficos,

religiosos, etc.), universaliza a discussão da temática. A produção do saber no campo da sexualidade passa a ser suportada pela estimulação dos corpos e intensificação dos prazeres, pelo desenvolvimento de conhecimentos e de discursos, pelo reforço das fiscalizações e das resistências²⁹. É a partir destes pressupostos que Foucault inverte a direcção de análise ao afastar a *hipótese repressiva*, e consequentemente defendendo uma *explosão discursiva*, que na sua essência assentava na ideia de poder enquanto produtor de conhecimento. Como salienta o autor, este *biopoder* permanece no exercício da sexualidade enquanto conduta de *saber-poder*. Ou seja, «[...] não há dúvida de que há que abandonar a hipótese segundo a qual as sociedades industriais modernas inauguram acerca do sexo uma idade de repressão maior. Não assistimos apenas a uma explosão visível das sexualidades heréticas, como, sobretudo — e reside aí o ponto importante — há um dispositivo muito diferente da lei, ainda que se apoie localmente em processos de interdição, que, por uma rede de mecanismos que se encadeiam, garante a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades diversificadas.»³⁰

As novas produções do saber constituem um discurso de naturalização da sexualidade. Esta mudança da verdade, entendida como um aumento da verdade pela ciência moderna, fez-se sentir na forma como foi tratada a sexualidade. Esta foi isolada de todo o resto da vida social. Nesta altura, é implementada uma série de estudos com base na observação dos actos sexuais e dos atributos inatos³¹. Neste contexto, emerge uma definição de normalidade e consequente categorização de formas desviantes. O novo discurso sobre a sexualidade, com uma base institucional médica, clínica ou psiquiátrica, passa a ter presentes as dualidades: natural/artificial e saudável/doenças sexuais³².

Na viragem para o século XX, os sexologistas Krafft-Ebing e Havelock Ellis divulgaram um conjunto de pesquisas sobre as variações sexuais, onde procuram entender as leis da natureza, através da categorização e da taxonomia das práticas. A partir desta codificação, assente em pressupostos naturalistas, surge reforçada a convicção da existência de uma homogeneidade heterossexual e hegemónica. Estas disposições vêm reforçar um conjunto de pressupostos entre os quais se destacam: *a força avassaladora do macho que conduz a fêmea*, o cariz

de resposta da sexualidade feminina e a divisão binária da sexualidade entre hetero e homossexualidade³³.

O relativismo cultural dos antropólogos do início do século XX é determinante no questionamento da generalização dos conceitos de sexualidade e de juventude. Por exemplo, o antropólogo Bronislaw Malinowski contesta, em 1927, o complexo freudiano de Édipo como não existente em todas as sociedades estudadas³⁴. Também Margaret Mead, nas suas obras de referência de 1966 e 1968, vem mostrar que existe uma enorme variabilidade de comportamentos padronizados conforme o sexo do indivíduo, tornando-se cada vez mais inviável a crença na universalidade dos papéis sexuais. Os contributos de Mead foram igualmente de grande significado para a compreensão da juventude. Inserida em distintas realidades culturais, a juventude deixa de ser entendida como uma realidade universal, com base em fundamentos exclusivamente biológicos e psicológicos. No seu livro de 1968, *Coming of Age in Samoa*, Margareth Mead defende que a passagem da infância à juventude, mais do que um genuíno processo biológico, é um processo cultural. A autora encontrou, nos jovens de Samoa, formas de estar e de ser diferenciadas das da sociedade ocidental. A autora põe em causa a universalidade das dificuldades relativas à puberdade, ao revelar que os jovens de Samoa vivem a adolescência sem grandes conflitos, ao contrário do que era apresentado em relação à juventude americana.³⁵

As obras de Alfred Kinsey (1948 e 1953) e mais tarde as de Masters e Johnson (1957 e 1965) remeteram as questões da normalidade da sexualidade para segundo plano. Estes pioneiros da pesquisa sobre sexualidade moderna tiveram como principal objecto de estudo o prazer e especificamente o orgasmo feminino. A publicação dos seus estudos veio confirmar a existência de uma variedade de modelos sexuais e sugeriu a existência de formas «perversas» no comportamento «normal». O Relatório Kinsey influenciou profundamente os valores sociais e culturais. A América acabava de descobrir que 94% dos seus homens e 40% das suas mulheres se masturbavam e atingiam o orgasmo. Da mesma forma, este relatório confirmava que muitos dos problemas associados à masturbação eram provocados pela culpa e ansiedade de que este comportamento pudesse ser de alguma forma prejudicial.³⁶

O relatório referia ainda que, em 1940, existia um número significativo de jovens do sexo feminino que tinham tido algum contacto de natureza homossexual.³⁷

O trabalho de Kinsey, documentando uma diversidade de comportamentos sexuais, indicou que as formas «perversas» existiam numa perfeita continuidade da vida «normal».³⁸

Masters e Johnson nas suas obras de 1957 e 1965, através da observação, em laboratório, de relações sexuais entre heterossexuais, fixaram o prazer como norma de bom funcionamento sexual, sem referência à reprodução. Estes investigadores defenderam que a realização do casal e de cada um dos cônjuges é dependente da realização do acto sexual. «Um casal que estabeleceu relações de intimidade deveria esforçar-se para falar franca e honradamente sobre a sua vida sexual, valendo-se para isso dos métodos que lhe parecem menos embaraçosos. Através do diálogo e das mensagens não verbalizadas, os casais podem aprender a potenciar a sua comunicação sexual, o que muitas vezes reforçará também a sua intimidade sexual».³⁹

As rupturas dos anos 60 e 70

Se a adolescência foi descoberta nos finais do século XIX e se democratizou durante a primeira metade do século XX, foi já na segunda metade que se assistiu a uma mudança da juventude, enquanto sujeito passivo para sujeito activo e actor interveniente na cena pública⁴⁰.

O conceito de adolescência já tinha sido definido pela primeira vez, em 1904, enquanto objecto de estudo por Stanley Hall. Inspirado nas teorias de Darwin, da evolução biológica da espécie, o autor defende, em 1931, que o caminho entre a infância e a puberdade é contínuo, obedecendo a leis biológicas e que portanto, a adolescência que aparece representada como um período de «*tempestade e tormenta*», pode ser alvo de um conhecimento antecipado. O diagnóstico das necessidades e dos problemas juvenis permitiriam uma facilitação da sua compreensão e conseqüentemente um acautelamento dos erros na educação.⁴¹ Erik Erikson em 1971 viria analisar a adolescência à luz da conflitualidade de uma geração em relação ao meio e, nomeadamente, ao mundo dos adultos. A construção da identidade emerge de

trocas interactivas do sujeito enquanto ser individual e ser social inserido numa realidade social em permanente transformação. «[...] se um jovem pressentir que o meio tenta privá-lo radicalmente de todas as formas de expressão que lhe permitam desenvolver e integrar o passo seguinte, poderá resistir com o vigor selvático que se encontra nos animais que são forçados, subitamente, a defender a própria vida.»⁴²

A emergência de uma consciência social de juventude decorre do momento em que os jovens são identificados como fazendo parte de uma «cultura». Apesar de a juventude sempre ter existido enquanto processo biológico, só então começou a ser considerada como fase de vida, com a crescente consciencialização dos problemas e das tensões que lhe eram associados⁴³. A crise da juventude, designada também por crise de geração, é explicada na segunda metade do século XX, como uma forma de tensão latente ao inconformismo e à situação de dependência, sem responsabilidades, que a própria realidade social lhe determina.⁴⁴

No período do pós-guerra, a juventude passa a permanecer mais tempo nas instituições educativas, surgindo uma nova «classe de consumidor adolescente», que nos países industrializados vai dar origem, pela primeira vez, à legitimidade da «cultura juvenil»⁴⁵. Na década de 50, aparece na terminologia americana a noção de *teenager*, associada ao estudante adolescente urbano e remetendo para uma forte consciência de coesão de grupo, organizada em torno de diferentes actividades (recreativas, desportivas, associativas, etc.) e uma crescente dicotomia entre o mundo do *teenager* e o das outras gerações, nomeadamente o dos adultos.⁴⁶

AUTORES COMO PARSONS E EISENSTADT vêm afirmar a existência de uma nova consciência geracional que tem por base os grupos de idade e a sua ligação a uma cultura autónoma⁴⁷. Estes autores partiram do princípio de que a uniformidade da cultura juvenil, baseada em valores universais, tinha uma função integradora e contribuía para a continuidade do sistema social. Se, por um lado, os diferentes grupos de idade assumem uma função integradora, contribuindo para a continuidade do sistema social, por outro, a diferença entre gerações e grupos de idade pode acentuar-se e criar um fosso inevitável. Neste con-

texto, a juventude constrói uma imagem oposta à do adulto — contra a qual se insurge.

As décadas de 60 e 70 surgiram como o período de ruptura com o modelo de desigualdade de papéis nas relações familiares e em geral na organização social, predominante na primeira metade do século XX. Nas décadas anteriores aos anos 60, cabia aos pais a responsabilidade de inculcar nos filhos os valores sociais através do desempenho de papéis específicos e claramente diferenciados na família e na sociedade. Os valores transmitidos aos jovens assentavam na hierarquia e na desigualdade de papéis, com uma educação diferente para o rapaz jovem e para a rapariga jovem⁴⁸. Os protagonistas da ruptura estavam ligados aos movimentos de contestação estudantis e feministas, — combatendo a submissão aos papéis tradicionais. A década de 70 foi a dos grandes movimentos sociais do século XX — os movimentos estudantis, *black power*, feminista e *gay* — que contagiaram a sociedade com uma grande energia, acreditando, de forma otimista, que esta era a altura de uma mudança radical⁴⁹.

A partir de Maio de 68, em França, a juventude passa a ser considerada uma nova classe revolucionária portadora de uma função emancipadora. «A juventude já não era considerada como um conjunto interclassista, mas como uma ‘nova classe’ portadora da missão emancipadora, que tinha deixado de personificar o proletariado, ou seja, como uma ‘nova classe revolucionária’.»⁵⁰ A contestação é essencialmente política e de manifestação de uma contracultura juvenil — esta última criticando os valores morais dominantes, como por exemplo os estilos educacionais tradicionais, as relações amorosas e a sexualidade⁵¹. Exemplos desta contra-cultura juvenil podiam ser constatados através da música e do fenómeno *hippie*. «Defendo que os *hippies* e a sua forma de vida não são o embrulho disforme e amorfo nem a confusão que pareceu à primeira vista. [...] A forma de vida *hippie* representa ‘definições da situação’ diferentes e opostas às consideradas como válidas e legítimas nas referidas rotinas aceites da sociedade da classe média americana [...]»⁵²

«A juventude cultivava, crescentemente, hábitos e preferências culturais claramente distintos do mundo adulto. A música, nomeadamente o *Rock n’Roll*, simbolizava um desejo de descontinuidade, de

objectivo, começa também a apresentar significativas alterações, quer através do aumento do número de divórcios, da diminuição do número de casamentos e da generalização da união livre, quer através da multiplicação dos nascimentos fora do casamento, das famílias monoparentais e das pessoas que vivem sozinhas.⁵⁹ Até 1970, a grande maioria das pessoas entre 45 e 49 anos, nos países Ocidentais, estava casada. Por exemplo, nos Estados Unidos a percentagem de pessoas casadas era de 90% e em Inglaterra e na Alemanha variava entre 80% a 88%. Depois de 1970, a quase totalidade dos países da Europa Ocidental apresentava, em relação à população total, uma frequência de casamentos muito baixa⁶⁰.

As taxas de divórcio, na quase totalidade dos países da Europa ocidental, aumentaram fortemente. O aumento do número de divórcios, facilitado por mudanças legislativas, ficou a dever-se a factores como o desaparecimento de certos tabus, a procura da felicidade por parte do casal, o aumento do estatuto socioeconómico e da instrução, etc. Paralelamente a esta multiplicação de divórcios, a união livre torna-se num novo estilo de vida adoptado por muitos.⁶¹

A família nuclear parsoniana, composta pelo casal e filhos que habitam numa casa individual, tinha o homem como chefe de família. Neste contexto, a mulher aparecia como a dona de casa cujo papel passava pelo cumprimento das suas obrigações para com o marido e filhos. Subjacente a este pensamento estava uma concepção de família 'normal', da América dos anos 40, com características homogéneas.⁶² A conceptualização parsoniana de família, situada num sistema social em busca da homeostasia, assentava na especialização dos papéis femininos e masculinos de modo a manter assegurada a base de socialização das crianças. Nesta distribuição dos papéis, o pai assumia um papel essencialmente instrumental dado que lhe cabia assegurar o sustento da família — ele era o «ganha-pão» da família. À mãe cabia o papel expressivo, estava mais próxima dos filhos e representava o lado afectivo e doméstico da família. Nesta estrutura bipolar, o homem era, de uma maneira geral, colocado fora das tarefas domésticas e dos cuidados dos filhos. A organização familiar parsoniana, baseada no bom funcionamento da família, coloca as mulheres numa permanente situação de dependência, com uma imagem

menorizada e infantilizada⁶³. Subjacente a esta perspectiva, a hipótese de trabalho da mulher fora do lar era desencorajada e até condenada, dado que remeteria os interesses da família para segundo plano. A mulher com trabalho no exterior não só estaria indisponível para o exercício do seu papel expressivo, como também, com a obtenção de um salário, tornar-se-ia concorrente e igual ao marido⁶⁴.

Na segunda metade do século XX, as relações pais-filhos evoluem, no sentido de uma menor formalidade de papéis e de maior comunicação entre as gerações. Nas últimas décadas do século XX, a Sociologia da Juventude destacou-se da Sociologia da Família e, neste contexto, abordaremos, à frente, as relações familiares do ponto de vista da juventude.

Durante a década de 60, o incremento da comercialização da pílula e de vários métodos contraceptivos seguros (fenómeno que ficou conhecido como *a segunda revolução contraceptiva*) veio contribuir de forma significativa para a emancipação da mulher e para a alteração do entendimento da sexualidade pelas mulheres e pelos casais. Tornou possível que a sexualidade fosse entendida para além da sua função exclusivamente reprodutiva. A expansão da contracepção moderna contribuiu para que a fecundidade passasse a ser vista como um projecto pessoal sujeito ao desejo e ao cálculo — com a opção de ter filhos ou não e a definição de um intervalo de tempo entre o seu nascimento. Numa fase inicial, a adopção de novas formas de contracepção é sobretudo escolhida pelas mulheres mais escolarizadas e com actividade profissional que justificam a sua escolha com base num aumento do sentimento de confiança e de domínio.⁶⁵

NESTA ÉPOCA, e a partir desta descoberta, a Igreja Católica, à semelhança das posições das Igrejas Ortodoxas, vai admitir que a dimensão não reprodutiva da sexualidade é importante para o bom relacionamento do casal — apesar de defender, na Encíclica *Humanae Vitae*, a utilização dos «métodos naturais» na regulação da fecundidade⁶⁶.

Do contexto sociocultural das décadas de 60 e 70 resulta uma liberalização sexual, com significativas alterações na intimidade e na sexualidade individual e social. Assiste-se a uma substituição de cri-

térios de conduta, que passam a ser menos, admitindo-se critérios não repressivos e mais abrangentes⁶⁷. Há uma quebra de tabus, principalmente por parte das gerações mais novas, em relação às relações sexuais pré-matrimoniais, à situação de mãe solteira, à proteção legal das crianças que nasciam fora do casamento, ao aborto, etc. A par da existência da família nuclear tradicional do modelo burguês, afirmam-se as novas formas de vida conjugal: a coabitação antes do casamento; as famílias monoparentais, com as mulheres a assumir a posição de chefes de família; as famílias com duplas carreiras, em que ambos os cônjuges têm uma profissão, participam na educação dos filhos, partilham as tarefas domésticas; as famílias sem filhos; e as famílias compostas.

Progressivamente, as reivindicações destes movimentos de contestação social foram sendo adoptadas pelos diferentes partidos da cena política, assumindo uma centralidade nas discussões da realidade contemporânea.⁶⁸

A década de 80 — sexualidade livre em tempos de VIH/sida

Muitas das conquistas de liberalização dos costumes, atitudes e comportamentos sexuais foram alvo de uma possível reversibilidade na década de 80 com o aparecimento da SIDA⁶⁹.

No início dos anos 80, o VIH/sida aparece como uma doença sobre a qual se sabia muito pouco. O desconhecimento, especificamente por parte da ciência, não permitia responder de forma convincente aos problemas da doença que era associada a «grupos de risco» desviantes em termos de sexualidade ou doentes (homossexuais, heroína-dependentes, hemofílicos e prostitutas). Numa fase inicial, a «epidemia das minorias» não dava, por isso, razões para alarme à população em geral⁷⁰.

Jodelet na sua obra de 1999 *Les Représentations Sociales* refere que antes de qualquer investigação biológica se ter pronunciado de forma a clarificar algumas das dúvidas sobre a doença, já os indivíduos criavam um conjunto de *teorias* sobre os portadores da doença (toxicó-dependentes, homossexuais, hemofílicos) e os meios de transmissão (sangue e esperma). Os doentes com SIDA eram percebidos da

mesma forma como antes o tinham sido outros doentes com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) — especificamente os doentes com sífilis — e são objecto de rápida condenação.

Ao longo da História, certas doenças graves, desconhecidas e sem tratamento eficaz, têm sido consideradas, através de metáforas, como antinaturais, moralmente e socialmente erradas. Mais do que uma punição psicológica, é o julgamento moral sobre as suas práticas sociais que está em causa. O facto de estas doenças, ao contrário do cancro, por exemplo, não aparecerem como dependentes da vulnerabilidade do indivíduo, fez com que fossem assumidas como uma punição, quase divina, pelos «pecados cometidos». É neste contexto que a *praga Gay*, como era também conhecida, aparece, entendida como a doença dos impuros, o castigo divino contra a crescente liberalização implementada a partir dos anos 60 e 70⁷¹. A SIDA funcionava como metáfora da degradação global, expressão das inquietações em matéria de ordem social. A visão moralista cria um estigma social de ostracismo e rejeição dos grupos a ela associados (toxicod dependentes, homossexuais e prostitutas)⁷².

As diferentes representações da SIDA estão interligadas com o universo simbólico da sexualidade cujos tabus fazem reaparecer na cena social. Toda a concepção em que assentou o entendimento do VIH/sida baseava-se para além da responsabilidade individual, também em valores morais. A reacção social à doença assenta nas raízes histórico-religiosas de negação do corpo e da sexualidade, nomeadamente nas suas manifestações não integradas no sistema familiar. A posição repressiva da sexualidade não reprodutiva reclama a instituição do esquema heterossexual e os valores da família tradicional emergem como um garante de protecção contra a doença. É este o contexto, do *pânico moral*⁷³ criado à volta da doença que culpa, frequentemente, as suas vítimas e justifica a sua exclusão social⁷⁴.

Em tempo de SIDA, a sexualidade torna-se objecto de cálculos, e de medidas racionais, é socializada e sancionada por um discurso iminentemente público⁷⁵. M. Loyola, antropóloga brasileira, defende que existe hoje uma nova legitimidade de sexualidade que recoloca a questão da oposição entre o «bom sexo»/o «mau sexo», o normal/patológico e o saudável/doente.

Subjacentes a este pressuposto, numa fase inicial, algumas das campanhas de prevenção da doença incidiram em critérios de ajuizamento moral, tais como a necessidade de abstinência e de fidelidade conjugal e ainda o medo do contágio⁷⁶. Por exemplo, o *slogan* de um cartaz português, de 1996, deixa passar na informação a necessidade de fidelidade conjugal ao referir: *Se não consegue manter-se fiel ao menos seja fiel à vida — use preservativo sempre*. Em Portugal, o discurso oficial (campanhas de prevenção da doença, produzidas pelas instituições governamentais), deixa perceber a relação simbólica entre SIDA e a sexualidade em torno de valores morais tradicionais, como por exemplo, a «Fidelidade» e a «Permissividade». Algumas das mensagens oficiais iniciais⁷⁷ recorriam à exclusiva responsabilização individual e assentavam na fronteira binária entre o bem e o mal. A presença do tabu da sexualidade e do prazer é denunciada pelo facto de, até 1998, os cartazes nunca exibirem uma imagem real do preservativo que aparecia sempre de forma pouco clara, em desenho.

O VIH/sida é hoje uma patologia controlável pela medicina do ponto de vista das suas consequências para a saúde. Como doença crónica transmissível, é objecto de programas específicos de prevenção médica que assentam na protecção (preservativo) do acto sexual. Associada a essa prevenção mecânica continua a estar a protecção moral pela estabilidade/fidelidade nas relações e pela escolha/exclusão de parceiros. O conceito de saúde é distanciado do de doença mediante entendimentos antagónicos que assentam basicamente na fronteira entre o «Eu» e o «outro», criando um «outro» exterior e repleto de estereótipos e reforçam a fronteira existente entre as pessoas «responsáveis» e as «não responsáveis»; as pessoas que tiveram o cuidado de se proteger das que não tiveram esse cuidado (e que por isso foram perigosas); as pessoas que cumpriram a lei das que a transgrediram (e por isso necessitam de ser constantemente supervisionadas)⁷⁸.

CAPÍTULO 3

A Identidade e Cultura na Modernidade Fluida

Nós não somos o que somos, mas sim o que fazemos de nós.

Anthony Giddens, Modernidade e Identidade Pessoal

A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX foi determinante do ponto de vista da modificação das condições sociais e especificamente das imagens culturais dos jovens. Em primeiro lugar, o aparecimento do Estado de Bem-Estar facilita à juventude maiores possibilidades educativas e mais tempo livre, numa situação em que os pais asseguram o seu sustento. Associado ao Estado de Bem-Estar, está o enfraquecimento da autoridade parental e consequentemente o aumento da autonomia e da liberdade dos jovens, um processo de socialização que se torna mais negociado entre pais e filhos (a respeito de, por exemplo, como e com quem podem sair à noite, as horas do regresso e a quantidade de dinheiro que recebem por semana ou mês). Um outro factor foi a emergência de um mercado jovem através da implementação de espaços e produtos exclusivamente destinados ao consumo juvenil (música, moda, revistas, etc.) e a substituição dos costumes da moral puritana do capitalismo inicial, pelos da moral consumista. O quarto factor surge associado ao impulsionamento, por parte dos diferentes meios de comunicação, de uma verdadeira cultura juvenil internacional. Os meios de comunicação de massas vão per-

mitir, através da linguagem universal da rádio, da música e do cinema, que os jovens se identifiquem mais entre si.

Dois eixos estruturadores da condição juvenil são o da escola/trabalho e a família de origem/nova unidade familiar¹. O actual contexto social orienta para um prolongamento da escolaridade dos jovens. A este propósito José Machado Pais refere que os jovens, conscientes das dificuldades de inserção profissional, optam por apostar no acesso ao ensino superior como forma de mais facilmente entrarem no mercado de trabalho e de adiarem a inserção no trabalho, ou seja, adiarem a possibilidade de confronto com a situação de desemprego². A passagem da escola ao trabalho é interceptada por uma série de etapas descontínuas, em que está presente o desemprego e o trabalho temporário e precário. O *capitalismo flexível* travou a linearidade em que, tradicionalmente, assentava o percurso profissional³. «Uma particularidade de muitos jovens contemporâneos é, por conseguinte a de viverem um tempo de instabilidade e de incertezas, de tensão entre o presente e futuro, de laços persistentes de dependência e de anseios insistentes de independência. O próprio capitalismo flexível bloqueou a linearidade tradicional das carreiras profissionais. Carreira é um caminho pelo qual se circula, mas esse caminho aparece bloqueado para um número considerável de jovens; outras vezes, surgem encruzilhadas de sentidos vários, carreiras de retorno, becos de circulação difícil, ou mesmo sem saída.»⁴ Neste sentido, refere o autor, os sociólogos da juventude referem-se às transições dos jovens para a vida adulta, como vulneráveis e imprevisíveis, nomeadamente quando as caracterizam como: *alongadas, fracturadas, adiadas e frustradas*.

Este tempo de incertezas leva a que os jovens trabalhadores permaneçam em casa dos pais até mais tarde, o que se verifica um pouco por toda a sociedade ocidental, mas é mais marcante nas sociedades do sul da Europa, onde o valor da família é mais envolvente. A «opção» pela saída da casa dos pais significa, em muitos casos, a perda de capacidade material e, nesse sentido, de alguma qualidade de vida. A opção dos jovens pelo regime de *welfare family* permite-lhes usufruir de um conjunto de serviços gratuitos e, simultaneamente, dispor do vencimento para o seu próprio consumo. Enquadrados numa

sociedade de consumo os pais ajudam indirectamente os filhos a tomar esta decisão de permanecer em casa da família.⁵

O segundo eixo é o da família de origem/nova unidade familiar. Num passado próximo, esta transição aparecia vinculada a uma automatização com os jovens a passarem directamente de uma situação para outra. Hoje, este processo de transição surge associado a uma diversidade de situações. Por exemplo, o acesso à conjugalidade pode incluir, ou não, a formalização de laços conjugais e/ou a independência residencial. Sendo fundamental ter em conta as duas grandes linhas de transição, conjugal e familiar, demarcadas pelo acesso à conjugalidade e/ou pela constituição de uma família de procriação independente da família de origem, é no entanto «[...] necessário ter em conta que esses marcos constituem metas genéricas e, em certo sentido, também 'ideais', cuja concretização pode demorar muito tempo e passar por diversas formas intermédias, mas que deixam de fora um número significativo de jovens que não se identificam com as transições conjugais tradicionais ou cujos percursos de vida seguem direcções atípicas»⁶.

No mesmo sentido, José Machado Pais⁷ refere que as trajectórias juvenis «oscilam» em movimentos incertos e reversíveis, com a capacidade de «ir e vir» (facto que metaforicamente compara com o movimento efectuado pelo ioiô⁸) permitindo ainda entender como os jovens experienciam as diferentes situações diárias. Hoje, fala-se de «culturas juvenis» no plural concebidas como tendo por base um espírito de experimentação — *culto de sensações múltiplas*⁹. É nessa visão relativista que os jovens encaram as diferentes situações do quotidiano, por exemplo, o valor dos diplomas e a segurança no emprego. «Os diplomas são cada vez mais vistos como 'cheques carecas' sem cobertura no 'mercado de trabalho'»¹⁰.

OUTRA CARACTERÍSTICA DAS CULTURAS JUVENIS é a procura da originalidade que Machado Pais exemplifica com a adesão à moda. A moda, por definição efémera e em constante mudança, proporciona ao jovem a oportunidade de originalidade e permite-lhe cortar com a normalidade. Esta necessidade de procura de originalidade não tem que ver com o narcisismo individualista, mas com o narcisismo rela-

cional, dado que o jovem se sente como que o espelho pelo qual os outros o olham¹¹. Reforçando esta ideia, o autor refere que: «A moda é, em si mesma, a imposição da mudança como mecanismo autónomo. Andar atrás da moda, ou na vanguarda da mesma, é estar no campo do eco dos 'últimos gritos' da moda — os quais costumam 'chocar' na exacta medida em que desestabilizam as convenções, o normal; e na medida, também em que através da moda os jovens usam as armas do artifício de que a extravagância é a plena assunção...»¹²

Ainda através do recurso à metáfora do ioiô,¹³ mostra que o movimento de socialização dos pais para os filhos (que o autor designou como movimento iô), tem um sentido de retorno reconhecido. Existe uma espécie de diversidade de movimentos reflexivos que permite aos progenitores serem socializados pelos filhos (aculturados por uma cultura juvenil)¹⁴.

O consumo na modelação de sexualidade

Hoje, a sexualidade está mais exposta do que no passado. Diariamente podemos encontrar, nos meios de comunicação social, na literatura ou no cinema, uma multiplicidade de histórias e de imagens íntimas ou longos debates sobre questões da intimidade. O poder de difusão dos meios modernos de comunicação explica, em grande parte, o sucesso lucrativo das imagens do sexo¹⁵.

É a partir dos anos 70 que a sexualidade deixa de estar escondida, de ser invisível no espaço público. Nesta altura, em França, a exibição, nos cinemas, do filme *Emmanuelle* marca o início de uma nova era para o grande público. O sucesso popular do filme indicou uma mudança de atitudes em relação não só à aceitação de imagens e gestos íntimos, mas também às representações da sexualidade¹⁶.

Com o avanço do capitalismo e a expansão da globalização apareceu o mercado sexual (de pornografia global, de tecnologia reprodutiva, de reprodução medicamente assistida, etc.) Jeffrey Weeks¹⁷ afirma que a expansão do mercado da sexualidade se iniciou na década de 50 — dirigido particularmente para os adolescentes — e se orientou para as mulheres, nos anos 60; os *gays* e as lésbicas, nos anos

80 e 90; e os pré-adolescentes, actualmente (estes últimos, por exemplo, através do mercado da música).

Os jovens têm sido uma parte importante nesta lógica de consumo da sexualidade. Desde o pós-guerra que tem vindo a proliferar um conjunto de mercados organizados para os jovens que consomem desde revistas, filmes, programas e canais de televisão (como por exemplo o MTV¹⁸ ou, mais recentemente em Portugal, os «Morangos com Açúcar»¹⁹). Estes mercados dirigidos especificamente para os jovens, vendem uma diversidade de histórias onde, directamente ou de forma mais oculta, vão dando conta das vidas sexuais de grandes estrelas da música, do cinema e do desporto²⁰. Nestes e noutros produtos aparecem imagens, gestos, informações que de alguma forma sugerem comportamentos e representações sexuais.²¹

A partir dos anos 90, a sexualidade torna-se uma temática muito comercializada e fortemente consumida em DVD e na Internet. Através da Internet emerge o espaço Cyber-sex — sítios que facultam acessos gratuitos a filmes pornográficos (com uma acessibilidade generalizada)²², encontros privados, sítios de encontro que facilitam o jogo de sedução onde se misturam a ilusão da proximidade com o desconhecido e o longínquo. A mediatização da sexualidade generaliza certas formas de erotismo e permite transformar as representações da sexualidade e redesenhar novas formas de prazer.²³

Pode falar-se de uma moderna democratização da intimidade que passa a ser determinada não só pela sua divulgação através dos diferentes meios de comunicação de massas, mas também pelo facto de circularem várias histórias acerca da intimidade — o que Ken Plummer²⁴ designa como: *a culture of sexual story telling*.

A comunicação social é um elemento central na vida moderna (em que os indivíduos que consomem muitas horas de televisão — em média, entre três a quatro horas diárias, compram revistas e navegam na Internet) que conduz, inevitavelmente, a um consumo de mensagens influenciadoras das percepções individuais e, directa ou indirectamente, das direcções do desenvolvimento social, construindo formas comuns de percepção e de pensar, gerando padrões de comportamento e sugerindo tipos e estilos de vida²⁵.

A globalização e a informacionalização da sociedade em rede²⁶, com um sistema de *media* omnipresente, determinam novas formas de organização social, e deixam perceber o seu poder na vida quotidiana da população em geral e dos jovens em particular. Esta *sociedade informacional*²⁷ não se limita a utilizar a informação, como todas as sociedades, mas a emissão de informação torna-a um instrumento fundamental de poder. «A nova forma de poder reside nos códigos da informação e nas imagens da representação em torno das quais as sociedades organizam as suas instituições e as pessoas constroem as suas vidas e decidem o seu comportamento.»²⁸

A comunicação de massas influencia as atitudes e disposições pessoais, reflectindo-se nas formas de comportamento individual. Por exemplo, os signos reflectidos pelos modelos de massas, pela moda ou pela publicidade nomeadamente, surgem como *mensageiros* de que somos responsáveis pelo nosso corpo e de que o devemos transformar e valorizar em conformidade com esses modelos²⁹. O autor refere que na sociedade de consumo o *corpo se tornou o seu mais belo objecto*. O corpo é instrumentalizado por uma ideologia de consumo que o associa à ideia de juventude como construção identitária e o redescobre, após uma era milenária de puritanismo, como instrumento de fazer, associado à liberdade física e sexual.

O corpo enformado e construído pela cultura

No Ocidente, as imagens culturais de juventude tornam-se um imperativo. No contexto da sociedade moderna, o crescente interesse pela imagem de uma eterna juventude faz prova de uma relação problemática com a passagem do tempo corporal ou o envelhecimento, ao contrário de outras sociedades onde, por exemplo, os cabelos brancos ou outros traços de envelhecimento eram ou são sinónimos de prestígio³⁰. Associado ao pressuposto de que a juventude é a regra, existe, hoje, um conjunto de valores simbólicos que elegem determinadas características juvenis positivas (como: a beleza, a força, o espírito de decisão e de competição...) e que a sociedade adopta e procura garantir a todo custo³¹.



OS NOVOS PROMOTORES DA FORMA implementam novos «moldes» corporais — normas de higiene, cuidados com a alimentação, consumo de práticas e produtos cosméticos que surgem ao serviço da beleza. Este é o corpo comunicante, em permanente movimento, alvo de experimentação, ambivalente, que passa a ser pensado, que é alvo de acção manipulável e manipulado³².

Inerente a uma disciplina do gosto, o mercado vai desenvolvendo uma constante modelação identitária à imagem dos objectivos de comercialização. Inscrita numa lógica de permanente renovação e mediatização, a promoção do corpo obedece a uma lógica de normalização por imperativos sociais, ou seja, mecanismos de disciplina, de submissão e de regulação, inerente à disposição estética do *biopoder*. Desta forma, a racionalidade moderna atribui ao corpo uma relação de sujeito-objecto, de controlo e de propriedade. Mobilizada pela tecnociência, vai permitir ao *biopoder* incitar a «ser» e a «fazer»³³.

Na moderna sociedade, está subjacente uma rápida divulgação de novas normas corporais — substituídas rapidamente por outras. O corpo é objecto de atenções e de investimentos quotidianos, passa a ser pensado quer como matéria-prima, manipulável, sem nenhum valor essencial, quer como sujeito soberano de saber e de poder³⁴. Desenvolve-se um ideal de autonomia individual, de gestão e de apropriação corpórea e paradoxalmente de submissão a condicionantes estéticos reguladores, em conformidade com os modelos sociais do corpo³⁵. Ou seja, este corpo manifesta cada vez mais um sentido de construção e de controlo, em conformidade com o seu desenvolvimento e os diferentes estilos de vida que vai adoptando. Este é o corpo que se deixa controlar pela relação inerente entre as tendências globalizantes da modernidade e os acontecimentos localizados do quotidiano. Este é o corpo de uma nova concepção, um projecto em permanente construção, que traduz normas, práticas e ideologias e que deixa transparecer a auto-identidade³⁶.

A preocupação com a aparência surge como afirmação da individualidade, funcionando como símbolo de ligação e de diferenciação social e cultural³⁷. Com sinais de reconhecimento inscritos no corpo, através da maquilhagem, do cabelo, de diferentes adornos, etc., o indivíduo vai expor a diferença e marcar a pertença a uma deter-

minada realidade sociocultural. A forma como os diferentes significados estão organizados vai permitir que o indivíduo se demarque do «outro», e assim componha a sua história enquanto ser singular.³⁸

Anthony Giddens³⁹ acentua a dupla dimensão social do corpo: «O controlo regularizado do corpo é um meio fundamental para a manutenção de uma biografia de auto-identidade [...]» e simultaneamente, «o *self* está também mais ou menos constantemente 'à mostra' dos outros em termos da sua encarnação num corpo.»⁴⁰ Ou seja, o controlo do corpo é uma forma de presença e abrigo do *self*. Ao entendimento do corpo está subjacente não só uma espécie de espaço, onde estão inscritas um conjunto de pertenças sociais, mas também algo que está sujeito a tentativas de modelação com o objectivo de as transmitir ou ocultar. Assim, nos contextos rotineiros de interacção, através de uma permanente vigia aos maneirismos corporais, o indivíduo reproduz os diferentes desempenhos, inerentes à especificidade de cada contexto social.

Mas o corpo sujeito de autoconstrução revela pela via da submissão a disciplina do consumo, ou corpo-objecto, é também o corpo simbólico, lugar de inscrição dos significados que reflectem disposições sociais. Para Pierre Bourdieu⁴¹ a corporeidade surge como operador através do qual o sujeito apreende o social e reproduz a ordem do mundo, lugar de *desnaturalização* do arbitrário cultural e social. Neste contexto, a corporeidade surge tratada como o autor exemplifica com a produção e consumo de bens e serviços simbólicos, *signos de distinção*⁴², assentes em imperativos e disposições inerentes a condutas disciplinadoras, inscritas nos géneros. A oposição masculina/feminina, inscrita em esquemas de diferenças naturalizadas, permite que não seja aparente na consciência, a relação social de dominação. «O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexuentes. Este programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo, e em primeiro lugar *ao próprio corpo*, na sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos em conformidade com os princípios de uma visão mítica do mundo enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela própria inscrita, com a divisão do mundo do trabalho, na

realidade da ordem social.»⁴³ Nesse sentido, percebemos um corpo (e os seus movimentos) que, submisso a um trabalho de construção social, está de tal forma incorporado sob a forma de esquemas cognitivos que surge percebido como algo «objectivamente naturalizado». Neste contexto percebemos como o corpo é enformado e construído pela cultura, dando a perceber-se como uma superfície na qual se inscrevem normas centrais e hierarquias, ou seja, é, antes de mais, um *locus prático de controlo social*⁴⁴.

Em suma, assumido como elemento central nas relações sociais e na auto-percepção, o corpo codifica e enforma concepções do feminino e do masculino, definindo a posição social que cada um dos géneros ocupa, interiorizando atitudes e comportamentos socialmente desejáveis, utilizando o olhar do «outro» para a própria auto-apresentação.

A identidade construída reflexivamente

A noção de identidade na perspectiva sociológica concentra a sua atenção na socialização do indivíduo, dado que ele é matéria social da sua época, quotidianamente construída pelo contexto onde está inserido. Ou seja, «As teorias sobre a identidade estão sempre integradas numa interpretação mais geral da realidade. São 'embutidas' no universo simbólico e nas suas legitimações teóricas, variando com o carácter destas. A identidade permanece ininteligível a não ser quando situada num mundo.»⁴⁵ A partir deste pressuposto é possível apresentar a identidade como o resultado de uma trajectória pessoal e social, enquadrada num espaço social. «A construção das identidades faz-se, pois, na articulação entre os sistemas de acção que propõem identidades virtuais e as 'trajectórias vividas' no interior das quais se forjam as identidades 'reais' a que aderem os indivíduos.»⁴⁶

O aparecimento do paradigma da identidade, inicialmente denominado como subjectividade, está associado a um determinado marco histórico — directamente ligado à modernidade. Esta nasce da identidade, e com ela. Com a desestruturação das comunidades e consequentemente com a emergência da individualização, a identidade deixa de estar determinada *a priori*.

Ao contrário, o indivíduo da sociedade pré-moderna, inserido numa comunidade organizada através de determinações pré-definidas, tinha todos os seus desígnios traçados. Esta comunidade tradicional, marcada pela inércia dos costumes, apresentava rotinas pré-estabelecidas, autoridades imutáveis e verdades incontestáveis⁴⁷. A este propósito Jean-Claude Kaufmann⁴⁸ refere que: «A comunidade subordinada à tradição auto-regulava-se; definia os indivíduos construindo-os socialmente, num mesmo movimento.»⁴⁹ Neste contexto, os indivíduos possuíam um grande interconhecimento entre si e exerciam um forte controlo uns sobre os outros. Durante toda a sua vida, os indivíduos, com uma trajectória previamente estabelecida, eram submetidos a modelos de socialização pouco diferenciados, sem concorrência e, por isso mesmo, sem grandes *contradições*⁵⁰. Neste contexto, as relações de parentesco eram salvaguardadas por uma ordem interdependente e determinada por uma série de obrigações bem definidas. Este vínculo fiável das relações localizadas justifica a existência da confiança pré-determinada. As relações de confiança eram igualmente asseguradas pela influência da cosmologia religiosa, que transmitia um sentimento de fiabilidade nos acontecimentos naturais e sociais⁵¹.

Com o advento da modernidade, o espaço dissocia-se do lugar, dando origem ao aparecimento dos «outros» (os ausentes e os distantes fisicamente). Esta situação vai permitir a ocorrência de influências directas em relações distanciadas. O corte da ligação da contextualização com a actividade social vai determinar a emancipação dos hábitos e das práticas sociais. «Nas condições da modernidade, o lugar torna-se cada vez mais fantasmagórico: quer isto dizer que o local é completamente penetrado e modelado por influências sociais muito distantes. O que estrutura o local não é apenas aquilo que está presente no cenário; a 'forma visível' do local oculta as relações distanciadas que determinam a sua natureza.»⁵²

A constante mutação do mundo moderno pode ser definida pela *liquefacção* das estruturas e instituições sociais⁵³ «Estamos agora passando da fase sólida da modernidade para a fase 'fluida'. E os 'fluidos' são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores

forças.»⁵⁴ Num ambiente fluido, as estruturas não duram muito tempo e a dominação e os poderes respeitados hoje serão amanhã ignorados ou porventura até ridicularizados. «Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com os precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras.»⁵⁵ A *descontextualização* e a *recontextualização* de sistemas abstractos estão inerentes a novas formas de condução e de organização dos quotidianos, e a vida social moderna surge assim percebida através da *dúvida radical*⁵⁶. O mesmo será dizer que todo o processo de conhecimento surge imbricado sob a forma de hipótese, dado que cada um dos argumentos apresentados não é mais do que verdade(s) em permanente revisão.

A variedade de escolhas e de possibilidades do contexto pós-tradicional coloca o indivíduo numa cultura de oportunidades e de riscos — riscos pessoais e riscos globais — contraditórios. Em ambiente de ambivalência, o indivíduo é obrigado a compreender e a gerir as diferentes oportunidades e riscos com base numa construção cognitiva e social⁵⁷.

«Em contextos pós-tradicionais, não temos outra alternativa para além de escolher como ser e como actuar. Nesta perspectiva, até as dependências são escolhas: são modos de lidar com a multiplicidade de possibilidades oferecidas por praticamente todos os aspectos da vida quotidiana quando se vê de maneira adequada.»⁵⁸ Subjacente a cada «escolha», emerge uma variedade de factores (psicológicos, rotinas quotidianas, constrangimentos e poderes) que de alguma forma condicionam, dando origem ao que Anthony Giddens⁵⁹ designa pela tomada de *decisões*. Nesse sentido, o indivíduo passa a administrar a sua vida através de decisões, frequentemente sujeitas a um conhecimento pericial limitado. Ou seja, «No debate com a ordem pós-industrial, portanto, temos de fazer uma distinção entre escolhas e decisões. Muitas das nossas actividades quotidianas tornaram-se abertas à escolha, ou melhor, [...] a escolha tornou-se obrigatória. Esta é uma tese substantiva sobre a vida quotidiana actual. Analiticamente, é mais exacto dizer que todas as áreas da actividade social se tornaram

governadas por decisões — muitas das vezes, ainda que não universalmente, estabelecidas com base nas pretensões do conhecimento pericial de um ou outro tipo.»⁶⁰

AFIRMAR QUE NA MODERNIDADE TARDIA a auto-identidade se torna uma construção organizada reflexivamente é atribuir ao indivíduo responsabilidade pelo planeamento estratégico da sua vida. Pensada como um conceito dinâmico e construída através de uma relação dialéctica entre a realidade subjectiva e as diferentes expectativas sociais, a identidade é (re)construída e aparece como o resultado efémero de diversos processos de socialização flexíveis e em constante mutação.

A PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE como projecto do *self* levando a questão do processo reflexivo da escolha entre a pluralidade de processos, de espaços e de tempos de identificação em que o indivíduo reequaciona os papéis sociais multiformes e multicontextualizados que vai desempenhando no quotidiano. Desenvolvendo a teoria do *habitus*⁶¹, como disposições interiorizadas que articulam a acção social entre a estrutura e o indivíduo, Bernard Lahire⁶² acentua a noção de pluralidade de contextos de socialização e de modelação das disposições estruturantes.

A incorporação das diferentes disposições sociais, hábitos, maneiras de agir e sentir é feita em função do *stock de hábitos incorporados* provenientes das experiências sociais já passadas. Ou seja, a lógica dos esquemas de acção interiorizados por cada indivíduo está dependente da lógica dos princípios de socialização que lhe foram submetidos. Nesse sentido, e segundo o autor, o indivíduo não deve ser estudado num único contexto ou a partir de uma só dimensão, dado que, integrado numa pluralidade de mundos e de experiências, ele incorpora uma pluralidade de disposições, de maneira de ver, sentir e agir⁶³. «De facto, a coerência (relativa) dos hábitos (dos esquemas ou disposições) que cada indivíduo pode ter interiorizado dependerá da coerência dos princípios de socialização aos quais foi submetido. Quanto mais um indivíduo tiver sido colocado, simultaneamente ou sucessivamente, no seio de uma pluralidade de contextos sociais não homogêneos, e por vezes mesmo contraditórios, mais essa experiência terá

sido vivida de maneira precoce, e mais estaremos a lidar com um indivíduo com um património de disposições de hábitos e capacidades não homogéneo, não unificado, variando segundo o contexto social no qual tenha sido levado a evoluir.»⁶⁴ A partir das variações inter-individuais e intra-individuais, num registo em que os indivíduos são simultaneamente actores e agentes, torna-se difícil prever, com rigor, o que cada indivíduo vai *jogar* num contexto específico e o que os heterogéneos hábitos incorporados pelo indivíduo vão desencadear num determinado contexto. Ou seja, «O que determina a activação de determinada disposição num certo contexto pode ser concebido como o produto da interacção entre (relações de) forças internas e externas: relação de forças internas entre disposições mais ou menos fortemente constituídas durante a socialização passada, e que estão associadas a uma maior ou menor apetência, e relação de forças externa entre elementos (características objectivas da situação, que podem estar associadas a pessoas diferentes) do contexto que pesam mais ou menos fortemente sobre o actor individual, no sentido em que o constroem e o solicitam mais ou menos fortemente [...]»⁶⁵ A partir desta complexidade de entendimento, de que o indivíduo é *multissocializado e multideterminado*⁶⁶, torna-se difícil perceber com clareza a influência dos determinismos sociais.

Nas leituras sobre a identidade reflexiva e suas escolhas, convém não esquecer a perspectiva relacional desenvolvida por Erving Goffman⁶⁷. É o olhar do outro que traduz o reconhecimento. A pertença social implica o reconhecimento do outro e, nesse sentido, a identidade é a representação de nós próprios e do outro. Através do modelo dramático de Erving Goffman mostra-se que no processo de construção do Eu, o indivíduo procura controlar as impressões que transmite. O mesmo será dizer que: «Quando o indivíduo surge diante de outros, projecta, consciente e inconscientemente, uma definição da situação, da qual uma certa concepção de si próprio constitui um elemento importante.»⁶⁸ Enquanto actor e *fabricante de impressões*, o Eu surge como um produto de diferentes combinações e mecanismos de produção na estrutura da vida social, baseado no reconhecimento e na diferenciação, onde a interacção assume, sem dúvida, um lugar crucial.



É A PARTIR DESTA PLURALIDADE de vivências que os indivíduos passam a entender as suas vidas através de futuros reflexivamente organizados. O projecto reflexivo do *self* surge inscrito num entendimento paradoxal que, por um lado, coloca os indivíduos numa realidade complexa e global que influencia e limita os níveis de autonomia e de espaços de decisão, e por outro, em contextos plurais e difusos, auto-responsabiliza as acções contraditórias e em permanente reformulação.

É com base na pluralidade deste mundo social, e em resposta a todas as influências institucionais, que os jovens vão dando sentido ao que são, às formas como vivem e desejam as suas sexualidades, ou seja, vão construindo as suas identidades sexuais. É nesse sentido, que afirmamos que estes jovens são o produto da experiência de socialização em contextos sociais heterogêneos e mesmo contraditórios.

A Identidade Sexual

A sexualidade é uma parte essencial da identidade pessoal e social no relacionamento com os outros. A identidade sexual é complexa e resulta de um processo de construção ao longo da vida. Jeffrey Weeks⁶⁹ refere que poucas identidades são tão paradoxais como as identidades sexuais já que assentam na articulação de paradoxos, dado que por um lado procuramos saber o que temos em comum e por outro saber o que nos separa; por um lado procuramos saber o sentido do nosso Eu e por outro investimos no reconhecimento do Outro. Nesse sentido, as identidades sexuais apontam um conjunto de diferentes inter-relações, conflitos e oportunidades.

A identidade sexual tem por base a própria estrutura da cultura que assenta a sua compreensão do mundo na conceptualização de um binarismo sexual entre mulheres e homens. «A cultura aprova que sejam ou se imaginem masculinos certos indivíduos, corpos ou comportamentos, e femininos, outros.»⁷⁰ Associada à identidade sexual tem estado um conjunto de divisões binárias: homem/mulher; heterossexual/homossexual; normal/perverso, estabelecendo fronteiras bem definidas entre os indivíduos. A tradição sexual identifica o indivíduo como pertença de um sexo, diferenciando-o do sexo oposto e

permite que todo o seu destino fique marcado, mesmo antes de nascer. Ou seja, é com base nestes pressupostos que tem sido fixada a identidade feminina ou masculina — marcada para toda a vida através dos seus componentes naturais⁷¹. Weeks assinala que a quebra com esta tradição poderá implicar sérias dificuldades ao próprio indivíduo, nomeadamente quando refere: «Se rompermos com esta tradição, se rejeitarmos a ideia de que a sexualidade incorpora valores e objectivos próprios, então deparamo-nos com problemas complexos de alinhamento e de escolha.»⁷² As diferenças fundamentais entre o biológico feminino e masculino (distinções genitais e reprodutivas) têm sido entendidas como suficientes para explicar as diferenças entre os desejos e as necessidades dos indivíduos⁷³. Pensar a sexualidade com base nos atributos físicos, especificamente através das dualidades feminina/masculina ou heterossexual/homossexual, corresponde a uma normalização no desejo e na procura de prazer.

Fixada através das várias instituições sociais (como família, escola, igreja e o Estado), a concepção binária de género é cristalizada em papéis diferenciados, com base nas expectativas culturais associadas a cada um dos géneros. Através da socialização de género, diferentes atitudes e comportamentos são encorajados ou desencorajados — variando se for homem ou mulher.⁷⁴ Assim, através do processo de socialização, a identidade sexual é construída, fixada e conceptualizada como *definição do eu* — subjacente ao que se entenda ou signifique ser «homem» ou «mulher».⁷⁵

Ao longo da História, as diferentes mensagens que emergem das fronteiras estabelecidas entre as realidades femininas e masculinas reflectem diferentes poderes que a História tem mostrado que são predominantemente androcêntricos⁷⁶. A construção das diferenças fundamentais entre mulheres e homens tem permitido legitimar o domínio masculino. Esta relação desigual, feita com base num processo de naturalização, reproduz-se através do processo de *incorporação da dominação*, com as diferenças comportamentais de género a sofrerem influência da socialização androcêntrica. Toda a visão androcêntrica está continuamente legitimada pelas práticas comportamentais de género. Nesse sentido, os corpos são, enquanto construção social, o produto de um trabalho social subordinado a uma estruturação

cognitiva de dominação masculina. Por exemplo, em relação à adoção de algumas posturas corporais femininas⁷⁷ Pierre Bordieu refere que: «Esta espécie de confinamento simbólico é assegurado praticamente pelas suas roupas que [...] têm por efeito, além de dissimular o corpo, chamá-lo à ordem a todo o momento [...]»⁷⁸

Assim, subjacente a um entendimento dos sexos de tipo binário, subsiste a legitimação do domínio de um sexo sobre o outro, ou seja do masculino sobre o feminino. Encontramos estes princípios presentes em diferentes sociedades do passado e do presente. Quer quando se refere que «A mulher tem uma sensibilidade 'delicada' devida aos seus tegumentos leves e finos [...]. Esta sensibilidade delicada dá-lhe uma aptidão particular para o prazer, uma inflamação fácil das paixões, logo, uma tendência natural para a desvergonha, para a depravação, para a impossibilidade de se concentrar e de reflectir, actos que são, quanto a eles, iminente e essencialmente masculinos»⁷⁹; quer quando se faz referência ao adágio: «[...] os homens olham para cima e as mulheres para baixo». Este adágio possui três significados distintos: refere as diferenças entre o estado de excitação dos órgãos genitais masculinos e femininos; refere a divisão sexual do trabalho; e, finalmente, refere uma utilização muito mais global da oposição dimensional alto/baixo na medida em que está relacionada analogicamente com as oposições céu/inferno, vida/morte, mente ou espírito/corpo, pureza/corrupção, socialmente benéfico/anti-social.»⁸⁰

A realidade social cria fronteiras e conceitos diferenciados, com mensagens e significados conflituosos e contraditórios, entre as realidades feminina e masculina. Assim, a vida das mulheres foi marcada, durante muito tempo, pelo não auto-controlo do corpo e pela negação da sexualidade com prazer — concedido apenas ao homem. Estes regulamentos inventados inscreveram-se no corpo através das relações e de rituais de poder que determinaram ou condenaram determinados comportamentos⁸¹.

Associado a todo este entendimento, emerge um conjunto de expectativas comportamentais vinculadas a uma sexualidade coital e heterossexual. Com base na ideia de que a orientação heterossexual aparece como a única forma de expressão sexual, surge o conceito de *heterossexualidade compulsória* (como disse Adrienne Rich). Subjacente a esta

concepção, está inerente uma diversidade de mitos culturais que conduz ao sentido *homofóbico*⁸². O conceito de *heterossexualidade compulsória* indica ainda que o tipo de opções sexuais, de privilégios e de relacionamentos estão estruturados pelas instituições sociais.⁸³ Miguel Vale de Almeida⁸⁴ refere ainda que o Estado português não investe *simetricamente* em diferentes orientações sociais e em direitos iguais. Para o autor, existe uma assimetria simbólica e uma postura homofóbica associada às estruturas sociais, definidoras de género e de orientação sexual.

É a partir dessa categorização rígida da «sexualidade» e do «género» e da atribuição a estas categorias sociais de uma visão tipo essencialista que a teoria *queer* (na sequência das teorias feministas) reabre o debate sobre a norma e a diferença. Adoptando uma postura de sistemática interrogação das estruturas hegemónicas, e partindo da reflexão sobre a dificuldade de as identidades sexualmente marginalizadas se expressarem e se representarem dentro de uma linguagem e de um aparelho conceptual hegemónico, a teoria *queer* (re)pensa as sexualidades contemporâneas, nomeadamente as designadas identidades «de margem», que vão assumindo uma posição central e consequentemente perdendo o silêncio do «esconderijo»⁸⁵. Tendo como referência «outras» sexualidades contra-hegemónicas, a *teoria queer* vai conduzindo a noção de «diferença», propondo o «descentramento» das identidades numa linha de maior fluidez.⁸⁶

Assim, no contexto da *modernidade tardia*, sucedem-se transformações no entendimento subjacente aos princípios unitário e binário. Determinados conceitos que assentavam na convicção de unidade, permanência e continuidade, fazem hoje parte de uma escala mais alargada de entendimentos e possibilidades. Emergem conceitos reorganizados no plural, tais como: «famílias»; «sexualidades»; «masculinidades»; «feminilidades» que fazem referência ao facto de existirem múltiplas formas de *being gendered* mesmo quando há padrões dominantes⁸⁷. Esta forma de pluralismo e flexibilidade torna possível aos indivíduos, na partilha de capacidades, desejos e convicções, conduzirem a natureza dos relacionamentos em relação à família, à sexualidade e ao género.⁸⁸

Igualmente, implicados na realidade moderna e consequentemente no desenvolvimento da individualização, alteram-se os concei-

tos de «casamento» e de «relação de casal». Na ideia de casamento, passa a ser central a defesa de interesses individuais, a felicidade e a reformulação da identidade⁸⁹. A sexualidade de casal passa a assentar nos princípios da *relação pura*⁹⁰. O que fundamenta uma relação pura é o grau de compromisso existente, numa relação de reciprocidade e de confiança, em que a intimidade surge como uma condição fundamental para a estabilidade a longo prazo, assente na comunicação do casal.

Na relação do casal contemporâneo as diferenças e as regras de estruturação não se baseiam rigidamente em especificidades identitárias o que faz com que a decisiva distinção entre os cônjuges baseada no género venha a perder força. O relacionamento entre o casal apoia-se nas posições ocupadas por cada um e na interacção com base em jogos de complementaridade, orientado por princípios de companheirismo e de reciprocidade. Neste contexto, a sexualidade aparece como a linguagem base da relação do casal e essencial à sua existência⁹¹.

Existe, hoje, no mundo Ocidental, uma relação de interdependência entre a sexualidade e a conjugalidade, com a sexualidade a assumir um sentido determinante na constituição da relação conjugal. A sexualidade é ao mesmo tempo produto e validação da relação, invertendo a dependência que ligava tradicionalmente a sexualidade ao casamento.⁹² Michel Bozon⁹³ refere que, hoje, a abstinência sexual entre os cônjuges, que não resulte de circunstâncias excepcionais e transitórias, é entendida como um sinal de possível problema conjugal, pondo em perigo a estabilidade conjugal, podendo mesmo ser um factor de separação.

No casal contemporâneo, o papel central da sexualidade passa pela reciprocidade na actividade sexual. Michel Bozon mostra, através de dois estudos separados por 22 anos (o primeiro realizado em 1970 e o segundo em 1992), que existem diferenças significativas nas (respostas relativas às) práticas sexuais simétricas (como por exemplo, a masturbação mútua ou o sexo oral). No último estudo (1992), os entrevistados afirmam que as práticas sexuais simétricas são uma opção e que assumem uma crescente importância na sua relação.

Assim, no contexto de modernidade, os sentimentos e os comportamentos da vida sexual na relação de casal passam a assentar em múltiplos propósitos, como o do prazer, o do estabelecimento e definição

de relações e o da comunicação de mensagens através de atitudes e estilos de vida. A *sexualidade plástica*, liberta das necessidades da reprodução, sofre a influência de mecanismos de subjectividade e é moldada como uma característica da personalidade que consequentemente aparece ligada ao *self*⁹⁴.

Em suma, hoje consolida-se a ideia de que as identidades sexuais são menos acerca de manifestações da verdade da sexualidade e mais sobre a pluralidade de diferentes valores⁹⁵. A questão central da sexualidade não passa por saber qual o lugar que ocupa na vida dos indivíduos, mas por saber como deve ser vivida. Nesse sentido, se a percebermos como algo que é construído e reconstruído, produto de exigências e oportunidades, ou não, de acordo com os diferentes ritmos do complexo mundo moderno, podemos aceitá-la com verdadeiro pluralismo moral. Inerente a estes pressupostos, e tendo por base uma variedade de escolhas, uma pluralidade de opções, é possível pensar e aceitar a sexualidade sob o princípio da diversidade como «norma»⁹⁶. Para Weeks, só num contexto aberto é possível pensar as identidades sexuais como num permanente processo de invenção e reinvenção. Só através de um contínuo questionamento das configurações identitárias normalizadas e impostas, o indivíduo é capaz de inventar para si próprio novas formas de identidades.

A crescente consciencialização da «cidadania sexual» ou íntima abre caminho à variedade de discursos sobre direitos e responsabilidades, sobre a exclusão e a inclusão social de uma variedade de novas possibilidades da sexualidade. Reconhecer que do ponto de vista cultural existem arbitrariedades e contingências na forma como é percebida a sexualidade, faz que se vá ganhando consciência de que existem formas de pluralismo na vida sexual e de que existem novos caminhos na cultura da intimidade⁹⁷.

CAPÍTULO 4

A realidade social portuguesa

— mudanças na experiência de vida dos jovens e na apresentação pública da sexualidade

Portugal dos anos 60 a 74

NESTE CAPÍTULO APRESENTAMOS os principais traços do contexto socioeconómico português a partir das décadas de 60 e 70 (1974) destacando os aspectos mais relevantes das alterações sociais nos domínios que mais directamente influenciaram mudanças na experiência de vida dos jovens e na representação pública da sexualidade. As décadas de 60 e 70 foram adoptadas como referência, dado que se referem à transição de um ciclo político marcado pela resistência à modernização da sociedade e seus costumes. Complementarmente, esse período corresponde, de forma geral, ao tempo em que os pais dos jovens da nossa amostra viveram a infância e a juventude. Essa época, então, enquadrada, como «época de origem» dos pais e como base de socialização familiar dos nossos jovens no que respeita à sua construção identitária.

Nessa altura, Portugal era governado por um regime totalitário. Vivia-se um período histórico e social conturbado, em que Portugal mantinha uma guerra colonial em várias frentes. A contestação ao regime fazia-se sentir cada vez mais abertamente (nomeadamente, no movimento estudantil) e era fortemente reprimida, com a censura

a reflectir-se nos conteúdos dos jornais, dos filmes, das músicas, ou seja em toda a forma de expressão que se manifestasse contra os desígnios de uma política ditatorial. O país escondia a omnipresente iliteracia, a pobreza, os bairros de lata, os emigrantes, os homossexuais, os enterros civis, etc.¹

O país estava subordinado às pressões políticas internacionais, mas a convergência económica, social e cultural com a Europa não era o principal objectivo do regime e foi determinante para o aumento do fosso entre Portugal e o resto da Europa Ocidental². No mesmo período, as grandes cidades da Europa ocidental apresentavam sinais de desenvolvimento socioeconómico, com as diferentes formas de expressão (os livros, os filmes e as músicas) a indicarem o optimismo dos tempos. Diferente estava o panorama português, ao apresentar um rendimento nacional *per capita* de apenas um terço do dos países mais prósperos da Europa (com uma agricultura que ocupava cerca de 45% da força de trabalho e com uma indústria muito rudimentar e tecnologias pouco avançadas)³.

A emigração portuguesa, entre 1960-1973⁴, registou um movimento massivo de deslocação para o continente europeu — com claro domínio de França. O desenvolvimento industrial, na Europa mais próspera, exigia um reforço de mão-de-obra, principalmente, proletária, jovem, pouco qualificada e disposta a aceitar qualquer tarefa disponível. Deste reforço de mão-de-obra, cerca de 5 milhões de trabalhadores eram oriundos da Europa mediterrânica, com uma elevada percentagem proveniente da emigração clandestina portuguesa⁵. A saída para países mais próximos foi um estímulo económico e cultural, que influenciou algumas das transformações que lentamente foram ocorrendo em Portugal. A emigração repercutia-se na transformação demográfica (envelhecimento da população, decréscimo da taxa de fecundidade e redução da dimensão da família), nas relações da população com o território (abandono da actividade agrícola e a aceleração da desertificação do interior) e na formação de um novo ambiente favorável à liberalização dos costumes e das mentalidades⁶. «É talvez, pelas enormes consequências sociais, culturais e económicas, a fonte das mais profundas mudanças destas quatro décadas. Ou o factor singular mais relevante. Além de traduzir uma mudança

histórica e de atingir quantitativos inéditos, a emigração será uma das explicações essenciais para o forte crescimento económico por habitante, para a mudança de vida e de trabalho nos campos e para alterações notáveis nas relações laborais e sociais.»⁷

A emigração foi ainda um estímulo indiscutível ao trabalho feminino, condição para a implementação de novas relações na família. Predominavam os valores tradicionais da família nuclear em que as mulheres viviam subordinadas a fortes limitações no exercício de direitos fundamentais. Por exemplo, não podiam votar, dependiam da autorização do marido para obter o passaporte, para abrir uma empresa ou uma conta bancária e até para saírem do país, caso não fossem chefes de família, nem tivessem um curso médio ou superior⁸.

O percurso da modernidade

Com a revolução «dos cravos», em 1974, considerada o eixo central da transformação social, e com a entrada na CEE⁹, em 1986, estão criadas as condições para que a sociedade portuguesa encontre soluções e se liberte do efectivo atraso e da sua imobilidade¹⁰. O rápido percurso de «modernização» vivido pela sociedade portuguesa permitiu que, em três décadas (quando os outros países o fizeram no dobro do tempo), em muitos aspectos, designadamente, sociais, culturais e demográficos, Portugal se assemelhasse aos vizinhos europeus¹¹. Os diferentes indicadores sociais, especialmente os demográficos, passaram rapidamente a apresentar valores iguais ou próximos dos de outros países europeus mais desenvolvidos. No contexto desta «modernização», a sociedade portuguesa aproximou-se dos padrões de desenvolvimento e dos modelos de organização social das sociedades europeias com mais tradições políticas democráticas, mais avançadas económica e tecnologicamente e com mais experiência do Estado-Providência. A este propósito Maria Filomena Mónica¹² refere: «Com a provável excepção da Espanha, nenhum outro país europeu conseguiu liquidar o campesinato, alterar a taxa de fecundidade, mudar os padrões de consumo, diminuir a mortalidade infantil, instaurar o sufrágio universal, transformar as relações Estado-Igreja, criar

uma classe média, abrir as fronteiras a pessoas e bens, escolarizar a população, liquidar um Império, à velocidade a que o fez Portugal.»¹³.

Este país *semiperiférico*¹⁴ da região europeia começa por renegociar a sua posição face ao seu posicionamento mundial. É dentro do contexto do sistema mundial que Portugal se encontra numa posição de transição, condicionado simultaneamente pelos seus vínculos com as suas antigas colónias e com os países mais desenvolvidos. Este estatuto de sociedade de desenvolvimento intermédio, simultaneamente com padrões típicos das sociedades desenvolvidas e complexas e das menos desenvolvidas e menos complexas, surge, no contexto europeu, relativamente aos vários domínios da vida portuguesa, com dificuldades em conseguir igualar-se aos restantes países da Europa desenvolvida. Para Maria Filomena Mónica: «A sociedade portuguesa é altamente heterogénea, não só em termos económicos e sociais, mas também em termos políticos e culturais.»¹⁵. Esta *sociedade semiperiférica* e intermédia em termos de graus de desenvolvimento, com o Estado a assumir diferentes formas políticas para os diferentes domínios da vida, vai gerindo «[...]as tensões existentes entre uma orientação central e uma orientação periférica, entre uma promoção ou a despromoção internacional, entre a integração ou a exclusão social».¹⁶

Uma das transformações estruturais mais marcantes das últimas décadas na sociedade portuguesa foi a generalização da frequência do sistema de ensino. A partir da Revolução de Abril, dá-se no sistema de ensino uma verdadeira ruptura pedagógica, quer com a alteração das estruturas, em todos os graus de ensino, dos conteúdos e das formas de avaliação, quer com o investimento na educação de adultos e nas campanhas de alfabetização. O sistema educativo passou a ter como objectivo acabar com um ensino essencialmente *elitista e clasista*, do passado¹⁷. A política educativa dos anos 50, assente na perspectiva funcional da educação, tinha como objectivo a preparação para o mundo do trabalho. Nesta época, o número de analfabetos em idade escolar, dos 7 aos 11 anos, era de cerca de 20%. E quando esta análise incidia na população jovem e adulta a percentagem aumentava para o dobro (cerca de 40%).¹⁸ A relação crescimento económico/educação comprova que a política do Estado Novo centrava as atenções no ensino técnico, como resposta imediata às necessidades de

uma economia industrializada — sem qualquer investimento concreto no combate ao analfabetismo. A ausência de investimento no sistema escolar gerava uma abundância de mão-de-obra pouco qualificada, deixando para os grupos sociais mais elevados a frequência de níveis superiores. Através de uma *ideologia meritocrática*¹⁹ o sistema educativo favorecia a reprodução das desigualdades sociais.

De forma gradual, a escola do regime democrático, cria condições para que aumente o número total de estudantes que frequentam os diferentes graus de ensino e não só. A obtenção de um diploma escolar, sobretudo superior, foi um factor de mobilidade social intergeracional ascendente²⁰. Através do desenvolvimento de políticas na área da rede escolar e do apoio social, torna-se possível um efectivo cumprimento da escolaridade por parte da população mais carenciada.

Hoje o analfabetismo juvenil terminou, a expansão do sistema escolar alarga-se, pela primeira vez, a todo o território português e estende-se um pouco por todo o mundo. Actualmente, as grandes questões do ensino passam pela reflexão sobre o carácter limitado da «democratização do ensino», com base na distinção entre «massificação» e «democratização». Neste sentido, procura-se que a massificação do ensino funcione como instrumento de redução das desigualdades e de integração social positiva de grupos mais desfavorecidos.

Para além da evolução do sistema de ensino, sucede-se uma variedade de transformações a nível da família. Especificamente, através da diminuição do número de pessoas por agregado (não ultrapassando hoje as 2,8 pessoas), e do declínio do modelo de família alargada tradicional; da quebra contínua da proporção do número de casamentos; do crescimento da proporção de casamentos civis em relação aos religiosos que traduz uma tendência para a laicização do contrato conjugal; do aumento do número de divórcios²¹ e do aumento do número de nascimentos fora do casamento, a sociedade portuguesa vai gradualmente apresentando uma maior fluidez das formas de nupcialidade que se traduzem numa diversificação dos modelos familiares, nomeadamente com a emergência das famílias monoparentais e recompostas²².

A análise de Karin Wall e Sofia Aboim²³ às dinâmicas de *conjugalização*, em Portugal, entre a década de 1991-2001, mostra que

existe um decréscimo significativo da percentagem de agregados de família complexa e conseqüentemente que existe uma maior autonomia dos núcleos conjugais. Existe uma multiplicação do celibato desejado, com um aumento significativo principalmente na população jovem confirmado pela existência de indicadores de *individualização* e de *informalização*, tendências que apresentam diferentes intensidades, de acordo com as diferentes regiões. Por exemplo, nas regiões da Grande Lisboa, da Península de Setúbal e do Algarve, regiões da *vanguarda modernista*, tem-se vindo a reforçar uma linha de continuidade já anteriormente iniciada. As regiões do Grande Porto, do Baixo Mondego, do Pinhal Litoral²⁴, do Oeste, do médio Tejo e da Lezíria do Tejo embora com tendências mais fracas do que as regiões anteriores, apresentam uma maior transformação, com mudanças muito significativas, quando comparadas com as tendências apresentadas na década entre 80 e 90. Nas dinâmicas de *conjugalização*, as regiões do Minho-Lima, Cávado, Baixo-Vouga, Dão-Lafões, Açores e Madeira apresentam um aumento de agregados de família simples (constituída por um casal) unida pelo vínculo legal do casamento e conseqüentemente um decréscimo dos agregados de família complexa — tradicionalmente elevados nestas regiões²⁵. Contrariamente, as regiões do Ave, Tâmega e Entre Douro e Vouga têm vindo a apresentar uma consolidação desta tendência — um processo já iniciado anteriormente.

A acentuação de novas formas de família e da individualização associam-se à progressiva quebra da natalidade e ao aumento de casais sem filhos²⁶. Esta situação apresenta-se como o principal factor de envelhecimento da população portuguesa. Portugal envelhece a um ritmo acelerado desde meados dos anos 90, invertendo a tendência, pois tinha até aí a mais jovem população da Europa.

AS TRANSFORMAÇÕES NA FAMÍLIA foram influenciadas pelo significativo aumento do número de mulheres no mercado de trabalho e o aumento da escolaridade feminina. A presença da mulher no espaço público sofreu grandes alterações. É hoje comum a presença da mulher em todas as profissões — com uma presença maioritária em alguns sectores da administração pública (especificamente em serviços de

educação e saúde). Da mesma forma, a sua presença é hoje igualmente maioritária na frequência das universidades²⁷.

Estas mudanças e a própria evolução cultural têm permitido um maior equilíbrio entre a distribuição sexista de poderes. Nomeadamente, em relação ao projecto conjugal, este passa a assentar na realização afectiva e igualitária da relação, privilegiando o companheirismo, a igualdade de papéis de género e a coabitação como forma de assegurar a autonomia individual²⁸.

Apesar dos comportamentos da sociedade portuguesa acompanharem o desenvolvimento da modernidade, algumas transformações decorrem de forma lenta. Nomeadamente, o que diz respeito aos laços conjugais institucionais e aos papéis de género. Por exemplo, as assimetrias significativas de género estão presentes nas trajectórias profissionais: são os homens que trabalham sempre a tempo inteiro e raramente interrompem a vida profissional e, pelo contrário, são muitas as mulheres que apresentam trajectórias alternadas no mercado de trabalho exercendo um trabalho a tempo parcial ou doméstico²⁹. A este propósito Karin Wall refere: «[...] podemos talvez concluir que se observa, nas famílias portuguesas do fim do século XX, uma combinação específica de movimentos: ao lado de um movimento marcado de privatização, de um movimento de alguma *individualização* e de mudanças lentas e graduais nos papéis de género, regista-se uma continuada aproximação ao 'casamento', ou seja, uma vontade, bastante expressiva, de uma conjugalidade vivida ao abrigo de uma instituição reconhecida e legitimada, embora nela pesem os afectos e um ideário fusional e de igualdade que reúne a maioria das aspirações.»³⁰

Foi este o contexto de mudança, de um ambiente repressivo, social e familiar, para um ambiente de abertura, que enquadrou a socialização dos jovens de hoje.

Os percursos da sexualidade e da educação sexual

— revisão da legislação

A acompanhar mudanças no sentido da fluidez de valores, a legislação portuguesa abre as portas a uma ideologia sexual menos puritana.

Ainda durante o Estado Novo, em Janeiro de 1971, o então ministro da Educação Veiga Simão criou, por despacho, uma comissão, para o estudo da educação e sexualidade, com elementos que surgiam do seio da Igreja Católica, com profissionais de saúde, saúde escolar e professores. Esta Comissão elaborou um texto com o objectivo de servir de base às futuras recomendações. Apesar de o texto não ter sido concluído, dado que entretanto a comissão foi interrompida, ainda hoje este texto surpreende pela coragem e pela actualidade³¹. Por exemplo, o texto propunha: «[...] uma compreensão alargada do conceito de sexualidade, não a reduzindo aos comportamentos genitais, e que afecta 'o estar no mundo enquanto homem ou mulher'; Considera que a sexualidade não pode ser vista de uma forma estática, mas dinâmica e culturalmente modelada; Afirma que na compreensão da sexualidade humana têm ainda particular importância dimensões como o desejo, a abertura à comunicação com outrem e que é experimentada como fonte de prazer e como forma privilegiada de expressões do amor.»³²

Na década posterior à revolução de Abril, emerge um conjunto de novos espaços de expressão e de participação onde surgem debates ideológicos, principalmente desencadeados por organizações feministas e pela Associação para o Planeamento da Família (APF), que defendiam o direito à contracepção, à legalização da interrupção da gravidez e à igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

Na década de 80, é aprovada a Lei nº3/84³³ que vai estabelecer a garantia do Estado ao direito à educação sexual, como componente de direito fundamental à educação. O Artº 2º determina que os programas escolares incluam, de acordo com os diferentes níveis de ensino, conhecimentos científicos sobre Anatomia, Fisiologia, Genética e sexualidade humana, estabelecendo ainda que seja evitada a discriminação de funções entre mulher e homem. Esta Lei, que carecia de regulamentação num prazo de 6 meses, nunca veio a ser regulamentada relativamente à educação sexual escolar. No entanto, a Portaria nº52/85³⁴ que regulamentou a parte da Lei no referente ao planeamento familiar, revogou qualquer norma proibitiva ou restritiva do acesso dos jovens às consultas de planeamento familiar.

Neste período, como acontecia um pouco por toda a Europa, a crescente consciencialização da «ameaça» da SIDA seria determi-

nante para que alguns dos valores menos permissivos fossem recolocados. O avanço da epidemia foi determinante para que fossem criadas políticas de combate à doença. Nesse sentido, o Ministério da Saúde criou, em 1985, o Grupo de Trabalho da Sida que tinha como objectivos recolher informação sobre novos casos de infecção pelo VIH/sida e implementar estratégias, a nível nacional, de prevenção da infecção. Em 1990, foi criada uma nova estrutura de combate à Sida, designada por Comissão Nacional de Luta contra a SIDA (CNLCS). Após várias reestruturações orgânicas, a CNLCS foi integrada³⁵ no Alto Comissariado da Saúde³⁶. A partir do Plano Nacional de Saúde 2004-2010, foi atribuído um especial enfoque ao Programa Nacional de Prevenção da Infecção VIH/sida³⁷, tendo por objectivos: assegurar o conhecimento da dinâmica populacional da Infecção VIH/sida; promover a produção sistemática de indicadores; promover o conhecimento e a evolução dos determinantes dos comportamentos associados ao risco da Infecção VIH/sida; promover a adopção generalizada de práticas clínica e terapêutica — assegurando um acesso equitativo aos cuidados — e promover a análise de tendências por forma a elaborar cenários prospectivos.

Também através do «Programa de Promoção e Educação para a Saúde» (PPES), foi possível perceber a implementação de acções de promoção/educação da saúde, nomeadamente direccionadas para a prevenção do VIH/Sida e da toxicodependência (e promoção de competências sociais). Com o desenvolvimento do PPES, e mais tarde, em 1999, com a criação da Comissão de Coordenação da Promoção e Educação para a Saúde (CCPES), consolidam-se algumas das iniciativas anteriores, nomeadamente, através do acompanhamento e formação de professores, da formação inter-pares e da promoção e divulgação de materiais específicos. A Lei 120/99³⁸ e o Decreto-Lei n.º 259/2000³⁹ criaram a possibilidade de inclusão no projecto educativo escolar de uma componente de educação sexual. Para dar cumprimento à legislação, o governo encetou protocolos com diversas associações: a Associação para o Planeamento da Família, o Movimento de Defesa da Vida e a Fundação Comunidade Contra a Sida.



ATRAVÉS DA RESOLUÇÃO N.º 57/2002⁴⁰, de 17 de Outubro, a Assembleia da República determinou a avaliação da eficácia e a verificação do estado actual de cumprimento de diplomas relacionados, nomeadamente, com a educação sexual e planeamento familiar, a exclusão da ilicitude em alguns casos de interrupção voluntária da gravidez, a saúde reprodutiva e a contracepção de emergência. A Assembleia da República determina ainda o apuramento, designadamente, do estado do planeamento familiar, das instituições envolvidas na promoção do planeamento familiar e educação sexual, da capacidade de atendimento da rede social e da situação da educação sexual nas escolas, bem como de variados aspectos ligados à realidade do aborto em Portugal.

Em 2005, o Ministério da Educação, através do Despacho n.º 19737/2005⁴¹, criou um Grupo de Trabalho de Educação Sexual/Saúde (GTES), coordenado por Daniel Sampaio⁴². No relatório final deste grupo⁴³, apresentado em Setembro de 2007, é reafirmada a importância da promoção e da educação sexual nas escolas. Como tal, é proposto um programa mínimo e obrigatório de educação sexual para todos os alunos, de acordo com a respectiva fase de estudos. Nesta proposta, o GTES, entende que apesar da educação sexual em meio escolar ser imprescindível na nossa realidade social, esta não deve ser isolada de um conjunto mais amplo do saber, nomeadamente na promoção e educação para a saúde. Ainda de acordo com o GTES, todas as acções de educação sexual devem ser pensadas em parceria de envolvimento efectivo da sociedade civil.

A 6 de Agosto de 2009, a Assembleia da República decreta, através da Lei n.º 60/2009⁴⁴, que todos os estabelecimentos do ensino básico e secundário, da rede pública, privada e cooperativa, estabeleçam e apliquem o regime de educação sexual. A presente lei, que entrou em vigor no ano lectivo 2009-2010, estabelece que no ensino básico, no ensino secundário e no ensino profissional, a educação sexual passe a estar integrada no âmbito da educação para a saúde, nas áreas curriculares não disciplinares, nos termos a regulamentar pelo Governo. Delibera ainda que os agrupamentos de escolas, e escolas não agrupadas, do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário devem disponibilizar aos alunos um gabinete de informação e

apoio no âmbito da educação para a saúde e educação sexual. Determina igualmente que, no âmbito do projecto educativo de escola, a educação sexual seja objecto de inclusão obrigatória, nos moldes definidos pelo respectivo conselho geral, ouvidas as associações de estudantes, as associações de pais e os professores. A partir do projecto de educação sexual na turma, a presente lei estabelece que o director de turma, o professor responsável pela educação para a saúde e educação sexual, bem como todos os demais professores da turma devem ser envolvidos na educação sexual no âmbito da transversalidade. A 9 de Abril de 2010, a Portaria n.º 196-A/2010⁴⁵ procede à regulamentação da Lei n.º 60/2009, de 6 de Agosto, nas matérias e nos termos nela previstos.

A Lei n.º 12/2001⁴⁶, de 29 de Maio, regulou a contracepção de emergência, permitindo à mulher optar por esta pílula anticoncepcional de emergência (nas primeiras 72 horas) após uma relação sexual não protegida, não consentida ou não eficazmente protegida por qualquer outro meio anticoncepcional regular.

Relativamente ao aborto, no início dos anos 80, foram vários os projectos de lei que propuseram a sua despenalização. Em 1984, a Lei n.º 6/84⁴⁷, de 11 de Maio, veio considerar não punível o aborto: quando efectuado por médico ou estabelecimento de saúde oficial, com o consentimento da mulher; quando constitua o único meio de remover perigo de morte ou de grave e irreversível lesão para o corpo ou para a saúde física ou psíquica da mulher grávida ou em circunstâncias que mostrem que a gravidez resultou de violação da mulher (interrupção realizada nas primeiras 12 semanas de gravidez) e quando o nascituro venha a sofrer, de forma incurável, de grave doença ou mal formação (interrupção realizada nas primeiras 16 semanas de gravidez). Em 1997, após a revisão do art.º 142º do Código Penal⁴⁸, a legislação passa a considerar não punível o aborto: quando permanecerem seguros motivos de que o nascituro virá a sofrer, de forma incurável, de doença grave ou malformação congénita (interrupção realizada nas primeiras 24 semanas de gravidez) e quando a gravidez tenha resultado de crime contra a liberdade e autodeterminação sexual (interrupção realizada nas primeiras 16 semanas de gravidez). Em 1998, em debate parlamentar, é aprovado um projecto de lei de

despenalização do aborto, que previa o aborto, a pedido da mulher, até às doze semanas. No entanto, esta aprovação seria revogada em consequência da derrota do Sim no referendo realizado.

O referendo de 11 de Fevereiro de 2007 abriu caminho à alteração da lei. Assim, através da Lei nº16/2007⁴⁹, de 17 de Abril (nas mesmas condições anteriormente autorizadas) a interrupção da gravidez deixa de ser punível quando realizada por opção da mulher e após um período de reflexão não inferior a 3 dias, a contar da data da realização da primeira consulta (interrupção realizada nas primeiras 10 semanas de gravidez).

A 31 de Maio de 2010, é apresentada em diário da República a Lei n.º 9/2010, que permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, o artigo 3º refere que: «As alterações introduzidas pela presente lei não implicam a admissibilidade legal da adopção, em qualquer das suas modalidades, por pessoas casadas com cônjuge do mesmo sexo.»

As sucessivas orientações e legislações têm desenvolvido uma concepção de sexualidade associada à implementação de intervenções preventivas globais, através da promoção de competências pessoais e sociais para a saúde e o bem-estar. Têm vindo a contribuir para a alteração do panorama de representações, valores e práticas relativas a uma multiplicidade de questões associadas à sexualidade. Em suma, podemos afirmar que, em Portugal, a sexualidade é, hoje, um assunto do domínio público fundamentado por discursos enquadradores.

As alterações na condição juvenil e na sexualidade

— estudos empíricos

Durante aproximadamente quatro décadas, as imagens e os valores dos jovens portugueses, bem como a sua condição perante a sexualidade, sofreram, grandes alterações.

SE NOS REPORTARMOS AOS JOVENS DO PÓS-25 DE ABRIL, percebemos que viveram tempos de euforia revolucionária, contestando a ordem triangular salazarista: «Pátria, família e autoridade». Uma⁵⁰ referência

à sondagem, efectuada em 1977, mostra que os interesses dos jovens de então passavam pela política, pelo convívio e pela literatura. Relativamente aos problemas, o mesmo estudo indica que os jovens se preocupavam com o desemprego, a droga, a falta de saídas profissionais, a delinquência e a falta de recursos económicos.

Os jovens⁵¹ da pós-revolução contestam os limites das relações amorosas e sexuais que até então assentavam no namoro, no noivado e no casamento. Emergem movimentos de procura de informação e de intensa aprendizagem do comportamento amoroso e sexual, com o aparecimento de novos valores. Contestam a forma de entendimento diferenciada da iniciação sexual entre mulheres e homens, dado que para as mulheres era esperado que casassem virgens ou seja, que iniciassem a sexualidade com o marido (os homens não eram alvo das mesmas exigências, por isso era frequente terem relações pré-matrimoniais — frequentemente iniciavam a sua actividade sexual com prostitutas).

Estes eram os jovens que rejeitavam as gravatas e se vestiam, preferencialmente, de ganga. Os temas tabu do salazarismo, os da sexualidade entre outros, são confrontados por cada pessoa, em espaços privados e públicos. Revistas, livros e filmes invadem as ruas dos grandes centros urbanos com o tom fortemente marcado na provocação erótico-pornográfica. Filmes como *O Último Tango em Paris* ou *O Império dos Sentidos*, ou então o já clássico porno *Garganta Funda*, invadem as salas de cinema⁵².

Durante a década de 70, a juventude é encarada como «problema», em resultado da crise económica. Como refere José Machado Pais⁵³ a juventude quase se transformou numa *categoria económica*. «Falar de jovens passou a significar falar de crise económica e dos problemas daí derivados: o aumento dos custos sociais do desemprego; o desfazamento crescente entre, por um lado, o desenvolvimento tecnológico e, por outro lado, a desqualificação escolar de significativas camadas juvenis; mas também problemas sociopolíticos já que longos períodos de desemprego poderiam originar descontentamentos e estar na base de comportamentos 'agressivos' ou 'delinquentes' entre alguns jovens.»⁵⁴

Nos anos 80, a política deixa de ser vivida com o entusiasmo da década precedente. Os jovens manifestam-se em relação à política de

forma desinteressada, canalizando toda a sua atenção para o convívio da noite nas cidades, para o desporto, entre outros — as discotecas e os bares tornam-se lugares muito frequentados. Relativamente ao vestuário, e apesar de a ganga não ter deixado os guarda-roupas, volta a surgir a moda da camisa e da gravata e as mulheres aparecem vestidas com mais requinte⁵⁵. Em meados dos anos 80, surgem os *jovens pós-modernos*. «Evidenciam-se pelas cores negras do vestuário e pelo perfil longilíneo, depurado e elegante, bem diferente do 'desleixo *engagé*' dos anos da revolução. A abertura de bares emblemáticos, como o Frágil, em Lisboa, apela para um outro estilo de convivência entre as pessoas, marcado por músicas de vanguarda, sem qualquer conotação política, para uma reflexão mais activa em torno dos trilhos do ego, do ser e da existência.»⁵⁶ O consumismo e o lazer fazem parte do quotidiano dos jovens, com o aparecimento de uma variedade de produtos de consumo a eles dirigidos (roupa e calçado desportivos, refrigerantes, etc.)

Os meios de comunicação social avançam com uma publicidade agressiva influenciando os comportamentos de uma sociedade que se volta para os valores de consumo. Valores como a beleza e a juventude são exaltados — nomeadamente, a mulher deixa-se influenciar pelas mensagens sedutoras e impulsionadoras da eterna juventude. «A beleza e a juventude são cultivadas até à exaustão e as pessoas ressentem-se desta mitologia de fim de século. Passar os 40 anos é enfrentar o receio de entrar na andropausa ou na menopausa.»⁵⁷ Por exemplo, Luísa Schmidt, numa análise dos discursos normativos instituídos pela publicidade televisiva portuguesa, entre 1974 e 1984, mostra algumas transformações das mensagens da publicidade em relação ao papel de género. No período imediatamente após a revolução, o papel de género estava muito centrado no papel activo dos rapazes. Contrariamente, as mensagens que passavam em relação às raparigas exibiam um feminino inseguro (inseguras perante si próprias, em relação ao seu corpo e perante o 'outro', o masculino). Nas décadas seguintes, as mensagens publicitárias evoluem no sentido inverso: o jovem rapaz passa a estar representado através de papéis subalternos, manifestando sinais de insegurança. Em meados dos anos 80, os *spots* publicitários registam uma progressiva atenção à

imagem do corpo feminino, e especificamente à sua valorização — valorizam a mulher-corpo e a sua representação aparece associada à iniciativa e ao sucesso⁵⁸.

A cura de doenças perigosas torna-se uma das preocupações dos jovens dos anos 90. A ameaça da SIDA é sentida como assustadora para os jovens desta década⁵⁹. Paralelamente outras preocupações, centradas num entendimento de sociedade global, de desenvolvimento social e humanitário ganham uma maior expressão. O estudo *Valores e Gerações anos 80 anos 90*⁶⁰ mostra que os jovens apontam como grandes objectivos dos próximos 20 anos: o fim da fome e da guerra; a igualdade de direitos entre os povos e preocupam-se com os malefícios da poluição.

Em relação a domínios da sexualidade e do relacionamento, como por exemplo, a vida sexual pré-matrimonial e os objectivos do casamento registam-se alterações de valores. Relativamente aos valores inerentes à sexualidade feminina, o mesmo estudo⁶¹ mostra mudanças na geração do final do século XX. Por exemplo, a percentagem de jovens dos anos 80 e 90 que consideram as relações sexuais das raparigas como *repreensíveis ou perigosas* é muito menor (18%) quando comparada com a percentagem da geração de 70 (80%). Um outro exemplo retirado deste estudo aborda a maior permissividade, na década de 80, em relação à sexualidade pré-conjugal não só entre os jovens, mas também por parte dos progenitores (do pai, concretamente) em relação aos rapazes. E, dez anos depois, o perfil das respostas dos pais e mães deixa perceber uma maior permissividade em relação à sexualidade pré-conjugal das raparigas.

No entanto num estudo⁶² realizado em meados dos anos 80⁶³ a jovens universitários, surgem resultados que apontam para a permanência do duplo padrão. Por exemplo, do seu universo, os jovens que referiram nunca ter tido relações sexuais coitais (50,9%) mais de metade (58,9%) são raparigas. Eram elas que recusavam mais do que os rapazes a intimidade física nos primeiros encontros e mostravam-se mais *tolerantes* na escolha do parceiro. Acresce ainda que o primeiro coito envolvia, com frequência, um parceiro mais velho e este era conhecedor da sua virgindade (os rapazes escolhiam preferencialmente raparigas virgens). Em relação aos pais destes jovens eram elas

que mais frequentemente tinham a ideia de que os pais só aprovariam que tivessem relações sexuais depois do casamento. Destes jovens, 50% considerava-se *completamente ou bastante* em conflito com o sistema de valores dos pais. Este estudo refere ainda que raramente os pais eram referidos como principal fonte de informação sexual, em detrimento dos livros.

Em relação aos objectivos do casamento, conclui-se⁶⁴ que das gerações de 60 para as de 80 e 90 se deu uma progressiva perda de importância dos propósitos «procriação e educação dos filhos» e uma expressiva selecção da opção cujos propósitos passam pela «realização humana dos cônjuges» e o «auxílio mútuo entre os esposos». Em relação à opção pela vida conjugal através do casamento *A Sociologia do Casamento* de Anália Torres, tendo por base os censos de 1991, mostra que um número significativo de jovens opta pelo casamento (por exemplo, entre os 20 e os 24 anos 2,4% viviam em coabitação e 24,9% estavam casados e entre os 25 e os 29 anos 3,7% coabitavam e 60,7% estavam casados). No entanto, a autora refere que os jovens têm uma visão desinstitucionalizada e não exclusivamente romântica do casamento. Para tanto, Anália Torres baseia-se nos resultados de estudos, realizados em meados dos anos 90⁶⁵, que mostram que tendencialmente os jovens portugueses têm uma imagem do casamento bastante compósita. Em síntese «[...] trata-se predominantemente de visões processualistas, desinstitucionalizadas, laicas, relacionais e simétricas do casamento.»⁶⁶ Na obra *Jovens Portugueses de Hoje*⁶⁷ evidencia-se uma efectiva disposição para a matrimonialidade com a maioria dos jovens a manifestar intenção e desejo de viver com um cônjuge e casar. Para o autor, em relação ao casamento, os jovens portugueses não têm hoje uma atitude de indecisão, que é sentida apenas na situação de namoro e de coabitação informal «[...] essas sim, caracterizadas por um 'princípio de reversibilidade', consubstanciado numa 'ética de experimentação', particularmente no domínio da sexualidade [...]»⁶⁸

Ou seja, pensar a sexualidade, o namoro e o casamento como factos socialmente condicionados permite-nos perceber por que razão nem todos os jovens adoptam o mesmo tipo de comportamento, nomeadamente quando existem diferenças comportamentais e de atitude em função do sexo ou da filiação ideológica e religiosa, que aparecem

como elementos de forte regulação do comportamento juvenil⁶⁹. Mas, no conjunto, apesar das diferenças de género, político-ideológicas e de religião, os jovens portugueses vivem a sexualidade de forma mais liberal do que as gerações anteriores, numa ética a que José Machado Pais se refere como *experimentalista*.

A idade da primeira relação sexual/coital tem vindo a baixar⁷⁰. Dados do Instituto Nacional de Estatística, de 1997, referem que a média da idade da primeira relação sexual/coital nas mulheres é de 20,6 anos e de 17,4 anos para os homens. A mesma fonte demonstra que, ao longo das várias gerações, estes valores, entre os dois sexos, têm vindo a aproximar-se, com um decréscimo de 1,7 anos por parte das raparigas. Nesse sentido, verificamos que, no caso das jovens, a idade média da primeira relação sexual/coital é 19,8 para o grupo etário 20-24 anos e é 21,5 anos para o grupo etário 45-49 anos. Um outro estudo com jovens universitários revela que a taxa de virgindade acima dos 18 anos é sempre menor nos rapazes do que nas jovens raparigas⁷¹.

Os jovens portugueses contemporâneos têm a primeira relação sexual/coital fora da instituição casamento ou mesmo da co-residência do casal — relativamente às raparigas a iniciação sexual acontece, quase sempre, num contexto de namoro⁷². Assim, de uma maneira geral, a prática de uma sexualidade pré-matrimonial é bem aceite, encontra-se orientada para o prazer e, normalmente, é vivida num contexto de relação emocional duradoira⁷³.

Um factor de interferência nas experiências e nas atitudes dos jovens em relação à sexualidade tem a ver com as opções político-ideológicas. A este propósito, a obra de Valentim Alferes conclui que os jovens universitários de direita são os menos permissivos e são também os que referem ter menos parceiros. Nas respostas destes jovens está presente uma ética conservadora ou puritana, revelando padrões comportamentais e atitudes menos permissivos.

No caso dos jovens agnósticos ou ateus, o sentido das respostas revela um entendimento da sexualidade mais hedonista. A sociedade católica assume uma posição repressiva sobre as práticas sexuais fora do matrimónio, embora, na prática, os jovens católicos, especificamente os não praticantes, procurem ultrapassar os mecanismos de

censura. «[...] A Igreja prescreve ao sexo uma ordem que, por sua vez, funciona como forma de inteligibilidade da sexualidade. Quando os mecanismos de censura actuam sobre o ilícito, poderão estar, ao mesmo tempo, a contribuir para a sua explicitação, para a sua divulgação.»⁷⁴ Segundo o autor, a maioria dos jovens católicos encara a sexualidade no contexto de uma relação duradoura, ou seja institucionalizada através do casamento (católico)⁷⁵. Valentim Alferes mostrou, na referida obra, que existe um distanciamento na forma de entendimento entre os católicos praticantes e os restantes sujeitos. Especificamente, no que se refere às atitudes face ao sexo ocasional, os resultados do estudo mostram que a permissividade é mais comum nas mulheres que não afirmam qualquer religiosidade. Também nos *Jovens Portugueses de Hoje* fica patente que os jovens sem religião são os que mais afirmam terem-se iniciado sexualmente com parceiro que já tinha tido relações sexuais.

Ainda em relação às práticas e representações da sexualidade, a mesma obra refere que se mantém o *duplo-padrão* de género sexual, embora hoje mais atenuado. O autor refere que o sexo masculino mantém uma sexualidade compulsiva, sob a ideologia da dominação⁷⁶. Existe na sexualidade dos rapazes uma tendência para a sexualidade periódica (fálica e orgástica) — também designada por *sexualidade compulsiva*⁷⁷. O autor conclui ainda que, nas mulheres, apesar de persistir uma sexualidade mais constrangida e dominada, existe a possibilidade legitimada de uma sexualidade juvenil pré-matrimonial.

Na obra de Valentim Alferes, quando comparadas as respostas dadas pelos rapazes e pelas raparigas, constata-se que os rapazes universitários afirmam ter tido mais parceiros sexuais, masturbam-se mais e têm mais experiência do orgasmo. As raparigas apresentam uma sexualidade coagida e dominada, embora comecem a contrariar estas tendências. O autor conclui que, de uma maneira geral, os jovens referem que os principais motivos para terem relações sexuais passam pela paixão e pela proximidade emocional.

Um estudo desenvolvido numa favela do Rio de Janeiro, em 1999, chega a conclusões semelhantes. A investigação demonstra que existem práticas e valores diferenciados por género. Por exemplo, as jovens entrevistadas apresentam mecanismos de controlo da conduta

sexual feminina — entre eles a valorização da virgindade. Contrariamente, quando se referem à sexualidade masculina, esta aparece imediatamente relacionada com a virilidade — expressa através da tomada de iniciativa, da sedução e da dominação⁷⁸.

Em relação aos métodos contraceptivos, a idade do primeiro uso de contraceção tem vindo a diminuir⁷⁹. No entanto e apesar de a utilização de métodos contraceptivos estar mais difundida pelos jovens portugueses do que no passado, ainda se verifica a falta de informação sobre os métodos contraceptivos disponíveis. O relatório de 2005 da Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução⁸⁰ conclui que são as mulheres mais jovens, dos 15-19 anos, que mais afirmam não estarem suficientemente informadas (24,9%). Este relatório mostra ainda que, nesse grupo, cerca de metade das jovens inquiridas (de um total de 736) refere já ter tido, pelo menos, uma relação sexual. Os dados deste relatório indicam também que são as jovens que têm relações sexuais as que mais utilizam os métodos contraceptivos. Este facto distancia-se da análise realizada por Júlio Machado Vaz que no seu estudo (com jovens universitários — em meados dos anos 80) mostra ser visível o fraco recurso aos métodos contraceptivos, associado ao sentido de culpa. O autor refere «[...] as mulheres com altos níveis de culpa sexual tendiam a utilizar menos e mais tarde os anticoncepcionais, [...] Berger (1985) ia ao ponto de dizer que a própria aquisição de conhecimentos relativos à contraceção era menor nos indivíduos apresentando níveis altos de culpa sexual.»⁸¹

INFORMAÇÕES RECENTES MOSTRAM que o método contraceptivo mais usado continua a ser a pílula⁸². O relatório de 2005 da Sociedade Portuguesa de Ginecologia e da Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução⁸³ refere que é no grupo das raparigas mais jovens, que o preservativo é referido como o método mais utilizado — foi referido por 55,1% das inquiridas. Ana Nunes de Almeida refere ainda em *Fecundidade e Contraceção* que, apesar da multiplicação de acções (in)formativas sobre a gravidez na adolescência ou sobre a VIH/sida, a maioria das jovens, entre 15-24 anos, inicia a sua sexualidade activa num quadro de risco (sem recurso a preservativo e/ou a pílula).

De uma forma geral, a sexualidade hoje deixou de ser encarada (quase) apenas do ponto de vista de relação coital e passou a ser entendida como uma relação global entre duas pessoas. Isso afirma José Machado Pais a propósito dos jovens casais. Também Valentim Alferes encontrou, no seu estudo aos universitários, uma sexualidade descentrada da genitalidade.

Assim, podemos considerar que a sexualidade dos jovens portugueses está cada da vez mais descentrada das necessidades reprodutivas e do casamento, ou seja, apresenta-se como uma *sexualidade plástica*⁸⁴ ou *plasticizada*⁸⁵. Nesse sentido, existe uma autonomização da sexualidade, que, apesar de poder ser integrada num projecto de casamento ou de namoro, é valorizada por si mesma.⁸⁶

II PARTE

CAPÍTULO 5

A sexualidade dos jovens como objecto de estudo

NUMA SOCIEDADE em que à socialização primária (no contexto da família) se acrescenta uma poderosa socialização secundária (no contexto do espaço público), em que a multiplicidade de propostas abre um vasto leque de possibilidades de escolha, pretendemos perceber como se desenvolve a relação dos jovens com a sua sexualidade.

No contexto da sociedade portuguesa, que enquadra este estudo, é possível perceber complexidades da sexualidade juvenil, relacionadas com a característica de *sociedade semiperiférica*¹ simultaneamente com padrões típicos das sociedades desenvolvidas e complexas e das menos desenvolvidas e menos complexas.

Integrada numa lógica subjectiva, a sexualidade, aparece incrustada a valores, a símbolos e a significados que ultrapassam a lógica da racionalidade científica. Nesse sentido, com este estudo de cariz exploratório, impõe-se conhecer como os jovens conciliam o condicionamento das práticas do quotidiano com as biografias sexuais. Ou seja, perceber que opções e que lógicas evidenciam. Enquadrados nos diferentes processos de inserção social e em quotidianos juvenis onde surgem e circulam uma multiplicidade de mensagens (mais informativas umas, mais moralistas outras, normativas ou indutoras de adesão hedonista, etc.), interessa, ainda, perceber como os jovens assimilam a informação que circula nos espaços públicos (comunicação

social, comércio/consumo, escola, sistema de saúde, etc.) do ponto de vista da negociação íntima que fazem entre a informação de tipo científico, a informação de sedução para consumo de produtos sexuais e a informação transmitida no espaço da família. Essa multiplicidade não só demarca as trajetórias sexuais juvenis como lhes configura os contornos culturais. Tendo em vista este complexo cenário, e tal como já foi referido no início deste livro, procuro perceber: em que medida são os jovens hoje distintos dos do passado? Pelos valores que afirmam? Pelas representações em que assentam? Pelos ideais para que apontam? Pelas práticas que realizam?

A COMPREENSÃO QUE BUSCAMOS pretende situar a evolução do pensamento juvenil sobre a sexualidade. Sem ter como propósito unicamente a comparação de práticas, atitudes e opiniões, o que procuro perceber é a construção da identidade sexual no sentido de consciência de autoconstrução dos processos da sua afirmação com sentido de autonomia. Assim sendo, interessa-me perceber como se desenvolve a relação dos jovens com a sua sexualidade, procurando entender a sexualidade experienciada, através dos percursos de socialização, modelos, orientações e lógicas relacionais/sexuais.

A definição da estratégia metodológica²

O enquadramento da pesquisa numa metodologia qualitativa é a opção que permite desenvolver o aprofundamento necessário para um entendimento de uma realidade socialmente construída e interpretada — no caso específico, pelos jovens, e pelo investigador, na sua relação com o objecto. Tendo por base esta opção qualitativa, afastamo-nos de um propósito de objectividade subjacente aos princípios do método experimental da perfeição das medidas e da quantificação das respostas, conduzindo a conclusões gerais consideradas representativas do conjunto da população. Nesse sentido, reitero a ideia de que esta investigação assume um cariz exploratório relativo ao grupo de sujeitos a que diz respeito. A sua representatividade não é estatística, mas de significado contextualizado

quanto à posição no mundo que esses sujeitos ocupam e, de certa forma, representam.

Adoptando o sentido qualitativo, o método de pesquisa empírico recaiu na técnica metodológica teoricamente desenvolvida sob a designação de: — *focus group*; *grupos focais* ou *grupos de discussão*. A designação utilizada foi a de «grupos de discussão». No entanto, independentemente da sua denominação o que procurei realçar foram os domínios que lhe conferem um carácter muito específico. A opção pelo grupo de discussão, enquanto técnica de investigação social, está subjacente ao seu cariz de comunicação interactiva. Com isto, procurei, tal como vários autores defendem, que as interacções no grupo facilitassem a compreensão das diferentes vivências, percepções e racionalidades³.

ESTA TÉCNICA APRESENTA-SE como bastante apropriada para obter informações em profundidade (percepções e sentimentos, representações e atitudes) sobre um tema cujo debate coloquial sofre da herança tradicional de condenação. Assim, e dada a natureza indutiva da investigação, com grupos de discussão, é possível ao investigador ter uma ideia mais clara de como é percebido o tema através da interacção entre os participantes. Nomeadamente, porque o grupo permite que as respostas e as intervenções surjam como reacções às respostas ou intervenções dos outros elementos. Nesse sentido, é possível aos participantes interagirem entre si, desenvolverem entendimentos e significados, envolverem-se em acções conjuntas e responderem uns aos outros, ou seja, organizarem-se em função da dinâmica implementada. O «efeito da sinergia», provocada pelo próprio cenário grupal resulta na produção de informação — informação essa que, tal como defendem certos autores pode, por exemplo, não ser produzida através da entrevista individual. Em suma, o grupo de discussão torna-se a escolha adequada para esta investigação, dado que permite testar as hipóteses levantadas e perceber as diferentes formas como os distintos pontos de vista são pensados através da interacção e da força com que algumas questões são defendidas. Por forma a otimizar a discussão, foi minha intenção procurar que os jovens exprimissem a sua própria realidade, através da sua linguagem, deixando emergir

as características conceptuais — enquadradas nos campos de referência. Desta forma, é possível conhecer as experiências pessoais, crenças, atitudes e sentimentos, muitas vezes apresentados de forma latente através dos diferentes procedimentos. Através da discussão em grupo é possível aceder a uma dimensão social, ou seja, o acesso ao universo de significados partilhados pelos jovens permite mostrar a dimensão social e cultural do colectivo.

Esta opção metodológica tem sido frequentemente utilizada para estudar uma extensa variedade de questões relacionadas com diferentes temáticas inerentes à sexualidade, como por exemplo: a comunicação sexual, a agressão sexual, a sexualidade de risco, a avaliação da educação sexual, as atitudes em relação à contracepção e a percepção dos sentimentos face ao teste VIH/Sida e ao uso do preservativo⁴. Os benefícios desta opção técnica para o estudo da sexualidade passam pela criação de condições para um maior conforto na apresentação e discussão das experiências sexuais. Isto porque, falar abertamente sobre sexo ou sobre a nossa sexualidade, não é uma situação fácil ou confortável, para a grande maioria das pessoas. Este tema, sentido como tabu torna-se pois uma questão difícil de ser verbalizada — mais ainda quando temos à nossa frente um desconhecido. A partilha de experiências pode fazer com que mais facilmente os participantes exponham os seus medos e as suas experiências sexuais socialmente censuradas. Assim, através da discussão, os participantes sentem-se mais seguros na companhia de outros elementos que partilham as mesmas experiências. Ou seja, o grupo de discussão, enquanto forma de recolha de informação, põe-nos em contacto com a realidade mediatizada pelo indivíduo e pela interacção com os outros indivíduos e estas condições distinguem-no das outras metodologias qualitativas.⁵

A constituição da amostra⁶

Criei um total de 7 grupos de discussão em que um grupo foi experimental e os restantes 6 fazem parte da amostra. No total, fazem parte da amostra 54 jovens (27 raparigas e 27 rapazes), entre os 17 e 25

anos de idade; todos residentes no distrito do Porto⁷; repartidos por 3 subgrupos de jovens pré-universitários, universitários ou licenciados e por 3 subgrupos de jovens que frequentam cursos profissionais do Ministério da Educação e do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social — com habilitações académicas não superiores ao 9º ano de escolaridade.

COM O GRUPO EXPERIMENTAL, foi possível um primeiro contacto e familiarização com a realidade empírica. Nesse sentido, foi possível testar a conversação/participação/motivação dos jovens em grupo e aferir aspectos logísticos quer em relação ao espaço de discussão (que deve ter lugar num meio facilitador), quer em relação aos meios técnicos mais adequados para a realização do registo da informação. Neste grupo experimental, foram utilizadas outras formas de gravação (só de registo áudio e registo de áudio e imagem). A partir desta experiência concluí que, relativamente à forma de gravação só de registo áudio para além de a qualidade do som não ter sido a melhor (emitindo muito ruído, dificultando a compreensão da mensagem), acresce o facto de a ausência de imagem dificultar a identificação das vozes. Assim sendo, concluí que a melhor forma de recolha da informação seria através do registo em vídeo.

Durante toda a etapa de construção metodológica, tive oportunidade de implementar várias conversas com peritos nacionais e internacionais⁸ sobre as problemáticas essenciais do trabalho, que se revelaram muito importantes para a delimitação do objecto de estudo, a auscultação de pistas de pesquisa, a recolha de perspectivas teóricas relevantes, a orientação da pesquisa bibliográfica e ainda a definição da estratégia metodológica a adoptar, incluindo as técnicas a accionar e o tipo de abordagem do terreno. Durante este período participei ainda em seminários mensais, com investigadores de diferentes áreas das Ciências Sociais, o que me permitiu discutir e reflectir sobre os diferentes quadros conceptuais e metodológicos da área das Ciências Sociais, em geral, e da Sociologia e Sociologia da Saúde, em particular.

A construção da amostra e dos respectivos grupos de discussão teve por base quatro critérios: idade, sexo, nível de escolaridade e residência. A constituição dos grupos foi feita de duas formas diferentes.

Por um lado, formei 6 grupos em que já existia um conhecimento prévio entre os elementos participantes, uma vez que os rapazes e as raparigas que os compunham eram da mesma turma ou da mesma escola (G3; G4; G5, G6, G7⁹ e o experimental). Esta situação permitiu que os jovens, quando questionados, referissem que já se conheciam ou já se tinham visto (apesar de alguns terem referido que nunca se tinham falado). No primeiro grupo da amostra (G2) a situação dos rapazes e das raparigas perante o grupo era de total inter-desconhecimento. Neste grupo, os jovens nunca tinham tido qualquer contacto entre si. Esta condição de não inter-conhecimento foi abandonada nos grupos seguintes, dada a dificuldade que colocou à constituição dos mesmos. Nos grupos em que os jovens se conheciam previamente entre si, nunca senti que estas duas formas diferenciadas de constituição de grupo colocassem obstáculos para os objectivos da investigação. De facto, o grupo não se resume à soma das partes, a própria dinâmica que emerge ao longo da discussão faz com que cada grupo ganhe uma identidade própria e única — o que o torna ímpar¹⁰. Esta situação tornou-se particularmente óbvia quando, no final da realização da conversa em grupo, não existindo conhecimento prévio entre os elementos, alguns membros do grupo falavam dele como se fosse pré-existente — assumiram perante todos: *prefiro ter esta discussão neste grupo, porque já todos nos conhecemos.*

A realização de 6 grupos de discussão justifica-se pelo cumprimento do critério de saturação da informação. A saturação, teoricamente, alcança-se quando a análise adicional já não contribui para a descoberta de nada novo sobre uma categoria¹¹. Em *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* refere-se que a «saturação» é alcançada quando factos e lógicas tidas em conjunto se revelam adequados para dar conta do funcionamento comum de um conjunto de acontecimentos e, nesse sentido, o aparecimento de novos casos semelhantes não vai enriquecer a informação obtida.

A FORMA E O CONTEXTO DA DISCUSSÃO DE GRUPO foram previamente preparados por mim. Como tal, decidi as características dos participantes e o local de encontro; propus o tema; iniciei e focalizei a discussão relativamente ao objectivo da pesquisa e encerrei o diálogo. No

funcionamento do grupo, fui seguindo a linha da discussão e, em contexto de grande liberdade da dinâmica própria, zelei pela pertinência das afirmações e pelo estabelecimento de um clima de confiança.

Uma das dificuldades sentidas para a criação dos grupos de discussão é a difícil tarefa de articular as diferentes disponibilidades dos participantes, do moderador e do observador, que têm também de ser conciliadas com a disponibilidade de espaço para que a conversação aconteça num meio facilitador. Assim, embora exista bibliografia¹² sobre a dinamização dos grupos de discussão que indica a participação de dois elementos, um moderador e um observador e tendo presente os horários e disponibilidades dos participantes, optei pela realização apenas com o moderador (eu própria). Torna-se pertinente ainda referir que, apesar de estar consciente de que as dinâmicas de grupo com rapazes e raparigas pudessem ter uma interacção diferente se fossem orientadas por dois elementos, um do sexo masculino e outro feminino (dadas as projecções e identificações em casal), senti que este não foi um obstáculo da referida dinâmica. Esta situação foi testada por questionário¹³ com o item:

— ...Sentia-me mais à-vontade se o grupo fosse dinamizado por duas pessoas: um do sexo feminino e outro do sexo masculino; a resposta dada foi sempre: Não.

Quanto ao número de participantes por grupo, este variou entre 7 e 10 elementos — tendo em conta as considerações atrás referidas. A constituição dos 6 grupos da amostra permitiu obter uma variabilidade discursiva e identificar diferenças. Nesse sentido e como não foi meu objectivo investigar os discursos que se repetem, dei mais relevância ao critério pertinência e menos ao critério extensão. Jesus Ibañez na sua obra de 1992 *Más alla de la sociologia* reforça esta ideia quando refere que em determinadas investigações basta um ou dois grupos, para cada contexto, para que a informação seja completa e para a compreensão do fenómeno.

RELATIVAMENTE ÀS CARACTERÍSTICAS INTRA-GRUPOS, foi intenção combinar determinadas características homogéneas — com base na idade e na escolaridade — e heterogéneas — aqui definidas a partir do sexo dos elementos participantes (rapazes ou raparigas). A combi-

nação destas características permitiu manter uma certa simetria de relação entre os elementos do grupo. Da mesma forma, os propósitos de um mínimo de heterogeneidade tiveram como objectivo assegurar a diferença necessária em todo o processo da discussão¹⁴. Dizem certas obras de Sociologia que habitualmente se empregam variantes sociodemográficas conjugadas com particularidades pertinentes para o estudo. E, nesse sentido, a questão do género pode representar uma variante discursiva.

Relativamente à característica heterogénea entre-grupos decidi, como já foi referido, formá-los com níveis de escolaridade diferenciados. Nesse sentido, realizei 3 grupos com jovens cujo nível de escolaridade não é superior ao 3º ciclo¹⁵ e 3 grupos com jovens pré-universitários, universitários e licenciados. Supõe-se que associados à diferença de posição na hierarquia social estejam a baixa escolaridade e o investimento diferenciado que os jovens fazem no seu percurso escolar, reflectido no seu sucesso escolar, ou, pelo contrário, na recuperação dos défices de qualificação escolar¹⁶.

Relativamente à duração da discussão em grupo, esta foi sempre ditada pela efectiva participação dos elementos. No início de cada discussão referi que a nossa conversa poderia durar cerca de 60 a 90 minutos, mas que o tempo seria sempre regulado pelos participantes. A duração de cada uma das conversas em grupo variou entre 90 a 120 minutos, ou seja, por vezes o tempo previamente estabelecido foi ultrapassado o que demonstrou uma efectiva participação (com discussões dinâmicas e interessadas pelas temáticas em debate). O sucesso desta técnica, como se sabe, depende quer do interesse dos participantes pelos temas, quer das capacidades de discussão — situações que, efectivamente, se verificaram em todos os grupos.

A recepção dos participantes e o percurso geral da discussão

Após o acolhimento, todos os participantes ajudavam na organização da sala. Nesse sentido, pedia que colocassem as cadeiras em círculo, referindo que a finalidade era que todos se pudessem ver. A opção por

esta posição em forma de círculo (frequentemente usada na dinamização de grupos) teve como objectivo facilitar e potenciar a comunicação porque permite uma melhor visibilidade entre os participantes e os coloca de forma equidistante. A descentração dos elementos participantes ajuda os jovens a não se tomarem a si próprios como o centro das atenções o que facilita a discussão, tornando-a mais fluida¹⁷.

As discussões foram sempre iniciadas pelos mais jovens. Desta forma, visei facilitar a espontaneidade do diálogo e da discussão entre todos e diminuir as possíveis resistências à exposição de sentimentos ou considerações mais íntimas.

Em relação ao tema inicial para discussão, propus a sexualidade nos primeiros três grupos: G2; G3 e G4. No entanto, à medida que fui analisando os discursos já produzidos, senti necessidade de introduzir a palavra «amor», dado que me apercebi que no vocabulário dos jovens a palavra 'sexualidade' raramente ou nunca era usada. Nesse sentido, nos três grupos restantes: G5; G6 e G7, passei a introduzir na proposta de discussão inicial as palavras sexualidade e amor.

PASSADA A FASE INTRODUTÓRIA, deixei que decorresse uma conversa informal, permitindo que o grupo construísse o seu próprio espaço e tempo de comunicação. Fui participando na discussão quer quando confrontei os jovens com algumas situações ou afirmações que pareciam contraditórias, quer quando orientei as conversas para um determinado tema, por forma a estimular o debate sobre aspectos que se relacionavam com as preocupações da investigação, ou para evitar distanciamentos em relação a ela.

No final da discussão passei dois pequenos questionários anónimos¹⁸. O primeiro era destinado a conhecer alguns dados de caracterização dos grupos. À partida, apenas eram conhecidos os dados relativos aos critérios previamente definidos (homogeneidade e heterogeneidade inter e intra-grupos). O primeiro questionário (com duas páginas) teve como objectivo uma breve caracterização dos elementos constituintes dos grupos. Na primeira página, colocámos algumas perguntas que permitiam recolher dados sociográficos¹⁹. Na segunda página, colocámos algumas perguntas que permitiam recolher dados sobre as práticas e trajectórias sexuais. O segundo questionário (com

uma página) teve como objectivo avaliar a constituição do grupo, recolhendo informação sobre o à-vontade com o tema, com o grupo e com a moderadora. Os dados deste questionário de avaliação não foram por nós tratados, pois a primeira leitura mostrou uma grande convergência de opiniões no sentido do «à-vontade».

A partir do primeiro questionário individual, preenchido no final de cada conversa em grupo, efectuámos um tratamento quantitativo das informações recolhidas no sentido de realizar uma breve análise sociográfica da amostra²⁰.

III PARTE

CAPÍTULO 6

Apresentação e discussão dos resultados

Breve caracterização das práticas sexuais destes jovens

Através das respostas apresentadas na segunda folha do primeiro questionário individual foi possível obter alguns dados informativos das biografias sexuais dos jovens da amostra¹.

— A sua orientação sexual é? (Questão n.º7)

A totalidade dos jovens da amostra respondeu ser heterossexual.

— Como (ou com quem) obteve as primeiras informações sobre sexualidade? (Questão n.º8)

Nesta questão os jovens enunciaram: — pais, amigos/namorada, namorado, escola, livros e televisão.

— Namoro e relações sexuais com penetração² (Questões n.º 9 e 10)

Relativamente à idade do primeiro namoro, os dados indicam uma aproximação da idade entre rapazes e raparigas, dado que ambos referem que foi entre os 13 e os 16 anos que tiveram o primeiro namorado ou namorada (19 raparigas e 18 rapazes).

Das 20 raparigas que referiram ter relações sexuais com penetração, 18 referem o intervalo etário 16-17 anos para a primeira relação

sexual com penetração — antes desse período há 1 rapariga a referir que teve a primeira relação sexual com penetração aos 15 anos. Para os rapazes, a frequência surge mais dispersa. Ou seja, dos 24 rapazes que referiram ter relações sexuais com penetração, 18 afirmam ter tido a primeira relação sexual com penetração entre os 15-18 anos de idade. Comparado com as raparigas, um número maior de rapazes (9:18) refere ter tido a sua primeira relação sexual com penetração entre os 13-15 anos de idade. Nunca tiveram relações sexuais com penetração 5 raparigas entre os 17-20 anos e 2 rapazes entre os 18-19 anos.

— Actualmente namora ou anda com alguém? (Questão n.º 11)
Responderam afirmativamente à questão 17 de 27 raparigas e 16 de 27 rapazes. Os restantes responderam que não namoravam nem andavam com alguém (10 raparigas e 11 rapazes).

— Você e o seu parceiro (a) já: (Questão n.º 11.1)

— Fizeram sexo c/ penetração;

— Fizeram sexo oral;

— Fizeram sexo anal;

— Se masturbaram.

A opção de resposta mais seleccionada foi a primeira (fizeram sexo c/ penetração), por 44 jovens (dos quais 20 são raparigas e 24 são rapazes). Referiram que já fizeram sexo oral 34 jovens (dos quais 14 são raparigas e 20 são rapazes). Referiram que já se masturbaram 31 jovens (dos quais 12 são raparigas e 19 são rapazes). Em menor número, 12 jovens (dos quais 5 são raparigas e 7 são rapazes) responderam que fizeram sexo anal.

— Uso de contracepção (Questão n.º 10.1³ e n.º 11.2⁴)

À questão número 10.1, relativa ao uso de contracepção na primeira relação sexual com penetração, o método mais referido pelos jovens foi o preservativo — 29 de 54 jovens referem ter usado preservativo (este método é referido quase de igual forma por rapazes (15 de 29) e raparigas (14 de 29)). O uso conjunto da pílula e preservativo é referido por dois jovens (uma rapariga e um rapaz) e o uso só da pílula nunca aparece referido. Sobre

CAPÍTULO 6

Apresentação e discussão dos resultados

Breve caracterização das práticas sexuais destes jovens

Através das respostas apresentadas na segunda folha do primeiro questionário individual foi possível obter alguns dados informativos das biografias sexuais dos jovens da amostra¹.

— A sua orientação sexual é? (Questão n.º7)

A totalidade dos jovens da amostra respondeu ser heterossexual.

— Como (ou com quem) obteve as primeiras informações sobre sexualidade? (Questão n.º8)

Nesta questão os jovens enunciaram: — pais, amigos/namorada, namorado, escola, livros e televisão.

— Namoro e relações sexuais com penetração² (Questões n.º 9 e 10)

Relativamente à idade do primeiro namoro, os dados indicam uma aproximação da idade entre rapazes e raparigas, dado que ambos referem que foi entre os 13 e os 16 anos que tiveram o primeiro namorado ou namorada (19 raparigas e 18 rapazes).

Das 20 raparigas que referiram ter relações sexuais com penetração, 18 referem o intervalo etário 16-17 anos para a primeira relação

este assunto parece relevante referir que 10 jovens indicam não ter usado qualquer método contraceptivo durante a primeira relação sexual com penetração (8 de 10 são raparigas).

Em relação à questão número 11.2, em que se perguntava se na última relação sexual tinham usado algum método contraceptivo e qual, as respostas mantêm o preservativo como o método mais usado (17 de 54) (mantêm-se equilibradas entre raparigas (8 de 17) e rapazes (9 de 17)). A pílula aparece como o segundo método mais usado 10 de 54 — com as raparigas a referirem-no mais vezes (7 de 10). O uso dos dois métodos em simultâneo (pílula e preservativo) surge oito vezes referenciado por 3 raparigas e 5 rapazes. De igual forma destacamos o facto de 10 jovens indicarem que não usaram qualquer método durante a última relação sexual (3 de 10 raparigas e 7 de 10 rapazes).

A PALAVRA
DOS JOVENS

CAPÍTULO 7

«Os pais chegam tarde e aí já está tudo educado...»

A socialização da sexualidade

O difícil diálogo entre papéis familiares

Apesar de os progenitores surgirem, no conjunto dos discursos, como referência importante no processo de aprendizagem da sexualidade, percebe-se também que nem sempre o diálogo é fácil, possível ou desejável. Muitos jovens justificam a sua não comunicação com os progenitores com o facto de se sentirem pouco à-vontade, sentirem a situação como estranha, alegando que se trata de uma questão de respeito o que claramente remete para os papéis filiais-parentais.

— [...] *Os meus pais nunca conversaram comigo sobre nada...nunca tive conversas.* (Maria 21 anos, grupo 5)¹

— *Falar assim descaradamente, tudo direitinho, foi com o meu namorado... e com a minha melhor amiga.* (Sandra, 19 anos, Grupo 3)

— *Claro, sim, pois.* (Mário, 20 anos, Grupo 3)

— *Falar com os meus pais assim... tau... é aquilo e é isto... Eu não consigo. Eu, é com as amigas. Apesar de os meus pais serem assim...* (Rita, 19 anos, Grupo 3)

— *Falar de sexualidade é com os amigos. Com o melhor amigo!... agora falar com os pais... acho que uma pessoa não se sente assim muito à-vontade.* (Miguel, 21 anos, Grupo 3)

(...)

— Os meus pais também são abertos... Não falo com eles, não tenho vontade de falar com eles... (Pedro, 21 anos, Grupo 3)

— Eu sinto-me à-vontade para falar com os meus pais. (Catarina, 19 anos, Grupo 3)

— Eles metem-me à-vontade para falar com eles, só que... (Miguel, 21 anos, Grupo 3)

— Muito esquisito. (José, 19 anos, Grupo 3)

— É mais uma questão de respeito. (Alberto, 21 anos, Grupo 3)

No processo de aprendizagem da sexualidade, os pais *chegam tarde*. A dificuldade de diálogo com os pais, marcada pela distância de papéis e de gerações, torna-se mais perceptível quando em comparação com o diálogo inter-pares. Este remete para um discurso menos ponderado que decorre em contextos de maior à-vontade e despreocupação com a linguagem usada.

— Eu acho que o sujeito devia estar educado. Quando ele sai da adolescência, sai um bocado dos pais e procura-se identificar mais com os grupos de pares e então se ele não vai estruturado... também os grupos de pares é uma questão de sorte... mas se ele não vai estruturado não vai ter maneira de contrariar essa influência... e é o que tu estavas a dizer: aí, os pais chegam tarde e aí já está educado! ... (Rui, 19 anos, Grupo 2)

(...)

— Com os amigos temos mais à-vontade para dizer certas coisas do que com os pais... eu tenho à-vontade, mas há certas coisas que mesmo com à-vontade com o meu pai não me sinto... (António, 20 anos, Grupo 2)

— Não é bem ter mais ou menos à-vontade, mas é um à-vontade diferente... com amigos é sempre aquela coisa, diz-se mais o que vem da boca para fora. (Fernando, 21 anos, Grupo 2)

— Uma pessoa expande-se mais, fica mais à-vontade e liberta-se mais. [...] (Fátima, 18 anos, Grupo 2)

— Acho que com os amigos, pelo menos na minha opinião, acho que é mais aberto do que com os pais. Temos sempre receio de falar, assim de certas coisas, com os pais, e com os amigos não. (Margarida, 19 anos, Grupo 4)

(...)

— Com os pais temos sempre aquela vergonha de falar, com os amigos não. (Luís, 19 anos, Grupo 4)

A importância atribuída aos pares surge associada ao sentido de uma efectiva aprendizagem. São eles o principal meio efectivo de transmissão da experiência.

— *Eu acho que é com os amigos, normalmente, que se fala... Ok... Os pais explicam sempre aquelas coisinhas básicas.* (Rute, 19 anos, Grupo 3)

— *Sim, o básico... Tem cuidado!* (Roberto, 21 anos, Grupo 3)

— *Mas, depois, com quem aprofundamos mais o assunto, normalmente é com os amigos.* (Rute, 19 anos, Grupo 3)

— *Eu acho que nós, com os nossos pais, falamos de cuidados a ter e com os nossos amigos falamos de experiências, por isso acho que é completamente diferente.* (Carlos, 17 anos, Grupo 2)

— *É evidente! Claro!* (Ana, 20 anos, Grupo 2 e Sofia, 18 anos, Grupo 2 — em unísono)

Alguns discursos explicitam que a sexualidade é assunto tabu entre pais e filhos, situação que é criticada como contrária à função parental, de socialização.

— *Eu acho que o erro de muitos pais, não quer dizer que seja a maioria, é não falarem com os filhos. Ainda há muito tabu ...falar sobre a sexualidade, o amor, o que é isso, o que não é...* (Paula, 23 anos, Grupo 7)

— *Acho que também parte dos pais deve ter capacidade para acompanhar o filho e tentar perceber e enquadrá-lo na sociedade actual. Acho que devia haver mais atenção.* (Ivo, 19 anos, Grupo 2)

(...)

— *Ora bem ...voltando ao caso dos pais ou mesmo à sociedade, eu acho que a sociedade em geral aborda a sexualidade como um tema tabu... Eu acho que não deve ser encarada como um tabu porque se for assim desse jeito, as pessoas não são educadas para tal e são obrigatoriamente forçadas a cometerem erros ou irem por caminhos menos ... a poderem ter um azar no futuro, por falta ... por ignorância, e eu acho que isso não é bom ... Eu acho que as pessoas se devem informar, os pais devem informar, educar os filhos para que eles possam, de qualquer das maneiras, não cometer erros ou ficarem mais prevenidos, no fundo é isso... Esse tabu, acho que é uma desvantagem que a sociedade dá aos mais novos ... acho que se for tudo falado mais abertamente... acho que as pessoas estavam mais informadas.* (Susana, 18 anos, Grupo 2)

Na generalidade, com os pais, a abordagem verbal da sexualidade não decorre de forma natural ou descontraída e os discursos manifestam algum desconforto com a situação. A conversa com os pais assenta num discurso ponderado, em que é necessário *ter muito cuidado e escolher as palavras certas* (Isabel, 18 anos, Grupo 2). A ponderação na forma de abordagem da temática da sexualidade com os pais está relacionada com o facto de os jovens terem a percepção de estarem permanentemente a ser julgados, com *receio do que eles possam dizer...* (Graça, 19 anos, Grupo 4). Sentem nos progenitores a presença permanente e difusa da necessidade de controlar as atitudes e comportamentos dos filhos.

— *Não, eu acho que eles querem mesmo saber o que nós estamos a fazer...* (Filipa, 20 anos, Grupo 4)

— *Eles sabem...* (António, 21 anos, Grupo 4)

— *Mas eles têm que meter o nariz sempre.* (Filipa, 20 anos, Grupo 4)

— *Têm que confirmar.* (Pedro, 20 anos, Grupo 4)

— *Acho que com os pais as palavras têm que ser escolhidas a dedo para eles não pensarem «então tu já sabes isso... mas como é que é? isto agora é assim, no meu tempo isto não era nada disto ... isto agora está tudo mudado, o mundo agora é outro». Acho que temos que ter muito cuidado para escolher as palavras certas para falar com os pais [...].* (Cristina, 18 anos, Grupo 2)

Na base dessa comunicação controlada aparece também a percepção de que os pais estão desactualizados e defendem posições ultrapassadas, por exemplo, associando sexo ao casamento, o que torna inútil tentar comunicar com eles.

— *Sobre sexualidade durante a adolescência não ... falei uma vez mas depois vi qual era a ideia deles sobre sexualidade e [RISOS] era um bocado aquela ideia tradicional sexualidade/casamento e pronto, a partir daí, vi que não valia a pena. Por isso com os meus pais não falo.* (Ricardo, 25 anos, Grupo 2)

No entanto, há casos familiares de tipo diferente (que são excepção na nossa amostra) como aquele em que a relação aberta e transparente do pai com as suas «namoradas» cria proximidade com a filha.

— *Também depende da relação que as pessoas tiverem. A relação que eu tenho com o meu pai é uma relação de amizade. Eu olho para o meu pai, não como um pai autoritário, mas meu amigo. Lá está, também tem a ver*

com as próprias vivências. [...] O facto de ele também ter as namoradas dele, quer dizer cria-se ali... o que é que ele vai-me dizer a mim quando ele também tem as dinâmicas dele e as próprias relações dele? [...] O meu pai é homem, e sempre falou isso comigo, o que é o amor, a sexualidade, o que é que traz, que consequências traz. Se calhar, esse à-vontade que eu tenho com ele permite-me ter esse tipo de comportamentos em minha casa. [...] A sério, o meu pai acima de tudo é meu amigo. (Patrícia, 18 anos, Grupo 7)

Paralelamente, também se reconhece nos pais um esforço de actualização e de aproximação aos filhos: eles estão a acompanhar a evolução (Dulce, 18 anos, Grupo 2). No entanto, também há discursos reveladores de uma efectiva aproximação com os pais, afirmando que *falo de tudo, com à-vontade, com ambos os pais* (Gabriela, 20 anos, Grupo 4).

— [...] acho que eles começam a perceber a nossa mentalidade, a nossa maneira de ser, porque o mundo evolui e nós temos que acompanhar essa evolução. (Emília, 18 anos, Grupo 2)

— Acho que também parte dos pais terem capacidade para acompanhar o filho e tentar perceber e enquadrá-lo na sociedade actual, acho que devia haver mais atenção. (Luís, 19 anos, Grupo 2)

Mas, de uma forma geral, a tónica discursiva vai no sentido de que é difícil o diálogo sobre sexualidade com os pais, pois a abordagem que fazem é de tipo formativo no âmbito do papel parental que a sociedade lhes atribui e condensada numa perspectiva marcada pela educação para a saúde. Assenta em propostas e discursos preventivos do VIH/sida e da gravidez, numa perspectiva racional e normativa das práticas.

Os jovens referem que estas conversas são habitualmente de iniciativa dos pais, numa atitude que é percebida como uma manifestação de preocupação com os comportamentos dos filhos, nomeadamente no que diz respeito aos comportamentos sexuais de risco e ao risco de gravidez. A conversa assume geralmente uma natureza funcional e utilitária, com os pais e as mães a alertarem para os «cuidados», numa preocupação que se materializa na recomendação do uso do preservativo, e na realização de exames médicos (análises). Ou seja, nesta primeira abordagem do tema que é feita pelos pais, está visível a dominância do paradigma biomédico que se tornou saber de referência da modernidade².

Os jovens referem quem desencadeou as conversas sobre a sexualidade:

— *Foram os pais.* (Pedro, 20 anos, Grupo 2 e Filipe 19 anos, Grupo 2)

— *Foram os pais que puxaram o assunto.* (Filipa 20 anos, Grupo 2)

— *E o assunto foi o quê?* (Moderadora)

— *Os normais, os cuidados a ter.* (Pedro, 20 anos, Grupo 2)

— *O normal naquela conversa que começa por «eu sei o que é ter a tua idade» e por aí fora.* (Luís, 21 anos, Grupo 2)

— *A conversa começa sempre por causa dos cuidados. Os pais estão sempre preocupados ... o motivo para falarem com os filhos começa por aí.* (Filipe, 19 anos, Grupo 2)

— *Sim, sim. A maior parte das conversas anda à volta dos cuidados.* (Luís, 21 anos, Grupo 2 e Teresa, 19 anos, Grupo 3)

— *Eu... Ok... Os pais explicam sempre aquelas coisinhas básicas.*

— *Sim o básico... «Tem cuidado!»* (Carlos, 21 anos, Grupo 3)

— *[...] Tanto eu como o meu namorado fizemos análises. Tanto os meus pais como os dele quiseram assim... e eu e ele [...] fomos fazer as análises para ver se estava tudo bem. [...].* (Carla, 20 anos, Grupo 4)

Este papel dos pais, no sentido da prevenção, é aceite pelos jovens como fazendo parte da função educativa parental.

— *[...] por exemplo, a minha mãe já chegou à minha beira e disse: «toma, pega lá preservativos» e preocupa-se com esse tipo de questões. Eu acho que isso faz parte de uma das competências do pai ou de uma mãe, preocuparem-se com a saúde física do filho... Não é agora dizerem: — «olha, tem cuidado que as coisas acontecem!» Não! Há que ser pró-activo e dar alguma coisa antes. Depois, cabe à pessoa se usa ou não. Acho que faz todo o sentido usar e acho que um bom pai...* (Francisco, 21 anos, Grupo 6).

Para além dos comportamentos, também é sentido que os relacionamentos de namoro são objecto de preocupação e atenção por parte dos progenitores. Assim, por exemplo, a atitude de um pai que aceita a presença do namorado da filha, em casa, e a orienta para verem televisão no quarto em vez de na sala, é entendida pela filha como estratégia de «observação» por parte do pai, muito mais do que de incentivo à privacidade que é o que (no discurso em causa) o pai enuncia.

— [...] Só comecei a ir para o quarto quando o meu pai começou a dizer assim: «Olha, mais vale ires para o quarto, sempre estás mais à vontade... vai para o quarto com o teu namorado e não sei quê, o que vês na TV da sala, também vês no quarto.» Mas, quer dizer, eu entendi que ele ao pôr-me à vontade, eu pensei... Ele está ali e controla a situação... Sim, ele está ali e... quer dizer, ele quer que ele vá lá, porque também quer conhecer: «Como é que ele é, como é que ele se comporta com a minha filha.» Ele está ali, mas também controla. Ele é muito observador e vê pelas próprias atitudes. Ele sabe, não nasceu ontem. (Leonor, 23 anos, Grupo 7)

A abordagem verbal da sexualidade por parte dos pais aparece associada a um duplo-padrão de preocupação diferenciada em função do género. Falar de sexualidade com um filho ou com uma filha é diferente. No caso do filho, os pais chamam a si a responsabilidade da conversa. Porém, se a conversa for com a filha, esta assume um sentido mais íntimo e privado. Manifestamente declarada como uma conversa séria, o pai delega responsabilidade na mãe.

— Não, eu estou a dizer no geral. Não quer dizer que isto aconteça na minha casa, mas acho que é muito assim. Se for um filho, tanto a mãe como o pai têm... (Carlos, 21 anos, Grupo 2)

— Mais facilidade. (Sandra 21 anos, Grupo 2)

— Mais facilidade. E se for uma filha, principalmente, o pai descarta-se muito da responsabilidade. (Carlos, 21 anos, Grupo 2)

— Isso é o que acontece em minha casa. Eu tenho um irmão mais novo dois anos e com o meu pai fala mesmo sobre isso e eu nunca toquei nesse assunto com o meu pai... uma conversa séria, não... (Helena, 20 anos, Grupo 2)

— E se calhar o teu irmão já falou com a tua mãe? (Carlos, 21 anos, Grupo 2)

— Sim, com o meu irmão, os dois... eu, uma conversa séria com o meu pai, nunca tive. (Helena, 20 anos, Grupo 2)

— Normalmente quando há o pai e a mãe, eles dividem, a mãe fala com as filhas e o pai fala com os filhos — quando falam. Comigo foi assim. O meu pai falou comigo e a minha mãe com as minhas irmãs. Até porque eu acho que os pais [refere-se ao pai] não sabem muito bem como é que hão-de falar com as filhas, passa um bocado por isso, não tem aquele à-von-

tade. *A mulher é mulher, já sabe transmitir aquela experiência, o pai ... não há aquele à-vontade.* (Tiago, 23 anos, Grupo 7)

— *Se calhar não é por não saber, é tipo: «Ai! Não vou falar com ela para ela não fazer isso...»* (Vasco, 23 anos, Grupo 7)

No diálogo entre os jovens e os pais, a sexualidade é abordada mais na perspectiva de transmissão de informação de tipo médico do que na perspectiva da sua vivência emocional, como evidencia um dos jovens ao afirmar que no diálogo pais-jovens não existe à-vontade para verbalizar comportamentos que definam experiências relacionais de intimidade.

— *Com os pais nós nunca nos sentimos 100% à-vontade, pelo menos, eu falo por mim... Às vezes quando vou dormir fora ou assim, e vou dormir com a minha namorada ou assim... Não chego à beira dos meus pais e olha «Pai, vou dormir com ela», claro que não. Digo «Tchau aí, pai, vou dormir fora.» Não me sinto à vontade para chegar à beira deles e «olha, vou dormir com ela e não sei quê, apareço aqui amanhã, preparem o almoço...»* (Bruno, 19 anos, Grupo 3)

Encontra-se, também, entre progenitores e jovens, uma prática de «não-discurso» (verbal) que é afinal um nível de comunicação (ou de discurso) sobre a realidade de que não se quer falar.

— *Eu acho que são coisas que os pais sabem [...] mas...* (Carla, 20 anos, Grupo 6)

Com efeito, ao nível da família, a sexualidade parece ser, salvo raros casos, uma presença ausente que os pais sabem que existe para os jovens e que estes sabem ser uma faceta da vida dos pais, mas cuja afirmação explícita revela incómodo. Isso percebe-se não só na dificuldade de diálogo, no diálogo forçado (pelo risco de doença e de gravidez) ou no não-diálogo sobre a sexualidade dos jovens, mas também no domínio de sexualidade dos próprios pais. Esta é uma realidade de tipo não-presença ou presença escondida cuja tomada de consciência é incómoda e só por acidente ou erro se verifica. É assim que a questão: *Vocês já apanharam os vossos pais?* (Mariana, 20 anos, Grupo 4), que surgiu, obtém respostas cuja tónica dominante é um grande mal-estar:

— *Eu já vi, é horrível.* (Sílvio, 20 anos, Grupo 4)

— *Mas foi macabro!* (Manuel, 21 anos, Grupo 4)

— Prefiro ir buscar os meus fones e começar a ouvir música, do que estar ali... (Isidro, 20 anos, Grupo 4)

— É assim, eu quando apanhei os meus pais, foi há pouco tempo, eu ponho-me na pele... Como hei-de explicar? Foi assim um bocado... eu não fui lá com o intuito de ver o que eles estavam a fazer, mas eu bati à porta e entrei logo, fiquei assim com uma cara [exemplifica cara de espanto]. A primeira vez que os vi... fui buscar as coisas que tinha ido buscar e não sabia, só que... Fiquei tão envergonhada, é que... não queiram! Quem nunca viu, não queiram! Eu senti-me muito, muito mal. (Susana, 21 anos, Grupo 4)

— É ver o inferno. (Sílvio, 20 anos, Grupo 4)

— Não é ver o inferno, mas eles tapam-se todos... já sabem e tal... Eles estão todos cobertos e... disfarcei [...]. (Susana, 21 anos, Grupo 4)

— Não vi, só ouvi. (Rodrigo, 20 anos, Grupo 4)

— É a tal coisa, quando abro a porta... Mas é que ele não sabe disfarçar mesmo! Vejo a cabeça do meu pai... saio... (Susana, 21 anos, Grupo 4)

— É aquela cena... (Manuel, 21 anos, Grupo 4)

— E mais alguém já apanhou os pais? (Moderadora)

— Já! (Vicente, 19 anos, Grupo 4)

— Owi! [...] Owi e fechei a porta. (Paula, 18 anos, Grupo 4)

— Fechaste a porta. (Moderadora)

— Chorei a rir a primeira vez que owi! A sério! A primeira vez que owi, chorei a rir! Não conseguia dormir, estava a ver televisão. Estava com som. E o meu pai, ... uma vez ficou sem som, e eu, tipo, chorei a rir. Depois, cena, não consegui estar a ouvir, tipo, fui buscar os fones e pôr, senão... (Guilherme, 18 anos, Grupo 4)

Num outro grupo (em que a temática foi lançada por mim), as respostas transmitem a ausência da situação.

— E os vossos pais fazem barulho? (Moderadora)

— Eu nunca owi. (Gabriel, 23 anos, Grupo 7)

— Em minha casa o meu quarto está no lado oposto, nunca owi. (Luís, 23 anos, Grupo 7)

— O meu é encostadinho e nunca owi. (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— Eles fazem e não fazem barulho?! (Fernanda, 23 anos, Grupo 7)

— São muitos anos de treino. (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— Realmente, às vezes penso nisso e nunca tive uma pista. (Gonçalo, 25 anos, Grupo 7)

— *Eu também não e eu vivi a vida toda até há dois anos atrás no quarto ao lado... e eu nunca dei por nada.* (Paulo, 23 anos, Grupo 7)

Sexualidade e género — percepções diferenciadas para os rapazes e para as raparigas

Na diferenciação entre géneros, nomeadamente no que respeita à menor legitimação da percepção, pelos jovens, das representações mentais dos pais, revela-se a autonomia/liberdade das raparigas. No comportamento dos pais aparece o sentido educativo associado a atitudes de maior protecção das raparigas a quem se atribui menor auto-suficiência — o que confirma as conclusões a que chegou Duarte Vilar no seu trabalho de 2002.

— *Com o meu pai, eu pedia-lhe para sair ao fim-de-semana e ele torcia o nariz, mas deixava. Mas, às minhas irmãs não deixava.* (Rogério, 20 anos, Grupo 5)

— *Mas eu acho que isso é mais no caso das mulheres. Eu acho que se preocupam mais do que em relação ao homem. Em relação ao homem deixam andar... Eu tenho duas irmãs e eu acho que os meus pais fazem muito mais um filme quando são as minhas irmãs do que comigo quando arranjo uma namorada. Por exemplo, a minha irmã mais nova, um ano, já andam mais em cima dela, tipo: «Para onde é que tu vais? Com quem vais?» [...] Se, por exemplo, eu chegar a casa às duas da manhã, os meus pais não me dizem nada, com a minha irmã já não é bem assim.* (Luís, 23 anos, Grupo 7)

— *Ela é mais nova um ano?* (Filipa, 18 anos, Grupo 7)

— *Nem que fosse da mesma idade, basta ele ser homem.* (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— *Tem a ver com o género [...] Eu tenho um tio que tem uma filha de 17 anos e um filho que agora tem 19, mas ele quando tinha a idade dela saía até às tantas da manhã e ele nunca lhe disse nada e à miúda proíbe-a de sair à noite.* (Filipa, 18 anos, Grupo 7)

— *É por ser rapariga.* (Luís, 23 anos, Grupo 7)

O sentido de maior liberdade inerente ao sexo masculino está de tal forma interiorizado que o facto de ter muita liberdade faz uma das nossas jovens sentir-se um rapaz.

— *Eu, isso, tenho sorte. Sinto-me um rapaz. É verdade. Eu tive sempre muita liberdade [...]* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

Subjacente, está a moral feminina imposta pelas disposições disciplinadoras, assentes em imperativos que conduzem a atitudes de submissão.³ A este propósito Pierre Bourdieu exemplifica com as posturas corporais que, submissas nas *mulheres cabilas* e «convenientes» nas mulheres da sociedade ocidental, mais não são do que uma espécie de cerca invisível.

É essa moral que é explicada quando, assumindo a liberdade, as raparigas a apresentam como algo que se gere com sentido de responsabilidade, no sentido de corresponder às expectativas virtuosas que delas esperam os pais.

— *[...] eu dizia assim: «A que horas é que eu chego a casa?» e o meu pai dizia-me assim: «Às horas que tu achas que deves chegar.» E ele até podia dizer assim: «Podes chegar às três da manhã», mas eu até chegava por volta da meia-noite. Porque tinha aquela responsabilidade e sabia que tinha que chegar cedo [...]. Foi-me inculcada muita responsabilidade [...]. Mas a minha liberdade nunca foi muito limitada. Ele [o pai] inculcou-me muita responsabilidade e eu própria, mesmo nas questões da sexualidade e do amor, embora eu falasse muito com ele, pois tenho uma relação de grande proximidade com o meu pai, eu acho que o facto de ele não impor muitas regras, mas inculcar-me muitas responsabilidades [...]. Muita gente diz: — «Ah! Não pode ter muita liberdade...» Depende, eu tive liberdade, mas com o sentido de responsabilidade.* (Teresa, 23 anos, grupo 7)

É assim que quando confrontados com práticas preventivas das filhas, os progenitores chegam a demonstrar reacções de surpresa, manifestando que não estão preparados para a realidade de a jovem/filha concretizar a sua sexualidade activa. Uma das jovens com quem a mãe tinha conversado sobre «os cuidados» associados à sexualidade, conta que o seu pedido de autorização para iniciar a contracepção surge, para a mãe, como uma espécie de confissão sobre o facto de já ter iniciado uma vida sexual activa.

— *[...] Lá está, comigo foi um bocado mais complicado. Quando eu pedi à minha mãe para iniciar a contracepção, ela ficou assim um bocado «Ah!!!! mas isso é porque tem vida sexual activa, assim regular?!»* (Sónia, 21 anos, Grupo 2)

A representação dos pais sobre a sexualidade das filhas aparece associada à expectativa de um comportamento virtuoso.

— *Os pais têm sempre a ideia de que as mulheres são santas... «A minha filha não!»...* (Paulo, 22 anos, Grupo 6)

Nessa ordem de ideias, o sentido atribuído às experiências sexuais das filhas surge ajustado à conjugalidade. As raparigas reforçam a ideia de que existe um desejo permanente dos pais, em particular das mães, de as verem casadas.

— *Às vezes é do pai e da mãe... «Sempre foi assim na família e o meu vestido está guardado para a minha filha.»* (Gonçalo, 22 anos, Grupo 6)

— *Pois! A minha mãe quer que eu me case...* (Patrícia, 23 anos, Grupo 6)

— *Pois! A minha mãe também.* (Joana, 20 anos, Grupo 6)

— *Quando eu lhe falo que não me quero casar ela diz: «O quê!? E vais viver junta?».* (Patrícia, 23 anos, Grupo 6)

— *Exacto!* (Joana, 20 anos, Grupo 6)

[...]

— *Os pais dela dizem: «Ah! Estás aqui só a comer e a beber de graça. Tens que casar com ela»* (Gonçalo, 22 anos, Grupo 6)

Para além das conversas, os pais adoptam também certas atitudes. Umas e outras tomam formas diferenciadas em função do género. Assim, para os rapazes, os discursos e as práticas estão muito dirigidos para o uso do preservativo, quer através do aconselhamento sobre o seu uso, quer através da sua aquisição e entrega ao jovem.

À pergunta de uma jovem:

— *Algum dos vossos pais alguma vez teve a iniciativa de vos dar um preservativo, por exemplo?* (Mariana, 21 anos, Grupo 2), um jovem rapaz respondeu:

— *A primeira vez que eu tive preservativos foi a primeira vez que fui de férias sem os meus pais e a minha mãe não disse nada, simplesmente mandou-me uma caixa de preservativos, mas foi a minha mãe que tomou essa iniciativa* (Eduardo, 21 anos, Grupo 2).

Esta ideia fica reforçada na frase de um outro jovem que refere que a mãe lhe recomenda que deve *andar seguro*, o que significa andar sempre com um preservativo na carteira.

— [...] Por exemplo, a minha mãe já chegou à minha beira e disse: — «Toma, pega lá preservativos»... E preocupa-se com esse tipo de questões [...] Eu falei com a família e depois, por exemplo, a minha mãe aconselhou-me a ir ao Centro da Juventude para ir buscar os preservativos e isso... Andar seguro, andar sempre com um na carteira. [...] O meu pai que disse: «Ah, ele já está em idade de aprender certas coisas e tal...!» [RISOS]. Foi à base disso... Depois, lá fui buscar a caixa dos preservativos. (Mário, 21 anos, Grupo 4)

— Já me deu dinheiro para comprar [preservativos] e o meu pai também, tanto um como outro. E sempre falei abertamente ... (Frederico, 20 anos, Grupo 6)

Para as raparigas, os procedimentos dos pais não passam por práticas directas ligadas ao uso de preservativos, mas estão mais associadas ao acto médico, através do encaminhamento ou acompanhamento às consultas de planeamento familiar e de prevenção da gravidez através do encorajamento ao uso da pílula, numa preocupação com o corpo-reprodutor, numa perspectiva médica de sexualidade.

— Eu acho que para as raparigas é mais na base da teoria. (Sofia, 22 anos, Grupo 6)

— Exacto. Eu vejo por mim que com o meu irmão é diferente. A maneira como o meu pai fala, é diferente de como fala comigo, por exemplo. (Rute, 23 anos, Grupo 6)

— Também acho isso, com o meu irmão foi diferente. Comigo foi mais «tens que ter cuidado». Explica-se o risco a partir de uma notícia da TV e fala-se sobre a sida e de todos os riscos, mas na prática dar um preservativo, não... (Clara, 20 anos, Grupo 6)

[...]

— [...] A minha mãe fala abertamente comigo se tiver que ir à médica. Eu acho piada quando vou à médica com a minha mãe. Ela, tipo, manda a minha mãe sair, porque acha que eu não me vou sentir à-vontade, o que não é o caso. [...] (Beatriz, 20 anos, Grupo 6)

— A minha mãe levou-me a uma consulta de planeamento. [...] No centro de saúde. (Francisca, 18 anos, Grupo 4)

— [...] ele [o pai] vai comigo às consultas de ginecologia... A sério, o meu pai acima de tudo é meu amigo. [...] Ele vai. Vai-me buscar a pílula, vai-me comprar a pílula. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

O recurso à medicina preventiva parece corresponder sobretudo às ansiedades e medos relacionados com o risco de gravidez. No entanto, também aparece a preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis.

— *É assim: Eu, para primeiro pensamento, é a gravidez. Tanto eu como o meu namorado fizemos análises. [...] sim, sim, doenças sexualmente transmissíveis e tudo.* (Patrícia, 20 anos, Grupo 4)

A preocupação mais exigente com a vigilância das raparigas é atribuída ao risco de engravidar, a ponto de uma jovem da amostra, futura mãe, expressar que é preferível ter filhos rapazes, no que constitui uma manifestação da interiorização dos preconceitos sociais sobre o género.

— *É por isso que eu preferia ter um homem/rapaz [...] Menino é muito melhor. [...] A mulher é mais preocupação... O meu pai não teve essa preocupação com o meu irmão, o meu irmão é diferente, 'tá-se bem. Agora comigo tinha. [...]* (Marta, 21 anos, Grupo 5)

Está em causa, na visão dos jovens, uma inquietação, legitimada pela gravidez na adolescência. De novo, a ideologia sexista surge nas observações de futuros pais, jovens da amostra, que afirmam a intenção de, no futuro, manterem um contínuo comportamento de vigilância, com condutas de policiamento, sobre as filhas.

— *Pá, é assim, eu perdi a minha virgindade tarde. Eu perdi com 17 anos. Naquele tempo havia meninas com 11, 12, 13 anos... À minha filha, parto-lhe os dentes. Se ela me aparece assim grávida em casa... parto-lhe os dentes todos. Há que ter muita regra... tipo, se engravidar o que é que eu vou fazer? Com as miúdas hoje em dia é preciso ter muito cuidado [...]. Vê-se miúdas tão desenvolvidas já a tomar a pílula. Eu acho que hoje está do pior. Você vai para a noite... você... está do pior... [...] Não, tenho a minha menina. Mas por um lado, eu sei que ela vai querer... olhe vai querer... vai comigo, 'tá-se bem. [...]. [Mãe]* (Marta, 21 anos, Grupo 5)

— *Ela é que aparece de barriga cheia e pronto.* (Inês, 17 anos, Grupo 5)

— *Se a minha chegasse a fazer isso, pegava-lhe nos cabelos, tau! — «Agora vai pôr uns dentes novos». [Pai]* (Filipe, 21 anos, Grupo 5)

— *Um pai também tem que tomar conta da filha e andar de caçadeira na mão. [Pai]* (Filipe, 21 anos, Grupo 5)

— *Estou mesmo a ver o pai da minha filha andar sempre atrás dela, andar sempre atento a ver quem anda com a filha. [Mãe] (Marta, 21 anos, Grupo 5)*

Ou seja, a maior atitude de vigilância e controlo por parte dos pais em relação às raparigas é, de alguma forma, esperada pelos jovens, encarada como reflexo das circunstâncias da actualidade facilitadoras da gravidez precoce.

— *Eu acho que é assim, se calhar pensam... Hoje em dia as miúdas estão a engravidar cada vez mais, então, como os outros pais... Imagine ela engravidada, a minha mãe sabe, então vai andar sempre em cima da minha irmã. [...]* Os pais vêem as outras crianças e depois protegem as suas. Por exemplo, a minha irmã, sabendo, até pode estar a par dessas coisas, mas a minha mãe sabe das outras... Como é que eu explico? Ela vê as outras crianças a engravidar e tem tendência a proteger a filha. (Fernando, 20 anos, Grupo 4)

Veremos mais adiante como os jovens têm uma percepção de cada vez maior precocidade da sexualidade. Para já, interessa anotar que os discursos distinguem contextos temporais diferenciados, colocando-se os jovens numa conjuntura de progresso quando comparam as suas atitudes e mentalidades com as dos seus pais. No contexto do passado (utilizam frequentemente a expressão *antigamente*), a sexualidade é pensada como menos visível no espaço público e como mais controlada. Chegam a referir que, no passado, os namoros eram proibidos e havia um controlo mais apertado por parte dos adultos. No entanto referem que, apesar dessas dificuldades de 'antigamente', os comportamentos não eram muito diferentes dos de hoje pois, *apesar de não existir tanta liberdade, as raparigas também apareciam grávidas* (Mónica, 17 anos, Grupo 3).

— *Antigamente nem era permitido ter sexo sem casares. (Patrícia, 21 anos, Grupo 7)*

— *Logo, por aí, o sexo tinha outra conotação. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)*

— *Acho que não podes ir por aí. Eu acho que o que eles faziam antigamente era igual ao que fazemos agora, só que mais fechado. (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)*

— *E antes também eram mais proibidos os namoros; os pais andavam sempre em cima, a tomar conta. (Rui, 18 anos, Grupo 3)*

— *E não tinham aquela liberdade que nós temos agora. Uma rapariga...* (Vasco, 19 anos, Grupo 3)

Novamente o controlo da sexualidade, por parte da família, é particularmente atribuído à mãe. No *passado*, os jovens (hoje adultos) já pensariam como os jovens de hoje e já faziam o que eles fazem hoje, *só que mais às escondidas*, pois a oportunidade para estarem sozinhos era menor dado que os contextos de vida passavam muito pela presença da mãe em casa. Nesse sentido, referem que *antigamente* as pessoas tinham que ser *mais originais* (Cristina, 19 anos, Grupo 3). A importância atribuída à presença da mãe no lar é mais bem compreendida se atentarmos como, na comparação com a actualidade, os jovens atribuem a maior liberdade de hoje à maior facilidade, dado que *os pais passam a vida fora de casa* (Filipa, 21 anos, Grupo 3). Veremos mais adiante que, de facto, é no lar familiar, aproveitando as ausências dos pais, que os jovens experimentam, hoje, a sua sexualidade.

A escola e as tecnologias de informação e comunicação

A escola, hoje em dia, é um meio social responsável, politicamente, pela educação sexual dos jovens. De facto, quando os jovens retratam a sexualidade em contexto escolar, associam-na a estratégias de *disciplinação*, a pedagogias e a formas educativas formais, ou seja, a um contexto onde a sexualidade é referenciada de forma objectivada.⁴

— [...] *Eu, para aí até aos meus 10 anos, pensava que um bebé vinha de uma cegonha e fico a pensar, isto dá para pensar, «na minha altura, ou na minha geração, se eu falasse no sistema reprodutor já era saber muito... Ela sabe isso tudo porque ensinam na escola!!» [...]*. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

Referindo-se à educação sexual que é feita em contexto escolar, os jovens falam da escola de hoje (e da de jovens de gerações mais novas). O tema da escola foi pouco desenvolvido nos grupos, o que pode ser interpretado como expressão de pouca relevância na socialização destes jovens. Na escola, a sexualidade assume um papel (in)formativo, nomeadamente na área da educação para a sexualidade preventiva.

— [...] *A maior parte das vezes, não é uma disciplina, mas há uma vez por mês aulas que ensinam os métodos contraceptivos.* (Paulo, 20 anos, Grupo 2)

Os entendimentos acerca da educação sexual em contexto escolar deixam perceber a ambivalência relacionada com as condições de uma temática que só recentemente entrou no espaço público, tendo estado submetida a um pensamento moral que a excluía do mundo social. Encontramos discursos em que os jovens manifestam e apoiam que a educação sexual em meio escolar tenha como objectivo o desenvolvimento de competências de forma a permitir que procedam a escolhas informadas. Também se encontram manifestações de que as temáticas relacionadas com a sexualidade são em si promotoras de um início precoce, nomeadamente porque a informação que transita em meio escolar contribui para estimular a vontade de experimentar. Depois de iniciarem a abordagem temática nas escolas, os rapazes e as raparigas mais novos querem saber mais e procuram experimentar — contradizendo o entendimento de estudiosos e especialistas na matéria⁵.

— *Mas também isso das crianças de 12 e 13 anos, também as pessoas começam a abordar isso nas escolas e depois as crianças querem saber mais. Portanto, falam com os amigos e isso, querem experimentar essas coisas...* (Gonçalo, 21 anos, Grupo 3)

No espaço público as fontes de informação sobre sexualidade são diversificadas. Os discursos remetem principalmente para o fenómeno das novas⁶ tecnologias de informação e comunicação, novo mundo em que está facilmente acessível o consumo de produtos e serviços, directa ou indirectamente associados à sexualidade.

Neste caso, os rapazes são os que se mostram mais informados, explicando como, para além da televisão, também a internet, em particular, é um fácil meio de consumo de produtos declaradamente sexuais.

Os jovens fazem referência a programas que surgem na televisão em canais generalistas (como por exemplo, *Morangos com Açúcar* ou *Rancho das Coelhinhas*) ou em canais com programas dirigidos especificamente para jovens (como por exemplo, o canal MTV). Referem que através destes programas têm acesso a mensagens preventivas, eróticas e/ou pornográficas.

— *Aparecem muito mais do que as doenças... na MTV.* (Tiago, 18 anos, Grupo 4)

— *Tem muitos reclames sobre contraceptivos...* (Rita, 19 anos, Grupo 4)

— *Sobre a Sida... é mais sobre doenças sexualmente transmissíveis.* (Cristina, 20 anos, Grupo 4)

— *A própria novela Morangos com Açúcar, por exemplo, em todas as séries também dizem isso, há sempre um tema desses. Eu lembro-me das primeiras séries dos Morangos com Açúcar, tratava-se da gravidez na adolescência.* (Filipe, 19 anos, Grupo 4)

— *É como o Rancho das Coelhinhas [...] ensina aquilo também.* (Gustavo, 18 anos, Grupo 5)

— *O que é?* (José, 22 anos, Grupo 5)

— *Aquilo é uma casa de puuuu... de prostitutas e ensina a ...* (Gustavo, 18 anos, Grupo 5)

— *Elas põem-se todas em filas e eles escolhem.* (Bruno, 21 anos, Grupo 5)

— *Já viste que fixe? ...«Olhe, quero aquela.»* (Gustavo, 18 anos, Grupo 5)

Também os filmes (no cinema ou na televisão) ensinam práticas e modelos de sexualidade:

— *Andam com um fato todo preto só com um tubo para respirar [...] é todo à base de masoquismo.* (Fábio, 21 anos, Grupo 5)

— *E andam de fato preto?* (Rodrigo, 17 anos, Grupo 5)

— *Então não andam!* (Fábio, 21 anos, Grupo 5)

— *Cabeça e tudo?* (Rodrigo, 17 anos, Grupo 5)

— *Tudo, respiram só com o tubinho. Você não viu Cidade do Pecado? Também conta tudo. É uma série.* (Fábio, 21 anos, Grupo 5)

A Internet aparece muito presente nestes discursos. Os jovens descrevem situações em que já participaram. Referem-se ao *cibersexo*, indicando moradas de acessos gratuitos, como sítios de encontro que facilitam o jogo de sedução e onde se podem consumir conteúdos eróticos/pornográficos.

— *[...] A mim, fazer sexo pela net não, mas já me aconteceu as raparigas fazerem um strip através da web ... só que há alguns momentos que a mãe entra dentro do quarto e nós fechamos o portátil. [...]* Depois nós

dizemos: «Tira a camisola» e nós pensamos que vamos ver o soutien e ela já está sem soutien. (Carlos, 20 anos, Grupo 5)

— [...] Elas estão a mostrar, mostram o seu corpo, não todo, porque querem cativar alguns para pagar; estão ali, mostram-se, dizem adeus, mandam beijinhos e algumas fazem encontros, estão com os seus companheiros e têm relações sexuais e há aqueles altos marados que querem ver algo mais a fundo e pagam no privado e dizem: — «Quero que vocês façam isto ou aquilo.» Eu nunca paguei para nada do género, aliás quando se vê, está em contactos naturais de chats. Qualquer site pornográfico tem uma barra de lado com os vídeos em directo. (Alberto, 20 anos, Grupo 6)

[...]

— [...] Eu não pago para ver filmes... vamos à net [...], admito que haja pessoas que vejam e que aluguem, mas eu não conheço ninguém. Normalmente o pessoal vê na net — ou arranja na net ou vê directamente. Eu vejo directamente, mas não alugo filmes pornográficos [...] Pagar, claro que não. Já vi vários diferentes, mas pagar para algo que se relacione com pornografia nunca paguei, nem tenciono pagar. (Rui, 20 anos, Grupo 6)

É também referida, embora sempre na terceira pessoa (de forma impessoal), a indução de práticas de exibição ligadas ao sexo — o *Sexual story telling*⁷ — por via do mercado lucrativo das imagens do sexo nos modernos meios de comunicação.

— Não! Eu sei que há pessoas que ganham uns trocos a mostrar a sua vida em directo. Eu conheço uma pessoa que também é americana, que as empresas dão-lhe tecnologias para ela mostrar o seu dia-a-dia, como meio de publicidade de uma nova tecnologia. (Frederico, 22 anos, Grupo 6)

— Há câmaras web gratuitas para ver o que a menina de Nova Iorque da Wall Street está a fazer naquele momento. E ela mostra a sua câmara gratuitamente para todo o mundo. É claro que se alguém quiser algo mais, que ela não está a mostrar, carrega-lhe o telemóvel ou manda-lhe dinheiro para a conta [RISOS]. (Alberto, 20 anos, Grupo 6)

Há pessoal nas aulas a fazer isso... (Cristiano, 18 anos, Grupo 5)
— referem-se a jovens que nas aulas estão a visualizar programas eróticos/pornográficos. Este *cibersexo* levanta novos problemas relativamente às fronteiras da intimidade. De alguma forma, revela-se a apreensão em relação a esta nova cultura, onde as histórias sexuais estão em toda a parte⁸ e a intimidade pode facilmente ser devassada,

deixando transparecer a necessidade de ter cuidado com as novas tecnologias (especificamente com o *Youtube*). Se os discursos deixam perceber que existe um desejo de *voyeurismo*, simultaneamente, mostram também o receio das eventuais consequências da liberdade que, comandada pela *web*, põe a descoberto a intimidade. Este receio espelhou-se claramente num dos grupos que alimentou, durante uma parte inicial do debate, a dúvida sobre a minha intenção de gravar a conversa em vídeo.

— *Como eu já disse, o filme é só para vos ouvir... praticamente não estão a ser filmados.* (Moderadora)

— *Está apontado para os pés.* (Carlos, 20 anos, Grupo 5)

— *Mas diz-me uma coisa: — Isto está a incomodar-te?* (Moderadora)

— *Não. Só se pensar!...* (Patrícia, 21 anos, Grupo 5)

— *Não vai pôr no Youtube?* (Carlos, 20 anos, Grupo 5)

— *Não, mas tu tens medo que isso aconteça?* (Moderadora)

— *Não estou a dizer nada de mal!* (Gonçalo, 18 anos, Grupo 5)

— *Não. Estou sentado e vestido... não...* (Carlos, 20 anos, Grupo 5)

Para além dos discursos em que demonstram conhecimento dos meios tecnológicos de informação e comunicação, afirmam a utilização que deles fazem — em grande parte são discursos de rapazes. Os jovens referem-se às tecnologias de informação e comunicação numa avaliação moral referenciada ao que consideram ser o seu contributo para a precocidade da iniciação na sexualidade. As novas tecnologias de informação e comunicação surgem, associadas a uma maior libertação na aprendizagem, permitindo que a sexualidade se desenvolva, num contexto de maior precocidade do que o vivido pelos jovens da nossa amostra. Percebe-se, uma atitude crítica em relação à precocidade das vivências dos mais novos, facilitadas pelos meios tecnológicos.

— *Não, eu acho que agora vai-se directamente ao acto.* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— *Agora é mais radical, é mais Morangos.* (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— *Acho que agora não têm tanta consciência dos problemas, partem logo para o acto sem saberem bem qual a consequência desse acto...* (Manuel, 23 anos, Grupo 7)

— *Eu escrevia cartas de amor e mandava pelo...* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Hoje em dia é: Manda-se mensagem, encontramos-nos em tal sítio e já está. (Manuel, 23 anos, Grupo 7)

— Hoje, mal se conhecem, já trocam números de telefone e depois ao outro dia já se telefonam e depois já se encontram e já estão aos beijos... (Mónica, 18 anos, Grupo 7)

— E a fazer conferências, em que estão para aí uns três ou quatro ao mesmo tempo... Vídeio chamadas. Ela tem 11 anos e já faz vídeio chamadas e não sei quê!... (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

Com efeito, os jovens exprimem a percepção de que a mudança social em matéria de sexualidade é muito acelerada e sempre no sentido da maior precocidade da aprendizagem. Referem que, com doze e treze anos, ainda não pensavam nessas questões, ocupando-se com brincadeiras mais associadas à infância (brincavam com *Barbies* e jogavam futebol). O tipo de vida actual e as novas tecnologias são associados a uma maior liberdade e à aceleração do processo de crescimento. Os mais novos deslocam-se sozinhos aos centros comerciais, aos cinemas e à praia, ou seja, *começam a sair mais cedo* (Tiago, 19 anos, Grupo 3), sendo *bombardeados* pelos meios de comunicação (Rui, 21 anos, grupo 2). Nas palavras de um dos jovens: *Acho que têm um crescimento muito rápido. Acho que querem passar de crianças a adolescentes logo* (Mónica, 18 anos, Grupo 7).

— Eu, falo por mim, também não sou nenhuma cota, mas com essa idade não pensava sequer nisso, ainda brincava com as *Barbies* [RISOS], mas convivo com miúdos dessa idade e noto a diferença... Lá está... Acho que tem a ver com o estilo de vida que eles levam: já saem muito mais, eu não saía... eu saía da escola, tinha que ir para casa... Já saem, vão ao shopping, vão ao cinema, vão para a praia já sozinhos... e acho que isso suscita mais conversas, mais... E depois também é a idade, o parecer bem, é a roupa, é... Eu fiz isto... E sair à noite e às vezes nem sair... E é a curiosidade de experimentar... De saber mais... (Catarina, 17 anos, Grupo 3)

— [...]É como se diz: «As crianças crescem mais rápido agora» já... mais cedo e querem experimentar outras coisas... (Duarte, 18 anos, Grupo 3)

— Acho que agora já se nota, por exemplo eu, com doze anos, com essa idade, acho que não ligava a essas coisas, agora... (Rui, 19 anos, Grupo 3)

— *Eu sinto diferença de mim para a minha irmã, que é mais nova do que eu 10 anos ... Pronto, ela ainda tem 10 anos, ainda está a entrar, [RISOS] ... e já se nota que vai ser um percurso completamente diferente e ela acaba por ser bombardeada pelos meios de comunicação e isso mais do que eu fui... sim. [...] Eu e a minha irmã somos bastantes diferentes, temos personalidades diferentes, mas nota-se já, em 10 anos já tudo é diferente e já noto isto estando a minha irmã numa idade que pode-se dizer que ainda não entrou na adolescência.* (Luís, 21 anos, Grupo 2)

— *Eu acho que, hoje em dia, os jovens têm tendência para ser muito rápidos ... não sei ... como ele disse, começaram aos beijinhos e de repente já estavam ali na hora. Eu acho que se formos todos pensar assim para onde é que a sociedade vai?* (Joana, 18 anos, Grupo 2)

— *Se bem me lembro, no nosso tempo, não havia reclames a preservativos na TV.* (Gonçalo, 20 anos, Grupo 2)

— *Quando eu era pequenito era assim uma coisa, nem se percebia bem de que é que se estava a falar.* (Luís, 21 anos Grupo 2)

— *Agora até há as linhas de apoio para quem quiser tirar as dúvidas ... na altura não havia nada disso, acho eu.* (Frederico, 20 anos, Grupo 2)

Na visão destes jovens, é o acesso à tecnologia, em geral, que é precoce, o que afirmam em comparação com o seu tempo de adolescência.

— *É. Acho que hoje em dia há liberdade a mais. Na nossa altura... A partir do momento em que uma criança a partir dos 6 anos tem já um telemóvel...* (Manuel, 23 anos, Grupo 7)

— *É muito cedo, tem logo internet e tendo internet pode ver tudo. Pode ver filmes pornográficos, podem ver raparigas nuas...* (Paulo, 23 anos, Grupo 7)

— *É, é isso.* (Manuel, 23 anos, Grupo 7)

— *Eu acho que eles não vivem a infância, tipo a jogar ao pião...* (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— *À patela.* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— *Não vivem a infância.* (Manuel, 23 anos, Grupo 7)

— *Eu até aos 18 anos quem me desse uma bola de futebol, para eu jogar com os colegas, davam-me tudo, nem estava muito preocupado com a relação. Hoje em dia crianças de 14 e 15 anos já estão preocupadas se vão beijar aquela, ou ...* (Paulo, 23 anos, Grupo 7)

— *Eu, vejo a minha sobrinha, tem 15 anos, e ela gosta de um rapaz, gosta de um e depois gosta de outro, está naquela fase, e eu digo: «Manda-lhe uma carta.» E ela:*

— *«Ai que piroso, mando-lhe um email!... Ó tia, és mesmo antiquada!!» (Teresa, 23 anos, Grupo 7)*

— *Eu tenho uma sobrinha de oito anos que já tem Hi5, Messenger e tem oito anos. (Cecília, 23 anos, Grupo 7)*

— *Tenho lá um vizinho que tem 6 anos e ele vai para o Messenger... (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)*

— *É como ela, faz vídeo chamadas com as amigas, já mexe no Word melhor que eu ... (Teresa, 23 anos, Grupo 7)*

De certa forma, estes jovens apresentam a sexualidade da geração seguinte, como produto da sociedade tecnológica que os leva a assumir comportamentos relacionais radicais no sentido de pouco ponderados. Na construção explicativa sobre a moderna sociedade, os jovens dão a perceber que a *informacionalização*⁹ actua na vida quotidiana, reorganizando o espaço em torno de uma permanente presença da sexualidade. É de realçar o facto de este tipo de discurso crítico relativo à presença de assuntos sexuais, nos meios de comunicação, aparecer já em gerações precedentes: jovens universitários, em meados dos anos 80, afirmavam existir demasiado sexo na televisão e consideravam que os filmes da época eram demasiado explícitos em assuntos sexuais¹⁰.

Neste contexto, quando lhes é pedido, por mim, que deixem uma mensagem para os mais novos — *o que é que vocês gostavam de dizer?* — verifica-se que a preocupação se centra na cultura do risco. Os jovens enviam mensagens assentes em concepções e valores morais e em regras de práticas saudáveis que lembram o que eles próprios relatam da atitude dos pais em relação a si próprios.

— *Para aproveitarem a vida, mas com juízo! (José, 20 anos, Grupo 2)*

— *No fundo é isso. (Luís, 21 anos, Grupo 2)*

— *Sem forçarem nada... Acho que se força um bocado na adolescência, acho que há muita malta aí preocupada em fazer ou não fazer... (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)*

— *Façam o que gostam... Mas lá está, é como eles dizem, aproveitem, mas tenham o mínimo de juízo! (Luís, 21 anos, Grupo 2)*

- *Eles vão perguntar: O que é isso do «ter juízo?!»* (Moderadora)
- *Sei lá!* (Luís, 21 anos, Grupo 2)
- *Não fazer nada de que se venham a arrepender.* (José, 20 anos, Grupo 2)
- *Ter os cuidados de saúde e emocionais adequados à sexualidade e que não seja um assunto que seja um peso para a pessoa.* (Fernando, 19 anos, Grupo 2)
- *No geral, que esse assunto vos traga menos problemas possíveis.* (Luís, 21 anos, Grupo 2)
- *Quais são os problemas que podem trazer?* (Moderadora)
- *Pode ser tanto pelo lado de retracção ao assunto como pelo lado que se vão arrepender, o tal «não ter juízo».* (Vicente, 21 anos, Grupo 2)
- *Doenças, gravidezes, esses podem ser os grandes problemas.* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)
- *Graves problemas emocionais também são muito frequentes.* (Fernando, 19 anos, Grupo 2)
- A moralidade expressa contém implícito o ideal masculino que, mais do que na diferença, assenta na desigualdade de género, nomeadamente quando aparecem mensagens associadas ao sentido da imagem *virtuosa da mulher*¹¹ acentuando a condição de respeito e consequentemente posicionando-as de acordo com a *ordem natural* do mundo¹² — *E muitas raparigas respeitarem-se a elas próprias antes de tudo... Há muita falta disso, hoje em dia* (Catarina, 21 anos, Grupo 2).
- Surgem, igualmente, mensagens que associam a sexualidade à afectividade. Quer isto dizer que a lógica do significado de afectividade/amor romântico está presente no pensamento sobre sexualidade. Este tipo de discurso vem de raparigas e também de rapazes o que, de alguma forma, contraria o sentido mais hedonista atribuído aos rapazes (como adiante veremos).
- *Os rapazes respeitarem as raparigas.* (Mariana, 20 anos Grupo 2)
- *Também eu concordo com isso.* (Joana, 18 anos, Grupo 2)
- *Acima de tudo que gozem, mas que não se deixem ser gozadas.* (Mónica 18 anos, Grupo 2)
- *E com alguém de que gostem, não fazerem por fazer...* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)
- *Amem o mais possível.* (Paulo, 21 anos, Grupo 2)

— *Se é bom, é por ser com quem é, não é por ser o que é.* (Mariana, 20 anos, Grupo 2)

Conclusão

Os discursos quanto à socialização da sexualidade centram-se sobretudo no diálogo com os pais, os pares e na aprendizagem individual para a qual a internet é um meio privilegiado, mas em que o papel da televisão também é importante.

A aprendizagem da sexualidade aparece diversamente remetida para os espaços privado e público.

No espaço privado, os pais são a principal referência. É com eles que, por sua iniciativa, se «conversa a sério» sobre o funcionamento sexual, nomeadamente do ponto de vista dos riscos. São «os cuidados» que preocupam os pais e as mães — riscos de doenças sexualmente transmissíveis, mais explicitamente presentes no caso dos rapazes e riscos de uma gravidez indesejada, mais presente no caso das raparigas. Com uma atitude coerente com a moderna *ordem do biopoder*¹³, os pais orientam e deixam-se orientar, no quotidiano, por mecanismos disciplinadores biomédicos. Inerente a eles aparece a visão diferencial de género e o valor do comportamento virtuoso da mulher. Os pais transmitem mensagens diferenciadas que, de forma geral, reproduzem categorias de género coerentes com as expectativas de distintas vivências da sexualidade. Nos filhos, o desempenho é abertamente encorajado, nomeadamente, em alguns casos, pela entrega de preservativos. Em relação às filhas, a atenção é dirigida para o «risco social», um sentido de resguardo que adopta atitudes de vigilância e manifesta uma maior preocupação com a moral sexual e relacional — situação determinante para uma menor autonomia ou liberdade. Adoptando um registo aparentemente informativo, os pais passam uma mensagem percebida como moral e transmissora de condutas disciplinadoras desiguais, com um sentido de menoridade sexual e relacional para as raparigas.

O diálogo com os pais é uma área dificultada pela artificialidade da situação, que convoca a intimidade sexual; habitualmente é

marcada pela ausência de discurso — algo que se sabe existir, mas de que não se quer falar. Percebe-se ainda que no diálogo com os pais estão ausentes atitudes ou conversas de tipo saber-experenciado/afectivo-relacional o que de certa forma contribui para a transmissão da percepção da sexualidade tabu.

Os jovens valorizam a atitude dos pais de abordarem o tema da sexualidade, reconhecendo que faz parte do papel parental. Mas, apresentam a aprendizagem da sexualidade, na realidade, como passando-se no diálogo com os pares e na aprendizagem individual, nomeadamente por via das tecnologias de informação e comunicação. As tecnologias de informação e comunicação surgem nos discursos dos jovens como fontes de informação e possibilitam uma interacção com o «outro ausente», elemento central da vida moderna como refere Anthony Giddens, nomeadamente como resposta ao desejo *voyeurista* sobre esta nova cultura que expõe permanentemente histórias sexuais, usando as palavras de Plummer.

No espaço público, a presença frequente, no quotidiano, de mensagens provenientes dos meios de comunicação, surge como construtora de modelos de percepção da sexualidade. A percepção dos jovens é de que, hoje, o espaço se organiza em torno da permanente presença da sexualidade — contexto que já se distancia da sua própria aprendizagem sexual. Percepcionam de forma crítica a influência do apelo social da sexualidade sobre a geração futura, associado a redes tecnológicas que «naturalmente» determinam e aceleram o processo de comunicação e influenciam directamente o curso do desenvolvimento relacional, com uma concepção que tem subjacente pressupostos mais hedonistas e menos românticos.

Como já referi, o tema da sexualidade em contexto escolar foi pouco desenvolvido, pelos jovens, e quando o foi retratou, essencialmente, um papel (in)formativo. Ou seja, o papel da escola, nestes discursos, aparece centrado em estratégias pedagógicas de especialidade, numa abordagem de sexualidade objectivada.

CAPÍTULO 8

Eu faço sexo amoroso...

A sexualidade já vivida

A sexualidade juvenil como prática legitimada

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DOS JOVENS reflecte um entendimento de sexualidade como algo que faz parte efectiva das suas vivências do quotidiano. Para estes jovens, a prática da sexualidade corresponde a um processo natural, inerente às trajectórias juvenis, como necessidade inscrita no corpo. Este registo evidencia uma alteração relativamente aos dados apresentados, na década de 80, por Júlio Machado Vaz, que afirmava existir uma certa ambivalência, incerteza, ou seja, um *mixed feeling* relativamente ao facto de, particularmente as jovens raparigas da sua amostra, referirem que, em princípio, se devia esperar pelo casamento, embora fosse admissível não o fazer. Quanto aos jovens que entrevistei nos diversos grupos, não só este argumento nunca foi utilizado, como, de facto, a quase totalidade já teve relações sexuais com penetração¹. Ou seja, a questão da sexualidade pré-conjugal que tanto preocupou as gerações até à década de 60, 70 e 80, parece estar completamente ultrapassada, para os jovens de hoje que entendem a sexualidade como determinante para a manutenção dos seus relacionamentos afectivos. Um dos jovens refere mesmo que, se a sua namorada só quisesse ter relações sexuais após o casamento, teria terminado o namoro.

— [...] Mas acho que é uma coisa normal, uma necessidade fisiológica de ambos. Ou seja, há momentos em que há mais atracção do que outros, claro que há; há momentos mais propícios que outros, claro que há. Mas estar aqui a dizer «ah! o sexo não acontece ou acontece uma vez por mês, deve acontecer, talvez daqui a 10 anos ou 15 anos de relacionamento, aí claro! ... Mas agora, na nossa idade, é uma coisa completamente banal. Uma pessoa tem confiança com outra pessoa. Não diz que é uma coisa que acontece diariamente, isso também não. Mas é uma prática comum... (Luís, 21 anos, Grupo 6)

— Às vezes sim, é justo pensar assim... Às vezes não acontece durante algum tempo e às vezes acontece loucamente durante muito tempo. (Mário, 20 anos, Grupo 6)

— Às vezes há mais necessidade de... E outras menos. Depende da parte do clima, da vontade. Agora estar aqui a dizer que a sexualidade não faz parte da vida de uma pessoa... Nós não temos 10 nem 15 anos. Toda a gente está aqui e sabe que a sua vida normal... A minha relação não depende disso ... (Luís, 21 anos, Grupo 6)

— Não depende, mas precisa. (Fernanda, 22 anos, Grupo 6)

— Sem isso, não subsiste, na minha opinião. Sem isso, é um bocado difícil... (Mário, 20 anos, Grupo 6)

— Mas foi como tu disseste, se calhar, se a outra pessoa... (Luís, 21 anos, Grupo 6)

— Não é completamente dependente, mas precisa... (Fernanda, 22 anos, Grupo 6)

— É uma parte integrante. (Mário, 20 anos, Grupo 6)

— Eu acho que há uma certa altura em que é necessário para a relação... Não depende, lá está! Eu estive muito tempo, antes de namorar, sem ter relações, mas a partir de uma certa altura, uma pessoa começa... A intimidade é tão grande que uma pessoa sente que faz parte e que se calhar podemos experimentar ou coisa assim do género. Agora, estar a dizer que não faz parte, só depois do casamento, acho que, lá está, é como o Rogério (22 anos, Grupo 6) estava a dizer: «Se uma pessoa pensa de uma maneira e outra pensa de outra», ... depois, não é só nessa parte que vão divergir um do outro, surgirão outras coisas que vão acabar por fazê-los romper... Se calhar é como ele disse, eu não estava agora com a minha namorada. (Luís, 21 anos, Grupo 6)

Orientada por padrões da *modernidade radicalizada*², a sexualidade surge ancorada à individualização, na medida em que a opção de ser sexualmente activo passa pela decisão reflexiva de cada um.

— [...] É normal, 17 anos, para a idade... [...] É assim... para mim... eu sou muito picuinhas... Era só quando quisesse. Quando eu sentisse que queria... era quando eu queria e foi até aos 17 anos. (Clara, 20 anos, Grupo 4)

Quando tomam a decisão de iniciar a sua vida sexual, não existe qualquer tipo de impedimento que não possa ser ultrapassado — nem mesmo, nomeadamente, quando há dificuldades para encontrar o lugar adequado. Ou seja, quando há intenção, não faltam oportunidades, nomeadamente na própria habitação em que vivem com os pais, dado que estes passam o dia todo fora a trabalhar e esta situação facilita os acontecimentos.

— [...] Eu penso assim: eu se não puder fazer alguma coisa em casa, faço na rua. Eu digo isso à minha mãe e é verdade... Se não puder fazer em casa tenho de arranjar outro sítio para fazer. (Filipe, 20 anos, Grupo 3)

— Ah! Sítio é o que não falta (Rui, 21 anos, Grupo 3)

— Ah, isso é. Eu também acho. (Fábio, 19 anos, Grupo 3)

— Os pais passam o dia todo a trabalhar, os horários são flexíveis (Marta, 19 anos, Grupo 3)

— Tirinho às aulas (Filipe, 20 anos, Grupo 3)

— Estás a ver? Há a casa, não estão, é lá! (Marta, 19 anos, Grupo 3)

A iniciação sexual e sua percepção diferenciada pelos géneros

Por iniciação sexual, os jovens entrevistados entendem a primeira relação coital. Como refere um dos rapazes, a sexualidade é valorizada: — [...] *depois de ter o acto sexual* [primeira penetração] (Ricardo, 25 anos, Grupo 7).

É verbalizada a existência de práticas, pessoais ou partilhadas, antes da primeira experiência coital, o que aparece como experiências de aprendizagem. Por exemplo, eles e elas referem que, por volta dos doze anos, brincavam ao denominado jogo «bate-pé»³ — descrevendo

comportamentos e práticas de exploração (com maior ou menor intimidade física) entre rapazes e raparigas, como: *apalpar e beijar*.

— Há o jogo do bate-pé. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Sim, o meu primeiro contacto que tive com uma rapariga foi tipo o jogo bate-pé. (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Tínhamos que dar um beijo ou dar um beijo na boca à pessoa, mesmo sem gostar dela. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Era por número, aquilo dá a volta e é a quem calhar. Cada número tinha, por exemplo, um abraço, um apalpaço, um beijo na cara ou na boca, e conforme saísse, se a pessoa rejeitasse, tinha a consequência. (Manuel, 23 anos, Grupo 7)

— Normalmente, ninguém queria a consequência, por exemplo, 20 voltas a não sei onde. E eu: «20 voltas!?!» [...] Ia agora correr! (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

A estas práticas de exploração da sexualidade sucedem-se progressivamente comportamentos mais íntimos, sem penetração, entendidos como de preparação para a primeira relação sexual.

— E tem a ver também com as situações, não é?... Depende de... Se calhar, quando uma pessoa pensa mais niss... [RISOS] tem a ver também quando tu já tens um namorado a sério... E lá vem a evolução, não é?... Não é só uns beijinhos, depois as pessoas evoluem, não é? (Catarina, 17 anos, Grupo 3)

— Isso é o mais normal numa criança, a curiosidade que tem... (Alberto, 20 anos, Grupo 3)

— Chega a uma certa idade em que começam a ligar mais, a pensar [...] (Sandro, 19 anos, Grupo 3)

— Vontade? Tem vontade de experimentar. (Rui, 18 anos, Grupo 3)

— Ver como os paizinhos fizeram... [RISOS] como é que é... como é que é se eu tocar... (Alberto, 20 anos, Grupo 3)

Relativamente ao momento adequado para a iniciação sexual, fica claro que não existe uma idade que balize o momento certo para a primeira relação sexual com penetração.

— Eu acho que não há aquele momento em que se diz: — «Ai eu agora estou preparada» ... Eu pelo menos nunca me senti preparada ... acontece... não há o momento que se diz: — «Ai! Agora é que eu me sinto bem!»... pelo menos comigo não aconteceu assim. (Maria, 20 anos, Grupo 2)

— Não, porque se estivermos à espera disso... Nunca (se) está (preparado)! (Duarte, 21 anos, Grupo 2)

Em consonância com alguns estudos⁴, também na nossa amostra, encontramos uma diferenciação na forma subjectiva de perceber a noção temporal de iniciação sexual (mais precoce ou tardia) em função da escolaridade. A posição dos jovens com um nível mais baixo de escolaridade vai no sentido da maior precocidade — relativamente aos mais escolarizados. Para os primeiros, 17 ou 18 anos é já uma idade tardia para se iniciarem sexualmente. Uma jovem com o sexto ano de escolaridade refere que perdeu a virgindade aos 17 anos e que já foi muito tarde, dado que no seu grupo de pares era situação única. Diferentemente, através de alguns discursos de jovens rapazes e raparigas universitários, percebemos que os 17 anos são uma idade precoce para a primeira relação sexual/coital e que aos 18 anos ainda são novos.

Esta diferença de entendimento em relação à idade mais ou menos precoce ou tardia da primeira relação coital, em função da escolaridade, remete para os processos de análise inerentes à noção de *habitus*⁵ e sua influência nas escolhas que traduzem um conhecimento que é um juízo prático de classificação organizado a partir de um vasto e diferenciado conjunto de disposições estruturantes e estruturadas.

Com base neste entendimento naturalizado e legitimado da actividade sexual, surgem construções discursivas que manifestam estranheza quando reflectem sobre trajectórias juvenis em que a opção vai no sentido da não experimentação pré-conjugal. Mostram surpresa e curiosidade pela situação que afirmam ser de excepção, pois, como referem, actualmente, a diferença é ser-se virgem.

— É claro que eu questiono-me a mim e a elas [amigas], temos algumas conversas em relação a isso. Porque é da minha curiosidade saber o que pensam, por serem diferentes, porque a diferença agora é ser-se virgem. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

Nesta matéria, os rapazes são, mais do que as raparigas, afirmativos da não-aceitação da norma da virgindade pré-conjugal. Para os rapazes, a iniciação precoce na sexualidade surge como uma valorização que no grupo de pares confirma a identidade masculina, através da afirmação da virilidade. A situação inversa, ou seja, a iniciação

mais tardia, surge como um possível indicador de orientação homossexual (situação mal vista). Os discursos indicam a importância do reconhecimento dos pares e, de certa forma, o facto de estes funcionarem como factor de pressão para a experimentação.

— *Se houvesse algum colega meu que aos 17 ainda não...* (Isidro, 21 anos, Grupo 5)

— *Era uma vergonha... Eu não me importava nessa altura, mas elas todas...* (Paula, 21 anos, Grupo 5)

— *Com que idade é que não era vergonha?* (Moderadora)

— *Sei lá,... Dizíamos com 13 anos — «Ei! tá-se a safar»... Agora, com 17 anos ou 18, sou virgem...* (Rute, 20 anos, Grupo 5)

— *Isto é uma competição.* (Isidro, 21 anos, Grupo 5)

— *Se encontrássemos assim aquele tipo de amigos: «Só vou perder a virgindade com a pessoa certa», se calhar já íamos pensar «ele tem razão». Agora, «Olha! 17 anos ainda é virgem!! Olha! É gay.» E esse tipo de situações...* (Fábio, 22 anos, Grupo 5)

— *É mais do homem, isso aí. Porque acho que, se o homem for virgem para o casamento, é visto com olhos ... é assim um pouco pela sociedade, posto de parte.* (Rui, 23 anos, Grupo 7)

— *Ou, assim, identificado tipo... «Ainda é virgem! Será que gosta de mulheres?»* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

Esta questão da virgindade assume um significado diferenciado entre raparigas e rapazes. Para as raparigas, a expressão *perder a virgindade* retrata a importância ainda atribuída à virgindade feminina. Apesar de o significado se distanciar da moral tradicional, que fazia depender a perda da virgindade da conjugalidade, o sentido pelas raparigas é manifestamente conferido ao domínio afectivo e relacional enquanto continuidade da relação e, até, de conjugalidade. Essa motivação expressa-se, nomeadamente, na selecção do namorado e na escolha do momento ideal.

— *Não sei... É a primeira vez. A primeira vez para mim tem de ser especial. Tem de ter algo que eu não vá esquecer. Tem de ter algo que eu conheça, que eu tenha confiança nele. Não vou estar cá: «Olha, anda cá que é contigo», depois vou ter com o meu namorado com o que aprendi que é para não desiludir. Eu acho que não, que não o vou desiludir. Se ele gosta de mim e eu dele!* (Cristina, 19 anos, Grupo 3)

— [...] As raparigas querem aquele momento especial... Com o rapaz certo... Com tudo isso... (António, 18 anos, Grupo 3)

— E acho que as raparigas[...] é aquela coisa, tipo: «Ele faz comigo e se calhar deixa-me.» Acho que com os rapazes não é tanto essas coisas, tipo: Fazem e... Está tudo bem. E acho que com as raparigas não, ligam mais a essas coisas. Apaixonam-se por um rapaz e querem namorar com ele [...]. (José, 19 anos, Grupo 3)

— [...] enquanto se calhar a rapariga já pensa o contrário: é aquele rapaz e é para casar com aquele rapaz. (Luís, 21 anos, Grupo 3)

— É assim com as raparigas? (Moderadora)

— Eu, é. Não vou esconder o que quero. (Joana, 19 anos, Grupo 3)

O registo dos rapazes sobre a sua própria virgindade é indicativo da desvalorização do conceito e demonstra percepção da diferença em relação ao valor que é atribuído pelas raparigas.

— [...] Porque a questão da virgindade, perder a virgindade... as raparigas pensam de maneira diferente dos rapazes. (Luís, 21 anos, Grupo 3)

— Nós é um bocadinho andar para a frente... (Carlos, 20 anos, Grupo 3)

Mas a valorização da virgindade da rapariga aparece também no imaginário dos rapazes, nomeadamente no que respeita ao facto de ter sido com eles que a namorada perdeu a virgindade.

— [...] Por exemplo, eu não sei, mas a maioria dos meus colegas diz isso — «A minha namorada perdeu a virgindade comigo!» Ou seja, eles valorizam bastante o facto de a mulher ser virgem ou de não ter perdido a virgindade com muitos rapazes [...]. (Isabel, 23 anos, Grupo 7)

— Só usei o preservativo três vezes com a minha ex [ex-namorada]. Uma foi quando lhe tirei a virgindade. (Gustavo, 21 anos, Grupo 5)

A expectativa, a desilusão e os medos na primeira experiência coital

— A minha primeira vez fiquei traumatizada. Na minha primeira vez foi tudo horrível: eu idealizei uma coisa e saiu tudo ao contrário... Doeu-me imenso, foi num sítio que eu não queria. Depois estávamos os dois

stressados. [...] Foi num espaço verde muito, muito lindo... Eu estava cheia de frio, foi horrível, a sério. Eu fui para casa a chorar, eu ia em estado de choque, eu pensei: «Eu não gosto disto, diziam que era tão fixe e eu não quero mais.» (Maria, 23 anos, Grupo 6)

— Eu pensava que ia ser uma história cor-de-rosa, uma coisa para recordar e foi para esquecer. [...] Éramos os dois e esse é que foi realmente o maior problema. Um fica a pensar «a culpa foi minha» e o outro fica a pensar «não, foi minha» e depois ninguém consegue falar. Ainda por cima, nessa altura, dormimos os dois. Eu fiquei com o apartamento. Tinha falado com os meus colegas na altura e eles foram à vidinha deles e nós ficámos sozinhos a noite inteira e só falámos no dia a seguir. E eu notava que ela estava acordada e... (Manuel, 23 anos, Grupo 7)

Estas descrições resumem o essencial dos discursos sobre a experiência da primeira relação sexual. Para a quase totalidade dos jovens (excepção feita a uma rapariga de 20 anos) a primeira relação sexual/coital foi vivida de forma pouco confortável ou até angustiante. A sensação de mal-estar é exposta através da expressão de sentimentos de «desilusão» e de «insegurança»; da forma «desajeitada» e «desconfortável»; da manifestação de «dor» pelas raparigas; de desânimo (da grande brevidade do acto) pelos rapazes e, nestes, ainda pelo medo de «não ser capaz».

A imagem pré-construída sobre o acontecimento tem expectativas muito mais elevadas, do que o que se passa na realidade.

— Como agir... Como fazer... (Afonso, 18 anos, Grupo 3)

— Eu acho que isso sente-se na hora. (Duarte, 19 anos, Grupo 3)

— Mas muitas pessoas têm medo de falhar... (Afonso, 18 anos, Grupo 3)

— A primeira vez será que gostou? Se calhar não desempenhei bem, sei lá, a minha função... [RISOS] sei lá, depende do rapaz... (Rui, 20 anos, Grupo 3)

— Corre sempre mal. (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— Estamos tão nervosos, não conseguimos fazer nada de jeito. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Eu pensei: — «Ei! vai ser para aí uma hora.» O gajo chega e já está!!!! [RISOS] (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— É uma desilusão... não é a melhor... (Ivo, 23 anos, Grupo 7)

— Não. Lá está, ia tão nervoso que foi, chegou e já está. O problema é aquele silêncio que se forma. Ficas ali... (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Parece que não conheces a pessoa. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Exactamente, ficas ali e já foi. Acabou e depois olha-se para o tecto e ... (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Eu, foi um dia à tarde. A minha mãe não estava em casa e pronto, aquilo foi uma coisa muito rápida para as minhas expectativas iniciais. Uma pessoa estava a pensar: — «Ei! Aquilo é que vai ser a tarde toda!» E chego ali, pronto já foi. Foi isto, pronto, para a próxima é melhor... (Ivo, 23 anos, Grupo 7)

— Antes de perder a virgindade, tinha já dormido com raparigas, algumas, em que não se passou nada, e outras, demos uns beijos. Houve algum contacto físico, mas não passou ao acto e isso não me meteu confusão. O que me meteu confusão foi perder a virgindade e ser só aquilo. (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Corre sempre mal. Eu pensei: «Vai ser o paraíso ideal», mas quando dei por mim, pronto ... a minha experiência foi ... estávamos ali na boa e quando eu dei por mim... «Vai acontecer mesmo»... Pronto está o caldo entornado: «O que é que eu vou fazer? O que é que não vou fazer?» E a partir daí corre tudo mal. (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— A primeira relação sexual/coital aparece como um acontecimento que é vivido com vergonha — especificamente a vergonha de se mostrarem nus pela primeira vez. Em alguns dos discursos, a vergonha do olhar faz com que tenham optado por estar às escuras durante a primeira relação sexual.

— Tive vergonha, foi a primeira vez com um rapaz [...] tive vergonha de mostrar os seios e a vagina. Foi tudo apagado, não se via nada, só se sentia. (Filipa, 20 anos, Grupo 4)

— O sexo à noite é sempre mais confortável, ao princípio... Lá está, é como ela estava a dizer... Olhar nos olhos e isso. Isso também é ao princípio, depois tende a acabar... Às escuras é melhor. Mas saber quem está lá... (Vasco, 20 anos, Grupo 4)

Embora o sentimento de mal-estar seja generalizado, mais uma vez, aparece ancorado à categoria de género. Assim, rapazes e raparigas constroem discursos distintos sobre as circunstâncias necessárias e sobre os medos associados à tomada de decisão.

De uma maneira geral, os discursos masculinos atribuem a angústia da primeira relação sexual/coital a elementos de desempenho, quer quando manifestam o medo que tiveram de não serem capazes da execução (associado ao medo da grande brevidade do acto), quer através da ejaculação precoce. O medo dos rapazes está intimamente relacionado com a execução. É ao medo de falhar que se atribui o adiamento da concretização da primeira relação sexual.

— [...] também há quem demore mais a decidir por causa dos medos, o medo de fazer, porque pode acontecer aquilo, não ser capaz de... e com esses medos demora mais a avançar... (Afonso, 18 anos, Grupo 3)

A estes discursos surgem associados preconceitos sociais ancorados em lógicas profundamente genitalizadas e falocêntricas, especificamente inerentes à masculinidade viril.

No conjunto destas inquietações, os discursos deles indicam que a iniciação sexual com uma rapariga que conhecem, de quem gostam e em quem confiam, aparece, para os jovens, como facilitadora do acontecimento.

— É o receio de que alguma coisa corra mal... É preferível fazer com uma pessoa de quem nós gostamos, não é? Creio eu, uma pessoa com quem nós temos mais confiança não é? Acho que nos sentimos bem mais à-vontade. (Rui, 20 anos, Grupo 3)

Estes jovens nunca referiram, como forma de iniciação sexual masculina, o recurso à prostituição — diferentemente do constatado por José Machado Pais na década de 80⁶. Júlio Machado Vaz mencionava, já na década de 80, ser expectável um progressivo decréscimo do recurso à prostituição, justificado pelo aumento de oportunidades de os rapazes terem amigas ou namoradas dispostas a terem relações sexuais e, também, pelo facto de os jovens se tornarem progressivamente mais exigentes quanto ao ambiente afectivo inerente ao acto sexual.

Diferentemente, para as raparigas, a primeira relação sexual/coital aparece iminentemente ligada com o sentido de responsabilidade, no sentido em que relacionam a tomada de decisão de passar ao acto com o «estatuto» assumido de maturidade, num entendimento subjectivo.

— [...] Se é aos 15, se é 16 ou aos 11 anos, como se vê agora que os jovens perdem a virgindade, eu acho que isso é decisão de cada um... Eu acho que uma pessoa aos 12 anos pode ter a maturidade que outra pessoa

só tem aos 16. Acho que isso depende de pessoa para pessoa. (Mónica, 18 anos, Grupo 2)

Para elas, as exigências não estão centradas no desempenho, mas nas consequências do acto, nomeadamente o risco de engravidar e o risco de serem abandonadas.

— Não há idade certa... Cada uma... quando se sentir preparada. (Joana, 18 anos, Grupo 4)

— Foi o que eu disse, eu senti-me preparada. Mas foi aos 17 anos. (Patrícia, 20 anos, Grupo 4)

— Mas depende... Uma chavala de 13 anos... (Inês, 19 anos, Grupo 4)

— Sim, mas já se sentem... Por exemplo, há miúdas de 13 anos que já se sentem preparadas. (Patrícia, 20 anos, Grupo 4)

— Depois acontece ficarem grávidas. (Inês, 19 anos, Grupo 4)

— [...] porque se for a ver, uma pessoa engravida e quem fica com os filhos somos nós, os rapazes fogem ... [RISOS] [...]. (Mónica, 19 anos, Grupo 3)

— E acho que as raparigas também têm um bocado mais de medo porque, é aquela coisa, tipo: — «Ele faz comigo e se calhar deixa-me.» Acho que com os rapazes não são tanto essas coisas, tipo fazem e... Está tudo bem. E acho que com as raparigas não, elas ligam mais a essas coisas. (Ivo, 19 anos, Grupo 3)

As práticas de sexualidade

Verifica-se pelos discursos destes jovens que os seus conhecimentos sobre sexualidade não resultam de ideias abstractas, feitas de informações recolhidas no exterior, mas surgem associados a práticas reais por eles próprios efectuadas. Eles e elas falam com experiência efectiva.

Para além da primeira experiência, a realização de novas práticas que implicam maior intimidade remete para o modelo relacional de namoro, cenário vivenciado como de pré-conjugalidade em que aumenta a convivência, o à-vontade e a intimidade. A experiência vivida de forma continuada diminui o sentimento de vergonha, o que permite que tudo seja possível.

— *Eu acho que se uma pessoa andar com um rapaz há um certo tempo, as vergonhas ficam para trás. Depois, as coisas ficam dentro de quatro paredes. Eu penso assim.* (Susana, 19 anos, Grupo 3)

— *Claro. Desde que ambos estejam de acordo, tudo é possível.* (Rita, 19 anos, Grupo 3)

— *É assim: quando estamos num relacionamento sério, acho que devemos ter uma mente aberta...* (Clara, 21 anos, Grupo 5)

— *Vale tudo.* (Fábia, 18 anos, Grupo 5)

Entre as imagens mais comuns encontram-se as descrições de práticas e posições que imitam o que vêem em filmes eróticos/pornográficos. Encontram-se igualmente descrições de práticas e comportamentos — que os jovens apelidaram de *fetiches*, no sentido de «acessórios» — que lhes dão prazer, por exemplo, os insultos enquanto têm relações sexuais ou os comportamentos sadomasoquistas.

— *E as mulheres também, é o que as mulheres mais adoram. As mulheres preferem sexo oral do que penetração.* (Fernando, 21 anos, Grupo 5)

— *Como é que sabes isso?* (Moderadora)

— *É a minha teórica [teoria] ...A minha experiência diz-me tudo... Eu só estou a dizer a experiência que tenho.* (Fernando, 21 anos, Grupo 5)

— *É fixe ir de 4.* (Manuel, 18 anos, Grupo 5)

— *É fixe? Não sei!* (Rute, 21 anos, Grupo 5)

— *É fixe, pelo menos para mim é.* (Manuel, 18 anos, Grupo 5)

— *Estava a dizer que era mesmo hardcore. Toda a gente gosta de se insultar...* (Duarte, 20 anos, Grupo 4)

— *Lá está, são os fetiches!* (Abílio, 18 anos, Grupo 4)

— *Há quem goste de levar com o chicote.* (Maria, 20 anos, Grupo 4)

— *Era mesmo fixe, em frente ao espelho [RISOS].* (Vicente, 20 anos, Grupo 4)

— *Eu acho que são mais os homens que têm fetiches do que as mulheres.* (Maria, 20 anos, Grupo 4)

— *O fetiche tanto dá para os homens como para as mulheres* (Vicente, 20 anos, Grupo 4)

Os jovens interrogam-se sobre as práticas sexuais nas relações de crescente intimidade, do ponto de vista do seu significado relacional. Em que medida elas traduzem *fazer amor* ou *fazer sexo*? (Maria, 20

anos, Grupo 4). Na distinção destas categorizações, a primeira, *fazer amor*, designa a representação relacional romântica e a segunda, *fazer sexo*, surge associada à interpretação individualista, mais hedonista, da sexualidade, ou seja, entendida enquanto mera fonte de prazer e de satisfação pessoal. A solução encontrada passa por articular o prazer corporal e a relação amorosa de que aquele é encarado como veículo. Ou seja, descobrem a sua definição de erotismo como *sexo amoroso*, a que José Machado Pais também se referiu com os termos *sexualização do amor e erotização do sexo*⁷.

— *Queria dizer uma coisa.* (Maria, 20 anos, Grupo 4)

— *Fala.* (Susana, 19 anos, Grupo 4)

— *Não me esqueci, mas não sei como é que vou dizer. É assim, aos inícios de namoro, as primeiras vezes é amor?... Ele falou agora de sexo, depois já fica a ser sexo) Certo?* (Maria, 20 anos, Grupo 4)

— *Eu não penso assim...* (Susana, 19 anos, Grupo 4)

— *Deixa de haver amor e passa a ser sexo?* (Vicente, 20 anos, Grupo 4)

— *Vocês estão a entender o que eu estou a dizer, o amor é assim uma coisa mais romântica, calma, tipo a primeira vez, tudo com muito cuidadinho, velinhas acesas. Depois é já experimentar posições novas, coisas assim malucas, eu considero isso sexo. É sexo?* (Maria, 20 anos, Grupo 4)

— *Depende como fazes.* (Manuel, 18 anos, Grupo 4)

— *Amor é uma coisa, sexo é outra.* (Vicente, 20 anos, Grupo 4)

— *Eu acho que é sempre amor, independente das posições.* (Rita, 18 anos, Grupo 4)

— *Não sei...* (Maria, 20 anos, Grupo 4)

— *É um sexo amoroso [RISOS]* (Vicente, 20 anos, Grupo 4)

— *É isso é... Eu faço sexo amoroso, digam-me se eu estou certa ou errada... É sexo?* (Maria, 20 anos, Grupo 4)

— *Depende de com quem se faz.* (Manuel, 18 anos, Grupo 4)

— *Digam-me se eu estou certa ou errada: tipo, a tua namorada, põe-se naquela posição, de quatro, é sexo?! (Maria, 20 anos, Grupo 4)*

Os discursos sustentam de forma explícita a ideia de aceitação, por parte dos pais, de uma efectiva actividade sexual dos jovens. Aqueles têm conhecimento de que os jovens têm relações sexuais, o que pode acontecer com os pais em casa. Esta certeza é justificada

com o facto de alguns pais terem sido já inesperadamente confrontados com a situação.

- Os meus [pais] sabem. (Cristina, 23 anos, Grupo 6)
 - Os meus sabem de certeza. (Hugo, 22 anos, Grupo 6)
 - Tanto é que, quando eu estou com o meu namorado, ela [mãe] bate à porta e, quando eu não estou com o namorado, entra sem bater. (Cristina, 23 anos, Grupo 6)
 - Então, a tua mãe sabe? (Moderadora)
 - Sim. (Cristina, 23 anos, Grupo 6)
 - O teu pai? (Moderadora)
 - Sim, com certeza. (Cristina, 23 anos, Grupo 6)
 - Sabem, nunca me perguntaram... (Sandra, 20 anos, Grupo 6)
 - Eu acho que são coisas que os pais sabem. No nosso caso, que nos damos bem com as nossas mães, é natural que elas saibam. (Gabriela, 20 anos, Grupo 6)
 - Estava aqui a comentar que a última vez que estive em minha casa [fala da casa dos pais], por acaso isto até é um bocado constrangedor... Eu por acaso pensava que estava sozinho em casa, pensava que a minha mãe não estava e quando ia a sair do quarto ela apareceu... Estava todo nu, voltei para trás e rimo-nos. (Gustavo, 22 anos, Grupo 6)
 - Por exemplo, um problema que eu tenho com os meus pais é que eles não batem à porta. Uma vez estava com o meu namorado, estávamos a ter relações, todos nus, e, o meu pai é muito brincalhão, entrou no quarto, nós todos cobertos, cheios de vergonha, e ele começou a fazer coceguinhas...[RISOS], o meu namorado todo coisa... mas ele, depois, entretanto saiu...apercebem-se e saem. Mas o meu pai apercebe-se e sai, mas não devia entrar, deviam bater à porta. (Joana, 20 anos, Grupo 4)
- Com base na legitimação da sexualidade por parte dos pais, os jovens reivindicam o quarto como o seu espaço, representado como a conquista da autonomia relacional. O sentido deste espaço está directamente identificado como a fronteira entre a condição de dependência e de autonomia — nomeadamente inscrita na actividade sexual num quadro relacional.
- A minha mãe também abre, mas fecha logo... Também não tem o costume de bater à porta... (Rui, 20 anos, Grupo 4)
 - A minha mãe também não bate à porta... (Joana, 18 anos, Grupo 4)

— A minha também não bate à porta e por isso é que eu não costumo estar com a minha namorada quando os meus pais estão lá... Quer dizer, estou, mas não a fazer esse tipo de coisas. Por exemplo, em casa dela já é diferente, os pais dela batem e perguntam se podem entrar. Em minha casa, os meus pais têm a mania de entrar, ou então batem e entram logo, não adianta ir abrir a porta. Por acaso nunca tive o azar de estarmos despidos e eles entrarem. (Duarte, 18 anos, Grupo 4)

— Se trancarmos a porta... (Mariana, 20 anos, Grupo 4)

— «Que estás a fazer? Que estás a fazer?» [perguntam os pais] (Duarte, 18 anos, Grupo 4)

— O meu pai é assim: — «Abre a porta, abre a porta.» E eu: — «Já vou»... Eles sabem, mas às vezes é mesmo para estarem ali dentro do assunto. Eu abro a porta e o meu pai para mim: — «Anda.» E eu: — «Já vou»... É sempre assim, e às vezes não dá. O meu pai, não é por mal, é porque é muito brincalhão mesmo... A minha mãe não, ela não se apercebe e é capaz de estar ali meia hora: «blá, blá, blá...». É verdade, a minha mãe é assim, o meu pai não. (Mariana, 20 anos, Grupo 4)

— E tu consegues ter privacidade no quarto com a tua namorada? (Moderadora)

— Sim. Dantes, no início, é que não... Não sei se era medo!... Medo do que nós estamos a fazer dentro do quarto... (Luís, 21 anos, Grupo 4)

— Não, eu acho que eles querem mesmo saber o que nós estamos a fazer... (Mariana, 20 anos, Grupo 4)

— Eles sabem... (Luís, 21 anos, Grupo 4)

— Mas eles têm que meter o nariz sempre. (Mariana, 20 anos, Grupo 4)

— Têm que confirmar. (Rui, 20 anos, Grupo 4)

— Por mais que uma pessoa não tenha à-vontade para falar sobre isso, eles querem sempre que uma pessoa fale e tentam sempre de alguma forma arranjar alguma coisa para falar sobre isso. Se nos apanharem, já vão ter assunto para falarem, mesmo que uma pessoa não queira, vamos sempre ter que falar sobre isso. [...] É assim, apanhado nunca fui, mas já aconteceu estar com ela no quarto (não estávamos a fazer nada), mas a minha mãe entrava sem bater e eu nunca gostei de falar sobre isso, porque a minha mãe é do tipo que tem sempre razão e se eu dissesse: «Não faças isso.» Ela dizia: — «Ah! Estou em minha casa...» Mesmo que eu diga: —

«O quarto é meu e a privacidade é minha», ela achava-se sempre com o direito de entrar no quarto, e se eu fecho a porta fica toda ofendida. (Duarte, 18 anos, Grupo 4)

— E já tiveste relações sexuais no quarto? (Moderadora)

— Sim, com a porta fechada. (Sandro, 22 anos, Grupo 6)

— Eu também, com a porta fechada. (Júlia, 23 anos, Grupo 6)

— É aquela questão de medo. Mas é assim, eu quando faço, depende das horas, durante o dia, não vou para o meu quarto e fecho-me lá dentro. É assim, eu chego tarde da faculdade e ele vai namorar lá a casa. O meu pai adormece muito cedo, ele, às nove horas já está a dormir... E claro, eu aproveito que ele está a dormir, ouço-o a rressonar e tal... Agora, se ele estiver acordado, eu tenho medo. É aquela questão do respeito. E se ele estiver a dormir é a mesma coisa que ele... (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Não estar lá. (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Há dois anos atrás, os meus pais vivem no andar de baixo e compraram o andar de cima e só vivo lá eu com o meu irmão. Mas, como o meu irmão é polícia, em Lisboa, eu estou sempre sozinho em casa. E eu escolhi o quarto que não está por cima do quarto dos meus pais, por isso posso dormir descansadinho. (Guilherme, 23 anos, Grupo 7)

— E já levaste ...? (Moderadora)

— Sim, sim, a minha namorada, e antes da minha namorada, levava para lá quem queria. (Guilherme, 23 anos, Grupo 7)

É assim que se verifica que as experiências vividas tiveram lugar, de uma forma geral, na habitação onde moram (com os pais ou os pais do parceiro), especificamente no seu quarto de dormir. Os relatos demonstram alguma descontração, particularmente quando estão em casa sozinhos, mas também quando os pais, estando em casa, lhes garantem privacidade. É neste ambiente pessoal e íntimo, que elegem o quarto de dormir como o local mais seguro, em que manifestam ter mais à-vontade.

— Não é o caso de teres gente em casa. Se tiveres a tua privacidade dentro do teu quarto, é na boa. (Filipe, 18 anos, Grupo 4)

— Mas é raríssimo baterem à porta... (Gustavo, 19 anos, Grupo 4)

— Chateio-me muitas vezes com a minha mãe por causa disso. Ela, se quer ter a sua privacidade, também tem que respeitar a minha e não vai estar a bater e a entrar sem eu dizer... O quarto é o meu espaço. (Eduardo, 21 anos, Grupo 4)

— [...] Em minha casa, embora eu esteja restrita ao barulho, estou à-vontade, estou em minha casa. Não vai aparecer ninguém, nem nenhum ladrão. A minha porta não está fechada à chave. Ninguém vai ao meu quarto, a não ser que batam à porta. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Ou, na casa dele, quando os pais não estão, ou na minha, quando os meus não estão. (Patrícia, 21 anos, Grupo 7)

— Sim, quando não estão eu também... (Mónica, 18 anos, Grupo 7)

— É um bocadinho difícil o meu pai não estar em casa. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Eu também estou fora durante muito tempo. (Rita, 18 anos, Grupo 7)

— E tu também não consegues com os teus pais em casa? (Moderadora)

— Não, por acaso não. (Rita, 18 anos, Grupo 7)

Quando as condições de privacidade em casa não são garantidas, os jovens optam por outros locais.

— Não levas a tua namorada para tua casa... Assim, com os teus pais lá? Ou vais para o quarto? Fazes isso? (Vicente, 22 anos, Grupo 6)

— Em minha casa não. (Miguel, 20 anos, Grupo 6)

— Era essa a questão. (Vicente, 22 anos, Grupo 6)

— Mas, se calhar em casa dela sim [...] em casa dela é mais propício isso acontecer, porque temos um espaço mais ou menos só nosso, mais isolado, é noutra andar da casa. (Miguel, 20 anos, Grupo 6)

— Na casa dela, vocês vão para o quarto? (Moderadora)

— Sim, nós dormimos juntos. (Miguel, 20 anos, Grupo 6)

O carro surge como a situação mais viável quando não têm condições em casa, embora a ele se associem sentimentos de insegurança e de pouco à-vontade, especificamente pelo medo ligado à possibilidade de serem alvo de situações de invasão por terceiros.

— No carro, à beira-mar, (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Eu, no carro, foi só uma vez e nunca mais. (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Porquê? (Moderadora)

— Vi [alguém] a trepar no vidro de trás [do carro] e arranquei e a partir daí disse: — Não, nunca mais!. (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Também já me aconteceu [no carro], mas eu detesto... Eu estar ali quase nua e aparecer alguém, ou fazer mal. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Quando os pais estão, não. Em casa, poucas vezes, no carro montes delas. (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— Não tens a preocupação manifestada por eles? (Moderadora)

— Não, eu quando faço gosto de estar liberto. [...] Não, embora tenha consciência do que possa acontecer, mas a última coisa que estou a pensar é nisso. (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

O jardim aparece referido uma única vez, como um recurso possível, mas surge como uma má recordação. Para uma jovem da amostra este foi o local escolhido para ter a sua primeira relação com penetração coital.

— [...] Teve que ser. Ele não tinha carro, na altura, e teve que ser... Foi num espaço verde muito, muito lindo... Eu estava cheia de frio, foi horrível, a sério [...] (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

Com exceção do carro e do jardim, outros locais são também do conhecimento dos jovens (como experiências relatadas por amigos) — nomeadamente foram referenciados locais públicos entre os quais se destacam: centros comerciais (em elevadores e provadores de lojas), discoteca e praia.

— Há pessoas que fazem no shopping, nos elevadores. Aí, não pode ser lento. (Luís, 21 anos, Grupo 4)

— Sim, eu conheço gente que faz. (Alberto, 21 anos, Grupo 4)

— Também podem ser fetiches, não tem nada a ver. (Patrícia, 20 anos, Grupo 4)

— Eu vi casos que fazem nos vestiários das [nome de loja] e isso... (Alberto, 21 anos, Grupo 4)

— Ai é? (Moderadora)

— A mim também já me disseram, não sei se conseguiram fazer. A minha namorada trabalhava na [nome de loja]. (Vasco, 20 anos, Grupo 4)

— Já ouvi falar na discoteca. (Bárbara, 19 anos, Grupo 4)

— Também me falaram nos provadores das lojas tipo [nome de loja]. (Moderadora)

— Eu tenho uma amiga que diz que perdeu a virgindade na [nome de loja]. (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Eu tenho uma colega que trabalha numa loja do shopping e já me contou várias situações... (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

Nas discotecas, em Portugal e em Espanha (país que aparece frequentemente nos seus discursos como tendo costumes mais modernos — *em Espanha vemos que estão mais à frente* (Gabriela, 21 anos, Grupo 5) — mencionam que, com frequência, vêem casais a terem relações sexuais junto às casas de banho ou em locais mais escondidos dos olhares.

— *Houve grupos em que me disseram que faziam nas discotecas.* (Moderadora)

— *Não, isso não.* (Teresa 23 anos, Grupo 7)

— *Não, mas em Espanha já vi assim um bocado de coisas... Eu aqui nunca vi, mas acho que em Espanha é prática normal.* (Mário, 23 anos, Grupo 7)

— *Eu também já vi em Benidorm, perto da casa de banho, em sítios mais escuros. E já vi também em Ibiza.* (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— *Eu já vi em Espanha também.* (Joana, 18 anos, Grupo 7)

Também a praia aparece como um local onde uma jovem indica que, com frequência, vê pessoas a terem relações sexuais.

— *Eu já vi na praia montes de vezes quase ao meu lado. [...] de dia, de tarde. Vê-se mesmo os movimentos com a toalha em cima. Eu já vi tantas vezes. Eu não fazia! Eu não gosto de me exprimir muito em público, então com ele, não gosto. O máximo é dar um beijo ou agarrar-me, agora assim, grandes cenas, não gosto.* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

Conclusão

A sexualidade dos jovens é uma prática efectiva.

Orientada por padrões da sociedade moderna, a sexualidade destes jovens surge como um processo naturalmente legitimado nas trajectórias juvenis. Assume uma dimensão individualizada como refere Anthony Giddens, pensada como necessária à subsistência dos relacionamentos. Nesse contexto, a quase totalidade dos jovens refere ter vida sexual/coital activa.

A aproximação a determinados entendimentos e comportamentos entre rapazes e raparigas, não deixa de ser acompanhada da permanência de significados e símbolos culturais que operam nos

discursos e nas práticas, reproduzindo categorias de género. Nesse sentido, percebe-se o significado diferenciado atribuído à virgindade, que nas raparigas surge associado a um valor moral e é verbalizado pelo discurso da *perda da virgindade* — trata-se de uma concepção de tipo essencialista, naturalmente relacionada com a honra feminina em que a *pureza* surge corporizada pelo hímen, como nos anos 70 referiu Pitt-Rivers. Nos rapazes, a virgindade assume uma lógica diferente. A sua não materialização surge como uma espécie de *castração voluntária*, arriscando a pôr em causa a sua masculinidade, uma vez que o sentido, tal como refere Pitt-Rivers, está directamente relacionado com o desempenho ou com a *coragem* demonstrada. Ainda em relação à primeira relação sexual/coital, percebe-se que os meios sociais, (operários, populares ou estudantis), parecem influir na relação com a sexualidade do ponto de vista da idade de iniciação.

Outra diferenciação que se encontra relacionada com as categorias de género é a que flui nos medos associados à relação sexual/coital, nomeadamente na percepção da primeira relação que, no entanto, é, por ambos os géneros, percebida num registo de desilusão face às expectativas. Ou seja, vimos, ainda, que a tomada de decisão e os medos associados à primeira relação sexual reflectem valores morais diferenciados, com as raparigas a manifestarem sentido de responsabilidade pelas consequências do acto e os rapazes a viverem como fundamental a questão do desempenho, associada à categoria de virilidade masculina.

Percebemos, igualmente, que a iniciação teve lugar com um parceiro conhecido (frequentemente designado por namorado ou namorada), o que indica um sentido de distanciamento em relação à forma tradicional de iniciação sexual/coital masculina, de recurso à prostituição — de destacar que um tal recurso nunca foi referido pelos jovens da minha amostra.

Na relação continuada, os jovens adoptam práticas sexuais de grande intimidade, numa atitude de liberdade facilitada pelo ambiente social e familiar. A sexualidade é vivida, nomeadamente, no quadro doméstico, especificamente no quarto de dormir, em contexto de privacidade. A *ars erótica* é aprendida no espaço público, através das tecnologias de informação e comunicação, com os jovens a adoptarem

práticas diversificadas que reproduzem a informação erótica/pornográfica assimilada.

Esta condição é manifestamente facilitada, quer através da legitimidade sexual concedida pelos pais, quer pelo facto de estes passarem muito tempo fora de casa, facultando o espaço necessário à experimentação. A experimentação surge ainda associada a espaços públicos (jardim, discoteca, praia, centros comerciais — elevadores e provadores de lojas). De certa forma esta situação pode ser um indicador de que existe uma certa «urgência» de experimentar o que revelam as tecnologias de informação e comunicação. Ou seja, a sexualidade dos jovens, percebida como fazendo parte do domínio do quotidiano, torna-se um possível indicador da legitimidade social da sexualidade juvenil.

CAPÍTULO 9

«...O corpo é exactamente a primeira impressão...»

O corpo na lógica da sedução

A TRAVÉS DA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA acerca do que significa o corpo, torna-se possível perceber que é um elemento de sedução ou de repulsa, ou seja, é fundamental para tornar possível, ou não, uma relação.

— *Claro que é o físico. É o que está à vista.* (Vânia, 18 anos, Grupo 2)

— *A primeira coisa que se repara numa pessoa é exactamente no físico.*
(Luís, 21 anos, Grupo 2)

— *Acaba por ser porque é a primeira impressão.* (André, 21 anos, Grupo 2)

— *Se calhar até pode ser uma boa pessoa, mas não temos... Quando vemos uma pessoa bonita, uma pessoa chega-se a ela, fala com ela... Não estou a falar por mim, é a sociedade... Quando vemos uma pessoa feia, já não temos a mentalidade para ver: «Agora vou ver como é que esta pessoa é.»* (Marta, 17 anos, Grupo 2)

— *É um chamariz.* (Sofia, 20 anos, Grupo 2)

— *Nem chama a atenção, uma pessoa se é bonita se está bem vestida...* (Raquel, 18 anos, Grupo 2)

— *Sim, mas quando vês uma pessoa bonita oh!!, é logo...* (Marta, 17 anos, Grupo 2)

— *Magnético!* (Sofia, 20 anos, Grupo 2)

— *Sim, mas o corpo é exactamente a primeira impressão.* (André, 21 anos, Grupo 2)

A este propósito, os jovens referem que há uma maior disponibilidade para se aproximarem de alguém que tenha uma imagem visual mais bonita (em prejuízo do contrário), manifestando ainda que, no momento de aproximação, o intelecto é subvalorizado. Integrado no contexto da racionalidade moderna, este é um corpo pensado como sujeito soberano de poder.

— *Sim, mas a primeira impressão que tens de uma pessoa é a beleza, não é? Por exemplo, estás numa discoteca. Vês uma miúda bonita e outra feia. Vais ter primeiro com a bonita, claro. É a primeira impressão que tens de uma pessoa, é a beleza.* (Diogo, 19 anos, Grupo 4)

— *Sim, sim.* (Francisco, 18 anos, Grupo 4)

— *Sim, mas tu só te aproximas das pessoas porque as achas interessantes não te aproximas porque achas ...* (Micaela, 18 anos, Grupo 7)

— *É mais fácil no início aproximarmo-nos de uma pessoa que tem um aspecto físico muito bonito do que uma que não tem.* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— *É o que chama primeiro a atenção e não se ela é uma pessoa culta. O que chama primeiro a atenção é o físico.* (Fábio, 23 anos, Grupo 7)

Mas o lugar preponderante, ou não, do corpo, prende-se com as intenções relacionais. Em situações de envolvimento relacional diminuto, o corpo surge sobrevalorizado — sobretudo com a atracção física a ganhar maior expressão. Como afirma um dos jovens, num contexto relacional pouco vincutivo, a sua escolha recai primeiro na rapariga que fisicamente mais lhe agrada.

— *[...] é para ter um relacionamento sério ou para ter alguma coisa? Se fosse para ter alguma coisa escolhia a rapariga melhor, sem dúvida.* (Fábio, 23 anos, Grupo 7)

No registo da sobrevalorização corporal, os jovens mostram que esta está igualmente relacionada com a idade, dado que recordam que, quando eram mais novos, o corpo/físico ocupava uma maior importância.

— *Pensavas assim quando tinhas 18 anos?* (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— Não, aí não, era um olho para cada lado, para a cara e para o corpo [mas faz um gesto que mostra que o corpo tinha mais importância]. Agora [com a idade actual] acho que o físico em si tem importância, quem me disser que não tem, acho que está a mentir, mas não tem aquela importância. (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Agora, isso, não me diz nada, porque depois, ali pode estar uma boa pessoa ou uma cabeça cheia de areia e agora se calhar com 23 anos já não olho para um homem se é bonito. É bonito, espera aí: vamos ver o que pensa, como é que ele está na vida, quais são os objectivos de vida dele, e como é que ele os vai reproduzir na prática. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

Um instrumento na lógica da sedução

Na lógica de sedução/atracção, a opção dos jovens assenta no ideal de beleza corpo-magreza. Adoptando padrões de modernidade, conduzidas por normas de anti-peso, os jovens abandonam a ideia de se sentirem seduzidos pelos gordos.

— Não uma muito goooorda. (Alberto, 20 anos, Grupo 5)

— Olhe se for gorda... um gajo assim como eu, ou ele, a gente perde-se... Depois só com o macaco [faz o gesto como se tivesse a usar o macaco — utensílio de automóvel]. (Duarte 21 anos, Grupo 5)

Neste contexto, deixam perceber valores inerentes à «normalização» sexual dos corpos com finalidades estéticas, reveladoras de estereótipos, pensadas no masculino e feminino. Os seus discursos são denunciadores de um corpo masculino que espelhe *performance: entroncado e musculado* (Filipe, 21 anos, Grupo 5; Gonçalo, 25 anos, Grupo 2). É assim que, quando um dos jovens coloca a seguinte questão à sua irmã: — [...] «E as tuas colegas o que querem de um homem?», a resposta sugere a reprodução de um ideal de masculinidade previsto, nomeadamente quando refere: — «Moreno, musculado, olhos claros» [...] (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2). No mesmo sentido, à imagem do esperado, o corpo feminino é pensado como *belo, redondo, bem feito e sensual* (Eduardo, 22 anos, Grupo 6).

Neste registo de corpo/sedução, associado a assimetrias simbólicas que reproduzem significados diferenciados do corpo masculino

versus feminino, os rapazes, por exemplo, reconhecem adoptar «novos» comportamentos — cuidar da imagem — próprios das sociedades ocidentais contemporâneas (autodefinindo-se como metrossexuais). No entanto, justificam tais condutas no interior de um sentido hegemónico da masculinidade viril, dado que novas práticas que antes eram pensadas para o corpo feminino, dão a entender que estas estão associadas a consumos especificamente masculinos.

— *Um homem... Um homem que gosta daquele tratamento, como uma mulher... Não é como uma mulher, porque não há aquele tratamento específico feminino e masculino.* (Alberto, 20 anos, Grupo 3)

— *Isso não se pode dizer que seja homossexual.* (Luís, 21 anos, Grupo 3)

— *Aqui estamos de acordo.* (Vicente, 21 anos, Grupo 3)

[...]

— *Antigamente os homens não se importavam com essas coisas, eram grandes macacos só pêlos no peito e nas costas.* (Bruno, 19 anos, Grupo 3)

— *Isso eram homens... Agora, já não ligam tanto a isso...* (Fábio, 18 anos, Grupo 3)

[...]

— *É uma coisa perfeitamente normal... Cuidar da imagem regularmente...* (Mário, 20 anos, Grupo 3)

— *Eu acho isso muito bem... Não sei.* (Rui, 19 anos, Grupo 3)

— *Hoje em dia cada vez se nota mais...* (Alberto 20 anos, Grupo 3)

[...]

— *Eu faço depilação.* (Luís, 21 anos, Grupo 3)

— *E põe cremezinho...* (Rui, 19 anos, Grupo 3)

— *E umas mascarazinhas de vez em quando e um tratamento de pele. Eu acho que isso não tem problema nenhum. E eu acho que, se toda a gente fizesse assim, cuidasse de si, acho que não era mau... Dá para manter.* (Vasco, 19 anos, Grupo 3)

A conversa sobre a prática de depilação masculina denuncia a dificuldade de articular as novas normatividades (depilar-se) com as representações interiorizadas do passado próximo.

— *Um homem tem que ter pêlo, se tirar em exagero também fica mal.* [...]
Se não, não é homem, é mulher. (Sónia, 19 anos, Grupo 3)

[...]

— *Antes falava-se homem que é homem tem barba. Agora até nem se liga muito a isso...* (Fábio, 18 anos, Grupo 3)

— *É um bocado pela higiene.* (Luís, 21 anos, grupo 3)

— *Estás a falar na questão dos pêlos?* (Sónia, 19 anos, Grupo 3)

— *Na questão dos pêlos, sim.* (Luís, 21 anos, Grupo 3)

— *Depende.* (Sónia, 19 anos, Grupo 3)

— *Há partes do corpo... [aponta para a zona púbica] ...é uma questão de higiene.* (Alberto, 20 anos, Grupo 3)

— *Sim, nos pêlos púbicos.* (Luís, 21 anos, Grupo 3)

— *E se calhar é mais higiénico.* (Vítor, 21 anos, Grupo 3)

— *Uma mulher peluda não é nada atractiva, por exemplo.* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

Uma outra característica importante na sedução, relacionada com novas «necessidades» e práticas das sociedades ocidentais contemporâneas, surge associada à ideia de corpo bronzeado. Um dos jovens refere que qualquer pessoa fica *mais atraente* se estiver bronzeada (Fernando, 20 anos, Grupo 2). No discurso de um outro jovem, esta característica surge igualmente como elemento fundamental na sedução e, nomeadamente, na conquista das mulheres.

— *Eu normalmente sou assim branquinho e até um bocadinho mais, mas este Verão fiz muita praia e tive possibilidade de ficar muito moreno e pelo facto de eu ficar muito moreno, tive mais sucesso com as mulheres. [...] Fiquei mesmo muito moreno... Não estou para aqui a supor nem nada, não tenho dúvidas.* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

Pelos discursos, percebemos igualmente que neste corpo sedutor operam mecanismos de disciplina, submissão e regulação que, num processo de impregnação da vida do quotidiano, orientam para a remodelação do corpo. Pautados pela lógica do ser rejuvenescido, constroem uma modelação identitária à imagem dos imperativos de juventude e de magreza.

— *E então se for um homem gordo e bonito?* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— *Vai para o ginásio!* (Tiago, 18 anos, Grupo 2)

— *Vai correr na marginal...* (Sofia, 21 anos, Grupo 2)

Orientados pela moderna normatividade do antienvelhecimento, os jovens imprimem um tom de reprovação a determinadas caracte-

rísticas inerentes ao envelhecimento, nomeadamente à flacidez dos corpos. Eles e elas deixam-se nortear pela manutenção do corpo jovem e esbelto, reproduzindo princípios estéticos inerentes à concepção da sociedade moderna.

— *Daquelas velhas que só têm as peles?! (Mário, 20 anos, Grupo 5)*

— *Ou não. Daquelas [velhas] que têm as mamas até aos joelhos. (Frederico, 21 anos, Grupo 5)*

A contradição entre as disposições interiorizadas no passado (e ainda presentes na sociedade actual) e as disposições que se incorporam por proposta da sociedade de consumo hoje aparecem de novo na concepção estética do (re)arranjo, com os jovens a assumirem uma postura crítica em relação a artifícios que construam uma aparência enganosa. A este propósito, afastam o uso de «acessórios ilusórios», como o vestuário formativo, a maquilhagem e a peruca. Esta diferença de entendimento remete para a ideia de que «actualmente, as práticas de beleza procuram menos edificar um espectáculo enganoso do que conservar um corpo jovem e esbelto. Elas orientam-se menos para a sofisticação do parecer do que para o rejuvenescimento, a tonificação, a firmeza da pele.»¹

— *E depois acaba o conto de fadas... Viver com uma mulher daquelas, horrorosa. Tira-se o soutien, caem as mamas; tira-se as pinturas, tira o cabelo, meus Deus!!! (Alberto, 20 anos, Grupo 5)*

— *Acho mal a pessoa fazer mais do que aquilo que é ...[...] não tenho mamas ponho um soutien XXL e meias lá dentro, não tenho cabelo ponho uma peruca, não tenho cu ponho umas cuecas a aumentar. E depois de manhã?! (Rodrigo, 21 anos, Grupo 5)*

A resolução de contradição recorre à ideologia de prevenção, manutenção e regeneração do corpo ou (re)construção das «imperfeições» do corpo. Na prática, as condutas de manutenção do corpo vão para além do uso de produtos da cosmética, da realização de exercício físico e do uso de acessórios ilusórios, permitindo a «conquista» do recurso a cirurgias. Rendidos à *profissionalização do ideal estético*², surgem como consumidores de uma deliberada estratégia de performance estética. A *democratização da cirurgia plástica*³ surge confirmada pelos jovens que afirmam que estão a fazer alterações nas mamas, nas pernas, na barriga e na boca (implante dentário).

— Vou fazer [cirurgia]... Não é pôr silicone, é arranjar [...] os peitos ... não é alterar, é arranjar. [...] Não é por vaidade... Não vou pôr os lábios grossos nem nada disso. São necessidades... (Marta, 21 anos, Grupo 5)

— E a tua mulher só vai arranjar as mamas? (Moderadora)

— Não. A barriga e as pernas. (Luís, 21 anos, grupo 5)

— Eu, placa já tenho, vou pôr implantes. (Vítor, 21 anos, Grupo 5)

Por exemplo, de forma específica uma jovem da amostra, com 21 anos, decide apagar as «imperfeições corporais» deixadas pelas marcas da maternidade. Esta jovem deixa transparecer que a sua preocupação passa pela necessidade de construir um corpo que reflecta a imagem normativa de mulher da modernidade contemporânea traduzindo juventude, firmeza, magreza e sedução. Para ela, a preocupação de apagar as marcas de identificação do corpo feminino com a maternidade surge associada à valorização social da mulher, orientada por princípios estéticos da sociedade moderna — activa, magra e jovem.

— Vou fazer [cirurgia] [...] Dei de mamar e sou muito nova. Daqui a 10 anos tenho as mamas todas descaídas em vez de ter daqui a 30 anos. O corpo é diferente quando se tem um filho... Embora eu não tenha ficado muito gorda... (Marta, 21 anos, Grupo 5)

O recurso à cirurgia surge então associado ao «saudável», no sentido de bem-estar biopsicossocial, dado que esta prática: *é antes de mais uma questão de saúde psicológica para as mulheres* (Vítor, 21 anos, Grupo 5).

Este sentido aparece reforçado pelo posicionamento médico quando, por exemplo, em resposta à nossa questão:

— Como reagiu a médica ao pedido de cirurgia?

Responde: — Ela por acaso reagiu bem... Disse: «És nova, acho muito bem, sim senhor...» [...] (Marta 21 anos, Grupo 5). A cirurgia estética está de tal forma impregnada no quotidiano destes jovens, que num dos grupos surge a explicação da logística a desencadear para proceder ao *arranjo do corpo* (Marta, 21 anos, Grupo 5). A *medicalização da vida*⁴ abarcou o corpo estético que se submete a práticas médicas invasivas, reconstrutoras da aparência, numa atitude em que o que sobressai como motivo de reflexão é relativo à capacidade de consumo.

— Podes fazer isso de borla... (Luís, 21 anos, Grupo 5)

— Vou fazer. (Marta, 21 anos, grupo 5)

— Vais ao médico de família e ela passa-te um P1. (Luís, 21 anos, grupo 5)

— Está a ver... (Patrícia, 21 anos, Grupo 5)

— Eu sei, porque a minha mulher vai fazer o mesmo. (Luís, 21 anos, Grupo 5)

— Eu só ainda não fiz porque a médica passou-me os exames e esqueceu-se de meter isenta... Ia gastar para aí uns 70 ou 80 € só nos exames. Então, tive que tratar dos papéis para estar isenta e agora, em Novembro, vou fazer os exames todos. [...] Eu agora dia 20 vou ter os exames na mão e depois vou... (Marta, 21 anos, Grupo 5)

— Demoras um ano. A minha mulher está à espera [...] (Luís, 21 anos, Grupo 5)

Percebemos ainda que as práticas e discursos médicos da sociedade moderna estão perfeitamente incrustados neste quotidiano juvenil, tornando-se visível a assimilação de linguagem da especialidade no discurso, nomeadamente quando são referidos termos como: *mamoplastia* (Luís, 21 anos, Grupo 5) ou *implante dentário* (Vitor, 21 anos, Grupo 5)⁵. Esta aproximação surge claramente confirmada pela forma como estes jovens descreveram, com algum pormenor, procedimentos desenvolvidos na intervenção mamária.

— Aquilo é cortado, é tirada a pele toda fora e depois é cosido ...fica uma cicatriz assim... (Luís, 21 anos, Grupo 5)

— Vê-se a cicatriz depois? (Tiago, 18 anos, Grupo 5)

— Não é... Tiram-me da barriga, não é propriamente silicone (Marta, 21 anos, Grupo 5)

— Eu, em Março, tive uma colega que não quis fazer mamoplastia e eles meteram silicone. (Vitor, 21 anos, Grupo 5)

— Pois... (Marta, 21 anos, Grupo 5)

— Mas fica a cicatriz? (Tiago, 18 anos, Grupo 5)

— Não. Fica assim um risquinho perfeito. (Marta, 21 anos, Grupo 5)

— Eu tenho uma cunhada que fez isso recentemente. Foi silicone... E os dentes, tirou tudo fora e colocou implantes. (Alberto, 20 anos, Grupo 5)

— Agora não é cortes, é grafos... (Marta, 21 anos, Grupo 5)

O corpo físico

As alterações morfológicas que acontecem na «puberdade», nomeadamente a maturação dos órgãos e dos aparelhos sexuais, desencadeiam vivências de novas sensações. Percebemos através dos discursos que estas vivências se tornam, manifestamente, marcos de referência, principalmente quando os jovens colocam em discussão algumas das experiências que surgiram do confronto com o novo corpo sexuado.

Nos discursos das raparigas, é dada principal importância à temática da menarca⁶/menstruação. A menarca é pensada como um marco de passagem à condição juvenil, ao ponto de uma jovem expressar que no dia a seguir ao aparecimento da menarca se sentia diferente, bem como se sentiu diferente uma colega por se ter atrasado em relação às suas companheiras.

— [...] Lá está, quando me veio, tinha 10 anos, estava a brincar na casa das Barbies e quando fui à casa de banho... Aiiii, chorei, berrei e a minha mãe pensava que eu estava a morrer... E quando chegou lá... Disse: — «Pega lá um penso!»... E eu chorei imenso. E sentia-me diferente, no outro dia quando fui para a escola... (Mariana, 19 anos, Grupo 3)

— [...] Eu tinha uma rapariga que andava comigo na minha turma e quando lhe veio o período, e já todas nós tínhamos o período, menos ela. E ela era mais velha do que nós, mais um ano. Foi a última do nosso grupo quando lhe apareceu, pronto, lhe veio o período. Ela afastou-se de nós, amou... assim uma coisa um bocado esquisita. Sentiu-se injustiçada com aquilo, porque ela ainda era mais velha... (Cátia, 19 anos, Grupo 3)

A construção discursiva em volta do tema deixa perceber que a menstruação surge associada a representações de preocupação, dor, sensibilidade, menor vontade de estabelecer relações de convívio, ou seja, sensações de mal-estar, a ponto de uma jovem manifestar vontade de ser homem.

— Eu, nestas situações, gostava de ser homem. Não têm dores de barriga e outras coisas. Há raparigas que têm dores nos seios... Sei lá... (Tânia, 20 anos, Grupo 4)

— Eu já estava farta de saber o que era aquilo [menstruação], mas estava sempre a dizer à minha mãe: — «Ai, eu não quero!... Porque depois eu vou para a praia e é uma chatice e agora, ter de andar na água e ter de

andar com preocupações...» E a minha mãe dizia: «Mas toda a gente tem de ter e tu também vais ter» e não sei quê... (Sandra, 19 anos, Grupo 3)

— *Eu tenho três amigas e nós somos totalmente diferentes umas das outras. A mim dá-me para andar contente a semana toda ou... Sei lá... a outra dá para se esconder... quase a matar-se... (Tatiana, 19 anos, Grupo 3)*

— *Há outras que nem da cama saem com dores. (Francisco, 19 anos, Grupo 3)*

— *É. Algumas ficam assim mais apanhadas. (Tatiana, 19 anos, Grupo 3)*

— *Eu passo a vida a chorar. (Sandra, 19 anos, Grupo 3)*

— *A mulher quando está com o período fica mais sensível. (Duarte, 21 anos, Grupo 3)*

— *Exacto. Infelizmente. (Sandra, 19 anos, Grupo 3)*

No discurso dos rapazes, percebemos que os constrangimentos estão associados à dificuldade de controlar a erecção do pénis (como se fosse um corpo exterior a si), mas também em atributos mais simbólicos como o tamanho do pénis, assumido, desde o início da puberdade, como símbolo de masculinidade, entre os pares.

[falam do tamanho do pénis]

— *Eu acho que é mais importante para o homem do que para a mulher. (Tatiana, 19 anos, Grupo 3)*

— *Talvez. (Francisco, 19 anos, Grupo 3)*

— *É importante para o homem, claro. (Carlos, 20 anos, Grupo 3)*

— *Pequenos com 12, 13... E tomam banho todos juntos e dizem «Olha! Olha!» (Tatiana, 19, Grupo 3)*

Esta centralidade genital surge confirmada nos discursos de uma jovem que reforça a dificuldade «natural» de os rapazes controlarem a erecção do pénis e conseqüentemente os seus impulsos libidinais.

— *Calma aí que eles também sofrem. Eles acordam com o coiso (pénis) erecto... Se estiverem sensíveis, passa uma mulher, e... (Sofia, 19 anos, Grupo 4)*

A sexualidade masculina, «vítima» da libido pela excitação corporalizada exterior e visível, assume uma autenticidade orgástica: — *Nós não fingimos um orgasmo... (Alberto, 20 anos, Grupo 6)*. Contrariamente, a excitação feminina surge pensada como interior, escondida e de alguma forma controlada e dissimulada.

— *Eu acho que a nossa é mais discreta. Eles, não dá para esconder.* (Patrícia, 20 anos, Grupo 4)

— *Penso que é menos desconfortável a sensação delas.* (Rui, 21 anos, Grupo 4)

— *Menos desconfortável?* (Moderadora)

— *Eles ficam logo com aquilo de pé. Eles não sabem se estamos ou não. Não o demonstramos.* (Patrícia, 20 anos, Grupo 4)

— *Uma vez vi um colega meu. Estava na praia deitado e depois... uuummm... foi um bocado mal, a praia cheia ...* (Catarina, 21 anos, Grupo 4)

— *Os homens não dá para esconderem.* (Miguel, 19 anos, Grupo 4)

— *E as mulheres, dá?* (Moderadora)

— *Não, depende.* (Susana, 19 anos, Grupo 4)

— *Não tens nada para esconder, não tens nada para tapar.* (Tiago, 18 anos, Grupo 4)

— *Esconder o quê? Eu pensei que ela estava a dizer disfarçar.* (Patrícia, 20 anos, Grupo 4)

— *E dá para disfarçar?* (Moderadora)

— *Eu acho que sim... A não ser que esteja naquele ponto mesmo lá em cima.* (Patrícia, 20 anos, Grupo 4)

— *A revirar os olhos... [RISOS]* (Tiago, 18 anos, Grupo 4)

A centralidade genital surge nos discursos masculinos, inscrita num entendimento androcêntrico, impregnado de uma *sexualidade compulsiva*⁷.

— *Por mim, vai tudo, desde que tenha aquilo [genital feminino] no sítio, é o que interessa.* (André, 18 anos, Grupo 5)

— *A fome é tanta!!!!* (Joana, 18 anos, Grupo 5)

— *Qual fome?! Vocês é que não viram, ele outro dia apalpou o cu a uma velha, na rua... Eu até fiquei estúpido a olhar para aquilo!* (Duarte, 21 anos, Grupo 5)

— *Bem rija [RISOS]... sei lá, ela tinha para aí uns 70 ou 60 anos.* (André, 18 anos, Grupo 5)

— *Daquelas velhas que só têm as peles.* (Filipe, 20 anos, Grupo 5)

— *Excitou-me [RISOS]. Eu ia a descer a rua e tau!!* (André, 18 anos, Grupo 5)

O corpo físico surge desarticulado em partes «genitais» e «não genitais». As partes «não genitais» surgem igualmente referidas como

um estímulo de desejo. Os jovens referem sentir-se atraídos por partes diferenciadas do corpo — os *peitorais* (referem elas sobre eles), as *pernas*, as *mamas* e a *cintura* (referem eles sobre elas) o *rabo*, a *cara* e o *sorriso* (referem ambos).

— *Para a cara, para o corpo, sei lá... Para o rabo, se é jeitoso.* (Rita, 20 anos, Grupo 4)

— [...] *A nível corporal e assim... Agora já tenho uma visão completamente diferente se calhar quando eu tinha 17 anos (e que já foi há algum tempo) eu: — «Ei aquele gajo é todo bom» e olhava para o rabo, para os peitorais, o sorriso e depois se estava dentro da moda... É sempre aquela coisa — se veste bem ...* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— *Gosto que uma mulher tenha uma boa cintura, o peito, acho que sim, é o que a gente olha logo no início...* (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— *Ah, exacto! Há certos aspectos físicos nas mulheres que nos podem estimular a nível sexual, não estou a dizer já ficar excitado nem nada disso, mas que causa uma certa atracção... Pernas, rabo, mamas e cara.* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

A cara surge muito referida pelos jovens. Ela é o *Bilhete de Identidade social* (André, 19 anos, Grupo 2).

— *Eu, quando olho para uma mulher, reparo no todo e posso não gostar muito do todo de uma mulher, mas a cara...* (Duarte, 21 anos, Grupo 2)

— *Às vezes, olho para a cara e ela é boa, mas se for feia, eu... Mas se vir uma rapariga bonita, acho que preferia a rapariga bonita do que a feia só por ser boa.* (Alberto, 20 anos, Grupo 4)

Na cara, especificamente, são pontos de referência, os olhos, o sorriso e os dentes. A construção explicativa sobre estas preferências remete para o entendimento romântico da relação que reorienta o olhar dos jovens para a procura do interior, subjacente a uma exploração de empatia e de troca de afectos que se conjugam em última instância no entendimento amoroso. Ou seja, o corpo físico perde a centralidade para dar lugar ao corpo afectivo-relacional.

— *Eu olho para os olhos, porque através do olho dela consigo ver muito mais do que quando olho para a cara ou para o rabo ou as pernas. Sem dúvida. Foi assim que eu olhei para a minha namorada actual [...] vi uma profundidade diferente. Não sei, se calhar foi porque ela também*

gostou de mim, não sei... Quando olhei para ela, antes de tudo vi a cara, mas foi qualquer coisa no olhar dela que me chamou atenção. Não foi nenhuma característica física em especial. (Carlos, 22 anos, Grupo 6)

— Não vou dizer que não se olha para outras partes do corpo, mas, sinceramente, a primeira impressão, o que nos chama a atenção, não é o rabo, nem o peito, nem as pernas, é a cara, o sorriso (que diz muito de uma pessoa) [...] O que chama mais a atenção ...e quando uma pessoa gosta de alguém não vai só gostar por causa do corpo [...]. Por isso, tem que haver alguma coisa mais, algum sentimento de simpatia pode se calhar ser aquela atracção mais forte de complementaridade da pessoa. Sabemos que é aquela pessoa e se calhar depois daquela pessoa o que fizemos para trás não faz tanto sentido. Não sei se aquela palavra é o amor. (Rui, 21 anos, Grupo 4)

É assim que no processo de interacção relacional percebemos que a cara define um sentido de individualidade, ou seja, a cara certifica o tipo de indivíduo, dentro da óptica do que o indivíduo é ou pensa ser⁸.

— Sim. Acho que, numa mulher, a parte mais independente acaba por ser a cara. (Luís, 21 anos, grupo 2)

— Mais quê? (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— Mais independente do resto. (Luís, 21 anos, Grupo 2)

— Ah, estou a perceber, mais diferente das outras mulheres... (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

Na comparação com o corpo, a cara reflecte sinais naturais, reflecte a diferença do «eu» e que, ao contrário do corpo, não se (re)constrói. A este propósito um jovem refere: — Sei lá! Eu olho para a cara! Gosto de uma pessoa bonita. [...] Sim, é como ele diz, o corpo depois pode mudar (Filipe, 20 anos, Grupo 4).

O corpo imagem

Os discursos, principalmente dos rapazes, sobre a forma de vestir das raparigas, evidenciam a natureza do significado do poder hegemónico, das representações do feminino associado à apresentação moral que Pierre Bordieu analisou em finais dos anos 90.

— [...] «Olha, aquela deve ser fresca como o caraças! Já viste como ela está vestida?». Acho que as raparigas levantadas... acho que hoje em

dia, se se falar com elas, vê-se logo como é que ela é. Também às vezes calha mal, não é?... Mas acho que as raparigas, tipo, hoje em dia tentam provocar muito e dar muito nas vistas, acho que isso (...) (Fábio, 19 anos, Grupo 3)

— Estás habituado a ver uma rapariga de calças, aparece-te uma de minissaia ou de calções ou com umas calças brancas e já dizes: «Olha, aquela é isto, é aquilo!»... porque estás habituado a ver as outras... (Mariana, 19 anos, Grupo 3)

— Quando uma rapariga anda com a sua saia, a sua camisola... mas há outras que, na estrada, com um decote até.... O tamanho do decote até ao umbigo... [RISOS]...uma pessoa tem que... Também acho que é de mais... Uma pessoa... Pronto... Acho que é demais, é provocar. (Tiago, 18 anos, Grupo 3)

O comportamento corporal das raparigas, no que se relaciona com as práticas que exibem o corpo, é claramente restringido em movimento e em espacialidade, nos discursos dos rapazes lembrando o que Pierre Bourdieu designou por *confinamento simbólico*, imposto pela *significação moral* do vestuário das raparigas e das mulheres e que tem por efeito chamar à ordem a todo o momento.

— Se ela se sentir bem de minissaia, não vou ser eu que lhe vai dizer que não pode andar de minissaia. (Luís, 21 anos, Grupo 3)

— E se não te sentires bem como ela anda? (Filipe, 19 anos, Grupo 3)

— Não sai de casa. [RISOS] (Rute, 19 anos, Grupo 3)

— Também pode acontecer... (Filipe, 19 anos, Grupo 3)

— Se ela é minha namorada, eu gosto daquilo que ela me der, não é? (Luís, 21 anos, Grupo 3)

— Vês em privado, não é para os outros. [RISOS] ...O mal é da mulher. (Rute 19 anos, Grupo 3)

— Como é que tu achas que ela se sente bem? Disseste «andar como ela se sentir bem». Achas que ela se sente bem como? (Moderadora)

— Umas calças e um top está bom... Bem, isso depende para onde se for. Por exemplo, se for para a praia é capaz de pôr mais um vestido. (Filipe, 19 anos, Grupo 3)

— O que é vestir bem e vestir mal? (Moderadora)

— Depende do rapaz. Há também rapazes que são mais ciumentos quando uma rapariga está bem vestida... (Tiago, 18 anos, Grupo 3)

- Mais exposta. (Miguel, 20 anos, Grupo 3)
- Há outros que não se importam... São mais... Há outros que têm medo de perder uma rapariga, não deixam elas andarem com aquilo... (Tiago, 18 anos, Grupo 3)
- Depende das pessoas. Se calhar, há pessoas que namoram, que não se importam de como a namorada anda, de como é que ela vai para a noite... (Filipe, 19 anos, Grupo 3)
- Se calhar importam-se, mas não querem falar, não se querem chatear... (Luís, 21 anos, Grupo 3)
- Têm medo... (Tiago, 18 anos, Grupo 3)
- Também é possível se o decote é assim um bocado provocador... (Francisco, 21 anos, Grupo 3)
- Se calhar não falam, mas dizem «Fogo...» (Luís, 21 anos, Grupo 3)
- Mas são capazes de mandar uma boca um bocado naquela da brincadeira... (Tiago, 18 anos, Grupo 3)
- E aí já não se produz... (Luís, 21 anos, Grupo 3)
- O olhar disciplinador subjacente a categorias masculinas permite avaliar a projecção do «eu» do ponto de vista da interiorização de atitudes e comportamentos socialmente constrangidos, ou não, a um determinado papel. A partir desta concepção foi interessante perceber como os jovens comentam a forma como as espanholas se vestem e como dão a entender que as raparigas espanholas se vestem, à noite, de forma mais provocante.
- Os portugueses é só preconceito. As espanholas... [...] aqui em Portugal, os vestidos delas, à noite, seriam logo de uma «mulher da vida»... e diziam: — «Olha para aquela, ardida». (Fábio, 20 anos, Grupo 5)
- A produção delas à noite, a da Passagem de Ano... É... É para mim uma coisa mais extravagante. (Catarina, 21 anos, Grupo 5)
- Eu estou a falar porque já estive em Espanha... em Samil... (Mário, 21 anos, Grupo 5)
- Eu também estive em Samil. (Joana, 17 anos, Grupo 5)
- Quando estiveste em Samil, como te vestias, quando saías à noite? (Moderadora)
- Normal, igual. (Joana, 17 anos, Grupo 5)
- Ela era capaz de ir de calças e as espanholas vão de minissaias, mais provocantes. (Fábio, 20 anos, Grupo 5)

— *É. Elas são mais provocantes* (Joana, 17 anos, Grupo 5)

— *Elas de dia são uns bichos, uns escaravinhos... À noite, funcionam mesmo para a noite.* (Catarina, 21 anos, Grupo 5)

Este corpo associado a expressões de masculinidade e feminilidade traduz formas e configurações que reproduzem uma ordem desigual, que garantem as fronteiras entre o masculino e o feminino, bem como o espaço que cada um ocupa em função de interesses diferenciados.

— *Eu não me imagino muito bem, mas já imagino uma mulher dizer isso. Vamos todas à casa de banho. E vão.* (Alberto, 20 anos, Grupo 6)

— *Mas, para elas, a casa de banho tem outras actividades para ir, tipo conversar...* [RISOS] (Carlos, 22 anos, Grupo 6)

— *Tipo, gostas do meu cabelo ou de como estou vestida...* (Rui, 22 anos, grupo 6)

— *A casa de banho é um espaço onde as raparigas fazem muitas coisas. Tipo o homem só vai à casa de banho porque...* (Vicente, 22 anos, Grupo 6)

— *Tem que ir...* (Rui, 22 anos, Grupo 6)

— *Elas é... Se têm o cabelo bem penteado, se estão bem pintadas...* (Vicente 22 anos, Grupo 6)

— *De manhã quando acordas, com o que é que te preocupas?* (Rute, 20 anos, Grupo 6)

— *Quando não tenho nada que fazer, talvez com o cabelo.* (Alberto, 20 anos, Grupo 6)

— *Um rapaz não vai perguntar a outro rapaz: «Olha, como é que achas que está o meu cabelo?» Enquanto a rapariga pergunta a outra rapariga: «Olha, como é que achas que está o meu cabelo?»* (Duarte, 21 anos, Grupo 6)

Por parte dos rapazes, a apreciação do corpo é subjacente à *heteronormatividade* como foi pensada por Pierre Bourdieu⁹. Trata-se de um olhar orientado por categorias masculinas que percebem os usos, nomeadamente sexuais, com base na definição dominante da forma legitimada do princípio masculino activo (que observa) e o princípio feminino passivo (que se deixa observar), com um sentido de reforçar a sua masculinidade. É assim que se percebe, nos rapazes, a «natural» incapacidade para apreciar a beleza de um outro rapaz.

- És capaz de dizer se um homem é bonito? (Paula, 23 anos, Grupo 6)
- Não porque não sei distinguir, juro! A sério!... Agora, eu sou capaz de dizer o estilo que aquela pessoa tem... Isso sou capaz de dizer. (Duarte 21 anos, Grupo 6)
- Isso é saber dizer se um homem é bonito ou não. (Susana, 20 anos, Grupo 6)
- Eu até sou capaz de dizer, mas normalmente nunca acerto [RISOS]. (Alberto, 20 anos, Grupo 6)
- É como eu. Aqueles [homens] que eu digo, a outra pessoa diz «Eh! Aquilo, por amor de Deus», parte por aí. (Duarte, 21 anos, Grupo 6)
- Um rapaz não admite que sabe ver que outro é mais bonito ou é feio, que se veste bem ou mal. (Susana, 20 anos, Grupo 6)
- É uma questão de preconceito, porque a nossa sociedade é assim. (Fátima, 19 anos, Grupo 6)
- Acho que vocês é mais pelo estilo... Se tem bom ou mau estilo. (Sónia, 22 anos, Grupo 6)
- É, se tem pinta, exactamente. É exactamente, a gente diz: «Olha, aquele rapaz até tem pinta.» [...] (Duarte, 21 anos, Grupo 6)
- Uma coisa que eu ouço é as raparigas dizerem: — «Ai, o Cristiano Ronaldo é muito bonito» e outras dizem «Ai, o Cristiano Ronaldo é tão feio.» (Vicente, 22 anos, Grupo 6)
- E tu achas que ele é bonito ou feio? (Moderadora)
- Eu acho que agora, aparentemente, encontra-se bem [RISOS]. (Vicente, 22 anos, Grupo 6)

Conclusão

Os significados e símbolos actuam no corpo e manifestam um corpo construído com base na exigência da relação com o «outro». Nos discursos, o corpo surge pensado como um domínio construído no sentido de o tornar num objecto «aceitável» aos olhos dos «outros». Trata-se de um *corpo reflexivo*, moldado na sociedade moderna e exprimindo narrativas auto-reflexivas, como refere Anthony Giddens. Assim, através do corpo construído, os jovens dão a conhecer o modo como se percebem e se relacionam.

O corpo é relacional, construído na exigência da relação com o «outro», impregnado de representações que se afastam da reprodução «naturalizada» e se aliam a modelos que obedecem a normas da modernidade, ou seja, o corpo *palavra* (maleável, modificável, moldável). Marcado normativamente, este corpo traduz um trabalho de domesticação e *docilização* de acordo com os atributos da ordem dominante e que acarreta um novo tipo de disciplina, encoberto por (re)arranjos, que se deixa ajustar e apropriar pelas tendências globais da sociedade. A este propósito referem: — *Eles depois dão um jeito a tudo... nós vamos lá para a operação e eles dão-nos anestesia geral e arranjam tudo* (Marta, 21 anos, Grupo 5).

Nesse sentido, percebemos que este corpo relacional se afasta da reprodução «naturalizada». Socialmente informado, surge associado a determinados modelos que reproduzem tendências da contemporaneidade.

CAPÍTULO 10

Vadias e heróis ... As raparigas são piores que os rapazes!

Modelos e Lógicas de Relacionamento

«Comer»; «curtir»; «andar» e «namorar»

Os significados e símbolos que operam nos modelos de relacionamento reproduzem categorias diferenciadas relativamente às expectativas relacionais, ao tipo de comportamentos e ao número de relacionamentos. Também neste domínio aparecem padrões de género.

Nos relacionamentos aparecem diferentes formas de sociabilidade e afectividade que apontam para ritmos mais ou menos rápidos e para compromissos de maior ou menor envolvimento. A linguagem expressa-as com recurso a diferentes expressões *comer*, *curtir*, *andar* e *namorar* que associadas a uma hierarquia de compromisso de envolvimento com o parceiro, se referem a diferentes práticas e atitudes. Ou seja, a diferenciação estabelecida é indicativa de uma categorização que classifica tipos de relacionamento e reflecte experiências diferentes.

Comer é a expressão que envolve uma duração temporal mais breve do relacionamento e a que está mais claramente associada ao desejo e ao prazer. A este propósito um dos rapazes explica: — *comer*, é à base daquele momento: *comi-te* (Afonso, 20 anos, Grupo 4). Esta

expressão aparece associada à atracção física e refere-se a situações em que o envolvimento emocional é diminuto. Por isso mesmo, recebe um sentido pejorativo.

— *Eu, só o comer é que acho ... quando se fala em comer associa-se àquela coisa que aconteceu ali.* (Olegário, 21 anos, Grupo 2)

— *Comer é como quem diz fffo...* [RISOS] (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— *Muitas vezes dizem comer e só deram um beijo ... mas quando se usa o termo comer, tem o significado do desejo do momento.* (Olegário, 21 anos, Grupo 2)

— *Eu comi.* (Sandro, 21 anos, Grupo 2)

— *Sim, eu comi.* (Leonor, 18 anos, Grupo 2)

— *O comer acaba por ser o mais reles de todos ... alguma coisa que se passou uma noite e acabou.* (Olegário, 21 anos, Grupo 2)

— *Uma noite?! Às vezes, são 5 minutos...* (Leonor, 18 anos, Grupo 2)

— [...] *Eu estou a falar daqueles casos da discoteca em que não se conhecem de lado nenhum e a comerem-se ali à frente de toda a gente ... não gosto.* (Helena, 20 anos, Grupo 4)

— *E vocês também vêm a comerem ali?* (Moderadora)

— *Sim, quando não há luz, então!...* (Graça, 19 anos, Grupo 4)

— *É só disso... Muitas vezes vamos à casa de banho, abres a porta e vêes coisas!!!* (Patrícia, 19 anos, Grupo 4)

— [...] *É o que se vê nas discotecas, é os roços e depois passa para os comilanços.* (Helena, 20 anos, Grupo 4)

A expressão *comer* parece ser indicativa da acção e do papel social do sujeito que dirige e domina — categorias associadas ao masculino na relação de poder de género. O significado da acção parece, com efeito, directamente relacionado com a apropriação do parceiro passivo (mulher) pelo sujeito activo (homem).

Nesta linha de pensamento, vale a pena lembrar que o mesmo sentido bipolar de dominação é atribuído a outras imagens de desvalorização, especificamente, aos homens que se deixam penetrar¹, tema que desenvolveremos mais adiante.

Apesar de na generalidade o significado de *comer* actuar mais nos discursos do género masculino, e sobre as suas práticas, também aparece nos discursos femininos, relativo a práticas femininas. No entanto, quando a expressão *comer* surge aplicada à iniciativa e desempenho

da rapariga, é sustentada por uma representação negativa de mulher devoradora. O que nos leva a afirmar que a reprodução do masculino faz-se nos discursos deles e delas.

— É assim: eu fui com o meu namorado com o intuito de me ir divertir com ele, mas esquece. Estive 5 minutos e vim-me embora. Porque eu fui à casa de banho e quando eu cheguei eram imensas raparigas à volta dele. Ele estava no bar encostado e não se conseguia mexer, eram imensas raparigas, tudo assim à volta dele a dançar... [...]. (Helena, 20 anos, Grupo 4)

No entanto, o mesmo discurso denuncia mudanças neste fenómeno, quando, paralelamente a um significado discursivo de reprodução de categorias masculinas, a mesma jovem deixa perceber que, hoje, são as raparigas que tomam a iniciativa, desempenhando um papel activo e contrariando a hegemonia masculina:

— [...] O rapaz está à frente e elas põem-se à frente deles a empinar o rabo, que é para se começarem a roçar um no outro e acontecer... [...] Se uma pessoa disser não, um homem ou um rapaz delicado sai, mas as raparigas, não. [Elas] É: «Quero-te comer e vens para a minha beira.» As raparigas hoje em dia são assim [...]. (Helena, 20 anos, Grupo 4).

Curtir representa uma relação temporal curta (aproximadamente uma semana) e aparece como uma forma de relacionamento sem compromisso de exclusividade. Ou seja, o sentido é de liberdade, cada um dos parceiros é livre de se relacionar com quem quiser. Este tipo de relacionamento pode evoluir, ou não, para uma relação onde exista um maior comprometimento, um sentimento relacional mais vinculativo.

Andar está entre o curtir e o namorar. Apesar de alguns jovens não atribuírem a esta expressão um sentido muito diferenciado do significado dado a «curtir», por vezes a distinção feita é em termos do maior comprometimento entre o casal. No entanto, ele é apresentado com um grau de envolvimento menor do que aquele que é atribuído à expressão namorar.

— No curtir, já pode envolver uma semana e tal. (Duarte, 21 anos, Grupo 2)

— Quando se está junto, está e, quando não se está, não há o compromisso... Eu não estou agarrado àquela pessoa. (André, 20 anos, Grupo 2)

— E o andar? (Catarina, 21 anos, Grupo 2)

— O andar está ali entre o curtir e o namorar. (Duarte, 21 anos, Grupo 2)

— É o mesmo, mais ou menos. (André, 20 anos, Grupo 2)

— O andar com exclusividade, é o andar. (Sofia, 20 anos, Grupo 2)

— Se bem que o andar... Quando se utiliza «ando com esta», já há uma espécie de compromisso. (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— Sim... Se calhar o andar é mais forte que o curtir... Parece que estamos aqui a medir, mas acaba por ter esta definição... Acho que é um bocado esta hierarquia. (Duarte, 21 anos, Grupo 2)

— Acho que há diferenças. Acho que curtir... Não é um compromisso. Implica... Pode um dia andar com um... Um dia andar com outro... (Manuel, 19 anos, Grupo 2)

— Tem que se dar satisfações a uma pessoa. Se calhar, «andar» não tem de se dar satisfações nenhuma... Vou para onde quero... (Carlos 21 anos, Grupo 3)

— Curtir... Não há compromisso nenhum. Essa pessoa pode curtir com outra pessoa e não tem de dar satisfações... (Tiago, 18 anos, Grupo 3)

— E a partir daí, pode surgir algo, ou não. (Carlos, 21 anos, Grupo 3)

— Não ter compromisso certo... É andar! Andar! (Ana, 20 anos, Grupo 4)

— É andar! Sei lá! Acabam por não andar muito tempo, ou muitos se calhar acabam por depois namorar. Mas namorar já é uma relação, curtir, não! (Miguel, 20 anos, Grupo 4)

— Vai-se fazendo e vai-se vendo. (Sandro, 19 anos, Grupo 4)

Namorar é de todas as expressões a que traduz um maior envolvimento, frequentemente associado à existência de um contrato de exclusividade. Este termo exprime um relacionamento sério, mesmo que o período de tempo de relacionamento tenha sido pequeno. Este é o tipo de relacionamento em que os jovens manifestam uma maior satisfação relacional.

— Quando se fala em namorar já é uma coisa séria. Até pode ser uma relação para aí de um mês, curto... Mas se eu digo que namorei um mês, para a rapariga é porque foi... (Rui, 21 anos, Grupo 2)

— Exclusivo. (Sofia, 20 anos, Grupo 2)

— Exacto, exclusivo, vá, com contrato de exclusividade. (Rui, 21 anos, Grupo 2)

Na conversa sobre o namoro surge ainda uma outra expressão — *dar um tempo* — que é uma forma de gestão da relação namoro. O significado atribuído a esta expressão aparece associado à ideia de interrupção do relacionamento, do namoro, quando é necessário reflectir sobre os sentimentos de cada um, as dúvidas e sobre o próprio relacionamento. Esta pausa no relacionamento pode levar a reparar as falhas ou a acabar com o relacionamento. Mas a intenção «dar um tempo» está integrada no estatuto namoro, o que é visível pelo facto de que durante este tempo de reflexão, não se pode *andar com outra pessoa* porque isso seria associado a uma situação de *traição*.

— *Dar um tempo... É mais dar um espaço à relação, reparar no que estão a fazer conjuntamente... Ou fazer alguma coisa de concreto...* (Paulo, 20 anos, Grupo 3)

— *Por exemplo, eu estava a ver... Se calhar, se estivermos interessados por outra rapariga, se calhar dar um tempo para termos a certeza por qual das raparigas sinto desejo... Qual a rapariga que me despertou algum interesse...* (Afonso, 21 anos, Grupo 3)

Os jovens utilizam, frequentemente, nos discursos sobre os rapazes, expressões mais associadas ao desejo e ao prazer.

— *Sim, acho que num grupo de rapazes eles contam experiências novas, coisas que fizeram, acho que têm tendência a exibirem-se... Eu até posso pôr tudo em pratos limpos, por exemplo, um rapaz, quando namora com uma rapariga [...], tem tendência de chegar ao grupo e diz: — «Olha, comi aquela rapariga», peço perdão pela expressão, mas é isto mesmo que acontece no nosso meio, entre os jovens: — «Comi aquela rapariga»; «Olha, terça-feira já vou comer a Mafalda!» [RISOS] «Olha, quarta-feira vou...»* (Joana, 18 anos, Grupo 2)

Apoiada na tese do incontável desejo sexual (já referido no capítulo anterior), as expressões mais associadas ao prazer surgem de novo associadas aos rapazes mais novos. Este registo parece indicar, ainda que de forma implícita, uma concepção de sexualidade masculina de tipo «natureza».

— *[...] Porque, sei lá, o homem também tem aquela ideia de masculinidade, ou seja à frente dos outros rapazes, muitos que vocês podem conhecer, dizem... «Eu comi aquela»; «Aquela tem um cu bom», pronto e se calhar vocês partem desses preconceitos. Mas também temos que pensar*

que tipo de pessoas estamos a falar e que tipo de idades. Certamente que vocês estão a pensar em rapazes tipo 16 ou 17 anos [...]. (Luís, 21 anos, Grupo 6)

A relação séria e a experimentação — vadias e heróis

As expressões «vadias» e «heróis» surgem explicadas por modelos de relacionamento que deixam perceber uma categorização diferenciada de comprometimento e de lógicas de relacionamento.

A partir de modelos que retratam quotidianos juvenis, que José Machado Pais no seu trabalho de meados dos anos 90 designou por *ética experimentalista* dependente de um tempo *policromático* — composto por convivialidade e envolvimentos assentes na mobilidade como garante de bem-estar —, os jovens fazem referência a lógicas associadas a hierarquias (e estádios) de relacionamento.

— *A ver se dá resultado e tal... Depois podemos passar para a próxima fase.* (Vicente, 21 anos, Grupo 4)

— *Não vamos chegar assim a uma pessoa que conhecemos há uma semana e começamos a namorar.* (Andreia, 19 anos, Grupo 4)

Nos discursos das raparigas, os relacionamentos sem vinculação relacional quase não aparecem como opção de vivência. Quando acontecem, surgem como forma de iniciação num processo que desejam que evolua para um relacionamento duradouro, ou seja, o namoro — igualmente designado como *relação séria*.

— *Andar, não! Porque eu não sou de andar... Ou é ou não é.* (Mónica, 18 anos, Grupo 7)

— *Se já se conhecer a pessoa há muito tempo, pode começar-se logo a namorar. Já se conhecem um ao outro. Se se conhecerem há pouco tempo, começam a curtir e só se gostarem mesmo um do outro é que começam a namorar.* (Sofia, 19 anos, Grupo 4)

Ou seja, nos discursos das jovens, percebemos que, de uma maneira geral, o sentido atribuído às experiências de relacionamento é o de *relação séria*, ou seja, relação que envolve cumplicidade e ultrapassa a simples atracção física. A este significado estão associados sentimentos de intimidade sexual e de pertença que se projectam no tempo.

— *Eu entendo por relação séria uma relação que dure algum tempo e que envolva sexualidade e não aqueles namoricos.* (Daniela, 21 anos, Grupo 7)

— *Eu identifico-me com ela... A relação séria, ao nível da intimidade, é a partilha de determinadas coisas na vida que não partilhamos com qualquer pessoa — a intimidade é vivida. Eu, pelo menos, tive duas relações sérias. [...].* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

A ideia de que as raparigas possam ter, na sua trajectória biográfica, uma variedade de relacionamentos é, de modo geral, conotado com má conduta. No campo específico da sexualidade, a «norma juvenil» divide entre a rapariga virtuosa e a sua antítese, a *vadia*, num entendimento depreciativo de que fazem parte qualificações insultuosas como: *porcas*, *putas* e *vacas*. A *vadia* é descrita como portadora de um apetite sexual incontrollável, ou seja, com atributos com um significado de «mulher fácil» e sem moralidade.

— *Em relação às raparigas, se os rapazes souberem que ela já andou com aquele, com aquele, com aquele e com aquele... Já é vista de uma maneira diferente: já é vista como um pneu que roda muito. Nesse aspecto, acho que os rapazes são uns heróis por terem várias namoradas ou várias raparigas ou por curtirem com várias... Quantas mais, melhor...* (Fabiana, 18 anos, Grupo 2)

— *Depende das raparigas.* (Francisco, 20 anos, Grupo 6)

— *Eu acho que aquelas...* (Sónia, 22 anos, Grupo 6)

— *Porque é pior para vocês?* (Francisco, 20 anos, Grupo 6)

— *Não estou a dizer que é pior.* (Sónia, 22 anos, Grupo 6)

— *Sim, mas normalmente pensa-se «Ah! Se aquela rapariga anda com todos, não é gente séria de certeza.»* (Francisco, 20 anos, Grupo 6)

— *Não sei se são só as raparigas a pensar assim...* (Susana, 20 anos, Grupo 6)

— *Os rapazes também... pensam que ela é um bocado vadia...* (Sónia, 22 anos, Grupo 6)

— *Se for um homem é...* (Cláudia, 20 anos, Grupo 6)

— *Engatão.* (Júlia, 19 anos, Grupo 6)

— *Ou não.* (Francisco, 20 anos, Grupo 6)

— *Estamos a falar da sociedade ou assim: se o rapaz andar com muitas raparigas é o maior, e a rapariga...* (Sónia, 22 anos, Grupo 6)

— *Eu ouvi, eu ouvi... Não tem nada a ver. É que um homem pode andar com 5, 10, 15, 20 e tantas mulheres que quiser... E a mulher é... passa por puta.* (Vicente, 21 anos, Grupo 5)

— *Elas estão piores que os rapazes.* (Tiago, 18 anos, Grupo 4)

— *Parece que andam cheias de fome.* (Catarina, 20 anos, Grupo 4)

— *É tipo vampiro, quando apanham... Antes, era ao contrário.* (Fernando, 19 anos, Grupo 4)

Entre os jovens e as jovens encontramos posições muito críticas em relação aos comportamentos de iniciativa das raparigas, designados como comportamentos de provocação. O comportamento das raparigas é apreendido numa lógica de dupla moralidade que as qualifica em «as sérias» e «as outras» (as «fáceis» ou «devoradoras») — situação que não se verifica com os rapazes.

— *Sim, mas normalmente pensa-se «Ah!, se aquela rapariga anda com todos, não é gente séria de certeza.»* (Paulo, 20 anos, Grupo 6)

— *Não sei se são só as raparigas a pensar assim.* (Sofia, 20 anos, Grupo 6)

— *Os rapazes também... Pensam que ela é um bocado vadia...* (Patrícia, 22 anos, Grupo 6)

As raparigas referem ter de ser mais cuidadosas e «cautelosas» no tipo de comportamentos e práticas, dado que sentem ser alvo de uma maior pressão social.

— *... É um espectáculo! As raparigas não... Elas têm que ter mais cuidado e serem mais cautelosas nisto, porque elas são mal vistas pela sociedade. Eles não... Elas, nós, eu também sou...!* (Mónica, 18 anos, Grupo 2)

— *E acho que o termo que usaste «vadia» não é só mal visto pelos rapazes, mas também entre as raparigas.* (Cristiano, 19 anos, Grupo 2)

— *Sim, sim, sim.* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— *Não é a mesma coisa?! Nós somos «boi».* (Tiago, 18 anos, Grupo 5)

— *Não, desculpa... Vocês, perante os vossos amigos, são os maiores.* (Joana, 18 anos, Grupo 5)

— *Sempre foi assim.* (Vasco, 20 anos, Grupo 5)

— *Se eu comer todas, o que é que tu vais dizer? — «És um grande Boi»?!* (Tiago, 18 anos, Grupo 5)

— Não, ignoro-te completamente. Mas tu, se calhar, se me vires todos os dias com um gajo diferente a vir buscar-me, vais olhar para mim e dizes: «Grande vaca!» (Joana, 18 anos, Grupo 5)

— Isso já é da sociedade em geral. (Vasco, 20 anos, Grupo 5)

Neste registo de provocação por parte das raparigas, os rapazes são desculpabilizados, dado que não fazem mais do que agir em função de uma *pulsão*. A reacção esperada do rapaz (do homem em geral) é de que não consegue resistir à sedução da mulher, num sentido de sexualidade compulsiva², ou seja de uma masculinidade fálica e orgástica.

— Nós somos quatro homens em casa, nós... Falo por mim e por eles [pai e irmãos], é o que vejo. Nós não conseguimos andar sem uma mulher, nem só com uma... Em relação a isso... Eu, por muito que goste da minha mulher, é difícil resistir a outra mulher. (Luís, 21 anos, Grupo 5)

Perante a capacidade de sedução das raparigas, os rapazes tornam-se «presas fáceis» incapazes de resistir. O mesmo não se passa com as raparigas, que, nos discursos próprios e nos dos rapazes, conseguem aguentar mais do que eles. Torna-se claro que toda a expectativa social vai no sentido de a rapariga (a mulher em geral) oferecer mais resistência à sedução, à tentação, dado que não é sexualmente tão vulnerável a certas fraquezas (Catarina, 21 anos, Grupo 5).

— Não, eu não me deixo cair tão facilmente. (Joana, 18 anos, Grupo 5)

— Os homens são todos iguais. [...] Chega aqui uma gaja e oferece-se, toda nua, completamente... É difícil de resistir. Só se ele amar muito a namorada. (Filipa, 21 anos, Grupo 5)

— Aí, não há amor. (Rogério, 20 anos, Grupo 5)

— E daí não sei se.... (Luís, 21 anos, Grupo 5)

— Só se gostar muito, muito. (Filipa, 21 anos, Grupo 5)

— O homem já tem aquele bicho... (Luís, 21 anos, Grupo 5)

— Mas, se houver um homem que consiga fazer isso, é porque há amor. (Rogério, 20 anos, Grupo 5)

— Conheces algum? (Luís, 21 anos, Grupo 5)

— E a mulher tem aquele bicho dentro? (Moderadora)

— Oh pá, lá está! Eu acho que a mulher consegue aguentar mais. Não é tão fraca nisso. Não é como o homem. (Filipa, 21 anos, Grupo 5)

— Já me aconteceu isso com o meu ex-namorado. Mas é que os homens... Vocês, desculpem-me, mas é que vocês ficam tão!!! E ele disse: — «Não tenho culpa, eu.» E eu: — «Está bem, mas ela estava aí!» Em vez de chegar, como nós... Eu digo: «Sai que eu estou com o meu namorado!» Ficam lá, na discoteca e nós chegamos e ficamos com umas trombas. Vocês desculpem, mas vocês parecem totós. A sério, o meu namorado ficou assim no meio delas todas. (Helena, 20 anos, Grupo 4)

— Desculpa, mas tu não disseste que ele tinha ido ao bar? (André, 18 anos, Grupo 4)

— Não. Nós estávamos no bar e eu fui à casa de banho e quando cheguei, estava lá a ex-namorada dele, não sei quantas amigas ... (Helena, 20 anos, Grupo 4)

— Isso já é diferente, estava lá a ex-namorada, suponhamos que estavam lá outras gajas que ele não conhecia de nenhum lado. O que querias que ele dissesse: — «Olha, sai daqui!?» (André, 18 anos, Grupo 4)

— Eu já disse. (Helena, 20 anos, Grupo 4)

Como refere um jovem: — O homem é sinónimo de masculinidade, de força, de vigor, ... (Miguel, 20 anos, Grupo 6). A partir do modelo heterossexual, é permanente a reprodução de significados e símbolos associados a categorias de género que operam nos discursos e práticas em especial associados à *heterossexualidade compulsória*³ — concepção inerente a práticas e crenças institucionalizadas em que a sexualidade da mulher aparece dependente da orientação e dominação masculina. Nesse sentido, e a título ilustrativo, uma das figuras encontradas foi a do *garanhão* (Mónica, 17 anos, Grupo 5), usada como uma qualidade da espécie masculina (Miguel, 20 anos, Grupo 5).

— [...] Temos um colega que anda todos os dias com uma. Não é um herói, não o idolatramos, nem nada disso... Achamos muita graça ao que ele faz... Mas há de certo modo um desejo íntimo inato de nós andarmos com todas as mulheres que nos aparecerem à frente... Talvez não seja bem assim... mas... [RISOS]...[...]. (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— Quantas mais, melhor. [...] Como ele estava a falar há bocado, os rapazes querem mais, acham-se os maiores, depois gabam-se, acham-se os maiores e isso tudo... (Vicente, 21 anos, Grupo 3)

— Mas acho que nós, é mais num sentido mais depreciativo, tipo... olha... como um troféu. (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— *Exactamente. Eu acho que é mais numa de se gabar do que contar uma experiência ...* (Mário, 23 anos, Grupo 7)

— *E nós se formos falar uns com os outros não levamos tão a sério aquela parte do sentimento, levam muito mais para «olha é mais uma»...* (Raul, 23 anos, Grupo 7)

— *Sim, «é mais uma».* (Mário, 23 anos, Grupo 7)

Esta diferenciação nas atitudes de homens e mulheres aparece naturalizada ou integrada na lógica do mundo que atribui ao homem, na sua essência, um *desejo inato* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2) superior ao das mulheres.

— *Mas o que é o ímpeto sexual masculino e o ímpeto sexual feminino? Isso, eu acho que sim, é completamente diferente. E mesmo a perspectiva que os homens e as mulheres têm em relação à sexualidade também é completamente diferente. O homem, pode parecer estranho, e as mulheres rejeitam sempre esta ideia à primeira, mas eu acho correcto afirmar que o homem tem uma necessidade sexual muito mais desenvolvida do que as mulheres... Algumas mais, outras menos. Assim, como alguns homens e...* (Bruno, 20 anos, Grupo 6)

— *Eu acho que vocês manifestam mais.* (Isabel, 22 anos, Grupo 6)

— *Se calhar é por isso que os homens manifestam mais.* (Rui, 22 anos, Grupo 6)

— *Mas isso é uma opinião ou é o que sentes?* (Moderadora)

— *Sim, eu sinto isso.* (Bruno, 20 anos, Grupo 6)

— *Tu sentes enquanto homem que tens mais necessidades que as tuas parceiras ou namorada?* (Moderadora)

— *Sim, eu sinto isso.* (Bruno, 20 anos, Grupo 6)

Num dos grupos, a discussão evoluiu para um hipotético cenário de cada um poder estar sozinho com 50 mulheres (imagem semelhante à de um harém). Com o vislumbrar deste cenário, os rapazes mostraram entusiasmo e manifestaram vontade de experimentar (ainda que apenas por um determinado período de tempo). Face ao mesmo cenário, os discursos das raparigas são indicativos de desinteresse e rejeição.

— *[...] É muito fácil chegarmos a um homem qualquer e perguntarmos: «Vais para um harém com 50 mulheres? Queres ir?»* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— Ah... isso, claro... (Filipe, 20 anos, grupo 2)

— Nunca ouvi uma resposta negativa. (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— Mas depois quando fosse a hora não iam... acho eu. (Susana, 20 anos, Grupo 2)

— O harém também pode ser visto ao contrário?... Se fosse posto para uma rapariga? (Moderadora)

— Sim, tu, sozinha e teres 50 homens ao teu serviço... (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— Ao meu serviço?! (Mónica, 18 anos, Grupo 2)

— Depende do serviço... [RISOS] Se calhar íamos, mas não fazíamos. (Marta, 21 anos, Grupo 2)

— Não me metia numa dessas... (Mónica 18 anos, Grupo 2)

— Eu acho que a maioria não. (Marta, 21 anos, Grupo 2)

As concepções subjacentes às trajectórias sexuais esperadas e desejadas deixam perceber que estas se constroem em torno de valores que operam ao nível da divisão dicotómica sexual entre o masculino/feminino. Nesse sentido, percebemos que, para eles, a experiência, representada por uma variedade de parceiras — *quantas mais melhor* (António, 21 anos, Grupo 3) — assume uma grande importância dado que representa novas formas de aprendizagens sexuais e engrandece a sua identidade masculina, reforçada pela certeza de que as mulheres/raparigas apreciam um rapaz experiente. Diferentemente, para elas, a aprendizagem de novos comportamentos ou práticas passa menos pela existência de relacionamentos com diferentes rapazes do que pela progressiva cumplicidade, intimidade e à-vontade no relacionamento com o seu namorado — domínios de referência na identidade feminina.

Nesta perspectiva diferenciada sobre a trajectória de experimentação da sexualidade, reencontramos o entendimento moral de que a socialização sexual das raparigas é mais controlada, (impregnada de uma visão de sexualidade responsável, madura, preocupada e cautelosa) e surge remetida à responsabilização. Nos rapazes, a trajectória sexual passa por um período legitimado de experimentação/recreação que lhes permite construir uma sexualidade a partir de diversificados relacionamentos e conquistas — o que, de certa forma, valida uma menor responsabilização social relacional.

Estamos perante o sistema simbólico de dominação, em que as forças dominadas participam, sustentando um consenso hegemónico⁴. Próprio deste consentimento é a lógica de que, «hoje», as raparigas são piores do que os rapazes, juízo que traduz a percepção de que os comportamentos da rapariga se desviam da norma.

— [...] *A minha mãe diz que hoje as raparigas são piores que os rapazes. Agora o rapaz não tem tempo de se declarar... que elas é logo: «Queres namorar comigo?»* (Fábio, 20 anos, Grupo 5)

— *E vocês também acham isso?* (Moderadora)

— *Sem dúvida.* (Catarina, 21 anos, Grupo 5)

— *Elas andam a tentar conquistar o mundo.* (Eduardo, 21 anos, Grupo 5)

A distinção entre «relação séria» e «experiência» não é no entanto total, no sentido de exclusiva de cada um dos géneros. Outras lógicas discursivas denunciam a complexidade deste fenómeno quando dão a entender que o significado relacional/romântico existe também nos rapazes desde o início do relacionamento. Este entendimento vem contrariar o sentido mais hedonista e menos romântico atribuído aos rapazes na sua trajectória relacional inicial.

— *O primeiro relacionamento que eu tive foi aos 15 anos e namorei quase três anos e eu com 16 /17 já tinha na ideia que queria mesmo ficar com aquela pessoa... E acredito que não estou hoje com ela, porque ela já não está aqui connosco. Se estivesse, acredito que ainda hoje estava com ela e era com ela... Nessa altura eu sabia o que queria.* (José, 22 anos, Grupo 6)

— *Eu sei e sabia o que queria, mas era como eu estava a explicar: foi algo que na altura... não te vou negar que nos primeiros dois meses não sabia que ia ficar quatro anos com ela... se calhar, neste momento, imagino-me a constituir família com ela e a viver ao lado dela.* (Bruno, 20 anos, Grupo 6)

No entanto, o sentido relacional/romântico traduzido em *relação séria*, das raparigas, surge, desde o início, associado a uma continuidade/conjugalidade, enquanto nos rapazes ele só surge numa segunda fase, passado o período de experimentação/recriação.

— *O rapaz também pensa um pouco nisso, só que se calhar não é tanto.* (Sandro, 21 anos, Grupo 3)

— O rapaz é... É como ele disse há bocado, agora é, como se diz, o curtir a vida, depois mais tarde depois vê-se. (Tiago, 18 anos, Grupo 3)

— Um rapaz é capaz de ir ter com uma rapariga e... depois de a ter, a seguir, vai tentar escolher outra rapariga, e depois outra e depois outra... enquanto se calhar a rapariga já pensa o contrário: É aquele rapaz e é para casar com aquele rapaz. (Filipe, 21 anos, Grupo 3)

Eles rejeitam a ideia de terem um «relacionamento sério» com uma rapariga que já tenha tido, na sua trajectória biográfica, muitas experiências relacionais e ou sexuais. Referem que se sentem inseguros, sentimento que transmite a impressão de desejo, ainda que latente, de controlar ou conduzir o percurso do relacionamento, ou seja, manifesta-se o desejo da dominação masculina.

— Estou a pensar... Ele não andava com aquela rapariga, porque ela andou com muitos rapazes? Isso também eu pensava. (Vítor, 23 anos, Grupo 7)

— Eu também pensava, toda a gente pensa. (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— Toda a gente pensa, eu pelo menos penso. (Vítor, 23 anos, Grupo 7)

— Tanto para o homem como para a mulher... (João, 23 anos, Grupo 7)

— O homem é muito mais... (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— Se calhar até ele pensa, está comigo, mas numa de jogar comigo. (Vítor, 23 anos, Grupo 7)

— A mim, mete-me confusão, sei lá, se eu namorasse com uma rapariga... de certeza que antes de começar a namorar com ela, ia tentar saber se ela já teve muitos rapazes... Mas é... é uma coisa que me mete confusão. (João, 23 anos, Grupo 7)

— Até porque pode ser sinal de que ela ainda não procura uma relação séria. Nós, para nos envolvermos a sério, e para mais tarde não virmos a sofrer as consequências disso, procuramos saber se ela já teve muitos relacionamentos e se esses relacionamentos duraram ou se foram assim uma coisa fugaz, de momento e depois acabou. Acho que ninguém gosta de sofrer, ninguém entra numa relação para sofrer ... (Vítor, 23 anos, Grupo 7)

— É mais tipo por aí. De certeza que se ela já teve muitos rapazes, de certeza que andou pouco tempo com cada um deles. Não é uma rapariga

para ter uma relação séria. Não sei se estás a perceber o que eu estou a dizer... (Vitor, 23 anos, Grupo 7)

É interessante perceber que, paralelamente a um registo de discurso que evidencia atitudes e comportamentos assimétricos entre os jovens, as raparigas consideram que a imagem construída pelos rapazes, no sentido de grande variedade de experiências, é sobretudo uma postura exibicionista por parte deles.

— No fundo é só conversa. (Joana, 17 anos, Grupo 3)

— No fundo saem de casa e não fazem nada do que dizem. (Joana, 17 anos, Grupo 3)

Ligada com esse comportamento masculino está a menor capacidade dos rapazes para conversar sobre as suas experiências e a intimidade relacional. As raparigas consideram ter uma apetência maior para, em contexto de espaço privado e íntimo, falarem de forma séria, com as amigas, sobre as suas vivências.

— [...] Mas, é engraçado, nós raparigas falamos disso [da intimidade relacional]. E acho que não é visto como algo que fique tão mal. [...]. Num homem fica mal. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— Eu falo. Sim, eu falo com as minhas amigas. (Maria, 21 anos, grupo 7)

Conscientes de que este facto as demarca dos rapazes, justificam o fenómeno com o seu amadurecimento mais precoce. Eles conversam em contexto de espaço público, de forma «pouco séria». Ou seja, a conversa com os pares aparece directamente relacionada à «performance pública» traduzida em «conquistas» — expostas de forma exibicionista, depreciativa, «pouco sérias» e «recreativas».

— É isso... Se calhar, se for entre rapazes, existe mais tendência para a bandalheira. Às tantas, não se está a falar de sexualidade coisa nenhuma, está-se mas é a ser porco! [...] Sei lá, está mas é a ser brejeiro e já esqueceu o cerne da questão e já está a falar em tom de brincadeira. (Luís, 21 anos, Grupo 2)

— É natural, nos rapazes nota-se mais, têm uma relação sexual, a seguir vão a um amigo: — «Olha e tal, eu fiz aquilo...» As raparigas, eu acho que não fazem isso. Não sei, eu acho que com as raparigas há mais aquela coisa mais íntima. (Rita, 21 anos, Grupo 2)

— Não é mais liberdade, é algo mais sério é tratado com mais seriedade. (Susana, 20 anos, Grupo 2)

— *Eu acho que as raparigas amadurecem mais rapidamente e se ca-lhar, na mesma idade, raparigas e rapazes têm uma forma de estar diferente ... Eu acho que as raparigas têm mais preocupações em relação à sexuali-dade.* (Rita, 21 anos, Grupo 2)

— *Pois. Mas eu falo por mim em relação aos meus amigos, dizer: — «Eu fiz isto, eu fiz aquilo», como eu ouço sempre.* (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— *Mas as mulheres têm mais à-vontade.* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— *Mas ele diz que ouve.* (Moderadora)

— *Sim, eu ouço muito isso, mas não falo, porque não gosto, acho que ninguém tem nada a ver com isso.* (Ricardo, 25 anos, Grupo 7)

— *Mas há muitos rapazes que têm a mania de se gabarem tipo: — «Ei! fiz isso com aquela rapariga.» E eu: — «Ah!, pronto, está bem.»* (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— *Eu acho que até fica mal.* (Gonçalo, 23 anos, Grupo 7)

Quando o relacionamento assume o sentido de *relação séria*, ou seja quando é admitido como algo importante na trajetória pessoal desaparece esse à-vontade dos rapazes para falarem. Os rapazes parecem experimentar uma dificuldade maior de comunicação na conversa com os pares, quer em contexto de espaço público, quer em espaço privado. Em resposta à pergunta: *Vocês, que são amigos, costumam falar dos vossos relacionamentos?* Os rapazes respondem prontamente que não.

Relacionamento risco e prevenção

Já atrás ficou demonstrado como a entrada na sexualidade se liga à preocupação com o risco (gravidez e DST). Esta temática está sempre presente nas representações e atitudes dos pais, bem assim como nas dos jovens, particularmente nas raparigas. Veremos agora como é a dimensão relacional que orienta as atitudes face às avaliações dos riscos e, conseqüentemente, face à prevenção. É sobretudo no risco da gravidez e medo de engravidar que assenta a lógica da contracepção.

— *É assim, o meu primeiro pensamento é a gravidez [...].* (Patrícia, 20 anos, Grupo 4)

O risco de engravidar é particularmente relacionado, por um lado, com a idade precoce da iniciação sexual, na medida em que se trata de *miúdas muito novas* que ainda não falaram com os pais e acabam por engravidar, e, por outro, com a falta de privacidade que resulta em precipitação na passagem ao acto. Ou seja, é nas condições sociais de, por um lado, estímulo à sexualidade precoce e, por outro, limitações impostas à sua efectivação tranquila, que os jovens colocam as causas da gravidez adolescente.

— [...] Por exemplo, de 13 anos, há miúdas que já... [...] É o que se mais vê agora, é miúdas grávidas. (Patrícia, 20 anos, Grupo 4)

— Eu estava aqui a dizer que se calhar uma das causas porque se engravida acidentalmente também é o sítio onde se faz, porque se é um sítio... Imagine uma pessoa, não tem sítio e arranja assim uma coisa à pressa depois é aquela coisa feita muito à pressa e acaba-se por não usar o preservativo e depois engravida-se por acidente. Se nós tivéssemos a nossa privacidade em casa ia haver mais tempo para fazer as coisas, podia-se parar e assim... (André, 18 anos, Grupo 4)

— Pensava-se mais. (Filipe, 19 anos, Grupo 4)

— É isso... (André, 18 anos, Grupo 4)

— Pensava-se mais, porque quando não temos sítio, é fazer tudo à pressão, é fazer e... Sempre a andar... (Filipe, 19 anos, Grupo 4)

— Quando não há sítio é «baixo as calças e...» (Duarte, 21 anos, Grupo 4)

— Ai! Meu Deus!! (André, 18 anos, Grupo 4)

— Basicamente, é isso. Se houver tempo para pensar, uma pessoa faz tudo nas calmas; se não houver tempo, uma pessoa quer é despachar. (Duarte, 21 anos, Grupo 4)

Apesar de os discursos reproduzirem valores estruturados na partilha de responsabilidades entre rapaz e rapariga, na prática impõe-se toda uma lógica que sugere uma responsabilização directa das raparigas. Isso fica bem expresso no dizer de um dos rapazes que faz referência ao discurso da sua mãe, responsabilizando a rapariga e desresponsabilizando o rapaz — discurso com o qual dá a entender estar de acordo.

— Por exemplo, a minha mãe nunca me disse a mim directamente, mas às vezes está a falar de uma rapariga que saiu de casa e engravidou e

ela diz: — «A mãe dela que a cuide, o rapaz anda à-vontade.» A minha mãe nunca disse directamente, mas é o que leva a pensar... E eu, ao ouvir aquilo... (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

Um dos rapazes reforça esta ideia ao colocar-se numa posição exterior à maternidade/paternidade, na frase:

— Eu não sou rapariga, mas se fosse rapariga preferia ser mãe adolescente do que apanhar uma doença (Bruno, 21 anos, Grupo 4).

Este desequilíbrio da responsabilização é atribuído à morfologia do processo de gestação que acorrenta as raparigas e deixa ao rapaz a opção de não assumir o vínculo de paternidade.

— Eu acho que há mais [responsabilidade] por parte das raparigas do que por parte dos rapazes. (Filipa, 19 anos, Grupo 3)

— Têm medo que não consigam aguentar com o medo... Pode acontecer engravidarem e não podem fazer nada... (Joana, 18 anos, Grupo 3)

— Sim, eu acho que sim... Porque, se for a ver, uma pessoa engravidada e quem fica com os filhos somos nós, os rapazes fogem [RISOS] ... E se apanharmos alguma doença? Ficamos de cama. Quem é que os atura? (Filipa, 19 anos, Grupo 3)

— Ela é que aparece de barriga cheia e pronto. (Mónica, 17 anos, Grupo 5)

— Um pai também tem que tomar conta da filha e andar de caçadeira na mão. (Duarte, 21 anos, Grupo 5)

— Claro, o rapaz fez. (Mónica 17 anos, Grupo 5)

— É diferente. É preciso que assuma... (Roberto, 20 anos, Grupo 5)

— Há quem não assuma? (Moderadora)

— Há. (Mónica, 17 anos, Grupo 5)

— Então não há?! (Helena, 21 anos, Grupo 5)

— Houve uma altura que até parecia que andava na moda... (Duarte, 21 anos, Grupo 5)

— O quê? (Helena, 21 anos, Grupo 5)

— Comer e deixar o filho. (Mónica, 17 anos, Grupo 5)

Apesar de afirmarem a preocupação com o risco do VIH/sida, os jovens demonstram desvalorizar a sua vulnerabilidade, nomeadamente na relação diária. Vários factores se apresentam ligados a esta atitude.

O impacto do VIH/sida nas suas vidas não é sentido de forma imediata — ao contrário da gravidez que tem implicações no quoti-

diano imediato. Além das implicações efectivas (ficar grávida), há uma carga simbólica estigmatizante profundamente interiorizada e que vimos aparecer na comunicação pais-filhos e na modelação relativas às práticas e aos relacionamentos sexuais.

— *Não sei, é aquele tal preconceito de chegar a casa, não é, e virar-me para a minha mãe ou para o meu pai: — «Ó mãe, Ó pai, estou grávida. Vou ser mãe.» [RISOS]... do que, se calhar, se tiver uma doença, às tantas ninguém vai notar... talvez seja um bocado assim, não sei, não sou rapariga... mas é próprio dizer isso...* (Hugo, 20 anos, Grupo 3)

— *Por exemplo, se chegar à beira do meu pai: — «Vou ser pai!», é complicado. Se calhar dava apoio, mas eu falo por mim, tipo, [...] A nossa vida muda completamente.* (Fábio, 21 anos, Grupo 3)

— *Mesmo que tivesses uma doença, também ia mudar.* (Maria, 19 anos, Grupo 3)

— *Mas se calhar a longo prazo. Enquanto se calhar uma gravidez era naquele momento...* (Fábio, 21 anos, Grupo 3)

A argumentação para o que, na prática, resulta em desvalorização do risco de DST, passa também pela relativização desse risco específico no que constitui uma referência ao contexto da sociedade do risco em que os indivíduos vivem, com o reconhecimento da probabilidade de ameaças várias no quotidiano⁵.

— *Eu, para já, numa relação séria, vou usar sempre preservativo por causa da gravidez. Mas não é só pelo uso do preservativo que nos livramos dessas doenças. Por exemplo, há um corte no lábio, podemos dar um beijo e apanhar essas doenças. Pronto, mas no acto sexual usamos sempre o preservativo, mas confiava na outra pessoa.* (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

Associada a esta argumentação está a manifestação do desejo de confiar no «outro» o que aponta para a lógica da *relação pura*⁶.

Daí que seja na relação séria que o risco de DST é considerado menor e que nela se possa abdicar do preservativo. A opção dos jovens, que experienciam uma *relação séria*, recai na pílula, sendo preterido o uso do preservativo. Mesmo no caso da referência a opções conjuntas, pílula e preservativo, a justificação reside na procura de segurança do ponto de vista de prevenção da gravidez.

— [...] *Eu só consigo fazer as relações sexuais estando com preservativo e a tomar a pílula, porque a pílula é 99% eficaz e posso ter 1% de hipóteses, não é?* (Cátia, 20 anos, Grupo 4)

Nos discursos destes jovens o uso do preservativo não é apresentado como tendo por motivo a prevenção do VIH/sida, mas principalmente, com a percepção do risco, ainda que menor, de a pílula falhar: — *Nunca confiar plenamente na pílula, há sempre um risco* (Clara, 21 anos, Grupo 7).

— *A tua questão é não engravidar e não tanto o transmitir a doença?* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— *Sim, sim.* (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— *Eu também tenho um relacionamento de anos e usamos sempre preservativo. Também nunca podemos confiar plenamente na pílula, há sempre um risco, nunca confiar. Para quê correr riscos?* (Clara, 21 anos, Grupo 7)

— *Mas tu usas os dois, pílula e preservativo?* (Moderadora)

— *Sim.* (Clara, 21 anos, Grupo 7)

— *Assim temos a certeza.* (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— *Isso também tem que ver com a idade. Quando eu perdi a virgindade era muito nova, não tinha..., agora estou a estudar e um filho agora...* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— *Eu sempre usei os dois [...].* (Joana, 18 anos, Grupo 7)

Em termos globais, encontramos uma avaliação geral negativa sobre o uso do preservativo. A tónica é colocada na diminuição do prazer sexual, mas o significado aparece ligado à representação de liberdade. O preservativo é *contranatura*: *a sensação é diferente, não há pele com pele... É pele com plástico* (Gonçalo, 21 anos, Grupo 4).

— *Então o que é que não é contranatura?* (Moderadora)

— *Fazer direito* (André, 18 anos, Grupo 4)

— *Sexo ao natural!* (Gonçalo, 21 anos, Grupo 4)

— *E o que é sexo ao natural?* (Moderadora)

— *Sem preservativo! Pénis/vagina, enfim...* (Gonçalo, 21 anos, Grupo 4)

— *Fazer e engravidar e acabou!* (André, 18 anos, Grupo 4)

— *Não! Não! Que horror.* (Maria, 20 anos, Grupo 4)

— *É uma seca usar preservativo* (Tiago, 18 anos, Grupo 5)

- Vocês não gostam? (Moderadora)
- É artificial. (Bruno, 20 anos, Grupo 5)
- É tudo ao natural (Luís, 21 anos, Grupo 5)
- Vocês gostam de tudo ao natural? (Moderadora)
- Claro. (Luís, 21 anos, Grupo 5)
- O que é isso de tudo ao natural? (Moderadora)
- Sem nada. (Luís, 21 anos, Grupo 5; Tiago, 18 anos, Grupo 5)
- Sem nada, nem meias, nem nada. (Luís, 21 anos, Grupo 5)

O uso do preservativo aparece também associado ao incômodo de obrigar a uma interrupção na relação sexual o que parece ser embaraçoso.

— Muitos rapazes não gostam. Uma coisa é estares com uma rapariga e: — «Olha, espera um bocadinho que eu vou...» [RISOS], não tem lógica. (Bruno, 19 anos, Grupo 4)

Paralelamente e adoptando o discurso da racionalidade médica, fazem referência à necessidade do uso do preservativo na primeira relação sexual/coital e em todas as primeiras vezes de um novo relacionamento. Porém, fica claro que este não é um comportamento recorrente, como se vê por exemplo, no discurso de uma jovem quando refere que não usou preservativo porque já namoravam há muito tempo.

— Não, quando perdi a virgindade não usei preservativo. Tomava a pílula. Já tomava porque inicialmente comecei a tomar a pílula, não por questões de engravidar, mas por questões hormonais... mas já foi ao fim de muito tempo de namoro, mesmo que [teve relações sexuais com penetração]. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

No sentido do não uso sistemático do preservativo em relações eventuais está também a informação de que não têm por hábito trazer o preservativo consigo, dado que é costume esconderem-no em casa.

- [...] Também nunca ando, porque faço em casa. (Mónica, 18 anos, Grupo 7)
- Pois, guarda-se em casa, bem escondidinho, numa caixinha. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)
- Também se pode degradar... (Pedro, 23 anos, Grupo 7)
- Eu guardo na minha casa. (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

O debate de um dos grupos foi claro quanto a nem sempre sentirem necessidade de usar qualquer contracepção. Circula a ideia de que quando o casal se conhece bem e há intimidade, existe um controle da relação sexual que permite o recurso ao coito interrompido o que os deixa seguros. No entanto, a prática do coito interrompido foi muito poucas vezes verbalizada por estes jovens. Este facto mostra algum distanciamento dos dados referidos num estudo na década de 80, no qual era patente que 50,6% (1984-85) e 44,8% (1985-86) dos estudantes universitários já tinham utilizado o coito interrompido⁷.

— *Depende da mulher, há quem não engravide tão facilmente.* (Olegário, 21 anos, Grupo 5)

— *Depende da mulher. Eu nunca usei nada...* (Mariana, 21 anos, Grupo 5)

— [...] *Eu antes de namorar também não tomava a pílula e não me aconteceu nada.* (Tatiana, 17 anos, Grupo 5)

— *Tem que se saber tirar a cena fora e descartar para a roupa.* (Carlos, 21 anos, Grupo 5)

— *Estás a perceber?... Não vai estar... Claro que não... É para fora... É normal, pode acontecer.* (Catarina, 21 anos, Grupo 5)

— *Mas pode acontecer engravidar?* (Tatiana, 17 anos, Grupo 5)

— *Pode.* (Catarina, 21 anos, Grupo 5)

— *Dois anos é, ... se estiverem a viver juntos, acho que já têm mais aquela intimidade e fazem mais vezes amor, percebes?!* (Tatiana, 17 anos, Grupo 5)

— *Lá está, fazem mais vezes e conhecem-se melhor um ao outro e então...* (Catarina, 21 anos, Grupo 5)

— *Controlam.* (Tiago, 18 anos, Grupo 5)

Também se chegou à noção de que certas mulheres (ou raparigas) têm dificuldade em engravidar como justificação para o não uso de contracepção o que parece remeter para irresponsabilidade e, ou, desinformação, mas esta situação não foi aprofundada no debate.

Paralelamente, estes jovens deixaram perceber que a partir do momento em que o relacionamento assume uma certa estabilidade, o preservativo é frequentemente substituído pela pílula. Esta prática vem confirmar o entendimento do uso do preservativo como prevenção

de gravidez. Na generalidade dos discursos prevalece a ideia de «imunidade da *relação séria*», no sentido de não implicar risco de DST, expulso pela confiança mútua entre parceiros — situação confirmada pela investigação realizada com mulheres adultas de grupos sociais desfavorecidos⁸ e com homens adultos. Nestes estudos, percebemos durante o percurso da relação, o preservativo como método de contraceção tem um uso temporário, fixado mais na fase inicial.

— *Quando não há, não se faz... Estou a brincar, quando não há, faz-se na mesma...[...]. Depende da mulher.* (André, 18 anos, Grupo 5)

— *Depende da situação.* (Bruno, 20 anos, Grupo 5)

— *Não estou a perceber, depende da mulher, depende da situação?!* (Moderadora)

— *Se a mulher usar pílula, não é preciso preservativo.* (André, 18 anos, Grupo 5)

— *O quê?* (Joana, 18 anos, Grupo 5)

— *Não é bem assim. E se ele for casado com outra?* (Cátia, 17 anos, Grupo 5)

— *A pílula protege-te das doenças?* (Joana, 18 anos, Grupo 5)

— *Claro que não, mas ele está a falar numa relação estável. Não é andar aí... Quem anda à frente a torto e a direito usa preservativo.* (Catarina, 21 anos, Grupo 5)

— *Quando é uma namorada fixa, não é preciso preservativo.* (André, 18 anos, Grupo 5)

Este é um dos domínios em que nos defrontámos com a diferenciação dos discursos (consoante os grupos). Um dos grupos (jovens universitários) dá a entender que a preocupação com o risco se mantém numa «relação séria», manifestando estar em permanente alerta, facto que parece indicar que a «relação séria» não é sempre entendida como uma condição de imunidade.

— *Mesmo tendo um relacionamento sério, pode acontecer. Eu sei de casos concretos em que... Por exemplo, eu tenho uma amiga que ela, ela não sabe, eu já tentei avisar, mas ela não abre os olhos e o namorado dela vai a garotas de programa e ela não sabe. E ela confia plenamente nele.* (Mónica, 18 anos, Grupo 7)

— *Eu tive duas relações (neste momento é a minha segunda relação séria). Eu gosto logo de pôr tudo em pratos limpos. Ou seja, eu gosto de*

saber o que é que ele fez e não fez e ponho-o à-vontade para falar e eu faço o mesmo... Lá está para... Eu gosto de saber: —«Tiveste relações sexuais com quantas pessoas? E inicialmente usavas preservativo?» Claro que não é uma questão de medo, mas... Claro que não é logo no primeiro dia, é com o tempo. [...] (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

Conclusão

Nos modelos de relacionamento encontrados (*comer, curtir, andar e namorar*) surge um mapear de diferentes formas de sociabilidade e afectividade, com ritmos relacionais descontínuos, reproduzindo uma hierarquia de intensidade e comprometimento.

Os relacionamentos surgem inscritos em modelos comportamentais, assentes nas expectativas culturais associadas a cada um dos géneros. Reproduzindo ordens e qualidades diferenciadas, os jovens têm uma visão interiorizada de duplo-padrão na lógica relacional, diferenciada quer na compreensão dos comportamentos, quer nos objectivos de concretização. Nas raparigas, o discurso contrapõe os modelos de relacionamento das sedutoras, designadas *vadias*, às virtuosas. As experiências relacionais, mais vinculativas e de maior cumplicidade, classificadas como *relações sérias*, são características inerentes às raparigas virtuosas. Nesse sentido, os relacionamentos sem vinculação relacional não aparecem referenciados pelas jovens como forma de vivência. Subjacente a esta dupla moralidade, encontramos nos discursos uma atitude muito crítica a particularidades da rapariga *vadia* que, contrariando a expectativa social, assume comportamentos de iniciativa e *provoca* os rapazes.

O sentido atribuído à experimentação da sexualidade e à sexualidade como relação é vivenciado de forma desigual entre elas e eles. Para as raparigas a experimentação, contextualizada na *relação séria*, não tem como objectivo a recreação. Surge vinculada a uma progressiva cumplicidade e intimidade relacional com propósitos conjugais — desejo que exprime continuidade de modelos tradicionais e contribui, de forma marcante, para a identidade feminina na actualidade. A trajectória relacional dos rapazes deixa perceber dois

momentos temporais: um primeiro período, que corresponde à experimentação, com propósitos recreativos, claramente exposto em contexto público; e um segundo momento, designado por *relacionamento sério*.

A lógica discursiva das raparigas sobre o sentido desigual da trajectória de experimentação denuncia na prática o significado de risco. Ou seja, as distintas vivências da sexualidade, assentes nas expectativas de género, produzem, também, medos e riscos diferenciados. O medo de uma possível gravidez é manifestamente declarado pelas raparigas, claramente assumido pela explícita responsabilização de protecção inerente à tomada da pílula. Os rapazes, apesar de o principal medo manifestado se centrar igualmente na gravidez, colocam-se, de forma mais ou menos declarada, numa posição exterior à maternidade/paternidade.

A lógica da escolha da contracepção pré-conjugal está condicionada ao tipo de modelo relacional. A opção dos jovens que experienciam uma *relação séria* é feita no sentido da tomada da pílula. A opção pelo uso do preservativo surge associada aos relacionamentos que ainda não evoluíram para um sentimento relacional mais vinculativo e, por vezes, aos relacionamentos esporádicos ou à primeira relação sexual. O sentido de risco atribuído ao VIH/sida surge desvalorizado, dado que na prática o cuidado, declarado principalmente pelas raparigas, passa pela selecção dos namorados — indicando, através da *relação séria*, uma espécie de imunidade ao risco. Esta situação pode ser indicativa de que as campanhas de prevenção da infecção VIH/sida não modificaram significativamente os comportamentos e atitudes preventivas dos jovens.

CAPÍTULO 11

«Se for entre eles, não me importo!»

Modelo(s) de orientação sexual

Nós e eles — ser heterossexual é a natureza «normal»

ESTES JOVENS PARECEM DIVIDIR A REALIDADE entre o modelo heterossexual e o homossexual, como se de dois mundos completamente distintos se tratasse. Neste contexto, percebemos que nos discursos estão imbricados modos de produção de sentido inerentes à «opção» heterossexualidade como padrão de comportamento «normal». Desde logo, é de realçar a forma como os jovens reagem e se apresentam em grupo, todos referindo serem heterossexuais¹ e, em casos específicos, sentindo necessidade de reforçar esta afirmação.

— [...] Vocês reparem, eu estou dentro do assunto [da homossexualidade]... mas, atenção não sou lésbica... (Maria, 20 anos, Grupo 4)

— [...] É-me indiferente que uma pessoa seja hetero ou homo. Nunca tive nenhum relacionamento sério... Eu sou heterossexual, não sei. (Tiago, 18 anos, Grupo 7)

Justifica-se referir aqui um caso com contornos de «não-afirmação» explícita de (suposta) homossexualidade. Com efeito, um dos rapazes afirmou que apesar de ninguém mentir, não seria dita naquele grupo toda a verdade. No final do grupo, deixou-se ficar e, a sós,

tivemos oportunidade de conversar sobre o discurso da verdade/mentira. Disse-lhe que compreendia que não falassem toda a verdade, pois estávamos perante um grupo muito *preconceituoso* (expressão utilizada pelo próprio grupo). Falámos da homossexualidade e ele, sem nunca pronunciar a palavra, referiu que eu era uma pessoa esperta e que já tinha percebido tudo... Ou seja, a própria construção discursiva sobre a homossexualidade revela a presença do tabu e estigma. Estes entendimentos deixam perceber que na lógica discursiva, o sentido atribuído ao modelo da homossexualidade, remete para «anormalidade».

Tendo por referência um *modelo heteronormativo*, posicionando-se por referência no modelo heterossexual, produzem afirmações em que declaram a aceitação do «outro» no mundo «deles» com terminologias que retratam bem a fronteira entre o «Eu e o Outro»: — «*Não tenho nada contra eles*»; «*Se for entre eles não me importo*»; «*Eu, não sou eles...*» As referências à temática da homossexualidade são feitas num discurso exterior aos próprios.

Na construção explicativa sobre a sua orientação sexual e uma vez que a heterossexualidade é a orientação dominante, os jovens manifestam que existe socialmente um sentido de discriminação e de não-aceitação em relação às restantes orientações sexuais — com maior expressão na homossexualidade. Estes entendimentos são manifestamente referidos quando, por exemplo, afirmam: *Eu acho que a nossa sociedade não aceita e discrimina fortemente a homossexualidade* (Cátia, 17 anos, Grupo 2). Esta discriminação está na base da ocultação de uma realidade que percebem que existe em mais larga escala do que aquela que é visível.

— *Muita gente até pode ser homossexual, mas passa muito bem por heterossexual... Acho que isso ainda é um tabu muito grande para a sociedade.* (Mónica, 18 anos, Grupo 2)

Para estes jovens, as restrições inerentes às políticas da homossexualidade (e que actualmente fazem parte das agendas políticas nacionais e internacionais, nomeadamente a adopção e o casamento homossexual) contribuem para a dissimulação da realidade que é a da homossexualidade presente na sociedade como realidade relativamente vulgarizada.

— *Eu acho que se algum dia em Portugal os casamentos homossexuais vierem a ser legais, muita casa vai cair.* (Manuel, 22 anos, Grupo 6)

— *Eu também acho que sim. A partir do momento em que os casamentos forem legais e a partir do momento em que os homossexuais puderem adoptar, que é outra coisa que está muito na baila, eu acho que vai passar a ser um assunto mais banal do que é agora.* (Patrícia, 22 anos, Grupo 6)

— *Eu concordo.* (Amélia, 22 anos, Grupo 6)

— *Eu também.* (Mariana, 20 anos Grupo 6)

— *Eu acho que muito mais gente vai dar a cara, e agora estão reprimidos, enclausurados.* (Patrícia, 22 anos, Grupo 6)

A persistente dificuldade em assumir publicamente a identidade homossexual relaciona-se com a percepção de «anormalidade» da situação, na medida em que tem de ser precisamente «assumida», isto é, «confessada», pois a situação normal e esperada seria a de heterossexual.

— *Achas que se algum de nós aqui fosse homossexual, dizia claramente: — «Eu sou homossexual», aqui nesta discussão?* (Moderadora)

— *Se calhar, não.* (Filipe, 21 anos, Grupo 2)

— *Depende, se tivesse assumido lá fora que era homossexual... Aqui dentro não ia dizer que era heterossexual.* (Sónia, 20 anos, Grupo 2)

— *Sim, sim.* (Bruno, 19 anos, Grupo 2)

— *Acho que depende das pessoas.* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— *Se tivesse assumido perante os meus amigos, perante a minha família, porquê chegar aqui dentro e dizer que sou hetero? Se não tivesse assumido também não ia assumir aqui.* (Sónia, 20 anos, Grupo 2)

Em última análise, os jovens conferem à homossexualidade um sentido *contranatura* que interpretam como resultado de uma inversão hormonal. Esta classificação está condicionada pelas noções dominantes sobre a existência dos dois seres distintos e correspondentes a dois sexos opostos. Nesse sentido, referem a existência de uma relação entre a homossexualidade e níveis hormonais mais próximos dos das mulheres, manifestando-se quer através dos comportamentos, quer pelos caracteres sexuais secundários. A homossexualidade aparece retratada de forma invertida, ao nível dos sentimentos, dos desejos e dos comportamentos, em suma, como um «instinto sexual», contrário ao que impõe a imagem do seu corpo.

— *É rapaz e é tal e qual uma rapariga, mesmo a maneira de falar e tudo, tem voz de mulher... Houve pessoas a afirmarem que ele era rapariga, e ele é um rapaz... Pessoas que não o conhecem a afirmarem que ele era*

rapariga e ele é rapaz só que tem aqueles tiques e manias de mulher. (José, 19 anos, Grupo 3)

— *Quantos casos nós conhecemos de homens que nem ganham barba!!* (Susana, 19 anos, Grupo 3)

— *Há mulheres que têm tiques de homens, isso é igual...* (Vicente, 21 anos, Grupo 3)

— *Sim. Temos uma na nossa turma... É fufa [...] tem uns traços assim um bocado masculinos...* (Bruno, 20 anos, Grupo 3)

— *Parece uma mulher num corpo de homem. [...]* (Isidro, 22 anos, Grupo 6)

— *Já nasce conosco... [...] Se já nascesse comigo e eu só ia brincar com carros...* (Rita, 21 anos, Grupo 5)

Com base nesta representação assente numa classificação de inversão dos papéis e das características socialmente atribuídas a cada sexo, os jovens referem-se aos limites que ela coloca à dimensão procriativa e que contrariam as expectativas sociais. Os discursos reflectem noções inerentes à concepção moral cristã que desaprova quaisquer orientações que não promovam a ordem natural, ou seja, a fecundidade. Assente na ideia de que o casal heterossexual é o normal, os jovens interrogam-se sobre a natureza das sexualidades periféricas (especialmente em relação à reprodução). Num dos grupos os discursos foram indicativos da ideia de que tudo o que estivesse para além da *lei natural da vida* (da procriação) era contranatura. A este propósito fundamentaram a sua reflexão com:

— *Então, o que é que não é contranatura?* (Moderadora)

— *Fazer direito.* (Tiago, 18 anos, Grupo 4)

— *Sexo ao natural!* (Mário, 21 anos, Grupo 4)

— *E o que é sexo ao natural?* (Moderadora)

— *Sem preservativo! Pénis/vagina, enfim...* (Mário, 21 anos, Grupo 4)

— *É a lei natural da vida! Temos que crescer e multiplicar.* (Vítor, 21 anos, Grupo 4)

— *É verdade.* (Mário, 21 anos, Grupo 4)

— *Já ouvi esta frase, não sei onde...* (Moderadora)

— *Na Bíblia...* (Mónica, 18 anos, Grupo 4)

— *É esse o objectivo.* (Alice, 20 anos, Grupo 4)

— *Para já, não, na nossa idade não...* (Mário, 21 anos, Grupo 4)

— *Mais para a frente tem que ser senão isto acaba.* (Vítor, 21 anos, Grupo 4)

— *Constituir a sua própria família.* (Mónica, 18 anos, Grupo 4)

— *Acho que é o objectivo de qualquer pessoa: é ter a sua própria família, os seus próprios filhos as suas coisas, a sua própria casa...* (Afonso, 19 anos, Grupo 4)

Tal como no modelo de sexualidade heterossexual, assente em papéis de género que distinguem entre actividade/desempenho (qualidade masculina) e passividade /não desempenho (atributo feminino), também a imagem da homossexualidade masculina contém a visão de um duplo entendimento entre os que *comem*, ou seja, os que simbolicamente possuem os parceiros e desempenham um papel activo e os que se *deixam comer*, ou penetrar, e que desempenham um papel passivo. Neste contexto, os jovens classificam como *gay* os homossexuais passivos, os que se deixam penetrar ou possuir pelos parceiros activos.

Associados à passividade (ou não desempenho), os *gay* ou *paneleiros* são retratados como possuidores de características efeminadas (físicas ou sociais, de desempenho de papéis tradicionalmente associados às mulheres) o que é visto pelos jovens de forma negativa, revelando o estigma do invertido que vem a justificar o repúdio sentido pelas práticas da homossexualidade masculina.

— *Eu, pessoalmente, acho que é diferente homossexual e gay, porque gay não tem orgulho de ser homem e o homossexual não, gosta de ser masculino. Homem, mas gosta de homens. Dou mais valor a um homossexual do que a um gay. O gay, acho que é uma coisa, que nem sabe o que é, nem o que quer ser, e veste uma personagem todos os dias porque nem tem orgulho nele, como é e quer ser. Acho que é diferente. O homossexual é um homem autêntico, gosta de se vestir à homem, gosta de trazer barba, gosta de se sentir homem. Mas gosta de homens.* (Mariana, 19 anos, Grupo 3)

— *Arrepiante! Mas é preciso dividir as coisas como eu divido de homossexuais, de gays e de maricas (se é que se pode dizer). Um homossexual é uma pessoa que é completamente normal, veste-se completamente normal e age completamente normal e ninguém sabe que ele tem essa orientação. [...]. Um gay...* (Vítor, 22 anos, Grupo 6)

- *A mim mete-me nojo...* (José, 20 anos, Grupo 6)
- *E é uma pessoa normal...* (Filipe, 22 anos, Grupo 6)
- *É uma pessoa normal, pronto não vou dizer que um homossexual é anormal. É como uma pessoa, está contigo e pronto tu nunca sabes que ele vive com outro homem e que partilha a sua vida com outro homem. Enquanto um gay, ou maricas, é uma pessoa que gosta de mostrar... Aí está, a parada gay que eu acho que a maior parte dos homossexuais não integra, para ir fazer um escândalo. Para mim um gay é... Como é que eu hei-de explicar...* (Vítor, 22 anos, Grupo 6)
- *É um bocadinho exagerado.* (Paula, 20 anos, Grupo 6)
- *É, exagera e dá nas vistas e põe-se aos gritos e faz um escândalo.* (Vítor, 22 anos, Grupo 6)
- *Eu também faço essa distinção.* (Paula, 20 anos, Grupo 6)
- O incómodo sentido com as práticas homossexuais masculinas é manifesto pela expressão *nojo* e outras expressões semelhantes (como *badalhoca*). Nessa repulsa expressa, as práticas de penetração anal, simbolizando a inversão sexual, assumem uma grande evidência. O sentido de repúdio por essas práticas deixa perceber que este sentimento se confunde com todo o conceito de homossexualidade.
- *Sexo e gay... É o mesmo, sei lá, mas mais badalhoco.* (Bruno, 20 anos, Grupo 4)
- *Sabes porquê [que é nojento]? Eles pensam logo na relação sexual que fazem... Aqui nada entra, só sai! Podem ser gays.* (Rute, 20 anos, Grupo 4)
- *As práticas. A mim, o que me faz confusão, é conhecer as práticas sexuais... Práticas sexuais, sim... Práticas sexuais, entre eles, penetrem-se pelo ânus. [...] Sexo oral também me faz alguma confusão.* (Vítor, 22 anos, Grupo 6)
- *O próprio beijo.* (José, 20 anos, Grupo 6)
- *[...] Um gay ...* (Vítor, 22 anos, Grupo 6)
- *A mim mete-me nojo...* (José, 20 anos, Grupo 6)
- *Já viu como é que ele fala? É mesmo paneleiro.* (Tiago, 18 anos, Grupo 5)
- *Pois, ele gosta que o tratem por menina, querida...* (Rogério, 20 anos, Grupo 5)

Assentes nesta lógica da *heteronormatividade*, os discursos tornam evidentes sistemas de representações da homossexualidade como anormalidade classificada como doença/doença mental, concepção que reflecte entendimentos e práticas clínicas do século XIX e início do século XX². É a concepção de desvio social que está aqui em causa, com todo o seu conjunto de noções morais que reforçam a disfunção normal-patológico que as sociedades constroem.

— *Isso já vai de uma loucura, uma fraqueza.* (Catarina, 21 anos, Grupo 5)

— *Nenhuma criança deve ser obrigada a crescer numa relação homossexual.* (Álvaro, 20 anos, Grupo 5)

— *Já viu, senão apanha ali e fica também... Vão todos no mesmo comboio...* (Manuel, 21 anos, Grupo 5)

— *São as taras.* (Alberto, 21 anos, Grupo 3)

— *Ele estava a dizer que a homossexualidade é uma tara.* (Rita, 19 anos, Grupo 3)

— *Eu penso que a parada gay começou para eles se afirmarem... Tipo não era normal e eles...* (Alice, 20 anos, Grupo 6)

— *Então, assumem eles próprios que não são normais...* (Afonso, 20 anos, Grupo 6)

— *Falo nos mesmos moldes. Exactamente, devemos ser pessoas normais e devemos comportar-nos de uma forma normal,* (Alice, 20 anos, Grupo 6)

— *É patológico...* (Sandro, 22 anos, Grupo 6)

Através de traços biológicos inultrapassáveis, os jovens mostram que os homossexuais *nascem assim*, estabelecendo uma ligação com concepções tradicionais, assentes em teorias que no passado identificavam a existência de uma correlação entre as hormonas sexuais, a diferenciação sexual, as diferenças de personalidade entre os sexos e o comportamento sexual.

— *Já nasce connosco...[...]* (Mariana, 21 anos, Grupo 5)

— *São genéticas.* (Sofia, 20 anos, Grupo 2)

— *Eu acho que nasce com a pessoa tanto mais porque eu falo por aquilo que eu li. Há estudos científicos que dizem que é a testosterona e o estrogéneo que a mulher tem, estou a basear-me numa teoria.* (Luís, 21 anos, Grupo 6)

— *[...] Tanto quanto sei nós já a temos [a orientação sexual] pré-definida.* (Bruno, 20 anos, Grupo 6)

Na explicação das identidades sexuais de orientação, apelam à influência da socialização com os condicionalismos culturais que explicam a essência do ser humano, ao mesmo tempo que a modelam. Nos seus discursos, a sociedade determina fronteiras, impõe limites e cria etiquetas, de modo a dirigir as pulsões, condicionando para uma orientação heterossexual.

— [...] As forças que fazem com que as pulsões se movam também são muito sociais, daí que as pessoas reprimam. (Miguel, 19 anos, Grupo 2)

— Eu acho que isso cresce já um bocado connosco, a coisa de ser heterossexual. Se nós conversarmos em casa com os pais ou vírmos na televisão, ninguém te explica que, por exemplo, eu possa vir a gostar de uma mulher, as relações, quando tiveres um namorado... Parte um bocado da descoberta, à medida que se vai vivendo. (Maria, 21 anos, Grupo 2)

— [...] Eu acho que as pulsões são dirigidas por diferentes pessoas, por determinadas razões e são essas condicionantes que a pessoa vive o resto da vida. Uma pessoa nasce numa família católica, heterossexual, os amigos são heterossexuais, conhece uma rapariga, gosta muito e fica com ela o resto da vida... Não há aqui nada que obrigue a dirigir as pulsões para uma pessoa do mesmo sexo... Pronto, acho que é mais assim... (Miguel, 19 anos, Grupo 2)

— Mas isso é sempre uma questão social. [...] O que eu estou é a chegar à conclusão de que estas coisas vão muito do contexto social em que estamos inseridos. (Fábio, 21 anos, Grupo 2)

Aos agentes de socialização primária é atribuído o exercício de uma forte pressão sobre os rapazes no sentido de exibirem a sua masculinidade — nomeadamente, assumindo o seu desempenho sexual e afirmando-o perante terceiros.

— Já os nossos avós, os nossos pais por exemplo, estão-nos sempre a chatear a cabeça. Se engatamos uma rapariga: «Ah, garanhão, vê-se logo que é meu filho!» E, se for ao contrário, já é uma vergonha do caraças. (Eduardo, 19 anos, Grupo 4)

— [...] Tipo, o meu pai é muito machista. Quando eu era pequeno chegava à minha beira e dizia: «Então, as namoradas... tens muitas namoradas?»... Eu comecei a namorar para aí há 6 meses e estive muito tempo sem namorada, [...] então o meu pai estava sempre, tipo, quando eu estava no café ao fim-de-semana para ajudar, chegava lá um amigo e ele dizia: —

«Então o seu filho já tem namorada?» E ele: — «Ai! Não, ele o que quer é festa é só andar aí com raparigas!» E eu punha-me assim a olhar para o meu pai... Tipo: — «Sabes alguma coisa que eu não sei?!» Se calhar nem era aquilo, mas ele dizia para mostrar ao amigo que tinha um filho que era o maior... (Rogério, 23 anos, Grupo 7)

Vista pelos jovens, a geração dos progenitores não aceita a homossexualidade. A construção explicativa deste fenómeno remete para o facto de pertencerem a uma geração mais velha, regulada por valores tradicionais, o que implica uma maior dificuldade na compreensão e na aceitação da homossexualidade.

— Mas porque era o pai... E os pais têm uma mente mais anterior à nossa. Nós já ouvimos falar disso mais... (Filipa, 22 anos, Grupo 6)

— Abertamente. (Cláudia, 19 anos, Grupo 6)

— E eles foram criados... (Filipa, 22 anos, Grupo 6)

— E nós temos pessoas ao nosso lado que são, e os pais se calhar não... (Sónia, 20 anos, Grupo 6)

— E se calhar aceitamos muito melhor que um nosso amigo seja do que os nossos pais. (Maria, 23 anos, Grupo 6)

— São pessoas mais velhas... (Sónia, 20 anos, Grupo 6)

— E antigamente era bem mais complicado assumir. Hoje até já são casados e assumem. [...] Existe muito preconceito, pois os próprios pais falam como se fosse algo de mal. Então deve ser complicado para uma pessoa assumir que é homossexual, quando os próprios pais criticam a homossexualidade de outros, sem saberem que os filhos também o são. Aí deve ser complicado assumir. (Maria, 23 anos, Grupo 6)

— Os pais desprezam muito essas pessoas. (Sílvia, 20 anos, Grupo 4)

É por esse motivo que, particularmente no contexto privado da família, não é fácil assumir uma orientação homossexual, dada a presença do estigma que lhe está associado. Um dos jovens compara o assumir da homossexualidade perante os pais como uma confissão de uma transgressão — metaforicamente comparada com a comunicação da situação assumida de fumador:

— É como um filho chegar à beira do pai e dizer: «Olha, eu fumo» (Vicente, 22 anos, Grupo 6).

— Quando eu digo assumidos perante os pais, os amigos também têm conhecimento. Normalmente, quando assumem perante os amigos também

assumem perante os pais. Porque é assim, os amigos todos sabem, os pais não, mas os pais vão acabar por saber. Acaba por ser assim, por isso mais vale dizer aos pais do que... os pais saberem pela boca do filho do que virem dizer-lhe o teu filho andava assim [...] (Vicente, 22 anos, Grupo 6)

A rejeição da homossexualidade pelos progenitores surge confirmada por situações conhecidas como, por exemplo, a situação retratada por uma jovem ao explicar o caso de uma amiga: — *Tem 18, mas já anda com essa rapariga para aí há três anos. Teve problemas com os pais e saiu de casa [...]. O pai descobriu e desconfiou e ela chegou a casa e disse que era verdade e disse: «Se me quiserem pôr fora de casa ponham.» E foi, saiu de casa* (Tatiana, 19 anos, Grupo 6).

Ou a de amigos homossexuais que optaram por se assumir longe do local onde residiam com os progenitores e amigos, preferindo fazê-lo num ambiente que lhes garantia o anonimato.

— *Sim, estou a falar de amigos que vivem nos Açores... E agora um que vive aqui no continente e um outro que está a estudar também cá e assumiu a sua homossexualidade quando estava cá a viver, já tirou um curso superior e já trabalha. Um outro está cá no último ano e assumiu este ano a sua homossexualidade. [...] E tenho duas amigas que assumiram a sua homossexualidade quando vieram estudar para cá, ou seja o ambiente muda, as pessoas mudam e a sexualidade acaba por mudar ou seja as vontades e as experiências fazem com que elas assumam um bocado o que estava reprimido dentro delas.* (Vicente, 22 anos, Grupo 6)

Expressa-se a consciência do sofrimento implicado no assumir da homossexualidade e a coragem que exige, implicando, por vezes, enfrentar e confrontar situações de exclusão, nomeadamente o corte dos vínculos afectivos com a família de origem.

— *Acho que o errado não é errado, o natural é existirem tabus e pôr etiquetas nas pessoas. Ao existir esse tipo de barreiras emocionais às pessoas, faz com que, para além de moldar a sociedade numa direcção, faz com que as pessoas, se quiserem virar para outro lado, sem ser essa direcção, sofram por causa disso e é por isso que eu acho que não devia ser tão intransigente ser heterossexual.* (Rogério, 19 anos, Grupo 2)

— *[...] Teve problemas com os pais e saiu de casa, mas enfrentou essa situação e venero-a por isso. Poucas o fariam.* (Sílvia, 19 anos, Grupo 6)

O estigma comporta a ambivalência

Na complexidade discursiva dos jovens percebemos que existe um sentido ambivalente na recusa/aceitação da homossexualidade. O que confirma a dificuldade de viver em ambiente de mudança — na problemática da orientação sexual — e confirma uma construção da homossexualidade feita de contradições. Por exemplo, uma jovem (mãe) da amostra manifesta uma aceitação conformada e confirma a ambivalência entre fraqueza e desvio/desculpabilização: — *Há que apoiar. Tipo, se a minha filha gostar de mulheres o que é que eu posso fazer?! (Marta, 21 anos, Grupo 5).*

Os discursos reflectem que existe uma efectiva proximidade entre jovens com orientações homo e hetero. Quase todos referem ter amigos homossexuais e bissexuais (amigos ou conhecidos), situação que de alguma forma vem aproximar os jovens com diferentes orientações sexuais.

— *Eu tenho uma amiga bissexual. (Joana, 17 anos, Grupo 2)*

— *Eu tenho duas amigas bissexuais e tenho um colega de uma prima minha que é homossexual. (Mónica, 18 anos, Grupo 2)*

— *Eu tenho amigos homossexuais... Todos rapazes. Raparigas, que eu saiba não. (Alice, 20 anos, Grupo 2)*

— *Amigos mesmo, só tenho um homossexual. (Filipe, 21 anos, Grupo 2)*

— *Eu por acaso não conheço ninguém que tenha uma relação desse género. (Alberto, 20 anos, Grupo 2)*

— *Sim, eu tenho colega homo. (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)*

— *Eu tenho uma amiga bissexual e dois amigos homossexuais. (Catarina, 21 anos, Grupo 2)*

— *Sim, por caso tenho bastantes amigos homossexuais. (Mário, 22 anos, Grupo 6)*

— *Conheço. Assim, que seja amigo dele, não. Mas conheço. (Afonso, 20 anos, Grupo 6)*

— *Por acaso nós temos um amigo da família que é homossexual. (Susana, 19 anos, Grupo 6)*

— *Os meus pais têm um grande amigo da família que é homossexual. (Luísa, 19 anos, Grupo 6)*

— *Eu também. Todas as pessoas que eu conheço são muito mais velhas, 30 anos para cima. [...] Os meus pais também conhecem.* (Filipa, 20 anos, Grupo 6)

Mas, paralelamente, encontramos nos discursos uma conotação de valor positivo. No que respeita ao significado de prazer, as práticas homossexuais são impulsionadoras de mais prazer.

— *Como se costuma dizer, depois da primeira vez não se quer outra coisa.* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— *Até se diz muitas vezes em tom de brincadeira: «Ah, se eu tivesse tido uma relação homossexual até tinha medo de gostar.» Muitas vezes diz-se isso em tom de brincadeira... Claro, se eu gostasse, ficava no lado de lá.* (Fábio, 21 anos, Grupo 2)

Esta percepção remete para o sentimento de medo de se poder perder o controlo de si numa lógica de «contágio» que leva a adoptar uma distância prudente.

— *[...] É a única coisa que se destaca nele, não suporta mulheres. Falo para ele normalmente, aperto-lhe a mão [...] Vais lá fora e dizem-te: «Ah o coiso e tal é...!» Começas a pensar, deixa-me chegar para cá, porque o gajo pode apalpar-me o cu. Connosco rapazes ocorre esse pensamento... Ah, não quero muito contacto, pá, o gajo...* (Rui, 20 anos, Grupo 3)

Estes discursos recordam algumas das ideias que emergiram nos anos 80, associadas ao surgimento do VIH/sida que, predestinando a homossexualidade à desgraça tendo como destino a doença, com o tipo de fatalismo ou condenação que tem sido identificado relativamente aos comportamentos perigosos³. Subjacente a este pressuposto de doença /desgraça, os jovens mais uma vez apresentam um discurso que os separa do fenómeno, exteriorizando-o como infortúnio que acontece aos outros.

— *É sempre uma coisa que acontece aos outros.* (Guilherme, 20 anos, Grupo 6)

— *Eu também tenho um bocado essa ideia, acontece sempre aos outros, mais do que a nós.* (Bárbara, 19 anos, Grupo 6)

— *Eu não ponho essa hipótese completamente de lado, mas não acredito que isso me possa vir acontecer.* (Rui, 20 anos, Grupo 6)

A prudência é também a preocupação subjacente à escolha de

quem decide reflexivamente assumir publicamente a sua amizade por colegas homossexuais.

— Não é por isso que deixo de sair com eles. Lá na minha terra, [...], existem alguns, e são assumidos, toda a gente sabe que eles são. Quando vão a um café costumam mandar piadas. E quando eu estou com eles ligam-me como se eu fosse homossexual e não é por isso que eu deixo de andar com eles. Se somos amigos, não é por eles gostarem de homens... (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

Inerente a essa ambivalência discursiva, encontramos algumas justificações vantajosas numa relação homossexual, nomeadamente quando se referem à proximidade de interesses. Neste contexto, um dos jovens lamenta o facto de ter sido habituado a sentir estímulos heterossexuais e manifesta vontade de ser bissexual.

— Eu adorava ser bissexual (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

— Ai, meu Deus! (Inês, 20 anos, Grupo 2)

— No fundo, há mais hipóteses! (Duarte, 21 anos, Grupo 2)

[RISOS]

— Um leque mais variado. (Inês, 20 anos, Grupo 2)

— Também tem a ver com isso, só que se eu tivesse que escolher um companheiro ou uma companheira não me orientava apenas pelo sexo, é mais pela pessoa em si... E depois com os homens dá para ter outro género de intimidade... É mais fácil sermos mais próximos, mais íntimos e era engraçado se pudéssemos aliar tudo... Mas acho que fomos muito tempo habituados a sentirmos estímulos sexuais com as mulheres. (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)

Nos discursos explicativos sobre os aspectos vantajosos desta orientação sexual, usam argumentos fisiológicos para explicarem que os homossexuais beneficiam do conhecimento do corpo e nomeadamente das zonas erógenas — situação contrária à dos relacionamentos heterossexuais.

— [...] Eu ouço as mulheres dizerem que na troca por outro homem, que não vale a pena lutar porque nunca se sentiram homem e não sabem que pontos atingir... (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)

Ainda associado ao entendimento que caracteriza as experiências homossexuais com níveis de satisfação positivos, salientam o lado mais

hedonista da sexualidade homossexual que surge fortemente estruturada na crença de que:

— *Eles vivem muito mais a questão do prazer, do prazer sexual que os heterossexuais [...]* (Alberto, 20 anos, Grupo 6).

— *Imaginemos que eu tinha um parceiro homossexual, aquele parceiro podia ser tudo para mim, mas se não me desse prazer não podia estar com ele. Vivem mais o prazer, não sei se isso acontece na realidade, pois não conheço nenhum caso, não sei se realmente acontece.* (Bruno, 20 anos, Grupo 6)

— *Não. Eles só aceitam um comprometimento com alguém se essa pessoa lhes der prazer...* (Frederico, 20 anos, Grupo 6)

— *É determinante.* (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)

— *Sim, eu acho que é muito mais importante para eles o factor sexo do que se calhar para nós heterossexuais.* (Frederico, 20 anos, Grupo 6)

Surge a ideia de que o relacionamento homossexual é pautado por um efectivo investimento na felicidade. Esta representação assume claramente as características inerentes ao princípio da designada *relação pura* a que Anthony Giddens se referiu — assumida como uma relação de igualdade sexual e emocional, ou seja, uma relação assumida, em si mesma, que existe enquanto for considerada pelas partes como uma fonte de satisfação.

— *[...] Um homossexual é muito fiel ao seu companheiro. É a ideia que eu tenho apesar de estar com outros homens não... Gosta é daquela pessoa.* (Gustavo, 21 anos, Grupo 6)

— *Há mais [amor] entre paneleiros e eles não traem.* (Tiago, 18 anos, Grupo 5)

Associada às matrizes de entendimento, nomeadamente a da invisibilidade/visibilidade, a aceitação social da homossexualidade surge ligada à sua maior visibilidade no espaço público, o que contribui para uma leitura positiva. Ou seja, a homossexualidade não surge como um fenómeno individual; tem estatuto social privilegiado.

— *Agora fala-se muito mais abertamente sobre isso, mas...* (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)

— *Parece uma moda.* (Fábio, 22 anos, Grupo 6)

— *Também acho que sim...* (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)

— *Ou talvez, deixasse de ser uma coisa retraída e passasse a falar-se mais disso e talvez se vejam mais casos.* (Fábio, 22 anos, Grupo 6)

— Agora vêem-se mais *paradas gays, bares e gays*. Se calhar sempre existiram, mas se calhar era mais na clandestinidade e agora estão mais abertos ao público em geral. (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)

— É mais comum irmos à net e vermos um homem a ter relações sexuais com duas mulheres. (Frederico, 20 anos, Grupo 6)

— Não, aquilo foi para aí nos anos 50 ou 60, não sei quando começou, e antigamente não se aceitava que tu chegasses à beira de um pai e: — «Eu sou homossexual.» (Susana, 20 anos, Grupo 6)

— Como hoje... (Frederico, 20 anos, Grupo 6)

— Mas hoje é diferente, podem não aceitar muito bem mas, passados uns meses ou uns dias, aceitam. Antigamente não, tu deixavas de existir. (Susana, 20 anos, Grupo 6)

— Ou serem postos de lado pela própria família. Hoje em dia a sociedade em si já aceita. (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Mas eu acho que há muita discriminação. (André, 18 anos, Grupo 7)

— Mas já começa a não ser visto daquela forma. (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— Antigamente a homossexualidade era vista como fonte de Sida, tudo o que era mau na sociedade era visto como homossexualidade. (Vítor, 23 anos, Grupo 7)

No entanto, a marca do contexto de *heterossocialização*, deixa perceber que a integração se faz mais pela exigência da tolerância para com a diferença do que pela defesa do direito à igualdade, dado que o «normal» desempenho das práticas homossexuais passa pela sua não exteriorização em público.

— Não é o caso de tolerar! É assim: Eles sabem que elas andam, mas não andam na badalhoquice à frente de toda a gente! Por exemplo, não dão beijos à frente da família e assim, mas eles sabem que elas andam. Também é uma questão de respeito! (Luís, 21 anos, Grupo 4)

— O irmão da minha ex-namorada era homossexual [...] Eu cheguei a passar um fim-de-semana lá e foi um fim-de-semana normal, completamente normal. É claro que não estavam sentados no sofá aos abraços e aos beijos um com o outro, não sei se foi por eu estar lá ou não, mas não houve anormalidade nenhuma [...]. (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)

— Não tanto, porque nos sítios onde costumamos andar, os bares e tudo... eles ficam constrangidos com as outras pessoas, os comentários e os

olhares que fazem. Já não é a primeira vez que, por exemplo, se dão a mão um ao outro, há sempre alguém que vem por trás e, em pleno bar, começa a falar alto e a mandar-lhes bocas e tudo o mais... (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

De uma forma geral, na construção discursiva, a orientação sexual surge como uma característica permanente e predefinida. A este propósito, um dos jovens, quando questionado se tinha receio em experimentar uma relação homossexual, responde: *não, não tenho porque sei perfeitamente o que sou.* (Ricardo, 25 anos, Grupo 7). O período da adolescência, associado ao início da manifestação de interesses eróticos, comportamentos sexuais e ligações emocionais, surge como marco temporal de configuração definitiva do objecto de desejo sexual. Para eles e elas, a designada «crise de identidade» tem início na adolescência e é nessa altura que se questiona e define a identidade sexual que a partir dessa altura, está definida e é imutável.

— *Tanto mais que a altura em que as pessoas se assumem como homossexuais é aos 14 ou 15 anos, altura em que comesças a definir a tua identidade...* (Filipe, 21 anos, Grupo 6)

— *Isso é a altura em que tu comesças a olhar para as pessoas do sexo oposto, é essa a idade também...* (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)

— *Mas é a partir dessa altura que tu vês mesmo...* (Mário, 21 anos, Grupo 6)

— *Eu acho que as crises de identidade começam mais cedo.* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— *Começam mais na adolescência.* (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— *Exacto. Eu acho que está mais definido, porque tem que ver mais com a faixa etária. Nesta está mais...* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— *Sim, ela tem razão, a minha fase de adolescência já passou...* (Joana, 18 anos, Grupo 7)

— *Exactamente, na altura dos 17 ou 18 anos...* (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

— *Aí se calhar éramos capazes de questionar.* (Teresa, 23 anos, Grupo 7)

— *E depois, deixar de sentir pulsões pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto, acho que isso é mutável ao longo da vida. [...]* (Manuel, 19 anos, Grupo 2)

— *Se a sexualidade funciona como uma pulsão, é natural que essa pulsão esteja dirigida a qualquer tipo de pessoa.* (Luís, 21 anos, Grupo 2)

— *Claro.* (Mónica, 18 anos, Grupo 2)

— *Eu, falando do meu caso específico, nunca mudei, é verdade. Mas é perfeitamente plausível a mudança conforme a idade e até por várias vezes, acho perfeitamente normal... Lá está, acaba por funcionar como uma pulsão.* (Filipe, 21 anos, Grupo 2)

É a partir da visão diferencialista, fortemente estruturada na forma binária homo/hetero, que os jovens representam a sua própria orientação sexual como uma realidade fixa e delimitada pelo desejo interiorizado.

— *[...] Agora, eu acho que nunca vou mudar... Acho que isso é um bocado difícil, uma pessoa que gosta de mulheres chega aos 30 anos e descobrir aos 30 anos que afinal... [...]* Exacto, está interiorizado. Mas tu quando tens a relação, tu sabes se te sentes bem, se gostas... (Rui, 20 anos, Grupo 2)

Porém, outras lógicas discursivas denunciam a complexidade deste fenómeno, quando dão a entender que a identidade sexual aparece sujeita a redefinições durante a vida. Defende-se que o contexto social pode contribuir para a mudança de orientação sexual, de acordo com diferentes experiências. Está em causa a fluidez da modernidade:

— *O heterossexual não descobre que é homossexual, mas que pode ser homossexual.* (Francisco, 19 anos, Grupo 2) Com efeito, está presente a noção de multiplicidade com a sua conseqüente necessidade de realizar escolhas.

— *[...] Até pode ser aquele desejo de diferença.* (Luís, 21 anos, Grupo 2)

— *De experimentar.* (Helena, 20 anos, Grupo 2)

— *Faz parte da descoberta. Imagina que eu começo a sair com as minhas amigas, e até tenho um namorado, mas por caso até me podia dar alguma coisa e... Surgir alguma coisa...* (Patrícia, 21 anos, Grupo 2)

— *Posso dar um exemplo [...]* Nasceu numa família heterossexual e, por rebeldia, por influência, por descoberta, começou... Pela própria iniciativa de descobrir, de se afirmar etc... Decidiu seguir outro caminho. (Francisco, 19 anos, Grupo 2)

A identidade sexual é plástica, mas com limites

A concepção de identidade sexual fluida, móvel e não estável, reporta-se sempre, nos discursos, ao percurso do heterossexual. O percurso homossexual só aparece como uma opção irreversível.

— *Nunca se viu nenhum homossexual virar heterossexual e o contrário já aconteceu... Eu, por exemplo, não conheço uma pessoa que tenha sido homossexual até a uma certa idade e depois tenha seguido outra orientação.* (Helena, 20 anos, Grupo 2)

Na generalidade, estes jovens afirmam-se indisponíveis para a experimentação não heterossexual, mas não em absoluto. Alguns admitem a hipótese da experiência, enquanto outros a rejeitam completamente.

— *Não, acho que não. Quer dizer, é difícil porque não tive até agora nenhum relacionamento sério, mas acho que não. Uma coisa que seria interessante, para um heterossexual, era por exemplo, se à face da terra só houvesse a mulher mais feia do mundo e depois o homem mais bonito do mundo, seria interessante para um homem ou para uma mulher dizer quem escolhiam. [...] Eu escolhia o homem mais bonito do mundo.* (Tiago, 18 anos, Grupo 7)

— *Eu, uh!uh!uh! sei lá [...] matava-me logo.* (Pedro, 23 anos, Grupo 7)

No contexto das orientações sexuais identitárias, a bissexualidade é um comportamento que se admite nas mulheres, mas não nos homens. A intolerância à bissexualidade masculina liga-se à imediata categorização de comportamento homossexual que é feita ao homem que tem relação com homens (ainda que também com mulheres). Ou seja, existem fronteiras bem definidas quanto ao objecto de desejo dos homens, tornando-se difícil aceitar que um jovem (entenda-se heterossexual) tenha qualquer contacto sexual com outro ou outros rapazes.

— *Se o rapaz disser que é bissexual... Acho que é mais aceitável uma rapariga dizer que é bissexual do que um homem dizer... É bissexual, é gay... não interessa, é gay.* (Frederico, 20 anos, Grupo 2)

— *Aí é que está, a bissexualidade masculina já entra muito na coisa da homossexualidade.* (Luís, 21 anos, Grupo 2)

- *Gosta de homens.* (Miguel, 19 anos, e Paulo 21 anos, Grupo 2)
- *O homem bissexual já perdeu a sua dignidade.* (Gonçalo, 25 anos, Grupo 2)
- *É! É!... Bissexual, só raparigas...* (Mónica, 18 anos, Grupo 2)
- *Com uma mulher, sim.* (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)
- *Como é do sexo oposto já é diferente. Não é?...* (Rui, 22 anos, Grupo 6)
- *O homem é sinónimo de masculinidade, de força, de vigor...* (Frederico, 20 anos, Grupo 6)
- *Acho que há mais preconceito... Em relação aos homossexuais do que às lésbicas...* (Sandro, 21 anos, Grupo 3)

A maior tolerância da homossexualidade feminina passa pelo argumento da menor visibilidade:

- *Acho que não há mais preconceito, mas é o facto de as lésbicas passarem mais despercebidas.* (Isabel 19 anos, Grupo 3).
- *A minha namorada está com as amigas aos beijos e eu vejo e gosto de ver. [...] A partir do momento em que estamos todos a tomar café e ela se lembra de beijar uma amiga, pronto, eu: — «Ei! Não está sob o efeito de cerveja ou outro tipo de substância», tínhamos que começar a pensar essa orientação sexual.* (Rodrigo, 20 anos, Grupo 6)
- *Estás a falar das fufas?... Bem boas...* (André, 18 anos, Grupo 5)
- *Isso é melhor. A gente em vez de ficar com uma, depois traz o bónus.* (Rui, 21 anos, Grupo 5)

Os comportamentos entre raparigas são referenciados pelos jovens como procedimentos visivelmente envolvidos em sensualidade e estimuladores do desejo masculino.

- *Tu já viste duas mulheres a beijarem-se?* (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)
- *Sim. Já vi duas mulheres e dois homens.* (Catarina, 22 anos, Grupo 6)
- *Quantas vezes? Viste uma vez um homem a beijar outro?* (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)
- *Sim.* (Catarina, 22 anos, Grupo 6)
- *Achaste sensual? [...] Lá está, um homem a beijar outro nunca vi, agora mulheres a beijarem outras e outras a beijarem outras já vi...* (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)

— *A mulher tem um aspecto mais sensual, mais sexy, o que torna a visão mais agradável ao homem.* (Francisco, 20 anos, Grupo 6)

— *Eu já sei o que vais dizer... Vais dizer que os rapazes não gostam de ver os rapazes, mas gostam de ver as raparigas, não é isso que queres dizer?* (Tiago, 18 anos, Grupo 4)

— *É!* (Susana, 20 anos, Grupo 4)

— *Não sei, acho que sim. É uma coisa que se quer experimentar, é como o homem estar com muitas mulheres na cama.* (Patrícia, 21 anos, Grupo 5)

Surge, por parte dos jovens, um modo de pensar o feminino — *belo, redondo, bem feito e sensual* — em clara relação com as expectativas socialmente moldadas dos ideais de beleza e feminilidade socialmente difundidos⁴.

— *Mas como eu estava a dizer, duas mulheres a beijarem-se; como há aquela mulher que é um ser redondo e bem-feito e é isso que as mulheres são à vista das próprias mulheres e dos homens, são pessoas muito mais bem esculpidas e torneadas do que um homem.* (Eduardo, Grupo 6, 22 anos)

— *Eu também gosto mais de ver duas mulheres do que dois homens.* (Rui, 21 anos, Grupo 6)

— *Transparecem mais sexualidade.* (Isabel, 22 anos, Grupo 6)

— *As suas curvas, eu acho muito mais bonito.* (Susana, 20 anos, grupo 6)

— *Esteticamente a mulher é mais, dois homens é mais...* (Cátia, 20 anos, Grupo 6)

Das manifestações afectivas e eróticas entre as raparigas, os rapazes falam de práticas concretas (carícias e beijos) e descrevem que gostam de participar — mesmo que seja só a ver.

— *Acho que as mulheres, quando estão com os copos, têm muito esse hábito e volta e meia começam aos beijos umas com as outras...* (Eduardo, 22 anos, grupo 6)

— *Gosto de ver e participo também...* (Fábio, 20 anos, Grupo 6)

— *É assim, tu estás numa discoteca e vês uma mulher a beijar outra, é uma festa, juntam-se logo mulheres e homens... É uma festa.* (Eduardo, 22 anos, Grupo 6)

Estes comportamentos de afecto, visivelmente afirmados como mais presentes nas raparigas, são também explicados por factores cul-

turais, dado que a educação das raparigas está muito mais direccionada para a valorização das relações emocionais e das demonstrações afectivas. Contrariamente, o significado da masculinidade está arredado da visibilidade de qualquer contacto ou demonstrações afectivas entre eles. Ou seja, os jovens referem-se (sem a nomear) à categoria de género.

— *Um rapaz não anda de mãos dadas um com o outro...* (André, 18 anos, Grupo 3)

— *Mas acho que as raparigas têm uma relação diferente entre elas do que os rapazes com os rapazes.* (Tiago, 18 anos, Grupo 4)

— *Porquê!? Porquê?* (Mariana, 20 anos, Grupo 4)

— *Fogo! Isto é assim: Tu não dás beijos na cara às tuas amigas? Não abraças? Não agarras? Eu não chego à beira dos meus amigos, não abraço, nem dou beijos na cara.* (André, 18 anos, Grupo 4)

Conclusão

Quanto ao tema da orientação sexual os discursos denunciam a persistência de pressupostos tradicionais assentes na verdade sobre a identidade humana, cristalizada na divisão sexual e binária da sociedade.

Enredados em significados contraditórios, as questões relacionadas com os modelos de orientação sexual não são tratadas de forma linear. Por um lado, integrados neste sistema heteronormativo e binário hetero/homo, os jovens referem a temática da homossexualidade num discurso exterior a si próprios, que evidencia um sistema de representações em que a homossexualidade é portadora de estigma. Cientes de que estão sujeitos à interiorização de modelos culturais definidores do poder que impõem e modelam uma concepção de sexualidade *normalizada*, estes jovens mostram ter consciência das dificuldades de contrariar esta *ordem natural* e da inconveniência de dar visibilidade, isto é, da dificuldade de a identidade homossexual ser assumida (confessada) publicamente. O contexto em que se discute o desejo sexual das *sexualidades marginais, periféricas e estéreis* remete para a noção de «contranatura»⁵.

É assim que, enredados numa percepção crítica pela socialização mais primária e numa consciência cognitiva assente na modernização dos costumes que apela à integração da diferença, os jovens constroem um edifício de argumentos que, ao mesmo tempo que afasta o «outro» por «anormalidade» o aproxima por desculpabilização, pelo infortúnio tipo fatalista (é transmitido por contágio, ou é genético de nascença).

Mas, os jovens vivem em tempos de mudança, no sentido de *plasticidade* da sexualidade, seja pelos amigos, seja por observação de práticas ou até por experiências. Assim, sublinham a fluidez e a recusa de rótulos, interpretando a orientação sexual de forma semelhante àquela que é proposta pela teoria *Queer*. Num registo marcado pelos padrões de vida moderna, os jovens conferem um sentido positivo à homossexualidade, engrandecendo a coragem das condutas que permitem dar visibilidade a um fenómeno que a sociedade estigmatiza. E, de acordo com o sentido atribuído às novas formas de relacionamento amoroso⁶, o relacionamento homossexual é apreciado pelo nível de satisfação que confere a cada uma das partes, num processo de *democratização das relações* — centrada numa maior proximidade de interesses e num maior conhecimento do corpo erógeno e que se traduz numa maior confiança e intimidade.

Percebe-se aqui o contexto líquido da modernidade, referenciada por Zygmunt Bauman⁷, que faz emergir motivações para uma concepção de identidade sexual móvel, associadas ao desejo de experimentação, o que de certa forma transforma a *hipótese repressiva*⁸ na *hipótese da diversidade* e da *desperiferização*⁹ das sexualidades marginais. No entanto, os jovens mostram reservas quanto à fluidez do percurso no sentido da homossexualidade masculina e, particularmente, no sentido da heterossexualidade pós experiência homossexual. A esta é atribuída uma característica, de marca (e trajectória), irreversível.

CONCLUSÕES

A PESQUISA FOI DIRECCIONADA para a compreensão da relação dos jovens com a sua sexualidade numa perspectiva de construção identitária. Aqui retomo as linhas essenciais que sobressaem da análise dos resultados, informada pela teoria que enquadra o pensamento sobre o tema na ciência social.

Dando a palavra aos jovens, ouvi uma pluralidade de discursos, de aparência mais ou menos (des)contínua e (in)congruente, que traduzem complexidades de vivências compósitas. Nessa diversidade identifiquei uma sexualidade plural e *plástica*¹, voltada para a autonomia sexual e para o prazer (dirigida por paradigmas modernos), mas onde podem prevalecer concepções mais centradas em paradigmas tradicionais. Ou seja, este vector de análise permite assinalar os entendimentos e as práticas que traduzem mudanças, bem como os que dão continuidade à ideologia tradicional. As categorias de análise destacam a comunicação familiar, a informação que circula no espaço público, a iniciação da sexualidade e a sexualidade activa, o corpo, os modelos de relacionamento e, por fim, a orientação sexual, como elementos que sustentam a construção da sexualidade em tempos de modernidade reflexiva.

A categoria género é praticamente omnipresente como diversificação que acentua a presença do passado. O conceito de medicalização demonstra ser oportuno à compreensão das mudanças em presença.

No discurso dos jovens, os pais surgem como referência importante do processo de aprendizagem da sexualidade. É-lhes atribuída a intervenção de informação sobre os riscos. Há assim a presença da

função parental educativa² que se alarga a uma comunicação relativamente aberta e não, à partida, repressiva da sexualidade juvenil. Esta extensão da função educativa aparece manifestamente informada pela preocupação com os processos do corpo que a razão moderna entende regular — gravidez e risco de doença. Torna-se visível a *explosão discursiva* a que Foucault se referiu como de fixação de efeitos normativos nas formas de fazer que descentram a visão do problema moral³. Associada ao paradigma biomédico, a *medicalização da sexualidade*⁴ fortemente implementada nos últimos 50 anos, foca a questão do bem-estar, físico, mental e social, remetendo afinal para a noção de saúde sexual e para a moral de comportamento responsável⁵.

Tal como disse Duarte Vilar, a comunicação entre os jovens e os pais, acontece em ambientes informais e não reprovadores. A sexualidade é pensada e discutida de forma consentida⁶. Nesse sentido, afirma um sentido de legitimação da sexualidade juvenil o que constitui sinal de mudança em relação ao passado recente. No entanto, os nossos dados justificam que se interrogue até que ponto o ambiente comunicacional é descontraído, já que por parte dos jovens, de uma forma geral pelo que me foi dado a entender, persiste pouco à-vontade nessa relação e até o sentimento de se sentirem julgados. A diferença de gerações e de papéis familiares parece manter-se presente neste domínio da sexualidade apesar da aceitação, pelos pais, da probabilidade de concretização da sexualidade activa pelos filhos ou filhas. A confirmar esta leitura de persistência da distância entre pais e filhos, está a crítica à estratégia pedagógica parental mais preocupada com a informação médica do que com a experiência afectiva.

Continua a ser com os pares que a comunicação sobre a sexualidade é mais íntima (*fala-se das experiências*). É com os pares, papel de influência central na construção das percepções individuais, que o processo de aprendizagem da sexualidade decorre com maior à-vontade, sem grande ponderação nos pensamentos, palavras e práticas (com os pares conversa-se sobre as intimidades e interage-se através de jogos que envolvem alguma intimidade física).

OU SEJA, os pais transmitem o saber feito de ciência, enquanto os pares socializam o saber feito de experiência.

No discurso dos pais os jovens percebem um sentido moralizador feito de expressão de sentimentos de preocupação e de regras de aviso. Ou seja, ainda que sem o carácter proibitivo que caracterizava a moral de há algumas décadas, a sexualidade aparece associada ao tabu — que se torna visível na dificuldade de a verbalizar. Na família, a sexualidade é uma realidade presente mas num tipo de «não-presença» ou presença encoberta. Cada um dos lados, pais e filhos, sabe da sua presença no outro, mas, para além da comunicação verbal em momentos formais, a sexualidade é escondida ou evitada.

Nesta aprendizagem para a sexualidade feita no espaço privado surgem igualmente registos que evidenciam a persistência do duplo-padrão de género. Ou seja, vemos como os significados que actuam nos discursos e práticas dos pais reproduzem categorias de género, centradas numa percepção de risco diferenciada e numa moral feminina que determina condutas disciplinadoras e de responsabilização. Nas percepções dos jovens, há, nas representações mentais dos pais, expectativas virtuosas para as filhas e que vão influenciar as condutas educativas. Quando os jovens se comparam entre si, as raparigas sentem menor liberdade, auto-suficiência e maior protecção. As raparigas manifestam que permanece no entendimento dos pais o desejo contínuo de as verem casadas, condição que aparece de forma «naturalizada» como consequência lógica de um processo de relação amorosa. Subjacente a estes princípios, persiste a *moral feminina* imposta por mecanismos disciplinadores que tentam chamar à ordem a todo o momento e que conduzem a atitudes de submissão⁷.

As jovens criticam esse entendimento que as distingue como género de quem se exige maior contenção em matéria de sexualidade. Os jovens reconhecem-no como atitude de que também afirmam distanciar-se. Mas, no entanto, essa diferenciação de género vai aparecer interiorizada por ambos nos momentos da discussão em que se fala dos comportamentos relacionais.

NO ESPAÇO PÚBLICO, as tecnologias de informação e comunicação assumem um papel importante como instrumento de aprendizagem da sexualidade no desenvolvimento pessoal⁸. A globalização, a *informatização* e a cultura da realidade virtual da sociedade moderna,

nomeadamente através da Internet, permitem que informação e imagens circulem e se difundam em redes globais de poder, transmitindo códigos de representação em torno dos quais a sociedade da globalização se organiza⁹.

A Internet, particularmente, funciona como uma fonte de informação disponível sem restrições, local de aprendizagem e meio de consumo de produtos e de serviços com cariz sexual — situação principalmente referida pelos rapazes e manifestamente com menor visibilidade nos discursos das raparigas — confirmando que as novas tecnologias de informação e comunicação desempenham o papel de produtores/socializadores e disseminadores de importantes códigos no processo de aprendizagem da sexualidade actuando directa ou indirectamente em aspectos pessoais e íntimos da vida destes jovens¹⁰. É neste sentido que se pode afirmar que o quotidiano se reorganiza em torno de uma permanente presença da sexualidade.

Rapazes e raparigas recorrem à ferramenta tecnológica que os elucida sobre práticas sexuais e proporciona experiências de sensações e sentimentos. Contudo, percebe-se um sentido crítico negativo em relação aos recursos tecnológicos — que se manifesta quando criticam a facilitação que estes recursos constituem no sentido da precocidade das vivências da sexualidade por parte dos mais novos. A avaliação moral incorporada assenta em valores e princípios inerentes ao risco (de avaliação médica), mas manifesta também um sentido de idealização da sexualidade para além do contacto puramente físico-pornográfico. Neste campo, contraditoriamente com o que praticam, os jovens reproduzem discursos próximos dos que atribuem aos pais.

Na verdade, a socialização da sexualidade parece acontecer mais em espaço público do que no espaço familiar. Com efeito, embora os jovens refiram frequentemente que a primeira vez que falaram de sexualidade foi com os pais, esta percepção junta-se a uma outra, a de que em matéria de sexualidade *os pais chegam tarde*. Em permanência e de forma *não estruturada*, a sexualidade surge incrustada no quotidiano moderno o que faz com que os jovens integrem a impressão de que a sexualidade é algo já sabido. No entanto, o sentido de mudança é reforçado quando percebemos que hoje a sexualidade é tema de discussão e de conversa por parte dos pais.

A realização de uma sexualidade activa aparece normalizada como consequência lógica do processo próprio da trajectória juvenil. Percebida como uma dimensão individualizada. A noção de que se deve esperar pelo casamento para ter relações sexuais/coitais surge completamente ultrapassada, sendo realçada a importância do relacionamento sexual para a continuidade dos relacionamentos amorosos. No entanto, vimos como surge ancorada a um sistema de significados e símbolos culturais que, actuando nos discursos e nos comportamentos, reproduz categorias tradicionais de género.

Especificamente manifestada pelas raparigas, a ideia de uma relação séria surge associada ao sentido de responsabilidade, que por elas é entendido como um atributo da maturidade.

Com efeito, o sentido atribuído à virgindade, principalmente das raparigas, deixou de ser uma condição através da qual tudo o mais era avaliado (seriedade, reputação e honradez). Nos rapazes, a virgindade chega a ter um sentido depreciativo de não virilidade ou de orientação homossexual. No entanto, está presente o valor moral atribuído à virgindade feminina — numa concepção de tipo essencialista em que a virgindade é corporizada pelo hímen, os discursos dos rapazes denunciam a importância que é atribuída à virgindade ao proferirem a expressão: «perder a virgindade».

Apesar desta importante mudança, a classificação das raparigas em *fáceis* e *vadias* por oposição às *sérias*, dá a perceber a persistência de uma moral sexual diferenciada. A *vadia*, associada ao contexto de sexualidade compulsiva orientada quase exclusivamente por impulsos internos do organismo para o prazer e o desejo, é percebida como provocadora/tentadora. Contrariando as expectativas sociais representadas pela mulher virtuosa, as raparigas *fáceis* (assim denominadas) surgem vinculadas a contextos relacionais fugazes. São as virtuosas (ou *sérias*) que surgem ligadas a um contexto relacional mais duradouro em que se exige um maior comprometimento e que remete para a conjugalidade. São essas as raparigas *honradas*¹¹ com quem se pode casar.

Vi ainda que iniciação sexual/coital parece ter um significado diferente para rapazes e raparigas do ponto de vista do relacionamento. Nas raparigas, acontece num quadro relacional subjacente a um sentido de continuidade — por vezes, com o manifesto desejo de

conjugalidade. Este sentido — que vai ao encontro das expectativas dos progenitores — é diferentemente percebido pelos rapazes que dele se distanciam e se situam mais na experimentação. Situação evocada por um rapaz quando afirma: *Um rapaz é capaz de ir ter com uma rapariga, a seguir vai tentar escolher outra rapariga, enquanto a rapariga já pensa o contrário: é aquele rapaz e é para casar.*

No registo de mudança em relação ao passado, a forma de iniciação sexual/coital dos rapazes já não parece passar pelo recurso à prostituição (situação que estava ainda presente no estudo de José Machado Pais em meados dos anos 90, mas que já era prevista por Júlio Machado Vaz¹² como uma situação em mudança). Os rapazes da nossa amostra (os que se manifestaram explicitamente) tiveram a primeira relação sexual/coital com *uma pessoa de quem gostam* — situação que os faz sentir mais à-vontade e terem mais confiança. A iniciação sexual dos rapazes acontece num contexto de envolvimento relacional (associada a um sentido de continuidade), manifestamente sem propósitos de conjugalidade, mas nunca referenciada como relação esporádica e ocasional.

Sem constituir um limite definido que demarque a iniciação sexual/coital, a noção de idade ideal surge nos discursos juvenis como claramente submetida a lógicas e a variações sociais. É assim que a idade adequada para a iniciação sexual é variável em função da escolaridade. É essa inscrição na realidade cultural, com os seus valores e costumes simbólicos que atribui os significados de precoce ou tardio — recordando o *habitus*¹³ como conjunto de recursos simbólicos disponíveis que os indivíduos ou grupos podem usar na sua acção, atribuindo-lhe sentido.

AS DIFERENÇAS DE GÉNERO voltam a marcar presença na discussão sobre a primeira relação sexual/coital que surge associada a «medos», que são diferenciados de acordo com a masculinidade e feminilidade¹⁴. Nos discursos dos rapazes, os medos surgem relacionados com a masculinidade viril (ao medo de não ser capaz e de falhar). As raparigas centram os seus receios nas consequências do acto (nomeadamente no medo de engravidar e no sentido de uma não realização dos propósitos conjugais).

As sensações descritas da primeira relação sexual/coital deixam perceber que este momento foi menos aprazível do que era de esperar, vivido de forma pouco confortável e manifestado com um sentimento de desilusão em relação às expectativas. Parece oportuno equacionar a hipótese de que a informação entretanto assimilada pelo consumo de produtos com cariz sexual gere expectativas elevadas. De facto, é alto o nível de conhecimento de práticas eróticas e/ou pornográficas adquirido através dos diversos meios de comunicação de massas disponíveis. Estará provavelmente em causa a qualidade da aprendizagem que estes recursos possibilitam/disponibilizam e que é de tipo técnico, sem trabalho das dimensões psicológica e relacional. Com efeito, apesar de todo esse conhecimento, a primeira relação sexual/coital foi referida como sendo vivida com vergonha da nudez do corpo e especificamente dos órgãos genitais.

As sensações pouco aprazíveis da primeira relação sexual/coital desaparecem com o aumento da intimidade. Numa acentuada convergência entre os jovens e as jovens, a sexualidade é experienciada com prazer, relativamente descentrada da genitalidade e vivenciada num quadro de uma relação continuada, deixando de ser percebida com vergonha e adoptando práticas de grande intimidade numa atitude de que *tudo é possível*. A sexualidade é então experienciada num quadro de romantismo e de «hedonismo-erótico». A *ars erótica* apreendida no espaço público entra não só nos discursos, mas também nas experiências sexuais. O contexto de relacionamento continuado legitima o prazer sexual erótico como manifestações de amor — concepção que foi apelidada de *sexo amoroso*. Já Machado Pais referiu no seu estudo que a procura do prazer carnal é legitimada através do valor simbólico atribuído ao erotismo enquanto veículo do amor.

A SEXUALIDADE DOS JOVENS é vivida no quadro doméstico, frequentemente no seu quarto de dormir, com privacidade garantida, explicitamente ou não, pelos pais. A alteração do controlo da sexualidade pela família é justificada pelos jovens como um comportamento inerente aos ritmos da sociedade moderna — os pais passam muito tempo fora de casa, situação que (segundo eles) não acontecia no passado, especificamente por parte da mãe. Na visão destes jovens, a geração

dos pais viveu tempos arcaicos em que tudo era proibido e em que a sexualidade era altamente controlada. A relativa flexibilização prática desse controlo por formas «clandestinas» de o contornar (o que é referido por uma jovem quando lembra que *nesses tempos também apareciam grávidas*) é mais um indicador de que a sexualidade continua a não ser um tema facilmente falado em família.

É claramente a relação com os outros que está presente nas exigências do corpo relacional. Adoptando uma imperativa obediência às novas normatividades, entendidas enquanto «necessidades» e práticas do indivíduo moderno, os jovens dão a entender a dificuldade de as articular com algumas das representações incorporadas do passado próximo. Ou seja, percebe-se a dificuldade de associar práticas que traduzem mudanças, com a manutenção de práticas que, ainda que de forma modernizada, dão continuidade às aprendizagens e vivências do passado.

Assim, principalmente por parte dos rapazes, a aparência, significado de socialização *do biológico e da biologização do social*¹⁵, surge demarcada por mecanismos de regulação da masculinidade/feminilidade. O corpo dos rapazes redefine-se através de práticas e consumos de cuidados, próprios das exigências da sociedade actual (autodefinindo-se como metrossexuais). Contudo, estas condutas surgem associadas a um sentido fixo de aparência que tem subjacente a categoria do masculino como construção social naturalizada que o diferencia de e opõe ao feminino.

A apreciação do corpo (o próprio e o do outro) é feita sempre numa lógica heterossexual, orientada por categorias que validam o princípio activo do masculino e o princípio passivo do feminino. É isso que os incapacita, segundo eles, de apreciar a beleza de outros rapazes — incapacidade que aparece como um dado «naturalizado». Num contexto de dominação masculina, eles observam e elas deixam-se observar.

O corpo é instrumentalizado por uma ideologia de consumo que destaca a ideia de juventude e magreza. A partir de um registo de corpos construídos com base nesse ideal de beleza, revelam-se estereótipos pensados no masculino e no feminino — neles, reflectindo a *performance*: musculado; e nelas, a beleza: redondo e sensual. Estes corpos reproduzem os signos reflectidos pelos modelos de massas, *mensagei-*

ros de que somos responsáveis pelo nosso corpo e de que o devemos remodelar em coerência com esses modelos¹⁶. Contudo, reconhecemos as disposições interiorizadas da honra e da vergonha mediterrânicas¹⁷ na postura crítica face aos artifícios (maquilhagem, peruca, vestuário formativo, etc.) que, segundo os jovens, constroem uma aparência enganosa. Paralelamente, há incorporação de valores novos construídos pela sociedade de consumo: os jovens contrapõem aos artifícios os produtos de reconstrução do corpo apresentados como contendo qualidades de conservação e preventivas. A colonização da sociedade pelo saudável/médico surge especificamente no recurso às cirurgias estéticas. A adopção destes recursos surge justificada pelo sentido de prevenção e regeneração, no fundo pela corporização do bem-estar biopsicossocial que é a definição actual de saúde.

Nesta pesquisa, verifica-se que os jovens, principalmente os rapazes, afirmam um corpo genitalizado, orientado por um entendimento associado à sexualidade compulsiva¹⁸ centrada na grande disponibilidade sexual a partir dos impulsos internos do organismo, com referência ao sistema simbólico *androcêntrico*¹⁹. Por um lado, em relação à centralidade genital dos rapazes percebida no sentido de uma libido «descontrolada» pela excitação exteriorizada, visível e *autêntica* a que se contrapõe a sexualidade feminina percebida de forma contrária: interior, mais controlada e escondida — demonstrando que, na sexualidade feminina, tal como refere Anthony Giddens, apesar de legitimada, persiste um maior constrangimento. Por outro lado, na presença de uma validação do domínio masculino quando por exemplo, nos discursos dos rapazes, emerge uma apreciação disciplinadora à forma como as raparigas se vestem. Num registo de significação moral do vestuário das raparigas existe o desejo de *confinamento simbólico*²⁰, do vestuário a dissimular o corpo e, como refere Pierre Bordieu, a chamá-lo à ordem a todo o momento.

Ou seja, é um corpo objecto de atenções e investimentos quotidianos, pensado como matéria-prima, manipulável e manipulado. Assim, enquadrados no contexto da modernidade em que a identidade é um projecto, os jovens obedecem à lógica de normalização por imperativos sociais, de submissão e de regulação, atribuindo ao corpo uma conexão sujeito-objecto, de controlo e de propriedade. Como

refere Foucault, mobilizado pela tecnociência, o corpo vai permitir ao *biopoder* incitar a «ser» e a «fazer». É um corpo e surge como um lugar de significância, deixando-se perceber como um corpo inscrito num conjunto de pertenças sociais; um corpo que codifica e enforma concepções do feminino e do masculino, definindo a posição social que cada um ocupa.

Assim, Eles e Elas vão centrar-se sobretudo no corpo como suporte do «Eu», como mensagem ao «Outro» e como expressão de identidade.

Integrados no contexto líquido da modernidade²¹ e com trajectos de vida descontínuos, flexíveis e em constante mutação²², os jovens classificam os modelos de relacionamento em códigos (*comer, curtir, andar e namorar*) que traduzem formas plásticas de sociabilidade e afectividade. Num mapear de diferentes graus de envolvimento, dão a perceber que existem arranjos específicos que servem os seus propósitos — uns que definem de cariz mais hedonista e outros, mais relacional.

Como já foi referido, esta categorização expressa a persistência de contornos de um duplo-padrão de género. O registo comportamental mais hedonista e momentâneo, associado à expressão *comer* e *curtir*, surge subjacente às intenções relacionais dos rapazes. Da mesma forma, mas com uma compreensão negativa, este modelo surge conotado com os propósitos relacionais de algumas raparigas: as *fáceis*; as *vadias*. Num registo que as contrapõe às *virtuosas*. É neste contexto que ganha sentido o modelo relacional *namorar*, justificando a experimentação sexual associada a padrões de um «relacionamento sério».

É no entanto importante ter em atenção que as lógicas de relacionamento não são necessariamente dicotómicas. Há rapazes que, distanciando-se da visão machista que informa as expressões *comer* e *curtir*, optam por práticas de relacionamento que implicam um maior comprometimento, nomeadamente no sentido da experimentação sexual associada a padrões de um *relacionamento sério*, sem terem experienciado relacionamentos unicamente com propósitos de recreação, situação que contraria a afirmação de propósitos exclusivamente hedonistas da trajectória relacional inicial nos jovens e aproxima as condutas entre rapazes e raparigas.

O domínio da contracepção é um campo de ambiguidades entre as forças modernas da racionalização — representadas pelo uso do preservativo aconselhado pela medicina para prevenir o risco de VIH/sida —, as forças morais subjectivas — representadas pela confiança na fidelidade do parceiro — e os preconceitos sociais — representados pelo medo da gravidez pré-conjugal. Claramente, a opção de contracepção é adaptada ao modelo relacional. Na *relação séria* (com características de cumplicidade e continuidade), a opção recai na pílula. Nos modelos relacionais menos vinculativos e mais de experimentação variada, a opção passa pelo preservativo. O uso do preservativo aparece igualmente na primeira relação sexual/coital e, complementar com a tomada da pílula, em relações continuadas. O significado incorporado de risco é objectivado no medo da gravidez — principalmente sentido pelas raparigas, mas também presente nos rapazes (denunciando a sua posição mais exterior face à maternidade/paternidade) — muito mais do que no da transmissão de doença.

Na generalidade dos discursos prevalece a ideia de «imunidade da *relação séria*», no sentido de não risco de DST, expulso pela confiança mútua entre parceiros. Apesar de uma manifesta preocupação com os riscos de engravidar e da contaminação pelo VIH/sida, os jovens desvalorizam a sua vulnerabilidade na relação continuada — situação igualmente encontrada na investigação realizada com mulheres adultas²³ e homens adultos²⁴. O manifesto desejo de confiar no parceiro assenta em princípios da *relação pura*²⁵ que alicerça a relação no grau de compromisso existente, na relação de confiança e na estabilidade (a longo prazo) assente na comunicação do casal.

Ou seja, o entendimento da sexualidade está ancorado à lógica da *medicalização* — abordada no estudo de Illich, de meados da década de 1970 — que remete para a noção médica de saúde e para a moral de comportamento responsável²⁶. Mas é um entendimento que comporta contradição, nomeadamente quanto ao cumprimento das normas pelas quais o saudável se avalia. Na prática, o conhecimento do saudável que é adoptado como crença, não se transforma necessariamente em disposição para agir²⁷ que os estudos de sociologia «do saudável» encontram para a generalidade dos «comportamentos saudáveis».²⁸

Em relação aos discursos que nos remetem para a questão dos modelos de orientação sexual percebemos que estes surgem num emaranhado de lógicas que mais não traduzem do que complexidades. Ou seja, os jovens dão-nos a conhecer vivências mescladas, construindo um edifício de argumentos que, mais uma vez, deixam perceber por um lado, pressupostos relacionados com concepções da modernidade e por outro, apontam para a persistência de uma certa continuidade de valores e representações do passado.

A primeira e talvez mais forte constatação é a de que as identidades sexuais hetero/homo são equacionadas num espaço de fronteira que demarcam o «nós» e o «eles». Claramente, ou se é homo ou se é hetero — o que significa não só que homossexuais «são os outros», mas também que quem teve práticas homossexuais passa a «ser» homossexual. Este entendimento tem implícita a rejeição da identidade homossexual que é entendida como transgressão. O registo é eivado da moralidade dominante até época muito próxima da nossa.²⁹

Aliás, a análise dos discursos é reveladora de como é essa moralidade da heteronormatividade que enforma, ainda hoje, as representações sociais e as atitudes nesta matéria. A visão é essencialista, os géneros são diferentes e complementares por razões que remetem para o biológico. Nesse sentido, a homossexualidade é contra a natureza, é anormalidade, é doença. Interessante é verificar que, apesar desta concepção de desvio marcar fortemente os discursos, admitem que é cultural, no sentido de socializada e de construída, a visão que se tem sobre as orientações sexuais. Na realidade, o homossexual não é culpado da sua escolha — não é propriamente uma opção, mas mais uma vez, uma espécie de compulsão marcada pelo biológico — «nasceu assim». Os discursos enredam-se, expondo a dificuldade de lidar com a novidade das imagens que a sociedade moderna revela nesta matéria.

Tabu e estigma exprimem-se com clareza nos discursos que os jovens fazem em nome próprio. No entanto, é aos pais que atribuem as atitudes excludentes. De si próprios, consideram que aceitam «os homossexuais» — aceitam tê-los como amigos, aceitam «falar com eles naturalmente em público». Centradas no paradigma moderno de sexualidade, fixam-se concepções, representações e sentidos associa-

dos a uma sexualidade plural e heterogénea, representada através de lógicas subjectivas de construção e reconstrução que aceita a diversidade como norma³⁰. Mas essa aceitação parece ser mais do nível da razão e da vontade informada pela reflexividade do conhecimento, do que do nível das atitudes — a atitude é de tolerância mas não é de indiferença no sentido em que continua a interpretar como «diferente». «[...] A tolerância comporta na sua génese desigualdade, posto que perpetua escalas de poder — é menos visível a localização do preconceito.»³¹

Aceita-se o conceito de identidade homossexual. Mas não se consegue aceitar a sua prática, ou a visibilidade das práticas homossexuais. O homossexual pode sê-lo desde que não o exhiba em público — o que faz lembrar o tempo, ainda recente, em que a sexualidade não devia ser exibida (na década de 60, um beijo trocado num local público era motivo para prisão). Vimos, aliás, que as manifestações da sexualidade, na família, ainda hoje não se exibem ou até se escondem.

Relacionada com a «mancha» ou estigma da homossexualidade está a ambiguidade que sempre caracteriza o medo do contacto com a diferença³². Por um lado, é inadmissível que se deseje ter uma experiência homossexual — *que nojo*; a mancha é indelével, fixando a identidade homossexual como permanência para o futuro. Por outro lado, é com o medo do contágio do desejo que se justifica a não-experiência — *quem experimenta não quer outra coisa*. A relação homossexual é idealizada — dá mais prazer, contém mais fidelidade, envolve mais amor — no que parece representar uma fuga das dificuldades derivadas da obrigação social do relacionamento entre indivíduos/identidades individuais, substituindo-o pela identificação com um outro «igual a mim».

Importa, ainda, acentuar que nestes discursos, «a homossexualidade» é essencialmente a masculina. Fala-se sobre a homossexualidade feminina, mas num registo algo secundário. O que verdadeiramente está em causa na transgressão da orientação homossexual é o ataque que representa à virilidade, à imagem do masculino como âmbito de dominação activa. A homossexualidade feminina é falada mas nela os discursos não se detêm a não ser quando, diferentemente do que se passa no caso dos homens, afirmam a aceitação da prática

de actos homossexuais femininos. O carácter manifestamente *voyeurista* da atitude masculina face a essas práticas, fazendo da mulher um objecto do prazer do homem, confirma a associação do perigo da homossexualidade com a ameaça à hegemonia do poder androcêntrico.

EM SUMA, nas importantes alterações que se verificam na sexualidade juvenil, por referência a uma época recente (cerca de três décadas), destaca-se:

- A legitimidade da sexualidade dos jovens (autonomizada do casamento) quer pelos pais, quer pela sociedade onde se inserem;
- A dimensão individualizada da sexualidade, com os jovens a tomarem a decisão de (poderem) optar quando e com quem têm relações sexuais/coitais; o que deixa perceber que a sexualidade é vivenciada com à-vontade e sem sentimento de culpa, no que mais uma vez expressa uma legitimação social da sexualidade juvenil;
- O facto de percebemos que, no contexto da modernidade tardia, a sexualidade deixou de ser entendida como uma condição natural exclusiva e é agora percebida como um elemento maleável do *self* — como ligação entre corpo, auto-identidade e normas sociais³³;
- A informação assimilada pelos jovens com base, principalmente, nos meios tecnológicos;
- A experiência efectiva de sexualidade activa e o sentimento de autorização para dela falar em grupo;
- O corpo: sujeito reflexivo; um corpo que utiliza o olhar do «outro» para a própria auto-apresentação; um corpo que compete modelar e vigiar como reflexo de Eu e onde a revalorização de vigilância codificada se afasta das tradicionais normas pré-modernas e manifesta a penetração do *biopoder* na vida quotidiana;
- A maleabilidade face à pluralidade de orientações sexuais; firmam-se sentidos associados a uma sexualidade plural e heterogénea, aceita-se a diversidade como norma; ainda que, como já referi, essa aceitação pareça ser mais do nível da razão e da vontade informada pela reflexividade do conhecimento.

Do ponto de vista das recorrências enformadas pela ideologia mais tradicional, destaca-se:

- A persistência do duplo padrão de género, percebido pelos jovens nos pais, mas presente com clareza em si próprios aos vários níveis das representações, das expectativas e das práticas — em que a sexualidade moralmente responsável é atributo de características mais restritivas para elas do que para eles;
- A relevância do tabu da sexualidade, do ponto de vista do discurso da afectividade, como um tema não usual no contexto familiar; ainda significativo da marca do tabu surge a dificuldade que se adivinha da comunicação com os professores percebida pela quase total ausência nos discursos no contexto escola, especificamente, à semelhança do que se passa com a comunicação na família, a ausência do discurso da sexualidade afectiva;
- O corpo constrangido e construído no feminino e no masculino, inerente a uma apreciação (do corpo do próprio e o do outro) feita sempre numa lógica heterossexual, orientada por categorias que validam o princípio activo do masculino e o princípio passivo do feminino;
- Subjacente a uma sexualidade heteronormativa, sente-se a dificuldade de aceitação das «sexualidades marginais» — com uma manifesta rejeição da homossexualidade ao nível das atitudes.

Finalmente, percebemos que a sexualidade surge construída com múltiplas possibilidades, retratando por um lado a racionalização, reflexividade no sentido da modernidade, ou seja, a mudança e por outro lado, ou melhor simultaneamente, espelhando a cultura, no sentido da tradição, a manutenção de velhas dicotomias, representações e moralidades, reconstruídas com novos materiais, que reproduzem a continuidade.

BIBLIOGRAFIA

- Albarello, L., Digneffe, F. and Hiernaux, J.-P., *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*, Gradiva, Lisboa, 1997.
- Alferes, V., *Encenações e Comportamentos sexuais*, Edições Afrontamento, Porto, 2002.
- Almeida, A.N.d. and Vilar, D., 'Literacia e práticas contraceptivas masculinas', *Sexualidade e planeamento familiar* nº 50/51; Julho / Dezembro. P: 3-42, 2008.
- Almeida, A.N.d., Vilar, D., André, I.M. and Lalanda, P., *Fecundidade e contraceção*, Imprensa de Ciências Sociais — ICS, Lisboa, 2004.
- Almeida, J.F.d., Costa, A.F.d. and Machado, F.L., 'Famílias, Estudantes e Universidade: painéis de observação sociográfica', *Revista sociologia*, n.º 4, Maio. pp. 11-44. 1988,
- Almeida, J.F.d. and Pinto, J.M., *A investigação nas ciências sociais*. Editorial Presença, Lisboa, 1995.
- Almeida, M. V.d., 'Sida: A doença Impura', *Planeamento Familiar*. APF, Lisboa n.º 58/59, 1993.
- Ambrósio, M.T., 'Aspirações sociais e políticas de educação', *Mudanças sociais no Portugal de hoje XXI*; n.º 87-88-89. P:1023-1039, 1985.
- Andersen, M.L., *Thinking about Women — sociological perspectives on sex and gender*, Londres, Fourth Edition, 1983.
- Ariès, P., 'L'amour dans le mariage', in Ariès, A.B.P. (ed.), *Sexualités occidentales*, Éditions du Seuil, Paris, 1982a.
- Ariès, P., 'Le mariage indissoluble', in (Direc.), P.A.A.B. (ed.), *Sexualités occidentales*, Éditions du Seuil, Paris, 1982b.
- Ariès, P., *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*, Relógio D'Água, Lisboa, 1988.
- Ariès, P. and Duby, G., *História da Vida Privada — da Europa feudal ao Renascimento.*, Edições Afrontamento, Porto, 1990.
- Backett, K.C., 'Studying health in families: a qualitative approach', in Cunnigham-Burley, S. (ed.), *Readings in medical sociology*, Routledge, Londres, 1990.
- Bajos, N., Ferrand, M. and Andro, A., 'La sexualité à l'épreuve de l'égalité', in

- Bajos, N. and Bozon, M. (eds.), *Enquête sur la sexualité en France: pratiques, genre et santé*, La Découverte, Paris, 2008.
- Bardin, L., *Análise de Conteúdo*, Edições 70, Lisboa, 1995.
- Barreira, C., 'Os estilos de vida e convívio quotidiano', in Reis, A. (ed.), *Portugal 20 anos de democracia* (Temas e Debates Edition), Temas e Debates, 1996.
- Barreto, A., *Tempo de Mudança*, Relógio D'Água, Lisboa, 1999.
- Barreto, A., *A situação social em Portugal 1960-1999*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2000a.
- Barreto, O.A., *A situação Social em Portugal 1960-1999*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2000b.
- Barreto, A., 'Mudança Social em Portugal: 1960-2000', in Barreto, A. and Pinto, A.C. (eds.), *Portugal contemporâneo*, Dom Quixote, Lisboa, 2004.
- Bastos, C., *Ciência, poder, acção: as respostas à Sida*, ICS, Lisboa, 2002.
- Baudrillard, J., *A sociedade de consumo*, Edições 70, Lisboa, 1995.
- Bauman, Z., *Modernidade Líquida*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.
- Bauman, Z., *Identidade*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.
- Beck, U., 'A reinvenção da política', in Beck, U., Giddens, A. and Lash, S. (eds.), *Modernização reflexiva*, Celta Editora, Oeiras, 2000.
- Berger, P.L. and Luckmann, T., *A construção social da realidade*, Dinalivro, Lisboa, 1999.
- Blaxter, M., *Health and lifestyles*, Routledge, Londres, 1998.
- Bloor, M., Frankland, J., Thomas, M. and Robson, K., *Focus groups in Social Research*, Sage Publications, Londres, 2001.
- Bourdieu, J.-C.P.P., *A Reprodução*, Editorial Veja, Lisboa, 1964.
- Bourdieu, P., *La Distinction*, Les Éditions de Minuit, Paris, 1979.
- Bourdieu, P., *Le Sens Pratiques*, Les Editions de Minuit, 1980.
- Bourdieu, P., *Ce que parle veut dire*, Librairie Arthème Fayard, sem cidade, 1982.
- Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Celta Editora, Oeiras, 1999.
- Bourdieu, P., *Esboço de uma Teoria da Prática: precedido de três estudos de etnologia de Cabila*, Celta Editora, Oeiras, 2002a.
- Bourdieu, P., *Questions de Sociologie*, Les Éditions de Minuit, Paris, 2002b.
- Bourdieu, P., Chamboredon, J.-C. and Passeron, J.-C., *Le Métier de Sociologue*, Mouton Éditeur, Paris, 1983.
- Bozon, M., 'Sexualité et genre', in Laufer, J., Marry, C. and Maruani, M. (eds.), *Masculin-Féminin: questions pour les sciences de l'homme*, Presses Universitaires de France, Paris, 2002a.
- Bozon, M., *Sociologie de la sexualité*, Nathan Université, Paris, 2002b.
- Bozon, M. and Bajos, N., *Enquête sur la sexualité en France — pratiques, genre et santé*, La Découverte, Paris, 2008.
- Breton, D.L., *Des visages*, Éditions Métailié — 1.^a ed 1992, Paris, 2003.
- Bury, M., *Health and illness in a changing society*, Routledge, Londres, 1997.

- Butler, J., *Bodies that matter — on the discursive limits of sex*, Routledge, Nova Iorque, 1993.
- Calnan, M., *Health and illness the lay perspective*, Tavistock Public, Londres e Nova Iorque, 1987.
- Calnan, M. and Williams, S., 'Style of life and the salience of health: an exploratory study of health related practices in households from differing socio-economic circumstances', *Sociology of Health and Illness*, 13,4, P: 506-529, 1991.
- Campenhoudt, L.V., *Introdução à análise dos fenómenos sociais*, Gradiva, Lisboa, 2003.
- Charles, N. and Walters, V., 'Age and gender in women's accounts of their health: interviews with women in South Wales', *Sociology of Health and Illness*, 20, 3, P: 331-350, 1998.
- Caplan, P., 'The cultural construction of sexuality — Introduction', in Caplan, P. (ed.), *The cultural construction of sexuality*, Routledge, Londres e Nova Iorque, 1996.
- Cascais, A.F., 'Corpo, poder e desigualdade', *Manifesto: sexualidades; éticas; estéticas*, n.º 5, Abril. pp. 36-55, 2004
- Castells, M., *O poder da Identidade — a era da informação: economia, sociedade e cultura*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003.
- Cavalli, A., 'The delayed entry into adulthood: is it good or bad for society?' in Pais, J.M. and Chisholm, L. (eds.), *Jovens em Mudança — Actas do Congresso Internacional Growing up between centre and periphery, Lisboa 2-4 de Maio de 1996*, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.
- Costa, A.F.d. and Machado, F.L., 'Processos de uma modernidade inacabada', in Viegas, J.M.L. and Costa, A.F.d. (eds.), *Portugal, que Modernidade?*, Celta Editora, Oeiras, 1998.
- Crawford, R., 'The boundaries of the self and the unhealthy other: reflections on health, culture and AIDS', *Social Science Medicine*, 38, n.º 10. pp. 1347-1365, 1994.
- Cruz, M.B.d., 'A condição social da juventude portuguesa', *Análise Social*, XX, n.º 81-82. pp. 285-308, 1984.
- Daniel, H. and Parker, R., *Sexuality, politics and AIDS in Brazil*, The Falmer Press, Londres, 1993.
- Delgado, J.M. and Gutiérrez, J., *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*, Editorial Síntesis, Madrid, 1994.
- Denzin, N.K. and Lincoln, Y.S., 'Introduction: entering the field of qualitative research', in Denzin, N.K. and Lincoln, Y.S. (eds.), *Handbook of qualitative research*, Sage Publications, Califórnia, 1994.
- Devereux, G., *Essais d'ethnopsychiatrie générale* (1ª ed.1970 Edition), Gallimard, Paris, 1977.
- Diniz, M.C., 'O amor e a sexualidade', in Reis, A. (ed.), *Portugal 20 anos de democracia*, Temas e Debates, 1996.

- Dubar, C., *A socialização*, Porto Editora, Porto, 1997.
- Durkheim, É., *As regras do método sociológico*, Editorial Presença, Lisboa, 1987.
- Elias, N., *O processo civilizacional*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989.
- Elias, N., *La société des individus*, Librairie Arthème Fayard, Paris, 1991.
- Erikson, E.H., *Infância e Sociedade*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971.
- Fassin, D., *L'espace politique de la santé*, Presses Universitaires de France — PUF, Paris, 1996.
- Feixa, C., *La joventut com a matàfora — Sobre les cultures juvenils*, Generalitat de Catalunya; Departament de la Presidència; Secretaria General de Joventut, 1993.
- Feixa, C., *De jóvenes, bandas y tribus*, Editorial Ariel, Barcelona, 1999.
- Fern, E.F., *Advanced focus group research*, Sage Publications, Thousand Oaks, Londres, Nova Deli, 2001.
- Ferreira, P.M., 'Situações juvenis de transição para a idade adulta', in Cabral, M.V. and Pais, J.M. (eds.), *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo: resultados de um inquérito aos jovens portugueses em 2000*, Celta Editora, Oeiras, 2003.
- Figueiredo, E., *Valores e Gerações anos 80 anos 90*, ISPA, Lisboa, 2001.
- Finger, S., *Sexualité et société*, Ellipses, Paris, 2000.
- Flandrin, J.-L., 'La vie sexuelle des gens mariés dans l'ancienne société: de la doctrine de l'Église à la réalité des comportements', in Ariès, P. and Béjin, A. (eds.), *Sexualités occidentales*, Éditions du Seuil, Paris, 1982.
- Flandrin, J.-L., *Famílias parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*, Editorial Estampa, Lisboa, 1995.
- Fonseca, L., *Justiça social e educação — vozes, silêncios e ruídos na escolarização das raparigas ciganas e payas*, Edições Afrontamento, Porto, 2009.
- Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Relógio D'Água, Lisboa, 1994.
- Foucault, M., *Naissance de la Clinique*, P.U.F, Paris, 1997.
- Freidson, E., *La Profession médicale*, Payot, Paris, 1984.
- Frith, H., 'Focusing on sex: using focus groups in sex research', *Sexualities*, vol3(3). pp. 275-297, 2000.
- Galland, O., *Sociologie de la jeunesse: l'entrée dans la vie*, Armand Colin, Paris, 1991.
- Gauntlett, D. and Hill, A., *TV living: television, culture and everyday life*, Routledge, Londres, 1999.
- Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, Celta Editora, Oeiras, 1996.
- Giddens, A., *Modernidade e Identidade Pessoal*, Celta Editora, Oeiras, 1997.
- Giddens, A., *Dualidade da estrutura — agência e estrutura*, Celta Editora, Oeiras, 2000a.
- Giddens, A., 'Viver numa sociedade pós-tradicional', in Lash, U.B.A.G.S. (ed.), *Modernização reflexiva*, Editora Celta, Oeiras, 2000b.

- Giddens, A., *As consequências da modernidade*, Celta Editora, Oeiras, 2002.
- Gillis, J.R., *Youth and history. Tradition and change in european age relations, 1770*, Academic Press, Londres, 1981.
- Goffman, E., *A apresentação do eu na vida de todos os dias*, Relógio D'Água, Lisboa, 1993.
- Goffman, E., *Manicómios, Prisões e Conventos*, Perspectiva, São Paulo, 2003.
- Halbwachs, M., *Classes sociales et morphologie*, Les Éditions de Minuit, Paris, 1972.
- Hall, G.S., *Adolescence*, D. Appleton and Company, Nova Iorque e Londres, 1931.
- Hall, S., *Los hippies: una contra-cultura*, Editorial Anagrama, Barcelona, 1970.
- Hannay, D.R., 'The "Iceberg" of Illness and "Trivial" Consultations', *J. of the Royal College of General Practitioners*. P: 551-554, 1980.
- Heilborn, M.L., 'Construção de si, gênero e sexualidade', in Heilborn, M.L. (ed.), *Sexualidade — o olhar das ciências sociais*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.
- Héritier, F., *Masculino feminino: o pensamento da diferença*, Instituto Piaget, 1998.
- Herzlich, C., *Santé et Maladie*, École des hautes Études en sciences Sociales Paris, 1.^a ed 1969.
- Herzlich, C., 'A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença', *Physis: rev. saúde coletiva — 15 (suplemento)*. pp. 57-70, 2005.
- Hostetler, A.J. and Herdt, G.H., 'Culture, sexual lifeways, and developmental subjectivities: rethinking sexual taxonomies', *Social Research*, 65, n.º 2 (Verão), 1998.
- Ibañez, J., *Más allá de la sociología — El grupo de discusión: técnica y crítica*, Siglo XXI de España Editores, Madrid, 1992.
- Illich, I., *Némésis Médicale — L'expropriation de la santé*, Seuil, Paris, 1975.
- INE, P., 'Inquérito à Fecundidade e Família — Resultados Definitivos — 1997', http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACAOESpub_boui=133771&PUBLICACOESstema=Qualquer&PUBLICACOESmodo=2, 2001.
- Jackson, S. and Jones, J., *Contemporary feminist theories*, Edinburgh University Press, Edimburgo, 1998.
- Jaspard, M., *Sociologie des comportements sexuels*, Éditions La Découverte, Paris, 2005.
- Jodelet, D., *Les représentations sociales*, Presses universitaires de France, 1.^a ed. 1989, Paris, 1999.
- Kaufmann, J.-C., *Sociologie du Couple*, Presses Universitaires de France, Paris, 2003.
- Kaufmann, J.-C., *A invenção de Si*, Instituto Piaget, Lisboa, 2005.
- Kelly, P.M. and Millward, L.M., 'Identity and illness', in Kelleher, D. and Leavey, G.e. (eds.), *Identity and Health*, Routledge, Londres e Nova Iorque, 2004.
- Krueger, R.A., *El grupo de discusión — guía tráctica para la investigación aplicada*, Ediciones Pirámide, S. A. Edition, Madrid, 1991.

- Lahire, B., *O Homem Plural: as molas da acção*, Instituto Piaget, Lisboa, 2003.
- Lahire, B., *Lesprit sociologique*, Éditions la Découverte, Paris, 2005.
- Leandro, M.E., *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*, Universidade Aberta, Lisboa, 2001.
- Lenoir, R., 'Objecto Sociológico e Problema Social', in Champagne, P., Lenoir, R., Merllié, D. and Pinto, L. (eds.), *Iniciação à prática sociológica*, Editora Vozes Lda, Petrópolis, 1998.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. and Boutin, G., *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*, Instituto Piaget, Lisboa, 1994.
- Levi, G. and Schmitt, J.-C., *Histoire des Jeunes en Occident — de l'antiquité à l'époque moderne*, Éditions du Seuil, Paris, 1996a.
- Levi, G. and Schmitt, J.-C., *Histoire des Jeunes en Occident — l'époque contemporaine*, Éditions du Seuil, Paris, 1996b.
- Lipovetsky, G., *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*, Instituto Piaget, Lisboa, 2000.
- Lopes, J.d.S., 'A economia portuguesa desde 1960', in Barreto, A. (ed.), *A situação social em Portugal, 1960-1995*, ICS — Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.
- Lopes, J.T., 'Que corpo, para que sociedade? Formas contemporâneas de alienação', *Manifesto: sexualidades; éticas; estéticas*, n.º 5, Abril, pp. 122-126, 2004.
- López, F. and Fuertes, A., *Para compreender a sexualidade*, APF — Associação para o Planeamento da Família, Lisboa, 1999.
- Loyola, M.A., 'A sexualidade como objecto de estudo das ciências humanas', in Heilborn, M.L. (ed.), *Sexualidade. O olhar das ciências sociais*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.
- Masters, W.H., Johnson, V.E. and Kolodny, R.C., *La sexualidad humana*, Grijalbo, Barcelona, 1987.
- Mead, M., *L'un et l'autre sexe*, Éditions Denoël / Gonthier, 1966.
- Mead, M., *Coming of age in Samoa: a psychological study of primitive youth for Western civilisation*, Apollo Editions, Nova Iorque, 1968.
- Michel, A., *Sociologie de la famille et du mariage*, Presses Universitaires de France, s/cd, 1978.
- Moita, M.G.M.N., 'Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico', *Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar*, Universidade do Porto, Porto, 2001.
- Mónica, M.F., 'A evolução dos costumes em Portugal 1960-1995', in Barreto, A. (ed.), *A situação social em Portugal 1960-1995*, ICS — Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.
- Monteiro, S., 'Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca', in Heilborn, M.L. (ed.), *Sexualidade — o olhar das ciências sociais*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.

- Morgan, D.L. and Krueger, R.A., 'When to use focus groups and why', in Morgan, D.L. (ed.), *Successful focus groups*, Sage Publications, Londres, 1993.
- Pais, J.M., 'Família, sexualidade e religião', *Análise Social*, XXI (86). P: 345-389, 1985.
- Pais, J.M., 'A construção sociológica da juventude — alguns contributos', *Análise Social 3.ª série*, XXV, n.º 105-106. pp. 139-165, 1990.
- Pais, J.M., *Culturas Juvenis* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Edition), Lisboa, 1993.
- Pais, J.M., 'A geração yô-yô', *Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces, Outros olhares*, vol. II, Lisboa. pp. 111-125, 1996.
- Pais, J.M., 'Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos anos?' in Cabral, M.V. and Pais, J.M. (eds.), *Jovens portugueses de hoje*, Celta Editora, Oeiras, 1998a.
- Pais, J.M., 'Sexualidade', in Almeida, J.F.d., Pais, J.M., Torres, A.C., Machado, F.L., Ferreira, P.A. and Antunes, J.S. (eds.), *Jovens de hoje e de aqui*, Câmara Municipal de Loures — departamento sociocultural, Loures, 1998b.
- Pais, J.M., 'Transition and youth cultures: forms and performances', *International Social Science Journal*, n.º 164 pp. 219-232, 2000.
- Pais, J.M., *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*, Âmbar, Porto, 2001.
- Parsons, T., 'Structure sociale et processus dynamique: le cas de la pratique médicale moderne', in Herzlich, C. (ed.), *Médecine, Maladie et Société*, Mouton, Paris, 1955.
- Parsons, T., *Le système des sociétés modernes*, Dunod, Paris, 1973.
- Peristiany, J.G., *Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrânicas* Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1971.
- Pierret, J., 'Les Significations sociales de la santé: Paris, l'Essone, l'Hérault', in Augé, M. (ed.), *Le Sens du mal Anthropologie, histoire, sociologie de la maladie*, Éditions des Archives Contemporaines, Paris, 1984.
- Pierret, J., 'The illness experience: state of knowledge and perspectives for research', *Sociology of Health & Illness*, 25. pp. 4-22. 2003.
- Pina-Cabral, J.d., *Filhos de Adão, filhas de Eva — a visão do mundo camponesa do Alto Minho*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989.
- Pinto, J.M., 'Questões de Metodologia Sociológica (I)', *Cadernos de Ciências Sociais* Ano 1, n.º 1, Junho. pp. 5-42, 1984.
- Pinto, J.M., 'Questões de Metodologia Sociológica (III)', *Cadernos de Ciências Sociais* n.º 3, Junho. pp. 133-156. 1985.
- Pitt-Rivers, J., 'Honra e posição social', in Peristiany, J.G. (ed.), *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrânicas*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1971.
- Plummer, K., *Intimate citizenship*, University of Washington Press, Washington, 2003a.
- Plummer, K., 'Intimate citizenship and culture of sexual story telling', in Weeks, J. (ed.), *Sexualities and society*, Polity Press, Cambridge, 2003b.

- Quivy, R. and Campenhoudt, L.V., *Manual de investigação em ciências sociais*, Gradiva, Lisboa, 1992.
- Ramalho, M.I., 'A sogra de Rute ou intersexualidades', in Santos, B.d.S. (ed.), *Globalização: fatalidade ou utopia?*, Edições Afrontamento, Porto, 2002.
- Reinisch, J.M. and Beasley, R., *The Kinsey Institute new report on sex*, Penguin Books, Nova Iorque, 1990.
- Rich, A., 'Compulsory heterosexuality and lesbian existence. Signs', *Journal of women in culture and society*, 5(4), 631-660, 1980.
- Rogemont, D.d., *O amor e o Ocidente*, Moraes Editores, Lisboa, 1982.
- Rouco, J.J.M., 'Sexualidade e mudanças de comportamentos: uma estratégia lúdica de prevenção da Aids', in Heilborn, M.L. (ed.), *Sexualidade. O olhar das ciências sociais*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.
- Sampaio, D., Baptista, M.I.d.C.A.M., Matos, M.G.d. and Silva, M.O.d., 'Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES) — Relatórios: preliminar, de Progresso e Final', 2005 a 2007.
- Santos, B.d.S., *Introdução a uma ciência pós-moderna*, Edições Afrontamento, Porto, 1989.
- Santos, B.d.S., *Portugal: um retrato singular*, Santa Maria da Feira, 1993.
- Saraceno, C., *Sociologia da família*, Editorial Estampa, Lisboa, 1992.
- Schmidt, M.L., 'A evolução da imagem pública da juventude portuguesa: 1974-84', *Análise Social XXI*, (87-88-89). pp. 1053-1066. 1985.
- Serrão, J., 'Notas sobre a emigração e mudança social no Portugal centemporâneo', *Análise Social XXI*, n.º 84 (88-89), 1995, 995-1004.
- Shorter, E., *A formação da família moderna*, Terramar, Lisboa, 1995.
- Silva, D.P.d., Carvalho, J.L.S., Telhado, C. and Romão, F., 'Avaliação das práticas contraceptivas das mulheres em Portugal', Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução, 2005.
- Silva, L.F.d., *Saber Prático de Saúde: as lógicas do saudável no quotidiano* Edições Afrontamento, Porto, 2008.
- Simon, W., 'The postmodernization of sex', in Weeks, J., Holland, J. and Waites, M. (eds.), *Sexualities and Society*, Potity, Cambridge, 2003.
- Sontag, S., *La maladie comme métaphore / Le Sida et ses Métaphores*, Christian Bourgeois Editeur, 1993.
- Stewart, D.W., Shamdasani, P.N. and Rook, D.W., *Focus Groups — theory and practice: Second Edition*, Sage Publications, Thousand Oaks; Londres; Nova Deli, 2006.
- Strauss, A., *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*, Aldine de Gruyter, Nova Iorque, 1967.
- Strauss, A., *La trame de la négociation*, L'harmattan, Paris, 1992.
- Torres, A.C., *Divórcio em Portugal*, Ditos e Interditos, Oeiras, 1996.
- Torres, A.C., 'Casar? Porque não? Práticas e perspectivas de jovens portugueses

- sobre o casamento e a família', in Chisholm, J.M.P.L. (ed.), *Jovens em mudança* ICS, Lisboa, 1997.
- Torres, A.C., *Sociologia do casamento*, Celta Editora, Oeiras, 2001.
- Townsend, P and Davidson, N.e.s., *Inequalities in health — the black report*, Penguin Books, GB, 1983.
- Vala, J., 'A análise de conteúdo', in Silva, A.S. and Pinto, J.M. (eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Edições Afrontamento, Porto, 1999.
- Valles, M.S., *Técnicas cualitativas de investigación social*, Editorial Síntesis, S.A., Madrid, 2007.
- Vasconcelos, P., 'Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses', in Cabral, M.V. and Pais, J.m. (eds.), *Jovens portugueses de hoje*, Celta Editora, Oeiras, 1998.
- Vaz, J.G.M., 'O ensino da sexologia — relato de uma experiência', *Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar*, Universidade do Porto, Porto, 1988.
- Vaz, J.M., *Educação sexual na escola*, Universidade Aberta, Lisboa, 1996.
- Velho, G., *Individualismo e cultura* (5ªEd. Edition), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.
- Vieira, C., Silva, L.F., Moura, M. and Pinto, S., 'Comportamentos de risco em mulheres portuguesas', <http://www.aidscongress.net/4congresso.php>, 2003.
- Vilar, D., *Falar disso A educação sexual nas famílias das adolescentes*, Edições Afrontamento, Porto, 2002.
- Wall, K., *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, ICS-Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2005.
- Wall, K. and Aboim, S., 'Perfis regionais de mudança familiar', *Sociologia — problemas e práticas*, n.º 43, pp. 97-100, 2003.
- Weber, M., *Économie et société*, Plon, Paris, 1971.
- Weeks, J., *Sexuality and its discontents — meanings, myths & modern sexualities*, Routledge, Londres e Nova Iorque, 1985.
- Weeks, J., *Sex, politics & society*, Longman, Londres e Nova Iorque, 1989.
- Weeks, J., 'Necessary fictions: sexual identities and politics of diversity', in Weeks, J., Holland, J. and Waites, M. (eds.), *Sexualities and Society*, Polity Press, Cambridge, 2003a.
- Weeks, J., *Sexuality — second edition*, Routledge, Londres e Nova Iorque, 2003b.
- Williams, G., 'The genesis of Chronic Illness: narrative re-construction', *Sociology of Health and Illness*, pp. 175-200, 1984.
- Zola, I.K., 'Pathways to the doctor — from person to patient', *Social Science & Medicine*, 7, pp. 677-689, 1973.

ANEXOS

1. As características da opção metodológica

COMO JÁ REFERI, os grupos de discussão têm tido diferentes definições, que fazem permanecer a ideia de que acarretam uma enorme diversidade técnica. Este é também o sentido dado pelos autores Canales y Peinado quando, na sua obra de 1994, referem que: «...o grupo de discussão não é comparável a nenhuma das modalidades próximas: não é uma conversa grupal natural, não é um grupo de aprendizagem como terapia psicológica [...] muito menos é um fórum público..., no entanto, contagia e simula (parcialmente), por sua vez, cada uma delas.»¹ O grupo de discussão é igualmente percebido como um grupo simulado e manipulado. Simulado, porque é um grupo aparente, pois este funciona como tal enquanto durar a discussão. Manipulado, porque, é o *moderador*² o responsável por assumir a criação do grupo. Ele tem o poder de definir o espaço, de controlar o tempo e de determinar o grupo — definindo quantos e quais os elementos que participam na discussão.

Quanto à estrutura do grupo salientamos quatro factores: o tamanho; a duração da reunião; a composição do grupo e as relações com o moderador. Em relação ao tamanho, o número de participantes varia — entre cinco a dez. Sobre este assunto Krueger, na sua obra *El Grupo de Discusión*, refere que: «Tradicionalmente, um grupo de discussão ideal é composto por sete ou dez pessoas...»³ A importância do número de elementos participantes prende-se com o facto de este ser um factor de intervenção na comunicação e na dinamização da discussão. Um grupo de discussão é um espaço de *opinião grupal*, onde os participantes fazem uso da palavra e da liberdade de expressão para

emitir ideias, reguladas pela interacção e dinâmica estabelecida no grupo. Assim, devem estar criadas as condições para que os participantes possam não só falar uns com os outros, mas também ocupar, no espaço físico, um lugar com uma distância que lhes permita comunicar e interagir. Nesse sentido, os grupos grandes são contraindicados quer devido à tendência para a formação de subgrupos, quer pelo facto de não permitirem que cada elemento participante tenha tempo suficiente para exprimir os seus pontos de vista sobre os vários assuntos em discussão. Relativamente aos grupos pequenos, estes proporcionam um leque mais fechado de informação e exigem de cada membro mais participação — podendo ser sentida como uma obrigatoriedade e consequentemente podendo contribuir para a formação de algum mal-estar.

Quanto ao tempo de discussão, este surge com a indicação do moderador para que se inicie e é igualmente ele que informa o seu término. O tempo que decorre entre o início e o fim pode variar, normalmente, entre uma a duas horas⁴. No entanto, no contacto prévio com os diferentes participantes deve existir uma combinação prévia — definindo a duração aproximada do grupo. Isto porque «[...] o grupo de discussão encaixa-se na realidade como um parênteses, colocando entre parênteses a realidade e as urgências reais [...] ('obrigações' laborais, familiares, etc); [...]», nas palavras de Ibañez em *Más allá de la Sociología*.

Em relação à composição do grupo⁵, este deve atender a factores de homogeneidade e heterogeneidade entre os elementos, de forma a permitir uma optimização da discussão. Ou seja, uma homogeneidade que permita potenciar o interesse pela discussão. Os participantes são seleccionados porque existem certas características em comum (como por exemplo, idade, género, estado civil e ocupação) que os relacionam com o tema objecto de discussão. Mas, uma homogeneidade em excesso inibe a comunicação/interacção. É necessário que existam diferenças/contradições entre os participantes, no entanto, uma excessiva heterogeneidade torna impossível a interacção verbal. Ou seja, citando de novo Ibañez, «Para que o grupo funcione é preciso uma composição heterogénea (um grupo homogéneo não produziria discurso ou produziria um discurso totalmente redundante): mas, a

heterogeneidade tem que ser inclusiva (para que permita a combinação e/ou o intercâmbio).»⁶

Sendo o grupo de discussão uma produção transversal de discurso (com comunicação em diferentes direcções e sentidos), o moderador tem de exercer o seu papel de forma visível, mas sem influenciar ou enviesar as intervenções dos participantes. O moderador cria um clima permissivo e sem pressionar os participantes, procura criar um ambiente confortável, concedendo espaço para que os diferentes elementos exponham os seus comentários, ideias, práticas e comportamentos.

Relembramos ainda que o discurso produzido retrata um processo de produção de informação com base na interacção e, nesse sentido, é preciso estar atento às dinâmicas instituídas no grupo, nomeadamente à liderança de opiniões, dado que estas poderão controlar a condução da discussão e conseqüentemente permitir que uma circunstância particular possa vir a mascarar, de forma latente, o que efectivamente os participantes pensam sobre o assunto, como alerta Krueger na obra citada. É igualmente necessário atender à própria dimensão prática da comunicação, designadamente da comunicação linguística (ou seja, o que se diz ou se suprime na prática social). Como dizia Pierre Bordieu: «Todo o acto de palavra e de modo mais geral toda a acção é uma conjuntura um encontro de séries causais independentes: de um lado, as disposições socialmente aceites, os hábitos linguísticos; do outro, as estruturas do mercado linguístico que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas.»

A selecção dos participantes

Especificidades de cada grupo

VEJAMOS AGORA o processo de selecção dos grupos e os diferentes locais onde estes se juntaram (o critério escolhido para a apresentação do grupo foi a ordem cronológica de realização¹).

Grupo 2 (G2)

Seleção dos participantes

Dada a opção pela constituição de um grupo de jovens rapazes e raparigas não pré-existente, a forma usada para o recrutamento dos participantes foi o recurso a elementos cuja tarefa passava pela identificação dos jovens. Os designados *elementos-ponte*² relacionavam-se directa ou indirectamente com os jovens recrutados, dado que, de alguma forma, faziam parte das suas redes pessoais (de escola ou de amizade). Pelo contacto e avaliação da possível disponibilidade, os referidos elementos estavam informados de que a mobilização dos jovens participantes se encontrava sujeita a determinados critérios de selecção. No caso específico deste grupo, a indicação das características comuns incluiu: a idade (jovens entre os 18 e os 24 anos), a escolaridade (igual ou superior ao último ano do ensino secundário) e a situação de total inter-desconhecimento, ou seja, os jovens não podiam ter, ou ter tido, qualquer contacto entre si. Os *elementos-ponte*, quando contactavam os jovens, auscultavam o seu interesse e disponibilidade para a participação numa discussão em grupo, cujo tema a tratar seria a sexualidade. Aceite a participação na discussão, os jovens

foram contactados pela moderadora, por telefone, por duas vezes: a primeira para acertar o dia e a hora, e a segunda, (na véspera da realização do encontro) para recordar o compromisso.

Jovens que participaram no grupo

Raparigas	Rapazes	
1		frequência do 11 ^o ano
1	2	frequência do 12 ^o ano
1	1	frequência 1 ^o ano Ensino Superior
1		frequência 4 ^o ano Ensino Superior
	1	licenciado em Ciências da Educação

O local de recepção e realização

A discussão decorreu nas instalações da Universidade Aberta — delegação do Porto. Após a recepção e acolhimento dos jovens colocámos o tema à discussão.

Grupo 3 (G3)

Seleção dos participantes

No grupo constituído pelos formandos do Centro de Formação Profissional da Indústria de Construção Civil e Obras Públicas do Norte (CICCOPN) já existia, de alguma forma, um conhecimento prévio entre os elementos participantes dado que frequentam o mesmo centro ou a mesma turma (apesar de alguns referirem que se conheciam de passagem). Em toda a logística (a disponibilização das listagens de turma, o contacto prévio com os jovens por nós seleccionados e a comunicação do dia, local e hora) pude contar com os apoios da coordenadora pedagógica e do coordenador técnico dos cursos. Os 10 jovens (5 rapazes e 5 raparigas) foram seleccionados a partir de uma listagem de quatro turmas. Todos os elementos seleccionados seguiam os critérios previamente estabelecidos (tinham até ao 9.^o ano de esco-

laridade e apresentavam um intervalo de idades de acordo com os critérios da amostra). Após o consentimento dos jovens para a participação, realizou-se a discussão em grupo no local, dia e hora previamente combinados.

Jovens que participaram no grupo

Raparigas	Rapazes	
1	2	Curso de Desenho, Medição e Preparação de Obra
2	1	Curso de Pintura de Construção Civil
1	1	Curso de Prevenção e Segurança
1	1	Curso de Preparação e Execução de Obra

O local de recepção e realização

A discussão em grupo aconteceu numa sala do CICCOPN. Após a recepção e acolhimento dos jovens colocámos o tema à discussão.

Grupo 4 (G4)

Seleção dos participantes

À semelhança do grupo referido anteriormente, no grupo de formandos da Escola Profissional do Comércio, Escritórios e Serviços do Porto Raul Dória, já existia um conhecimento prévio entre os elementos participantes, dado que estes frequentam o mesmo centro ou a mesma turma (apesar de alguns, também, referirem que nunca se falaram). A colaboração em todo o processo prévio à formação do grupo foi concedida pela psicóloga e docente daquela instituição (ou seja, disponibilização das listagens de turma, contacto prévio com os jovens por nós seleccionados e a comunicação do dia, local e hora). Os restantes procedimentos foram iguais aos já desenvolvidos no grupo G3.

Jovens que participaram no grupo

Raparigas	Rapazes	
1	2	Curso de Técnico de Turismo
2	1	Curso de Técnico de Secretariado
1	1	Curso de Técnico de Contabilidade
1	1	Curso de Técnico de Marketing

O local de recepção e realização

A reunião do grupo decorreu numa sala da Escola Profissional Raul Dória. Após a recepção e acolhimento dos jovens colocámos o tema à discussão.

Grupo 5 (G5)

Seleção dos participantes

Os 10 jovens (5 rapazes e 5 raparigas) foram seleccionados a partir de uma listagem de quatro turmas cedida pelo *elemento-ponte*, a técnica de serviço social. Nesse sentido, e da mesma forma que os dois grupos anteriormente descritos, neste grupo já existia um conhecimento prévio entre os elementos participantes, dado que eles frequentam o mesmo centro e/ou a mesma turma (apesar de também aqui alguns dos jovens terem referido que nunca se tinham falado). No momento das entrevistas, os jovens tinham apenas o 2.º ciclo do Ensino Básico completo, ou seja, era o grupo com o mais baixo nível de escolaridade³. Em relação à idade, todos se encontravam dentro do intervalo previamente definido nos critérios da amostra (tinham entre 17 e 22 anos). Reunidas as condições e após a informação de que os jovens aceitavam participar na discussão em grupo, realizava-se o encontro no local, dia e hora previamente combinados.

Jovens que participaram no grupo

Raparigas	Rapazes	
3		Curso de Práticas Técnicas Comerciais (turma A)
2		Curso de Práticas Técnicas Comerciais (turma B)
	3	Curso de Instalação e Operação de Sistemas Informáticos
	2	Curso de Instalação e Reparação de Computadores

O local de recepção e realização

A realização do encontro decorreu numa das instalações do Centro de Negócios do Bonfim — onde decorrem os cursos externos do Centro de Formação Profissional do Porto. Após a recepção e acolhimento dos jovens colocámos o tema à discussão.

Grupo 6 (G6)

Seleção dos participantes

Os jovens participantes eram estudantes da Escola Superior de Estudos Industriais e Gestão (ESEIG) — Licenciatura em Recursos Humanos. A mobilização dos participantes foi feita através de uma docente daquela instituição. Numa fase inicial, era referida a necessidade de recrutamento de jovens voluntários para a realização de uma discussão em grupo sobre os temas sexualidade e amor. Apresentados os critérios para a participação, era proposto aos interessados que se inscrevessem numa folha — preenchendo os seguintes itens: ano de frequência escolar, primeiro nome (ou outro pelo qual queriam ser identificados), data de nascimento e contacto telefónico). Aceite a participação na discussão, foram seleccionados 10 jovens (5 rapazes e 5 raparigas). Todos os elementos seleccionados seguiam os critérios previamente estabelecidos (frequentavam o ensino superior e apresentavam um intervalo de idade (entre 19 e os 23 anos). Todos os jovens foram contactados por nós, via telefone, por duas vezes — a

primeira, para acertar o dia e a hora, e a segunda, (na véspera do encontro) para recordar o compromisso. Concluído todo este processo, estavam reunidas as condições para a realização da discussão no local, dia e hora previamente combinados.

Jovens que participaram no grupo

Raparigas	Rapazes	
1		frequência do Ensino Superior 1.º ano
1	4	frequência do Ensino Superior 2.º ano
3		frequência do Ensino Superior 3.º ano

O local de recepção e realização

A realização do grupo decorreu numa das instalações da ESEIG.

Após a recepção e acolhimento dos jovens colocámos o tema à discussão

Grupo 7 (G7)

Seleccção dos participantes

Os jovens participantes eram estudantes de duas instituições de Ensino Superior do Porto (estudantes de Sociologia na FLUP e de Engenharia Química no ISEP). Optámos por recrutar jovens de instituições e cursos diferentes, para diversificar as áreas de formação académicas (uma com um plano de estudos mais orientado para as ciências sociais e outra para as ciências exactas). Seguindo a mesma forma de recrutamento do grupo anterior, também aqui a mobilização dos estudantes foi feita através de docentes das referidas faculdades. De igual forma, numa primeira fase era referida a necessidade de recrutamento de jovens voluntários para a realização de uma discussão em grupo sobre os temas sexualidade e amor. E os interessados, abrangidos pelos critérios de selecção, inscreviam-se e respondiam aos itens (já referenciados para o G6). Consentida a participação no

grupo, foram por nós seleccionados 10 jovens (5 rapazes e 5 raparigas). Todos os elementos seleccionados seguiam os critérios previamente estabelecidos (frequentavam o ensino superior e apresentavam um intervalo de idade entre os 18 e os 25 anos). Tal como no grupo anterior, todos os jovens foram contactados duas vezes — a primeira, por telefone, para acertar o dia e a hora, e a segunda, por SMS (na véspera do encontro do grupo), para recordar a combinação. No local, dia e hora previamente combinados realizava-se a discussão em grupo.

Jovens que participaram

Raparigas	Rapazes	
1	1	frequência no grupo universitário 1.º ano ⁴
2	3	frequência universitária 3.º ano ⁵

O local de recepção e realização

De forma previamente combinada, e por forma a facilitar o encontro, o local seleccionado para a realização do encontro foi a Universidade Aberta — delegação do Porto. Após a recepção e acolhimento dos jovens⁶ colocámos o tema à discussão.

3.

A análise sociográfica da amostra

A PARTIR DO PRIMEIRO QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL, preenchido no final das discussões de cada grupo, efectuámos um tratamento quantitativo das informações recolhidas no sentido de realizar uma breve análise sociográfica da amostra¹.

Os dados relativos às questões número 1, 2, 3 e 4 correspondem aos critérios previamente estabelecidos (idade; sexo; nível de escolaridade e concelho de residência).

Questões n.º 1 e 2 (Idade e Sexo)

Participaram na amostra 54 jovens (27 raparigas e 27 rapazes), entre os 17 e 25 anos de idade. O grupo das raparigas é ligeiramente mais jovem do que o dos rapazes (há 15 raparigas que têm menos de 20 anos); A quase totalidade dos rapazes situa-se entre o intervalo etário 18-23 anos — com excepção de 2 rapazes que têm 25 anos de idade.

QUADRO 1 Idade e sexo dos jovens da amostra

Idade	Rapariga	Rapaz
17 anos	6	0
18 anos	5	4
19 anos	4	3
20 anos	5	5
21 anos	4	7
22 anos	1	2
23 anos	2	4
24 anos	0	0
25 anos	0	2

Questão n.º 3 — Escolaridade

Do total de jovens, 24 (12 raparigas e 12 rapazes) são pré-universitários, universitários ou licenciados; e 30 (15 raparigas e 15 rapazes) são estudantes de cursos profissionais do Ministério da Educação e do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social — com habilitações académicas não superiores ao 3.º ciclo (9.º ano de escolaridade). Deste último subgrupo, 5 raparigas e 5 rapazes tinham o 2.º ciclo do Ensino Básico completo.

Questão n.º 4 — Concelho (localidade) de residência

No momento da selecção dos participantes todos os jovens referiram que estavam a viver em concelhos do distrito do Porto — 17 jovens moram na cidade do Porto e os demais distribuem-se pelos concelhos circundantes. No entanto, e como já foi referido, 2 jovens (1 rapaz e 1 rapariga) em tempo de férias escolares regressam a casa da família de origem — (nos arquipélagos dos Açores e da Madeira).

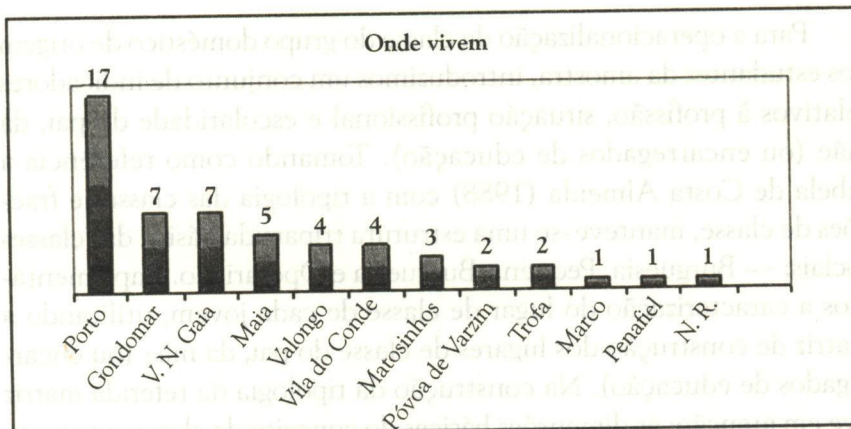


FIGURA 1 Número de jovens por concelho de residência

Questão n.º 5 — Religião/espiritualidade

A pertinência da questão da religião prende-se com o facto de a sexualidade se encontrar sujeita a um poder coercivo da Igreja (comprovada pela história da sexualidade — directamente regulada pela moral cristã) A este respeito ver as obras já referidas de Philippe Ariés e Michel Foucault. Nesse sentido, verificámos que a maioria dos jovens (39 de 54) refere ser crente. Destes, a maioria (31 em 39) refere ser Católico não praticante; 1 afirma ser do Culto; 1 Testemunha de Jeová. Há um número considerável (13 em 54) de jovens que diz não ser crente (e destes 8 em 13 pertencem ao subgrupo dos jovens pré-universitários, universitários ou licenciados). Dois não respondem.

Caracterização em termos de classe, agregado familiar actual e grupo de origem²

Relativamente à questão da classificação de classe surgem determinadas questões que dificultam o seu entendimento, pois estes jovens são muito novos e não desempenharam ainda qualquer actividade profissional. Nesse sentido, torna-se relevante apreciar a classe social de origem³.

Para a operacionalização da classe do grupo doméstico de origem dos estudantes da amostra, introduzimos um conjunto de indicadores relativos à profissão, situação profissional e escolaridade do pai, da mãe (ou encarregados de educação). Tomando como referência a tabela de Costa Almeida (1988) com a tipologia das classes e fracções de classe, manteve-se uma estrutura tripartida básica das classes sociais: — Burguesia, Pequena-Burguesia e Operariado. Implementámos a caracterização do lugar de classe de cada jovem, utilizando a matriz de construção dos lugares de classe do pai, da mãe (ou encarregados de educação). Na construção da tipologia da referida matriz tive em atenção: as dimensões básicas do conceito de classe; a recente bibliografia/estudos e as actuais tendências de reconfiguração da estrutura de classe (incluindo as novas fracções de classe). Nas situações em que o lugar de classe do pai e da mãe (ou encarregados de educação) é diferente, quando tomados individualmente, seguimos o critério definido em 1988 por Costa Almeida «o da contribuição provavelmente mais decisiva, em recursos de vária ordem (material e simbólica) para o grupo doméstico».

Questão n.º 6 — Pessoa(s) com quem vive

Através da questão número 6, verificámos que a quase totalidade dos jovens da amostra vive em casa dos pais (mãe, pai ou padrasto — com ou sem irmãos; 1 rapariga, de 18 anos, refere que vive com o cônjuge e com os pais). Os restantes, 2 rapazes e 1 rapariga, referem que durante os períodos lectivos partilham casa com outros estudantes; 1 rapariga vive com os tios e 1 rapaz não responde.

QUADRO 2

Classe e fracções de classe do grupo doméstico de origem

		G3	G4	G5	G2	G6	G7	
Tipo de classe	Fracções de classe	Pai/Mãe *	Pai/Mãe *	Pai/Mãe *	Pai/Mãe *	Pai/Mãe *	Pai/Mãe *	Total
Burguesia	BEP ⁴					2		8
	BDP ⁵		1		2	2	1	
Pequena - burguesia	PBTE ⁶	1						28
	PBE ⁷	2	3	3	5	4	4	
	PBPR ⁸		1	1				
	PBAP ⁹	3		1				
Operariado	OI ¹⁰	2	3	2		1	2	10
Não Respondem								8

*ou encarregados de educação

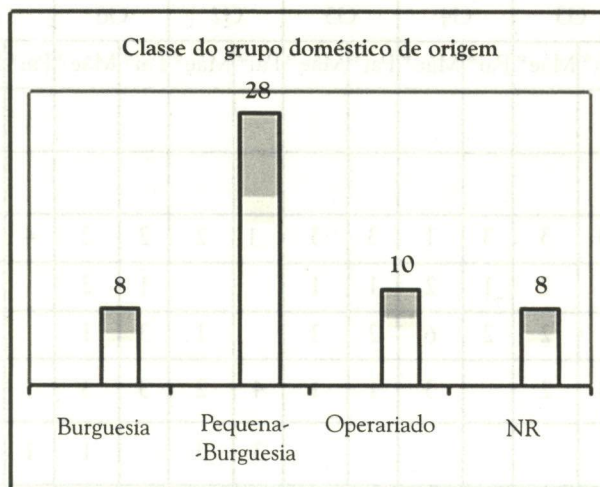


FIGURA 2 Classe do grupo doméstico de origem

A maioria dos jovens é originária da Pequena-Burguesia (PB) (28 em 54). Nesta fracção de classe destaca-se a Pequena-Burguesia de Execução (PBE), e que de acordo com a referida classificação, integra profissões relacionadas com a prestação de serviços (sector terciário: administrativos, comércio, etc.), o que vai de encontro à acentuada terciarização das áreas urbanas (área geográfica de residência da maioria do grupo de origem dos jovens). Dos 10 jovens que estão integrados no contexto familiar operário, a maioria (7 em 10) pertence ao subgrupo que apresenta um nível de escolaridade mais baixo. Contrariamente, dos 8 jovens que estão integrados no contexto familiar da Burguesia, a quase totalidade (7 em 8) pertence ao subgrupo dos jovens pré-universitários /universitários/ licenciados.

Paralelamente, e como já referi, tendo em conta que a escolaridade constitui um importante factor para estruturação do espaço social das classes, procurámos nesta caracterização ter presentes os níveis de escolaridade do pai e da mãe (ou encarregados de educação).

QUADRO 3

Escolaridades dos/as progenitores (ou encarregados de educação)

Nível de escolaridade	G3		G4		G5		G2		G6		G7		Total
	Pai*	Mãe*	Pai*	Mãe*	Pai*	Mãe*	Pai*	Mãe*	Pai*	Mãe*	Pai*	Mãe*	
Não sabe ler/escriv.											1	1	2
Sabe ler/escrever													-
1.º Ciclo	3	3	3	1	3	3	1	2	2	2	4	1	28
2.º Ciclo		2	1	2	1	1			1	2		1	11
3.º Ciclo		2	2	6	2	3		1	3	1		1	21
Secundário	3	2		3	1	1	4	2	3	3	1	1	24
Ensino superior	1						3	3		1	1	1	10
Total	7	9	9	10	7	7	8	8	9	9	7	6	96
Não Respostas													8

*ou encarregados de educação

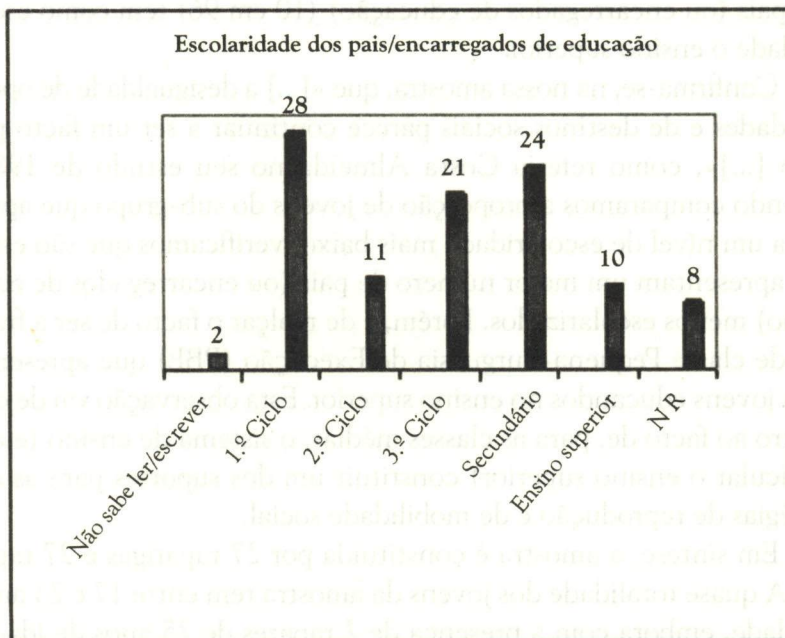


FIGURA 3 Níveis de escolaridade dos pais ou encarregados educação

Na sociedade portuguesa contemporânea o nível de escolaridade tem vindo a aumentar. A massificação e democratização do sistema de ensino para a geração da pós-revolução (altura em que viveram toda a infância os pais dos jovens da nossa amostra) são comprovadas pelos dados da tabela. Verificamos que a maioria dos pais (ou encarregados de educação) (55 em 96) tem entre o 3.º ciclo e o ensino superior. Os 2 elementos que não sabem ler e escrever pertencem a uma faixa etária anterior à referida, dado que são os avós de uma jovem da amostra, por exemplo.

Verificamos que o pai e/ou mãe (ou encarregados de educação) que apresentam um nível escolar mais elevado (secundário e ensino superior) (23 em 35) pertencem ao subgrupo dos jovens pré-universitários/universitários/licenciados. Os dados mostram ainda que apenas o pai de uma jovem do Grupo 3, ou seja, do subgrupo que apresenta um nível de escolaridade mais baixo, tem como nível de escolaridade o ensino superior. Consta-se igualmente apenas uma pequena parte

dos pais (ou encarregados de educação) (10 em 96) tem como escolaridade o ensino superior.

Confirma-se, na nossa amostra, que «[...] a desigualdade de oportunidades e de destinos sociais parece continuar a ser um facto pesado [...]», como referia Costa Almeida no seu estudo de 1988. Quando comparamos a proporção de jovens do sub-grupo que apresenta um nível de escolaridade mais baixo, verificamos que são estes que apresentam um maior número de pais (ou encarregados de educação) menos escolarizados. Porém, é de realçar o facto de ser a fracção de classe Pequena-Burguesia de Execução (PBE) que apresenta mais jovens educandos no ensino superior. Esta observação vai de encontro ao facto de, para as classes médias, o sistema de ensino (e em particular o ensino superior) constituir um dos suportes para as estratégias de reprodução e de mobilidade social.

Em síntese, a amostra é constituída por 27 raparigas e 27 rapazes. A quase totalidade dos jovens da amostra tem entre 17 e 23 anos de idade, embora com a presença de 2 rapazes de 25 anos de idade. Quanto à escolaridade 24 jovens (12 rapazes e 12 raparigas) pré-universitários, universitários ou licenciados e 30 jovens (15 raparigas e 15 rapazes) que frequentam cursos profissionais do Ministério da Educação e do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social — com habilitações académicas não superiores ao 3.º ciclo (9.º ano de escolaridade). Todos os elementos da amostra são residentes no distrito do Porto, maioritariamente na própria cidade do Porto. Residem em agregado familiar de origem ou recomposto, ou alargado, com excepção de 3 jovens universitários que, em períodos lectivos, partilham casa com outros estudantes. Quanto à religião a maioria afirma-se crente, católica não praticante e um número significativo afirma-se não crente, havendo apenas 2 casos de crentes de outras religiões. A classe social do grupo doméstico de origem é pequena burguesia (28 em 46), o operariado (10 em 46) ou a burguesia (8 em 46).

A estratégia de análise

GRANDE VOLUME DE INFORMAÇÃO produzida pelos estudos de tipo qualitativo envolve um tratamento, análise e interpretação, o que implica que o processo analítico entre na fase de uma maior profundidade.

Assim, finalizado o trabalho de campo, procedi à transcrição para papel. Este processo implicou uma escuta cuidadosa da gravação dos diálogos e falas produzidos na discussão, identificando e registando silêncios, interrupções, repetições, que pudessem ser devidamente descodificados e passíveis de uma atribuição de sentido, no contexto da situação de grupo.

Concluída a transcrição, a etapa seguinte foi marcada pela confrontação de uma diversidade de dados. Paralelamente, organizei e codifiquei a informação. Para a realização de procedimentos de cruzamento da informação recorri ao suporte informático — utilizando o *software NVivo7*.

A reflexão dos dados, realizada com base nas questões da investigação, apoiou-se na análise de conteúdo. Numa fase inicial procedi a uma análise da informação proveniente dos primeiros grupos ouvidos. A necessidade de desenvolver e aprofundar a análise antes do fim da recolha permitiu testar os fios condutores essenciais da investigação, permitiu reorientar a recolha de dados, adoptando uma óptica de reformulação decorrente do enriquecimento analítico, e ajustar o número de grupos a criar. A partir de uma abordagem enquadrada na teoria «enraizada» — ou *grounded theory* (Strauss;), fui estabelecendo uma relação dialéctica entre a informação recolhida e a reflexão teórica, tendo em vista enriquecer o entendimento sobre as informações disponíveis. Assim, foi a partir desta dialéctica que resultaram as primeiras categorias encontradas.



DURANTE A ANÁLISE tive sempre presente a ideia de que a produção de discurso não obedece apenas a uma lógica formal, mas a um raciocínio que, consciente ou inconscientemente, envolve combinações, símbolos, lógicas racionais e não racionais, etc. Ainda em relação aos aspectos formais da comunicação, parece pertinente referir que não foi minha intenção entender o funcionamento da linguagem, mas entendê-lo como indicador da actividade cognitiva do locutor, dos significados ou do uso social que faz da comunicação¹. Ou seja, «A escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do 'discurso' e o seu desenvolvimento são fontes de informação a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento.», como dizem Quivy e Campehndt no *Manual de Investigação em Ciências Sociais*.

Assim, o material qualitativo obtido foi objecto de um tratamento mais sistemático e detalhado, na medida em que procurei que as informações obtidas não fossem pensadas como um conjunto informe, ou seja, estas foram submetidas a uma estrutura². Nesse sentido, numa primeira fase, reuni a diversa informação por grupos de discussão e procedi a uma análise vertical, tendo em conta a sua lógica interna. Numa fase posterior, o conjunto da informação foi agrupado de acordo com o tema. Os textos transcritos das discussões foram codificados por um processo simultaneamente dedutivo e indutivo, dado que, por um lado, foram definidas *a priori*, algumas categorias que permitiram dar uma orientação prévia à leitura, por outro lado, procurou-se que a leitura dirigida não fosse obstáculo à necessária abertura às particularidades encontradas nos discursos — sistematizando-se, em categorias construídas *a posteriori*. Ao registo das categorias esteve subjacente a unidade semântica — com recurso a temas. Subjacente à unidade de registo tema, procurei descobrir a essência de sentido que compõe a comunicação, dado que inerente a uma regra de recorte está um determinado sentido, dando a entender valores, atitudes, crenças, etc.³ Para o autor, fazer uma análise temática *consiste em descobrir* os «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido.» [...] «O

tema é geralmente utilizado como unidade de registo para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não directivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupos, os psicodramas, as comunicações de massa, etc., podem ser, e são frequentemente, analisados tendo o tema por base», como diz Laurence Bardin na sua *Análise de Conteúdo*. Esta análise horizontal, tendo em conta os discursos produzidos pelos jovens em conjunto ou diferenciando-os por género, resultou em unidades conceptuais de significação complexa.

Nunca perdendo toda a centralidade analítica, procurámos em todo o processo cognitivo relacionar problemáticas, factos, opiniões e percepções, que nos orientavam para constantes conclusões provisórias, permanentemente reequacionáveis, onde alguns aspectos foram perdendo a sua importância e outros se foram tornando preeminentes. Durante este percurso, fomos levados a construir, simplificar, sistematizar e a reconstruir, para perceber o «sentido», o tipo ou o sistema de percepções. Para Albarello nas suas *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, uma «análise de conteúdos» não pode ser assimilada como uma «análise de textos» ou «análise de discursos». Estes são receptáculos, modos de expressão ou manifestações. De forma diferente é entendida a análise de conteúdo, próxima da ideia de *sentido, de coisa que se exprime; que é objecto da análise de conteúdo*. Embora a análise de conteúdo não permita destacar na íntegra as significações possíveis da mensagem, podemos grosseiramente considerá-la como uma técnica que permite, desde que enformada por um código-grelha adequado a um certo tipo de leitura, restituir o «sentido» de um texto⁴.

É na codificação dos dados brutos e na procura de maior abstracção que o investigador se deve manter criativamente alerta a possíveis conexões e relacionamentos que possam ajudar a dar um sentido teórico ao que vai sendo dito. Atendendo a este princípio, ao longo dos diferentes discursos, procurámos agrupar a informação diversa com uma certa afinidade ou com um denominador comum.

A categorização exploratória desencadeou leituras e releituras, avanços e recuos, construções de e reconstruções de operações de aná-

lise. Estas categorizações e análise iniciais foram apresentadas e debatidas com o Professor Michel Bozon. A discussão com este reconhecido especialista da área temática revelou-se de grande utilidade científica, dada a possibilidade de aprofundar especificamente a discussão sociológica sobre os diversos temas de análise. Todo este processo permitiu-me chegar a um quadro categorial relativamente estável.

Tendo presentes os objectivos propostos impunha-se uma opção metodológica que permitisse dar «voz» aos jovens. Através dos seus discursos organizados, entre (re) arranjos conversacionais abertos, foi possível seguir os movimentos reflexivos e a construção explicativa sobre o processo de criação de uma multiplicidade de formas da sexualidade. Sob um cenário de discussão/conversaço, as lógicas discursivas foram reveladoras da complexidade dos significados culturais e sociais — produtores de práticas e sentidos.

Assente numa pluralidade de categorias, encontrámos uma variedade de concepções explicativas, que adquirem sentidos diferenciados relativos aos contextos sócio-culturais e às trajectórias biográficas de cada jovem. É a partir desta riqueza discursiva que nos é possível entender a diversidade de significados. De forma a ilustrar esta diversidade de sentidos e a interpretação por mim alcançada, fui, ao longo da análise, utilizando as falas dos jovens da amostra. Assim, com uma amostra diversificada, foi possível detectar o essencial dos discursos dos jovens, bem como os diversos significados sobre o objecto.

As dificuldades da investigação

POR ÚLTIMO, gostaria de evidenciar algumas dificuldades com que me deparei, que se prendem com questões, quer do foro teórico conceptual, quer do domínio operacional.

Ao nível teórico-conceptual, gostaria de referir a dificuldade que senti na separação das várias problemáticas tratadas a propósito do objecto de estudo — quer ao nível da análise, quer da redacção. Tendo presente esta dificuldade, e como já referi na introdução, optei por abordar em paralelo os temas da sexualidade e da juventude. É de referir que em vários momentos fiz algumas reflexões em separado e distingui aspectos que se podem encontrar intimamente relacionados entre si. No entanto, procurei ultrapassar esta dificuldade, na segunda parte do trabalho, nomeadamente no subcapítulo da construção do objecto de estudo.

Ao nível operacional, do trabalho de campo, as dificuldades a salientar prendem-se essencialmente, com as dificuldades de organização dos grupos de discussão. Como já tive oportunidade de referir, torna-se necessário articular as diferentes disponibilidades dos participantes e do moderador. Parece igualmente pertinente referir que recei que os jovens depois de confirmarem a sua presença no grupo desistissem, pondo em causa a efectivação do projecto. Apesar de esta situação se ter verificado nalguns casos, o número de participantes desistentes não pôs em causa o *quorum* necessário para a audição do grupo. Paralelamente, por um lado, tive de atender à optimização de aspectos logísticos, nomeadamente reunir as condições de espaço e de registo de informação adequados; por outro, senti dificuldades subjacentes à transcrição dos discursos para papel e ao seu tratamento.

6.

Os questionários n.º1 e n.º2

Questionário n.º 1

É ANÓNIMO, NÃO SE ESQUEÇA

- 1— Idade: _____
- 2— Sexo: Rapariga
 Rapaz
- 3— Escolaridade _____
- 4— Concelho (localidade) onde vive _____
- 5— Religião/ espiritualidade
- 5.1— Não crente (passa para a pergunta 6)
- 5.2— Crente
- Católico praticante
- Católico não praticante
- Ortodoxo
- Protestante Qual? _____
- Outros Cristãos Qual? _____
- Muçulmano
- Judeu
- Outro Qual? _____
- 6 — Pessoa(s) com quem vive
- Mãe
- Pai
- Outos Quem? _____
-

	Pai	Mãe	Outra 1	Outra 2
6.1. Escolaridade				
6.2. Profissão				

6.3. Condição perante o trabalho (pessoa(s) com quem vive)

	Pai	Mãe	Outra 1	Outra 2
Activo				
Desempregado (há menos de um ano)				
Desempregado (há mais de um ano)				
Reformado/ aposentado				
Doméstica				
Estudante				
Outra — qual?				

7— A sua orientação sexual é :

Heterossexual Homossexual Bissexual Outra

Qual? _____

8— Como (ou com quem) obteve as primeiras informações sobre SEXUALIDADE

9— Já namorou? Não Sim

9.1— Que idade tinha no primeiro namoro? _____

9.2— Teve relações sexuais com penetração no primeiro namoro?

Não Sim

10.— Já teve relações sexuais com penetração?

Não

Sim

10.1— Idade da primeira relação sexual com penetração? _____

10.2— Na primeira penetração usou algum método contraceptivo?

Não

Sim Qual? _____

11.— Actualmente namora ou anda com alguém?

Não

Sim

11.1— Você e o seu parceiro(a) já:

	Sim	Não
Fizeram Sexo com penetração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fizeram Sexo oral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fizeram Sexo anal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se Masturbaram	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11.2— Na última relação sexual usaram algum método contraceptivo?

Não

Sim Qual? _____

Questionário n.º 2

É ANÓNIMO, NÃO SE ESQUEÇA

Sou rapariga

Sou rapaz

Em relação a esta actividade (Dê a sua opinião relativamente a cada um dos itens da coluna da esquerda)

	Concordo Plena- mente	Con- cordo	Discordo	Discordo Plena- mente	Não Sabe	Não res- ponde
Foi interessante						
Gostava que se repetisse						
Foi difícil falar						
Ficou muito por dizer						

Preferia falar destes assuntos: (marque com uma X apenas uma preferência)

Com este grupo em que já nos conhecemos	
Com outro grupo em que ninguém se conheça	
Preferia falar sem ser em grupo	

O que senti (Dê a sua opinião relativamente a cada um dos itens da coluna da esquerda)

	Sim	Não
Senti à-vontade em falar destes assuntos num grupo de rapazes e raparigas.		
Sentia-me mais à-vontade a falar destes assuntos com jovens do meu sexo.		
Senti à-vontade com a dinamizadora do grupo.		
Sentia-me mais à-vontade se o grupo fosse dinamizado por uma pessoa do sexo masculino.		
Sentia-me mais à-vontade se grupo fosse dinamizado por duas pessoas: um do sexo feminino e outro do sexo masculino.		

Algo mais que queira acrescentar

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO

NOTAS

INTRODUÇÃO

¹ Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994

² *Ibidem*, p.52

³ Weeks, J. (2003b), *Sexuality — second edition*, Londres e Nova Iorque, Routledge

⁴ Vilar, D., *Falar disso — A educação sexual nas famílias das adolescentes*, Porto, Edições Afrontamento, 2002

⁵ Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999

⁶ Giddens, A., *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora, 1997

⁷ Plummer, K. (2003a), *Intimate citizenship*, Washington, Universidade de Washington Press

⁸ Kaufmann, J.-C., *Sociologie du Couple*, Paris, Presses Universitaires de France, 2003

⁹ Bozon, M. (2002b), *Sociologie de la sexualité*, Paris, Nathan Université

¹⁰ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* Celta Editora, Oeiras, 1996

¹¹ *Ibidem*; Giddens, A., *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora, 1997

¹² Vaz, J.G.M., 'O ensino da sexologia — relato de uma experiência', *Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar* Porto, Universidade do Porto, 1988

¹³ Pais, J.M., *Culturas Juvenis* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Edition), Lisboa, 1993

¹⁴ Almeida, A.N.d., Vilar, D., André, I.M. and Lalande, P., *Fecundidade e contraceção*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais – ICS, 2004

¹⁵ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* Celta Editora, Oeiras, 1996

¹⁶ Pais, J.M. (1998b), 'Sexualidade', in Almeida, J.F.d., Pais, J.M., Torres, A.C., Machado, F.L., Ferreira, P.A. and Antunes, J.S. (eds.), *Jovens de hoje e de aqui*, Loures, Câmara Municipal de Loures — departamento sociocultural.

¹⁷ *Ibidem*;

Alferes, V., *Encenações e Comportamentos sexuais*, Porto, Edições Afrontamento; 2002

Pais, J.M. (1998b), 'Sexualidade', in Almeida, J.F.d., Pais, J.M., Torres, A.C., Machado, F.L., Ferreira, P.A. and Antunes, J.S. (eds.), *Jovens de hoje e de aqui*, Loures, Câmara Municipal de Loures — departamento sociocultural;

Silva, D.P.d., Carvalho, J.L.S., Telhado, C. and Romão, F. (2005), 'Avaliação das práticas contraceptivas das mulheres em Portugal', Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução

Vasconcelos, P., 'Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses', in Cabral, M.V. and Pais, J.m. (eds.), *Jovens portugueses de hoje*, Oeiras, Celta Editora, 1998

¹⁸ Bastos, C., *Ciência, poder, acção: as respostas à Sida*, Lisboa, ICS, 2002

¹⁹ Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994

²⁰ Carta de Otava — elaborada na Primeira Conferência Internacional de Promoção da Saúde realizada no Canadá, em 1986

²¹ Blaxter, M., *Health and lifestyles*, Londres, Routledge, 1998

Calnan, M. and Williams, S. (1991), 'Style of life and the salience of health: an exploratory study of health related practices in households from differing socio-economic circumstances', *Sociology of Health and Illness*, 13, 4, 506-529

²² Silva, L.F.d., *Saber Prático de Saúde: as lógicas do saudável no quotidiano*, Porto, Edições Afrontamento, 2008

²³ Bourdieu, P., *La Distinction*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1979

CAPÍTULO 1

¹ Weeks, J. (2003b), *Sexuality — second edition*, Londres e Nova Iorque, Routledge.

² «Naturalmente a sexualidade tem uma presença social palpável, moldando as nossas vidas pessoais e públicas. Considero que o que definimos como 'sexualidade' é uma construção histórica que reúne um conjunto de possibilidades biológicas e mentais distintas — identidade de género, diferenças físicas, capacidade reprodutiva, desejos, fantasias, práticas eróticas, instituições e valores — que necessitam de ser reunidas em conjunto e noutras culturas não o foram.» Weeks, *Ob. cit*

³ Andersen, M.L., *Thinking about Women — sociological perspectives on sex and gender*, London, Fourth Edition, 1983

⁴ Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999

⁵ Surge pela primeira vez, em 1975, no Dicionário de Inglês da Oxford

⁶ Caplan, P., 'The cultural construction of sexuality — Introduction', in Caplan, P. (ed.), *The cultural construction of sexuality*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1996

⁷ Bajos, N., Ferrand, M. and Andro, A., 'La sexualité à l'épreuve de l'égalité', in Bajos, N. and Bozon, M. (eds.), *Enquête sur la sexualité en France: pratiques, genre et santé*, Paris, La Découverte, 2008

⁸ Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999

⁹ Weeks, J. (2003b), *Sexuality — second edition*, Londres e Nova Iorque, Routledge

¹⁰ Bourdieu, P., *La Distinction*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1979; Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999

¹¹ *Ibidem*

¹² «Tudo se passa como se os condicionalismos sociais, ligados a uma condição social, tendessem a inscrever a relação com o mundo social numa relação durável e generalizada com o corpo, apresentando-a aos outros, deslocando-a, criando-lhe espaço que dá ao corpo a sua fisionomia social.» (Bourdieu, *Ob. Cit.*, 1979, 552).

¹³ Berger & Luckman, *Ob. Cit.*, Lisboa, Dinalivro, 1999. Também Bozon refere: «Deste modo não existe estado natural na sexualidade humana e o efeito da construção cultural não é censurar uma pulsão inicial pré-existente mas estabelecer as bases de uma interacção social que de outro modo não se produziria.» Bozon, *Ob. Cit.*, p. 170

¹⁴ López, F. and Fuertes, A., *Para compreender a sexualidade*, Lisboa, APF — Associação para o Planeamento da Família, 1999

¹⁵ Como escreve Jeffrey Weeks (1985): «As capacidades eróticas do animal humano consistem na capacidade de calor, intimidade e prazer que jamais poderão ser expressas 'espontaneamente', sem complexas transformações; são organizadas por uma densa teia de crenças, conceitos e actividades sociais numa História em constante mutação.» Weeks, *Ob. Cit.*, 1985, p. 4

¹⁶ «Explicações biológicas dos padrões de género na sociedade são muito relevantes para a maioria das pessoas mas, como veremos, não existe necessariamente uma relação certa entre as características biológicas da vida humana e as criaturas sociais em que nos transformamos. O laço entre a biologia e a vida humana é mediado pelas influências culturais.» Andersen, M. *Ob. Cit.*, 1983, p. 23

¹⁷ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* Celta Editora; Oeiras, 1996

Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999

Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994

¹⁸ Ariès, Philippe., 'L'amour dans le mariage', in Ariès, A.B.P. (ed.), *Sexualités occidentales*, Paris, Éditions du Seuil, 1982

Flandrin, J.-L., 'La vie sexuelle des gens mariés dans l'ancienne société: de la doctrine de l'Église à la réalité des comportements', in Ariès, P., e Béjin, A. (eds.), *Sexualités occidentales*, Paris, Éditions du Seuil, 1982

¹⁹ Ariès, P., *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*, Lisboa, Relógio D'Água, 1988

Ariès, P. e Duby, Georges., *História da Vida Privada — da Europa feudal ao Renascimento.*, Porto, Edições Afrontamento, 1990.

²⁰ «O mesmo é dizer que no âmago da moral cristã há uma forte desconfiança em relação aos prazeres da carne porque mantêm o espírito prisioneiro do corpo, impedindo-o de se elevar a Deus. É preciso comer para viver mas evitando deter-se nos prazeres da gula. Da mesma forma somos obrigados a unir-nos ao sexo oposto para nos reproduzirmos mas não nos deveremos afeiçoar aos prazeres sexuais. A sexualidade só nos foi dada para a reprodução.» Flandrin, *Ob. Cit.*, 1982, 120.

²¹ «Pela prática da confissão que na Idade Média se transforma numa forma de interrogatório sobre os pecados da carne, a igreja e o clero tratam de controlar a vida moral dos fiéis com o objectivo de impedir o sexo fora do casamento, de o limitar ao casal e às práticas que visem a inseminação.» Bozon, Michel, *Ob. Cit.*, 2002, p. 16

²² «No século XII a doutrina inscreve-se numa coerência de conjunto: o casamento é desejado por Deus, é um sacramento, obra do amor de Deus; casar é partilhar o amor divino. O amor matrimonial aproxima-se assim da *caritas* espiritual afastando-se do amor físico e impulsivo. O amor permite este milagre: afastar-se do pecado não obstante a união dos corpos.» Kaufmann, Jean Claude, *Ob. Cit.* 2003, p. 33

²³ Ariès, P. and Duby, G., *História da Vida Privada — da Europa feudal ao Renascimento.*, Porto, Edições Afrontamento, 1990

²⁴ «A união conjugal devia realizar-se na posição dita 'natural', a mulher de costas e o homem em cima. Todas as outras posições eram consideradas escandalosas e contranatura. A posição *mulier super virum* era contrária à natureza dos sexos masculino e feminino, sendo a mulher por natureza passiva e o homem activo.» Flandrin, Jean Louis, *Ob. Cit.* 1982, 97).

²⁵ Flandrin, J.-L. , 'La vie sexuelle des gens mariés dans l'ancienne société: de la doctrine de l'Église à la réalité des comportements', in Ariès, P. e Béjin, A. (eds.), *Sexualités occidentales*, Paris, Éditions du Seuil, 1982

²⁶ Rogemont, D.d., *O amor e o Ocidente*, Lisboa, Moraes Editores, 1982

²⁷ Ariès, P. and Duby, G., *História da Vida Privada — da Europa feudal ao Renascimento.*, Porto, Edições Afrontamento, 1990

Rogemont, Denis.de, *O amor e o Ocidente*, Lisboa, Moraes Editores, 1982

²⁸ Ariès, P. , 'L'amour dans le mariage', in Ariès, A.B.P. (ed.), *Sexualités occidentales*, Paris, Éditions du Seuil, 1982

Ariès, P. and Duby, G., *História da Vida Privada — da Europa feudal ao Renascimento.*, Porto, Edições Afrontamento, 1990

²⁹ Ariès, P., 'Le mariage indissoluble', in (Direc.), P.A.A.B. (ed.), *Sexualités occidentales*, Paris, Éditions du Seuil, 1982

Ariès, P. e Duby, G., *História da Vida Privada — da Europa feudal ao Renascimento.*, Porto, Edições Afrontamento, 1990

³⁰ Flandrin, J.-L., *Famílias parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995

³¹ Ariès, P. e Duby, G. (1990), *História da Vida Privada — da Europa feudal ao Renascimento.*, Porto, Edições Afrontamento, 1990, p. 228

³² Ariès, P., *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*, Lisboa, Relógio D'Água, 1988

³³ *Ibidem*; Flandrin, J.-L., *Famílias parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995

CAPÍTULO 2

¹ Bourdieu, Pierre. (2002b), *Questions de Sociologie*, Paris, Les Éditions de Minuit
Galland, O., *Sociologie de la jeunesse: l'entrée dans la vie*, Paris, Armand Colin, 1991

Pais, J.M., *Culturas Juvenis* Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1993

² Lenoir, R., 'Objecto Sociológico e Problema Social', in Champagne, P., Lenoir, R., Merllié, D. and Pinto, L. (eds.), *Iniciação à prática sociológica*, Petrópolis, Editora Vozes Lda, 1998

³ O mesmo será dizer que: «[...]consoante a época, os costumes, as instituições, as características populacionais dá-se mais ou menos importância a este aspecto e a juventude, a idade adulta, a velhice, são definidas pelas opiniões de forma muito diferente». Halbwachs, Maurice, *Ob. Cit.*

⁴ Bourdieu, P., *Le Sens Pratiques*, Les Editions de Minuit, 1980 e *Questions de Sociologie*, Paris, Les Éditions de Minuit

⁵ *Ibidem*

⁶ Cruz, M.B.d., 'A condição social da juventude portuguesa', *Análise Social*, XX, n.º 81-82, 1984, p. 285-308

⁷ Pais, J.M., 'A construção sociológica da juventude — alguns contributos', *Análise Social 3ª série*, XXV, n.º 105 -106, 1990, p. 139-165. Pais, J.M. (1993), *Culturas Juvenis*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa

⁸ Pais, J.M., *Culturas Juvenis*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1993

⁹ Pais, J.M., 'A construção sociológica da juventude — alguns contributos', *Análise Social 3ª série*, XXV, n.º 105 -106, 1990, p. 139-165

¹⁰ «Nestes olhares cruzados constata-se que a sociedade 'constrói' sempre a juventude não como um facto jurídico ou demográfico mas como um facto social insatável. Mais ainda, não como um facto social imediatamente observável mas como uma realidade cultural carregada de valores, costumes e símbolos». Levi & Schmitt, *Ob. Cit.*, 1996a, p. 8

¹¹ Flandrin, J.-L., *Famílias parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995

- ¹² Shorter, E., *A formação da família moderna*, Lisboa, Terramar, 1995
- ¹³ Elias, N., *O processo civilizacional*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989, p. 184
- ¹⁴ Bozon, M. (2002b), *Sociologie de la sexualité*, Paris, Nathan Université
- ¹⁵ Ariès, P. e Duby, G., *História da Vida Privada — da Europa feudal ao Renascimento.*, Porto, Edições Afrontamento, 1990
- ¹⁶ Ariès, P., *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*, Lisboa, Relógio D'Água, 1988, p. 307
- ¹⁷ *Ibidem*
- ¹⁸ Saraceno, C., *Sociologia da família*, Lisboa, Editorial Estampa, 1992, p. 132
- ¹⁹ *Ibidem*, p. 133
- ²⁰ *Ibidem*, p. 134
- ²¹ Feixa, C., *De jóvenes, bandas y tribus*, Barcelona, Editorial Ariel, 1999
- ²² Saraceno, C., *Sociologia da família*, Lisboa, Editorial Estampa, 1992
- ²³ Feixa, C., *La joventut com a metàfora — Sobre les cultures juvenils*, Generalitat de Catalunya; Departament de la Presidència; Secretaria General de Joventut, 1993
- ²⁴ Gillis, J.R., *Youth and history. Tradition and change in European age relations, 1770*, London, Academic Press, 1981, p. 133
- ²⁵ Feixa, C., *De jóvenes, bandas y tribus*, Barcelona, Editorial Ariel, 1999
- ²⁶ Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994
- ²⁷ *Ibidem*, p. 110
- ²⁸ *Ibidem*
- ²⁹ *Ibidem*
- ³⁰ *Ibidem*, p. 52
- ³¹ Simon, W., 'The postmodernization of sex', in Weeks, J., Holland, J. and Waites, M. (eds.), *Sexualities and Society*, Cambridge, Potity, 2003
- ³² Weeks, J. (2003b), *Sexuality — second edition*, Londres e Nova Iorque, Routledge
- ³³ Weeks, J., Holland, J. and Waites, M., 'Understanding sexualities and society', in Weeks, J., Holland, J. and Waites, M. (eds.), *Sexualities and Society*, Cambridge, Polity Press, 2003
- ³⁴ Caplan, P., 'The cultural construction of sexuality — Introduction', in Caplan, P. (ed.), *The cultural construction of sexuality*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1996
- ³⁵ «Implícita aos primeiros textos de sexologia estava uma tensão entre o domínio da sexualidade e as exigências da sociedade » (Weeks et al., 2003: 5)
- ³⁶ «Não a masturbação parece não ser perniciosa nem física, nem mentalmente. Entre os milhares de pessoas entrevistadas por Kinsey, nos anos 40 e 50, 94% dos homens e 40% das mulheres declararam ter atingido o orgasmo pela masturbação. Estudos mais recentes relatam que as mesmas percentagens de homens se

masturbam, tendo a percentagem de mulheres subido para 70% (ou mais consoante os estudos).» Reinisch & Beasley, 1990: 95

³⁷ Por exemplo, «Entre as mulheres americanas Kinsey descobriu que cerca de metade das universitárias e cerca de 20% das que não tinham estudos superiores tinham pelo menos um contacto sexual-erótico depois da puberdade. Só 2 ou 3% destas mulheres eram homossexuais assumidas.» Reinisch & Beasley, 1990: 140

³⁸ Como refere Weeks: «Mais ainda, documentando a diversidade de comportamentos sexuais e sugerindo que existem formas 'preversas' num *continuum* de comportamentos 'normais', o trabalho de Kinsey abriu a porta a mais amplas explicações sociais e a respostas culturais e políticas.» (Weeks *et al.*, 2003: p. 4)

³⁹ Tradução livre — Masters, W.H., Johnson, V.E. and Kolodny, R.C. *La sexualidad humana*, Barcelona, Grijalbo, 1987, p. 377

⁴⁰ Feixa, C., *De jóvenes, bandas y tribus*, Barcelona, Editorial Ariel, 1999

⁴¹ A este propósito o autor refere: «Os indivíduos diferem muito não só na idade, mas na sequência de etapas de repetição de uma história racial; um conhecimento de etapas emergentes e os agregados interesses das diferentes idades da vida é uma salvaguarda em relação à prevalência dos erros de educação e da vida.» (Hall, 1931: viii)

⁴² Erikson, E.H., *Infância e Sociedade*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971, p. 130

⁴³ Pais, J.M., *Culturas Juvenis*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1993

⁴⁴ A este respeito o autor refere: «Não é por acaso que aquilo que entendemos como delinquência juvenil se tornou o foco das atenções numa altura em a pressão para universalizar a adolescência se começou a fazer sentir, porque não obstante a sua aparente diferença estas matérias estão relacionadas. Os mesmos traços que estigmatizam certa juventude como delinquente – a precocidade e a independência da autoridade dos adultos – são justamente o oposto das do modelo adolescente. A delinquência serve para delinear os traços da conformidade e vice-versa. Historicamente as duas são de facto dialeticamente inseparáveis na sua origem, desenvolvimento e nenhum debate acerca de uma delas está completo sem investigar a outra.» (Gillis, 1981: 137)

⁴⁵ Feixa, C., *La joventut com a matàfora — Sobre les cultures juvenils*, Generalitat de Catalunya; Departament de la Presidència; Secretaria General de Joventut, 1993

⁴⁶ «Estes jovens falam uma outra língua e a língua que falam muda a cada dia ao mesmo tempo que a sociedade jovem se torna cada vez mais poderosa nos bairros da classe média e que os pais cada vez mais têm a sensação que as crianças constituem um mundo à parte» Coleman citado por Schmitt, 1996 p. 380).

⁴⁷ Feixa, C., *La joventut com a matàfora — Sobre les cultures juvenils*, Generalitat de Catalunya; Departament de la Presidència; Secretaria General de Joventut, 1993

⁴⁸ Michel, A., *Sociologie de la famille et du mariage*, s/cd, Presses Universitaires de France, 1978

⁴⁹ Jackson, S. and Jones, J., *Contemporary feminist theories*, Edimburgo, Edinburgh University Press, 1998

⁵⁰ Tradução livre — Feixa, C., *La joventut com a matàfora — Sobre les cultures juvenils*, Generalitat de Catalunya; Departament de la Presidència; Secretaria General de Joventut, 1993, p. 40

⁵¹ Vilar, D., *Falar disso A educação sexual nas famílias das adolescentes*, Porto, Edições Afrontamento, 2002

⁵² Tradução livre — Hall, S., *Los hippies: una contra-cultura*, Barcelona, Editorial Anagrama, 1970, p. 11

⁵³ *Idem*

⁵⁴ «O movimento feminista forçou o reconhecimento das diversas formas de subordinação sexual da mulher, desde a endêmica violência masculina, à misoginia, assédio sexual e persistente abuso de uma linguagem de conotação sexual. Dramatizou a natureza institucionalizada da 'heterossexualidade compulsiva'» (Weeks, 2003b: p. 9).

⁵⁵ Jackson, S. and Jones, J., *Contemporary feminist theories*, Edimburgo, Edinburgh University Press, 1998

⁵⁶ «Em resultado muito do que é tido como conhecimento objectivo do mundo foi produzido por homens, enquadrado pela sua situação social particular: em geral branco, classe média e heterossexual» (Jackson & Jones, 1998: p. 1)

⁵⁷ «Teóricos como O'Brien, Mackinnon, Jeffreys and Witting, ainda que controversos, têm tido algum impacto nas teorias e políticas feministas. A análise de O'Brien é ainda feita a partir dos que se interessam pelas particularidades femininas (e.g. Brodribb 1992); Witting influenciou alguns teóricos feministas e Queer, nomeadamente Judith Butler (1990); o trabalho destes autores dá corpo a algumas teorias da sexualidade radicais, especialmente críticas da pornografia.» (Jackson & Jones, 1998: p. 21).

⁵⁸ Finger, S., *Sexualité et société*, Paris, Ellipses, 2000

⁵⁹ «A conclusão é clara: o casal tornou-se uma realidade simultaneamente menos clara e menos estável; as tentativas informais de vida a dois e a mudança de parceiro, outrora a excepção, são perfeitamente legítimas.» (Kaufmann, 2003 :55)

⁶⁰ Michel, A., *Sociologie de la famille et du mariage*, s/cd, Presses Universitaires de France, 1978.

⁶¹ Nesse sentido, a autora refere: «Trata-se de um novo estilo de vida no qual a União Livre toma um lugar cada vez mais importante seja como primeira forma de união conjugal, seja como segunda, na sequência de um divórcio. É sem dúvida este o modelo que se desenvolve na Europa Ocidental e nos EUA não obstante a ética puritana.» (Michel, 1978 p. 185)

⁶² «Segundo Parsons, a família americana contemporânea tem os seguintes traços estruturais: é uma família nuclear ou conjugal, relativamente distante da parentalidade ampla, a residência é neolocal, baseia-se num sistema bilateral de parentalidade assente no casamento; os seus valores são orientados para a racionalidade»

dade. Numa palavra, o papel dos sexos e das gerações estão claramente diferenciados [...]» (Michel, 1978 :82)

⁶³ Torres, A.C., *Sociologia do casamento*, Oeiras, Celta Editora, 2001

⁶⁴ Leandro, M.E., *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*, Lisboa, Universidade Aberta, 2001

⁶⁵ «A segunda revolução contraceptiva, nos países desenvolvidos a partir de finais dos anos 60, põe fim a um processo secular. Caracteriza-se pela difusão massiva de métodos de contraceção clínicos que tem efeito psicológico para a mulher e por ela é controlado. Em França, bastaram duas décadas para que os métodos clínicos substituíssem completamente os métodos tradicionais.» (Bozon, 2002b : 31).

⁶⁶ Vilar, D., *Falar disso A educação sexual nas famílias das adolescentes*, Porto, Edições Afrontamento, 2002

⁶⁷ *Ibidem*

⁶⁸ «É justo dizer, contudo, que só desde os anos 60 à medida que a ideia de políticas sexuais começou a ter impacto e ressonância, deslocando-se em termos políticos da periferia para o centro e do coração do mundo moderno para todo o globo em termos de impacto geo-político.» (Weeks, 2003b:92)

⁶⁹ Vilar, D., *Falar disso A educação sexual nas famílias das adolescentes*, Porto, Edições Afrontamento, 2002

⁷⁰ Daniel, H. and Parker, R., *Sexuality, politics and AIDS in Brazil*, London, The Falmer Press, 1993

⁷¹ Almeida, M.V.d., 'Sida: A doença Impura', *Planeamento Familiar — APF*, nº 58/59, 1993

⁷² Sontag, S., *La maladie comme métaphore/Le Sida et ses Métaphores*, Christian Bourgois Editeur, 1993

⁷³ Weeks, J., *Sexuality and its discontents- meanings, myths & modern sexualities*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1985

⁷⁴ Sontag, S., *La maladie comme métaphore / Le Sida et ses Métaphores*, Christian Bourgois Editeur, 1993

⁷⁵ Loyola, M.A., 'A sexualidade como objecto de estudo das ciências humanas', in Heilborn, M.L. (ed.), *Sexualidade. O olhar das ciências sociais*, Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 1999

⁷⁶ Rouco, J.J.M., 'Sexualidade e mudanças de comportamentos: uma estratégia lúdica de prevenção da Aids', in Heilborn, M.L. (ed.), *Sexualidade. O olhar das ciências sociais*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999

⁷⁷ Foram analisadas as mensagens provenientes de 61 cartazes, desde 1993, — cartazes cedidos pelo Centro de Documentação e Informação da Coordenação Nacional para a Infecção VIH/sida, 2007.

⁷⁸ Crawford, R., 'The boundaries of the self and the unhealthy other: reflections on health, culture and AIDS', *Social Science Medicine*, 38, n.º 10, 1994, pp. 1347-1365

CAPÍTULO 3

¹ Pais, J.M. (1998a), 'Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos anos?', in Cabral, M.V. and Pais, J.M. (eds.), *Jovens portugueses de hoje*, Oeiras, Celta Editora

² Em Portugal, o sistema de ensino tem vindo a permitir a contenção do desemprego juvenil — conclusão de inquéritos realizados entre 1987 e 1997 (segundo José Machado Pais, 1998).

³ Pais, J.M., *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*, Porto, Âmbar, 2001

⁴ *Ibidem*, p. 7

⁵ «Dado que muitos jovens interiorizaram muito mais intensamente o valor do bem-estar, em detrimento do da autonomia, a forma da sua *utility shape*, como dizem os economistas, é muito peculiar. Dada esta situação, crescer e tornar-se adulto não é uma 'escolha racional'.» (Cavalli, 1997 p. 183).

⁶ Ferreira, P.M., 'Situações juvenis de transição para a idade adulta', in Cabral, M.V. and Pais, J.M. (eds.), *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo: resultados de um inquérito aos jovens portugueses em 2000*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 4

⁷ Pais, J.M., 'A geração yô-yô', *Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces, Outros olhares*, vol. II, Lisboa, 1996, 111- 125; Pais, J.M., 'Transition and youth cultures: forms and performances', *International Social Science Journal*, n.º 164, 2000, pp. 219-232

⁸ «Porquê recorrer a uma metáfora para caracterizar uma condição social? [...] É que as metáforas, como os tropismos, são por vezes preferíveis aos modelos teóricos carregados de abstrações, artificialismos, sofisticacões. Estes, tais como os conceitos, implicam uma rigidificação (modelização) da realidade. As metáforas, pelo contrário, são movimentos deslizantes (yô-yô) de uma ideia a outra, permitindo-nos mais facilmente percorrer a realidade.» (Pais, 1996, *Ibidem*, pp: 111)

⁹ Na expressão de Baudelaire (1860), citada por Pais (2000, *Ibidem*, pp: 220

¹⁰ Pais, J.M., 'A geração yô-yô', *Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces, Outros olhares*, vol. II, Lisboa, 1996, 111- 125, p. 120.

¹¹ *Ibidem*; Pais, J.M., 'Transition and youth cultures: forms and performances', *International Social Science Journal*, n.º 164, 2000, pp. 219-232

¹² *Ibidem*

¹³ *Ibidem*; Pais, J.M., 'Transition and youth cultures: forms and performances', *International Social Science Journal*, n.º 164, 2000, pp.219-232

¹⁴ Pais, J.M., 'Transition and youth cultures: forms and performances', *International Social Science Journal*, n.º 164, 2000, pp.219-232

¹⁵ Plummer, K. (2003a), *Intimate citizenship*, Washington, University of Washington Press

¹⁶ Jaspard, M. , *Sociologie des comportements sexuels*, Paris, Éditions La Découverte, 2005

¹⁷ (2003b), *Sexuality — second edition*, Londres e Nova Iorque, Routledge

¹⁸ *Music Television* é um canal de televisão norte-americano. Com uma programação originalmente dedicada totalmente a videoclipes. Actualmente, tem vindo reduzir a quantidade de música transmitida e a produzir uma variedade de *reality shows* e programas de televisão relacionados à cultura *pop*, cujo público-alvo é formado, principalmente, por adolescentes e jovens.

¹⁹ Série portuguesa transmitida por uma televisão generalista. O nível de audiências (principalmente, formado por adolescentes e jovens) tem permitido que a série permaneça sucessivamente desde 2003.

²⁰ Plummer, K. (2003b), 'Intimate citizenship and culture of sexual story telling', in Weeks, J. (ed.), *Sexualities and society*, Cambridge, Polity Press

²¹ A este propósito Jaspard (2005) refere que «Très omniprésent dans les médias, le sexe est un produit de consommation qui se donne à voir, se vend et fait vendre.» (Jaspard, 2005:112).

²² Para quem pesquisa através de um qualquer motor de busca com as palavras «free live sex».

²³ «A organização moderna dos *mass media* alterou o acesso a mundos que antes não eram visíveis, acessíveis ou sequer concebíveis.» (Plummer, 2003b p. 34).

²⁴ 'Intimate citizenship and culture of sexual story telling', in Weeks, J. (ed.), *Sexualities and society*, Cambridge, Polity Press, 2003b

²⁵ Gauntlett, D. and Hill, A., *TV living: television, culture and everyday life* Londres, Routledge, 1999

²⁶ Castells, M., *O poder da Identidade — a era da informação: economia, sociedade e cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

²⁷ *Ibidem*

²⁸ *Ibidem*, p. 440

²⁹ Baudrillard, J., *A sociedade de consumo*, Lisboa, Edições 70, 1995

³⁰ Breton, D.L., *Des visages*, Paris, Éditions Métailié, 2003 — 1.^a ed 1992

³¹ Galland, O., *Sociologie de la jeunesse: l'entrée dans la vie*, Paris, Armand Colin, 1991

³² Weeks, J. (2003b), *Sexuality — second edition*, Londres e Nova Iorque, Routledge

³³ Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994

³⁴ Cascais, A.F., 'Corpo, poder e desigualdade', *Manifesto: sexualidades; éticas; estéticas*, n^o5, Abril, 2004, pp.36-55

³⁵ Lipovetsky, G., *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000

³⁶ Giddens, A., *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora, 1997

³⁷ Breton, D.L., *Des visages*, Paris, Éditions Métailié, 2003 — 1.^a ed 1992

³⁸ «É através do rosto que se lê a humanidade do Homem e se impõe com evidência a diferença ínfima que distingue um de outro. Ao mesmo tempo, os seus

movimentos, os traços que o marcam, o sentimento que dele se desprende, recordam-nos que o meio social é a matriz a partir da qual cada actor forja a singularidade dos seus traços e expressões. Todo o rosto entrecruza o íntimo e o público. Todos os homens se assemelham mas não há nenhum igual ao outro.» (Breton, 2003 p. 138).

- ³⁹ Giddens, A., *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora, 1997
- ⁴⁰ *Ibidem*, p. 54
- ⁴¹ Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999
- ⁴² *Ibidem*
- ⁴³ *Ibidem*, p. 9
- ⁴⁴ *Ibidem*
- ⁴⁵ Berger, P.L. and Luckmann, T., *A construção social da realidade*, Lisboa, Dinalivro, 1999, pp. 180
- ⁴⁶ Dubar, C., *A socialização*, Porto, Porto Editora, 1997 pp. 108
- ⁴⁷ Bauman, Z., *Identidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005
- ⁴⁸ Kaufmann, J-C. *A invenção de Si*, Lisboa, Instituto Piaget, 2005
- ⁴⁹ Kaufmann, *Ibidem*, pp. 17
- ⁵⁰ Lahire, B., *O Homem Plural: as molas da acção*, Lisboa, Instituto Piaget, 2003
- ⁵¹ Giddens, A., *As consequências da modernidade*, Oeiras, Celta Editora, 2002
- ⁵² Giddens, A., *As consequências da modernidade*, Oeiras, Celta Editora, 2002, p.13
- ⁵³ Bauman, Z., *Identidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005
- ⁵⁴ *Ibidem*, p. 57
- ⁵⁵ *Ibidem*, p. 60
- ⁵⁶ Giddens, A., *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora, 1997
- ⁵⁷ Beck, U, 'A reinvenção da política', in Beck, U., Giddens, A. and Lash, S. (eds.), *Modernização reflexiva*, Oeiras, Celta Editora, 2000
- ⁵⁸ Giddens, A. (2000b), 'Viver numa sociedade pós-tradicional', in Lash, U.B.A.G.S. (ed.), *Modernização reflexiva*, Oeiras Editora, Celta. p. 72
- ⁵⁹ *Ibidem*.
- ⁶⁰ *Ibidem*, p.73
- ⁶¹ Bourdieu, P., *La Distinction*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1979
- ⁶² Lahire, B., *O Homem Plural*, Instituto Piaget, Lisboa, 2004
- ⁶³ *Ibidem*.
- ⁶⁴ *Ibidem*, p. 27
- ⁶⁵ Lahire, B., *L'esprit sociologique*, Paris, Éditions la Découverte, 2005, pp. 37
- ⁶⁶ *Ibidem*
- ⁶⁷ Goffman, E., *A apresentação do eu na vida de todos os dias* Lisboa, Relógio D'Água, 1993
- ⁶⁸ Goffman, E., *Ibidem*, pp. 283
- ⁶⁹ (2003a), 'Necessary fictions: sexual identities and politics of diversity', in Weeks, J., Holland, J. and Waites, M. (eds.), *Sexualities and Society*, Cambridge, Polity Press

⁷⁰ Ramalho, M.I., 'A sogra de Rute ou intersexualidades', in Santos, B.d.S. (ed.), *Globalização: fatalidade ou utopia?*, Porto, Edições Afrontamento, 2002, pp. 537

⁷¹ Weeks, J. (2003b), *Sexuality — second edition*, Londres e Nova Iorque, Routledge

⁷² Tradução livre. *Ibidem*, p. 9

⁷³ Weeks, J. (2003a), 'Necessary fictions: sexual identities and politics of diversity', in Weeks, J., Holland, J. and Waites, M. (eds.), *Sexualities and Society*, Cambridge, Polity Press

⁷⁴ «A nossa família, pares e professores, bem como os *media* e os grupos religiosos agem como agentes do processo de socialização. Embora possivelmente nenhum de nós se transforme no que o ideal de socialização determina, o nosso papel nas instituições sociais é condicionado pelas relações de género que apreendemos no nosso desenvolvimento social.» (Andersen, 1983:32)

⁷⁵ A este propósito a autora refere que: «A pressão para adoptar comportamentos de género adequados prova que o processo de socialização nos controla de diversas formas. Primeiro dá-nos uma definição de nós mesmos. Segundo define o mundo e o nosso papel nele. Terceiro dá-nos uma definição dos outros e da nossa relação com eles. Quarto, o processo de socialização encoraja e desencoraja a aquisição de de certas competências consoante o género.» (Andersen, 1983 p. 33).

⁷⁶ Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999

⁷⁷ *Ibidem*

⁷⁸ *Ibidem*, p. 25

⁷⁹ Hérítier, F., *Masculino feminino: o pensamento da diferença*, Instituto Piaget, 1998, pp. 212

⁸⁰ Pina-Cabral, J.d., *Filhos de Adão, filhas de Eva — a visão do mundo camponesa do Alto Minho*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989, pp. 111

⁸¹ Weeks, J. (2003b), *Sexuality — second edition*, Londres e Nova Iorque, Routledge

⁸² Esta expressão «tornou-se comum no vocabulário quer das Ciências Sociais quer do activismo político-sexual, a partir da sua introdução por pensadores do movimento gay. Significa o medo da homossexualidade, dos homossexuais e da própria homossexualidade latente [...]» (Almeida, 1995:69).

⁸³ «A convicção de que a heterossexualidade é a única forma natural de expressão sexual tem a sua génese num enquadramento cultural que define a homossexualidade como desviante e patológica» [...] «O conceito de heterossexualidade compulsiva indica o nível a que estão estruturadas pelas instituições sociais as escolhas sexuais, as relações e os privilégios. A convicção de que a mulher precisa do homem para adquirir maturidade sexual reflecte a ideia de que a mulher depende do homem para a sua realização sexual, emocional, bem como para o bem-estar económico.» (Andersen, 1983: 82).

⁸⁴ Referência de Miguel Vale de Almeida aquando da apresentação dos resultados do inquérito «Saúde e Sexualidade», que teve lugar no dia 6 de Maio de 2008, no Instituto de Ciências Sociais (inquérito realizado no âmbito do projecto «Comportamentos sexuais e a infecção VIH/SIDA em Portugal» — protocolo de colaboração entre a Coordenação Nacional para a infecção VIH/SIDA e o ICS).

⁸⁵ Butler, J., *Bodies that matter — on the discursive limits of sex* New York Routledge, 1993.

⁸⁶ «A teoria *queer* assinala um novo modo de vida. [...] Queer já está no domínio comum como bisexual, numa teoria construcionista das origens, uma teoria que se caracteriza pela abertura e pela incerteza. A teoria *Queer* destaca preocupações deontológicas, fomentando a contestação das formas existentes de poder e hierarquia — incluindo o sexismo, racismo, classismo e a homofobia — e elevando-as a um imperativo moral. Valoriza também a variação sexual, a experimentação e recusa em classificar claramente ou categorizar os desejos sexuais do homem ou da mulher, as suas atracções, fantasias ou comportamentos; embora possam ser predominantemente homoeróticos, bioeróticos, heteroeróticos, são definidos acima de tudo por um compromisso político e uma visão social e não pela sua orientação sexual.» (Hostetler & Herdt, 1998: 16).

⁸⁷ Plummer, K. (2003a), *Intimate citizenship*, Washington, University of Washington Press

⁸⁸ «Um grau de possibilidades muito mais amplo está agora disponível. Enquanto o mundo tradicional era concebido, em geral, como um mundo singular, o mundo pós-moderno da intimidade é um mundo plural. Assim, enquanto antes falávamos em 'homem e mulher' falamos agora em masculinidades e feminilidades e naturalmente em géneros.» (Plummer, 2003a: 19)

⁸⁹ Kaufmann, J.-C., *Sociologie du Couple*, Paris, Presses Universitaires de France, 2003

⁹⁰ Giddens, A., *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora, 1997

⁹¹ Kaufmann, J.-C., *Sociologie du Couple*, Paris, Presses Universitaires de France, 2003

⁹² «Passámos de uma definição institucional do casal a uma definição subjectiva e inter-subjectiva que dá protagonismo à relação sexual.» (Bozon, 2002b p. 36).

⁹³ (2002b), *Sociologie de la sexualité*, Paris, Nathan Université.

⁹⁴ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (2ª Edition), Oeiras, 1996; *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora, 1997

⁹⁵ Weeks, J. (2003a), 'Necessary fictions: sexual identities and politics of diversity', in Weeks, J., Holland, J. and Waites, M. (eds.), *Sexualities and Society*, Cambridge, Polity Press.; (2003b), *Sexuality — second edition*, Londres e Nova Iorque, Routledge

⁹⁶ Weeks, J. (2003b), *Sexuality — second edition*, Londres e Nova Iorque, Routledge

⁹⁷ Plummer, K. (2003a), *Intimate citizenship*, Washington, University of Washington Press.

CAPÍTULO 4

¹ Mónica, M.F., 'A evolução dos costumes em Portugal 1960-1995', in Barreto, A. (ed.), *A situação social em Portugal 1960-1995*, Lisboa ICS — Universidade de Lisboa, 1997

² Mónica, M.F., 'A evolução dos costumes em Portugal 1960-1995', in Barreto, A. (ed.), *A situação social em Portugal 1960-1995*, Lisboa ICS — Universidade de Lisboa, 1997

³ Lopes, J.d.S., 'A economia portuguesa desde 1960', in Barreto, A. (ed.), *A situação social em Portugal, 1960-1995*, Lisboa ICS — Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, 1997

⁴ A partir desta altura, assiste-se como que ao encerramento do grande ciclo migratório transatlântico — que desde o século XIX tivera como destino preferencial o Brasil. Barreto (2000a)

⁵ Barreto, A. (2000a), *A situação social em Portugal 1960-1999*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais

Barreto, o.A. (2000b), *A situação Social em Portugal 1960-1999*, Lisboa Imprensa de Ciências Sociais

Serrão, J., 'Notas sobre a emigração e mudança social no Portugal contemporâneo', *Análise Social XXI*, nº84 (88-89), 1995, pp. 995-1004

⁶ Barreto, A. (2000a), *A situação social em Portugal 1960-1999*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais

⁷ *Ibidem*, p. 71

⁸ Mónica, M.F., 'A evolução dos costumes em Portugal 1960-1995', in Barreto, A. (ed.), *A situação social em Portugal 1960-1995*, Lisboa ICS — Universidade de Lisboa, 1997

⁹ O processo de integração na Comunidade Económica Europeia (actualmente designada por União Europeia) foi iniciado em 1977

¹⁰ Barreto, A., *Tempo de Mudança*, Lisboa, Relógio D'Água, 1999

Barreto, A. (2000a), *A situação social em Portugal 1960-1999*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais

¹¹ Mónica, M.F., 'A evolução dos costumes em Portugal 1960-1995', in Barreto, A. (ed.), *A situação social em Portugal 1960-1995*, Lisboa ICS — Universidade de Lisboa, 1997

¹² *Ibidem*

¹³ *Ibidem*, p. 230

¹⁴ Santos, B.d.S., *Portugal: um retrato singular*, Santa Maria da Feira, 1993

¹⁵ *Ibidem*, p. 54

¹⁶ Santos, B.d.S., *Portugal: um retrato singular*, Santa Maria da Feira, 1993, p. 54

¹⁷ Ambrósio, M.T. (1985), 'Aspirações sociais e políticas de educação', *Mudanças sociais no Portugal de hoje XXI*; n.º 87-88-89, 1985, pp. 1023 -1039

¹⁸ *Ibidem*

¹⁹ Bourdieu, J.-C.P.P., *A Reprodução*, Lisboa, Editorial Veja, 1964

²⁰ Costa, A.F.d., Machado, F.L., 'Processos de uma modernidade inacabada', in Viegas, J.M.L., Costa, A.F.d. (eds.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, 1998

²¹ A análise sócio-demográfica permite confirmar a relação deste aumento com a urbanização e os níveis crescentes de escolarização de homens e mulheres, dado que a percentagem de divórcios é significativamente superior nos grandes centros urbanos (significativamente maior no Sul que no Norte do país), entre os profissionais liberais e entre os quadros médios e superiores (Torres, 1996).

²² Torres, A.C., *Divórcio em Portugal*, Oeiras, Ditos e Interditos, 1996

Wall, K., *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Lisboa, ICS- Imprensa de Ciências Sociais, 2005

²³, K. and Aboim, S. 'Perfis regionais de mudança familiar', *Sociologia — problemas e práticas*, n.º43,2003, pp. 97-100

²⁴ Análise Regional com base no enquadramento da NUT III – região que abrange os seguintes concelhos: Pombal, Marinha Grande, Leiria, Batalha e Porto de Mós.

²⁵ Wall, K. and Aboim, S., 'Perfis regionais de mudança familiar', *Sociologia — problemas e práticas*, n.º 43, 2003, pp. 97-100

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ Barreto, A., 'Mudança Social em Portugal:1960-2000', in Barreto, A. and Pinto, A.C. (eds.), *Portugal contemporâneo*, Lisboa, Dom Quixote, 2004

²⁸ Wall, K., *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Lisboa, ICS- Imprensa de Ciências Sociais, 2005

²⁹ *Ibidem*

³⁰ *Ibidem*, p. 49

³¹ Vaz, J.M., *Educação sexual na escola*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996

³² *Ibidem*, p. 55

³³ Lei n.º 3/84. DR 71/84 SÉRIE I de 1984-03-24

³⁴ Portaria n.º 52/85. DR 22/85 SÉRIE I de 1985-01-26

³⁵ Decreto Regulamentar n.º 7/2005 de 10 de Agosto

³⁶ A 25 de Agosto de 2005, foi nomeado para Coordenador Nacional para a Infecção VIH/SIDA o Prof. Doutor José Henrique Barros.

³⁷ Para além deste programa existe ainda: o programa nacional de prevenção e controlo das doenças cardiovasculares; o programa nacional de prevenção e controlo das doenças oncológicas e o programa nacional para a saúde das pessoas idosas (e cidadãos em situação de dependência).

³⁸ Lei n.º120/99. DR 186/99 SÉRIE I- A de 1999-08-11

³⁹ Decreto-Lei n.º 259/2000. DR 240 SÉRIE I-A de 2000-10-17

- ⁴⁰ Resolução da AR n.º 57/2002. DR 240 SÉRIE I-Ade 2002-10-17
- ⁴¹ Despacho n.º 19737/2005 (2º série). DR 176 SÉRIE II de 2005-09-13
- ⁴² Sampaio, D., Baptista, M.I.d.C.A.M., Matos, M.G.d. and Silva, M.O.d., 'Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES) — Relatórios: preliminar, de Progresso e Final', 2005 a 2007
- ⁴³ http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=298&fileName=gres_rel_final.pdf
- ⁴⁴ Lei n.º 60/2009. DR 151 SÉRIE I-A de 2009-08-06
- ⁴⁵ <http://www.slideshare.net/educarasaude/portaria-n-196-a-2010-educao-sexual>
- ⁴⁶ Lei n.º 12/2001. DR 124 SÉRIE I-A de 2001-05-29
- ⁴⁷ Lei n.º 6/84 SÉRIE I de 1984-05-11
- ⁴⁸ Lei n.º 90/97. DR 174/97 SÉRIE I-A de 1997-07-30
- ⁴⁹ Lei n.º 16/2007. DR 75/07 SÉRIE I-A de 2007-04-17
- ⁵⁰ Barreira, C. 'Os estilos de vida e convívio quotidiano', in Reis, A. (ed.), *Portugal 20 anos de democracia*. Temas e Debates, 1996
- ⁵¹ Diniz, M.C. 'O amor e a sexualidade', in Reis, A. (ed.), *Portugal 20 anos de democracia*, Temas e Debates, Lisboa, 1996
- ⁵² Barreira, C. (1996), 'Os estilos de vida e convívio quotidiano', in Reis, A. (ed.), *Portugal 20 anos de democracia*, Temas e Debates, Lisboa, 1996
- ⁵³ Pais, J.M. (1998a), 'Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos anos?' in Cabral, M.V. and Pais, J.M. (eds.), *Jovens portugueses de hoje*, Oeiras, Celta Editora
- ⁵⁴ *Ibidem*
- ⁵⁵ Barreira, C., 'Os estilos de vida e convívio quotidiano', in Reis, A. (ed.), *Portugal 20 anos de democracia*, Temas e Debates, Lisboa, 1996
- ⁵⁶ *Ibidem*, p. 493
- ⁵⁷ *Ibidem*, p. 495
- ⁵⁸ Barreira, C., 'Os estilos de vida e convívio quotidiano', in Reis, A. (ed.), *Portugal 20 anos de democracia*, Temas e Debates, Lisboa, 1996
- ⁵⁹ Figueiredo, E., *Valores e Gerações anos 80 anos 90*, Lisboa ISPA, 2001
- ⁶⁰ *Ibidem*
- ⁶¹ *Ibidem*
- ⁶² Vaz, J.M. O ensino da sexologia — relato de uma experiência', *Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar* Porto Universidade do Porto, 1988
- ⁶³ (1983-1984 e 1985-1986)
- ⁶⁴ *Idem*
- ⁶⁵ Entrevista em profundidade a jovens residentes na área metropolitana de Lisboa (1995) e Inquéritos por questionário a jovens do concelho de Loures (1996),
- ⁶⁶ Torres, A.C., 'Casar? Porque não? Práticas e perspectivas de jovens portugueses sobre o casamento e a família', in Chisholm, J.M.PL. (ed.), *Jovens em mudança* Lisboa, ICS, 1997, pp. 219.

⁶⁷ Vasconcelos, P. 'Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses', in Cabral, M.V. and Pais, J.m. (eds.), *Jovens portugueses de hoje*, Oeiras, Celta Editora, 1998.

⁶⁸ *Ibidem*, pp. 302

⁶⁹ Alferes, V., *Encenações e Comportamentos sexuais*, Porto, Edições Afrontamento, 2002.

⁷⁰ INE, P.-. (2001), 'Inquérito à Fecundidade e Família — Resultados Definitivos — 1997' http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=133771&PUBLICACOESTema=Qualquer&PUBLICACOESmodo=2.

⁷¹ Alferes, V., *Encenações e Comportamentos sexuais*, Porto, Edições Afrontamento, 2002

⁷² Almeida, A.N.d., Vilar, D., André, I.M. and Lalanda, P., *Fecundidade e contraceção*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais – ICS, 2004

⁷³ Alferes, V., *Encenações e Comportamentos sexuais*, Porto, Edições Afrontamento, 2002

⁷⁴ Pais, J.M., 'Família, sexualidade e religião', *Análise Social*, XXI (86), 345-389, 1985, pp. 378

⁷⁵ José Machado Pais em 1985, tendo por base os resultados do inquérito sobre os valores e atitudes dos jovens portugueses, implementado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, constatou que os jovens que referiram que nunca tiveram relações sexuais são católicos praticantes, e, especificamente as raparigas (64,3%), que, no entanto admitem vir a perder a virgindade antes do casamento.

⁷⁶ Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999.

⁷⁷ Anthony Giddens refere um estudo de Heather Formani, realizado em 1981, onde mostra que, quando comparados com as mulheres, os homens apresentam uma sexualidade incessante.

⁷⁸ Monteiro, S., 'Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca', in Heilborn, M.L. (ed.), *Sexualidade — o olhar das ciências sociais*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999

⁷⁹ INE, P.-. (2001), 'Inquérito à Fecundidade e Família — Resultados Definitivos — 1997' http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=133771&PUBLICACOESTema=Qualquer&PUBLICACOESmodo=2.

⁸⁰ Silva, D.P.d., Carvalho, J.L.S., Telhado, C. and Romão, F., 'Avaliação das práticas contraceptivas das mulheres em Portugal', Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução, 2005

⁸¹ Vaz, J.G.M. (1988), 'O ensino da sexologia — relato de uma experiência', *Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar* Porto Universidade do Porto, 1999, pp. 205

⁸² Almeida, A.N.d., Vilar, D., André, I.M. and Lalanda, P., *Fecundidade e contraceção*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais – ICS, 2004

Silva, D.P.d., Carvalho, J.L.S., Telhado, C. and Romão, F., 'Avaliação das práticas contraceptivas das mulheres em Portugal', Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução, 2005

⁸³ Silva, D.P.d., Carvalho, J.L.S., Telhado, C. and Romão, F., 'Avaliação das práticas contraceptivas das mulheres em Portugal', Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução, 2005

⁸⁴ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (2.^a edição), Oeiras, 1996

⁸⁵ Pais, J.M. (1998b), 'Sexualidade', in Almeida, J.F.d., Pais, J.M., Torres, A.C., Machado, F.L., Ferreira, P.A. and Antunes, J.S. (eds.), *Jovens de hoje e de aqui*, Loures, Câmara Municipal de Loures — departamento sócio-cultural

⁸⁶ Alferes, V., *Encenações e Comportamentos sexuais*, Porto, Edições Afrontamento, 2002

Almeida, A.N.d., Vilar, D., André, I.M. and Lalanda, P., *Fecundidade e contraceção*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais – ICS, 2004

Pais, J.M., 'Família, sexualidade e religião', *Análise Social*, XXI (86), 345-389, Lisboa, 1985

Silva, D.P.d., Carvalho, J.L.S., Telhado, C. and Romão, F., 'Avaliação das práticas contraceptivas das mulheres em Portugal', Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução, 2005

Vasconcelos, P., 'Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses', in Cabral, M.V. and Pais, J.M. (eds.), *Jovens portugueses de hoje*, Oeiras, Celta Editora, 1998

II PARTE

CAPÍTULO 5

¹ Santos, B.d.S. (1993), *Portugal: um retrato singular*, Santa Maria da Feira.

² Pormenores no anexo 1. Características da opção metodológica

³ Fern, 2001; Ibañez, 1992; Krueger, 1991; Stewart et al., 2006).

⁴ Frith, 2000. O autor refere especificamente: «[...] decisões sexuais (Gilmore e tal, 1996; Kline e tal., 1992), comunicação sexual (Motley and Reeder, 1995; Nolin and Petersen, 1992; Wingood et al. 1993), agressão sexual (Norris et al., 1996), riscos sexuais (Hammer et al., 1996; Vera et al., 1996), avaliação da educação sexual (Cairns et al., 1994; Kitzinger, 1990; Lupton and Tulloch, 1996; Taylor and Ward, 1991) atitudes perante a contraceção (Folch-Lyon et al, 1981; Kisker, 1985; Shervington, 1993), sentimentos perante o teste de HIV e o uso de preservativo (Sobo, 1994), e atitudes dos profissionais quanto ao contacto com os clientes (white et al., 1994; White and Thomson, 1995), ou entre clientes (Civic et al., 1993).» (Frith 2000: 276).

⁵ Ver em anexo informação mais detalhada sobre características desta opção metodológica

⁶ Pormenores no anexo 2. A seleção dos participantes — especificidades de cada grupo

⁷ Dois jovens, durante o período escolar, residem no distrito do Porto, nas fêrias, residem com a família de origem, nas Ilhas dos Açores e da Madeira.

⁸ Destaco a conversa tida com o sociólogo francês Michel Bozon, em Paris.

⁹ Este grupo, com um total de 7 jovens, frequentava 2 faculdades e cursos distintos: 4 jovens frequentavam a FLUP e os restantes três frequentavam o ISEP — situação explicitada à frente.

¹⁰ Delgado, J.M. and Gutiérrez, J., *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*, Madrid, Editorial Síntesis, 1994

¹¹ Albarello, L., Digneffe, F. and Hiernaux, J.-P., *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* Lisboa, Gradiva, 1997

Valles, M.S., *Técnicas cualitativas de investigación social*, Madrid, Editorial Síntesis, S.A., 2007

¹² Krueger, R.A., *El grupo de discusión- guía tráctica para la investigación aplicada* (Ediciones Pirámide, S.A. Edition), Madrid, Ediciones Pirámide, S.A., 1991

¹³ Ver segundo questionário nº2 (em anexo)

¹⁴ Delgado, J.M. and Gutiérrez, J., *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*, Madrid, Editorial Síntesis, 1994

¹⁵ Todos os jovens que frequentavam os cursos profissionais do Ministério da Educação ou do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social não tinham habilitações académicas superiores ao 3º ciclo (9º ano de escolaridade).

¹⁶ Bourdieu, J.-C.P.P., *A Reprodução*, Lisboa, Editorial Veja, 1964

¹⁷ Delgado, J.M. and Gutiérrez, J. (1994), *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*, Madrid, Editorial Síntesis, 1994

Ainda na fase inicial, expliquei, de forma sucinta, a importância do registo de informação e pedi permissão para gravar toda discussão, através de duas câmaras de vídeo. Para a recolha dos dados, o sigilo profissional e o anonimato dos testemunhos foram sempre garantidos. O recurso a esta forma de registo de informação foi fundamental para uma melhor identificação e compreensão dos participantes

¹⁸ Ver anexo 6, questionário n.º 1 e questionário n.º 2

¹⁹ Ver anexo 3. A análise sociográfica da amostra

²⁰ Ver anexo 3 — dados relativos à informação do primeiro questionário (apresentada em quadros: G2; G3; G4; G5; G6 e G7).

III PARTE

CAPÍTULO 6

¹ Apresentei os dados informativos, sem os discutir. No entanto, estes serão convocados em alguns momentos da análise qualitativa dos discursos.

² Dados retirados das questões 9.1. idade do primeiro namoro; 9.2. teve relações sexuais com penetração no primeiro namoro e 10.1. idade da primeira relação sexual com penetração.

³ 10.1- refere-se ao uso de contracepção na primeira relação sexual com penetração.

⁴ 11.2. refere-se ao uso de contracepção na última relação sexual.

A PALAVRA DOS JOVENS

CAPÍTULO 7

¹ Em todas as falas foram utilizadas Legendas: G (Grupo), 5 e um nome fictício para preservar a identidade dos jovens e a idade

² Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994.

³ Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999.

⁴ Fonseca, L., *Justiça Social e Educação — Vozes, Silêncio e Ruído na Escolarização das Raparigas Cigana e Payas*, Edições Afrontamento, Porto, 2009

⁵ Sampaio, D., Baptista, M.I.d.C.A.M., Matos, M.G.d. and Silva, M.O.d., 'Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES) — Relatórios: preliminar, de Progresso e Final', 2005 a 2007

Vaz, J.M., *Educação sexual na escola*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996

⁶ Partimos do pressuposto de «novo» ligado à concepção de objectos transitórios de Bauman (2001). Inerente ao princípio da *modernidade fluida*, que desvaloriza a duração, os objectos transitórios, destinados a serem usados (consumidos), tendem a desaparecer no processo de consumo. Nesse sentido, e sob o princípio da *liquefação da sociedade*, as novidades consideradas preciosas são rapidamente ultrapassadas. (Bauman, 2001; 2005).

⁷ Plummer, K. (2003b), 'Intimate citizenship and culture of sexual story telling', in Weeks, J. (ed.), *Sexualities and society*, Cambridge, Polity Press

⁸ Plummer, K. (2003b), 'Intimate citizenship and culture of sexual story telling', in Weeks, J. (ed.), *Sexualities and society*, Cambridge, Polity Press.

⁹ Expressão utilizada por Castells, M., *O poder da Identidade — a era da informação: economia, sociedade e cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

¹⁰ Vaz, J.G.M., 'O ensino da sexologia — relato de uma experiência', *Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar* Porto Universidade do Porto, 1988

¹¹ Pina-Cabral, J.d., *Filhos de Adão, filhas de Eva — a visão do mundo camponesa do Alto Minho*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989

¹² Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999

¹³ Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994.

CAPÍTULO 8

¹ Apenas 7:54 jovens indicam não ter tido relações sexuais com penetração. Destes jovens, 5:7 raparigas têm entre 17 e 20 anos de idade; 2:7 rapazes têm entre 18 e 19 anos de idade.

² Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* Oeiras, Celta Editora, 2.^a edição, 1996.

³ Também conhecido como jogo «verdade ou consequência».

⁴ Bajos, N., Ferrand, M. and Andro, A., 'La sexualité à l'épreuve de l'égalité', in Bajos, N. and Bozon, M. (eds.), *Enquête sur la sexualité en France: pratiques, genre et santé*, Paris, La Découverte, 2008

Bozon, M. and Bajos, N., *Enquête sur la sexualité en France — pratiques, genre et santé*, Paris, La Découverte, 2008

Heilborn, M.L., 'Construção de si, gênero e sexualidade', in Heilborn, M.L. (ed.), *Sexualidade — o olhar das ciências sociais* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999

Monteiro, S., 'Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca', in Heilborn, M.L. (ed.), *Sexualidade — o olhar das ciências sociais*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999

Vasconcelos, P., 'Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses', in Cabral, M.V. and Pais, J.m. (eds.), *Jovens portugueses de hoje*, Oeiras, Celta Editora, 1998

⁵ Bourdieu, P., *La Distinction*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1979

⁶ Em investigação realizada, entre Novembro de 1996 e Fevereiro de 1997, a jovens rapazes do concelho de Loures, José Machado Pais mostrou que a iniciação sexual, principalmente dos jovens de *status* sociais mais baixos, ocorria com recurso à prostituição — dando continuidade ao modelo de iniciação vivenciado pelo pai.

⁷ Pais, J.M. (1998b), 'Sexualidade', in Almeida, J.F.d., Pais, J.M., Torres, A.C., Machado, F.L., Ferreira, P.A. and Antunes, J.S. (eds.), *Jovens de hoje e de aqui*, Loures, Câmara Municipal de Loures — departamento sócio-cultural.

CAPÍTULO 9

¹ Lipovetsky, G., *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000 pp. 128.

² *Ibidem*

³ *Ibidem*

⁴ Illich, I., *Némésis Médicale — L'expropriation de la santé*, Paris, Seuil, 1975

⁵ É de realçar que estes jovens pertencem ao grupo com mais baixo nível de escolaridade e aqui verificámos que existiam muitas dificuldades em exprimir, correctamente em português, algumas palavras. No entanto, aplicaram correctamente os termos médicos.

⁶ Primeira menstruação.

⁷ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (2.ª Edição), Oeiras, 1996

⁸ Breton, D.L., *Des visages*, Paris, Éditions Métailié — 1ªed 1992, consultada a edição de 2003.

⁹ Construída contra a homossexualidade.

CAPÍTULO 10

¹ Daniel, H. and Parker, R., *Sexuality, politics and AIDS in Brazil*, Londres, The Falmer Press, 1993

² Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (2.ª Edição), Oeiras, 1996

³ Rich, A., 'Compulsory heterosexuality and lesbian existence. Signs', *Journal of women in culture and society*, 5(4),1980, pp. 631-660

⁴ Bourdieu, P. (1999), *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999.

⁵ Pina-Cabral, J.d. *Filhos de Adão, filhas de Eva — a visão do mundo camponesa do Alto Minho*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989.

⁶ Beck, U., 'A reinvenção da política', in Beck, U., Giddens, A. and Lash, S. (eds.), *Modernização reflexiva*, Oeiras, Celta Editora, 2000.

⁷ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (2ª Edição), Oeiras, 1996.

⁸ Para estes jovens universitários, do estudo de Júlio Machado Vaz (1988), esta prática era explicitamente considerada como método contraceptivo. Note-se, no entanto, que este facto nunca foi referido pelos jovens da nossa amostra.

⁹ Vieira, C., Silva, L.F., Moura, M. and Pinto, S. (2003), 'Comportamentos de risco em mulheres portuguesas', <http://www.aidscongress.net/4congresso.php>.

Almeida, A.N.d., Vilar, D., André, I.M. and Lalanda, P. (2004), *Fecundidade e contracepção*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais — ICS.

CAPÍTULO 11

¹ Esta informação baseia-se apenas nos dados retirados das respostas do questionário aplicado.

² Weeks, J., *Sex, politics & society*, Londres e Nova Iorque, Longman, 1989

³ Herzlich, C., 'A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença', *Physis: rev. saúde coletiva — 15 (suplemento)*, 2005, pp.57-70.

Jodelet, D., *Les représentations sociales*, Paris, Presses universitaires de France, 1^a Ed. 1989. Consultada a edição de 1999

Sontag, S., *La maladie comme métaphore / Le Sida et ses Métaphores*, Christian Bourgois Editeur, 1993.

⁴ Lipovetsky, G., *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000.

⁵ Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994.

⁶ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (2^a Edição), Oeiras, 1996

⁷ Bauman, Z., *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (2005), *Identidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001

⁸ Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994

⁹ Pais, J.M. (1998b), 'Sexualidade', in Almeida, J.F.d., Pais, J.M., Torres, A.C., Machado, F.L., Ferreira, P.A. and Antunes, J.S. (eds.), *Jovens de hoje e de aqui*, Loures, Câmara Municipal de Loures — departamento sociocultural

CONCLUSÃO

¹ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (2.^a Edição), Oeiras, 1996

² Parsons, T., *Le système des sociétés modernes*, Paris, Dunod, 1973

³ Foucault, M., *A história da sexualidade I — A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994

⁴ Bozon, M. (2002b), *Sociologie de la sexualité*, Paris, Nathan Université

⁵ Jodelet, D., *Les représentations sociales*, Paris, Presses universitaires de France, 1.^a Ed. 1989. Consultada a edição de 1999

Sontag, S., *La maladie comme métaphore / Le Sida et ses Métaphores*, Christian Bourgois Editeur, 1993.

⁶ Almeida, A.N.d. and Vilar, D., 'Literacia e práticas contraceptivas masculinas', *Sexualidade e planeamento familiar* n.º 50/51; Julho / Dezembro, 2008, pp. 34-42

⁷ Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999.

⁸ Gauntlett, D. and Hill, A., *TV living: television, culture and everyday life* Londres, Routledge.

- ⁹ Castells, M. (2003), *O poder da Identidade — a era da informação: economia, sociedade e cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999
- ¹⁰ Plummer, K. (2003b), 'Intimate citizenship and culture of sexual story telling', in Weeks, J. (ed.), *Sexualities and society*, Cambridge, Polity Press
- ¹¹ Peristiany, J.G. (1971), *Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrânicas* Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian, 1971
- ¹² Vaz, J.G.M., 'O ensino da sexologia — relato de uma experiência', *Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar* Porto Universidade do Porto, 1988
- ¹³ Bourdieu, P., *La Distinction*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1979
- ¹⁴ Héritier, F., *Masculino feminino: o pensamento da diferença*, Instituto Piaget, 1998
- ¹⁵ Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999
- ¹⁶ Baudrillard, J., *A sociedade de consumo*, Lisboa, Edições 70, 1995
- ¹⁷ Peristiany, J.G., *Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrânicas* Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian, 1971
- ¹⁸ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (2ª Edição), Oeiras, 1996
- ¹⁹ Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora, 1999
- ²⁰ *Ibidem*, p. 216
- ²¹ Bauman, Z., *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001
- ²² Pais, J.M., *Culturas Juvenis*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Edition, Lisboa, 1993
- ²³ Vieira, C., Silva, L.F., Moura, M. and Pinto, S., 'Comportamentos de risco em mulheres portuguesas', 2003, <http://www.aidscongress.net/4congresso.php>.
- ²⁴ Almeida, A.N.d. and Vilar, D., 'Literacia e práticas contraceptivas masculinas', *Sexualidade e planeamento familiar* nº 50/51; Julho / Dezembro, 2008, pp. 34-42
- ²⁵ Giddens, A. (1996), *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (2.ª Edição), Oeiras, 1996
- ²⁶ Jodelet, D., *Les représentations sociales*, Paris, Presses universitaires de France, 1.ª Ed. 1989. Consultada a edição de 1999
- Sontag, S., *La maladie comme métaphore / Le Sida et ses Métaphores*, Christian Bourgois Editeur, 1993.
- ²⁷ Lahire, B., *L'esprit sociologique*, Paris, Éditions la Découverte, 2005
- ²⁸ Silva, L.F.d., *Saber Prático de Saúde: as lógicas do saudável no quotidiano* Porto, Edições Afrontamento, 2008
- ²⁹ «A crença de que a heterossexualidade é a única forma natural de expressão sexual está enraizada num contexto cultural que a define como compulsória, sendo a homossexualidade desviante ou patológica.» Rich citado por Andersen, M.L. (1983), *Thinking about Women — sociological perspectives on sex and gender*, Londres, Fourth Edition, p. 82
- ³⁰ Plummer, K. (2003a), *Intimate citizenship*, Washington, University of Washington Press

Weeks, J., *Sexuality and its discontents-meanings, myths & modern sexualities*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1985

³¹ Moita, M.G.M.N., 'Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico', *Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar Porto*, Universidade do Porto, 2001

³² Devereux, G., *Essais d'ethnopsychiatrie générale* (1^a ed.1970 Edition), Paris, Gallimard, 1997

³³ Giddens, A., *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (2.^a Edição), Oeiras, 1996.

ANEXO 1

¹ Tradução livre.

² Assim designado por vários autores (Krueger 1991; Stewart 2006).

³ Tradução livre.

⁴ Ibañez (1992) refere que a duração pode ser maior – dando exemplos de grupos que duram dias inteiros e até um fim-de-semana (dependendo do tempo livre).

⁵ Matéria para a concretização dos objectivos.

⁶ Tradução livre.

ANEXO 2

¹ Designamos o primeiro como Grupo 2 (G2); sucedem-se os restantes de forma crescente até ao último grupo 7 (G7).

² Ibañez, J. (1992), *Más allá de la sociología — El grupo de discusión: técnica y crítica*, Madrid, Siglo XXI de España Editores

³ Com a conclusão desta formação, os jovens teriam como habilitação académica o 3.^o ciclo de escolaridade.

⁴ 1.^o ciclo.

⁵ 1.^o ciclo.

⁶ Sequência de ações de acomodação realizadas na fase inicial – anteriormente descritas.

ANEXO 3

¹ Ver anexo – dados relativos à informação do primeiro questionário (apresentada em quadros: G2; G3; G4; G5; G6 e G7).

² Dados retirados das questões 6.1. escolaridade; 6.2. profissão e 6.3. condição perante o trabalho

³ Almeida, J.F.d., Costa, A.F.d. and Machado, F.L., 'Famílias, Estudantes e Universidade: painéis de observação sociográfica', *Revista sociologia*, n.^o 4, Maio 1998, pp. 11-44.

- ⁴ BEP — Burguesia Empresarial e Proprietária
- ⁵ BDP — Burguesia Dirigente e Profissional
- ⁶ PBTE — Pequena-Burguesia Técnica e de Enquadramento
- ⁷ PBE — Pequena-Burguesia de Execução
- ⁸ PBPR — Pequena-Burguesia Proprietária
- ⁹ PBAP — Pequena-Burguesia Assalariada e Proprietária
- ¹⁰ OI — Operário Industrial

ANEXO 4

¹ Quivy, R. and Campenhoudt, L.V., *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva, 1992

² Vala, J., 'A análise de conteúdo', in Silva, A.S. and Pinto, J.M. (eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto Edições Afrontamento, 1999

³ Bardin, L., *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 1995

⁴ Almeida, J.F.d. and Pinto, J.M., *A investigação nas ciências sociais* (5.^a Edição), Lisboa, Editorial Presença, 1995